



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ÉDINA DE FATIMA DE ALMEIDA

**OS RÓTICOS EM CODA SILÁBICA NA REGIÃO CENTRO-
OESTE DO BRASIL**

Londrina
2018

ÉDINA DE FATIMA DE ALMEIDA

**OS RÓTICOS EM CODA SILÁBICA NA REGIÃO CENTRO-
OESTE DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Dircel Aparecida
Kailer

Londrina
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Almeida, Édina de Fatima de.

Os róticos em coda silábica na região centro-oeste do Brasil / Édina de Fatima de Almeida. - Londrina, 2018.
244 f. : il.

Orientador: Dirce Aparecida Kailer.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2018.
Inclui bibliografia.

1. Róticos - Tese. 2. Sociolinguística - Tese. 3. Geolinguística - Tese. 4. Processo de apagamento - Tese. I. Kailer, Dirce Aparecida. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

ÉDINA DE FATIMA DE ALMEIDA

**OS RÓTICOS EM CODA SILÁBICA NA REGIÃO CENTRO-OESTE DO
BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dircel Aparecida Kailer
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a. Dr^a. Silvia Figueiredo Brandão
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Dr^a. Fabiane Cristina Altino
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 07 de fevereiro de 2018.



CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos 07 dias do mês de fevereiro do ano de 2018, na sala 101 do Centro De Letras E Ciências Humanas, desta Universidade, às 14:00 horas, reuniu-se a Banca Examinadora homologada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, composta por Dra. Dircel Aparecida Kailer, Dra. Fabiane Cristina Altino e Dra. Sílvia Figueiredo Brandão. A reunião teve por objetivo julgar o trabalho da estudante ÉDINA DE FATIMA DE ALMEIDA sob o título: "Róticos em coda silábica na Região Centro-Oeste do Brasil". Os trabalhos foram abertos pela professora Dra. Dircel Aparecida Kailer. A seguir, foi dada a palavra à estudante para apresentação do trabalho. Cada examinador arguiu a Mestranda, com tempos iguais de arguição e resposta. Terminadas as arguições, procedeu-se ao julgamento do trabalho, concluindo a Banca Examinadora por sua APROVAÇÃO. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora. A estudante deverá reformular seu trabalho no prazo de ____ dias: () SIM (X) Não
Se houver alteração no título do trabalho, informar o novo título abaixo:

Obs.: Este documento não deve conter rasuras ou corretivo e deve ser preenchido de forma legível.

Londrina, 07 de Fevereiro de 2018.

PRESIDENTE

Dra. DIRCEL APARECIDA KAILER

UEL

TITULARES

Dra. SILVIA FIGUEIREDO BRANDÃO

UFRJ

Dra. FABIANE CRISTINA ALTINO

UEL

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Dircel Aparecida Kailer, não só pela orientação, mas também pelas sugestões, pelas conversas amigáveis, pelas broncas, pelo apoio, pela atenção, pelo carinho, pelo exemplo de mãe, filha, esposa e profissional, pela confiança em mim depositada e, principalmente, pelos conhecimentos repassados durante todo o desenvolvimento desta pesquisa e dos trabalhos produzidos, que enriqueceram em muito meu desejo de continuar percorrendo os caminhos da fonética-fonologia. Fica expressa aqui minha eterna gratidão!

À Prof^a. Dr^a. Silvia Figueiredo Brandão, que me conquistou em 2003 com seu carisma e, neste trabalho, representou importante papel em pontuar e recomendar aprimoramentos que o enriqueceram.

À Prof^a. Dr^a. Fabiane Cristina Altino pelos apontamentos em minha qualificação, pelas conversas sempre muito instrutivas e pelos ensinamentos que levarei por todo meu caminho acadêmico.

À Prof^a. Dr^a. Vanderci Aguilera, que, a cada palavra dita, nos inspira e que me ensinou o quanto a busca pelo conhecimento é uma tarefa árdua, mas quando ele é conquistado damos extremo valor.

À Prof^a. Dr^a. Sanimar Busse pela disponibilidade em fazer parte de minha banca.

À minha rainha, meu exemplo, meu porto seguro, Dona Neura Aparecida Kailer, agradeço as orações e o apoio incondicional. Deixo aqui minha eterna gratidão e meu eterno amor.

À Luz da minha vida que, nos momentos em que me sentia triste, desanimada, me dava um enorme abraço e um beijo, que me reanimava e mostrava que o amor pode ser representado por um simples sorriso. Nelson Fernando Kailer Krai, meu sobrinho e filho, você foi um dos motivos que me impulsionaram a realizar este sonho.

Aos meus irmãos, que depositaram em mim suas esperanças, que sempre me apoiaram e sempre acreditaram em minha capacidade. Vocês foram irmãos e pais que qualquer pessoa gostaria de ter tido em sua criação.

À minha querida família, sobrinhos amáveis, cunhadas companheiras, tios e tias maravilhosos, que sempre desejaram meu sucesso e com amor me incentivaram a ser o que sou hoje, fica aqui meu agradecimento eterno.

Ao meu esposo, Adilson Euripedes Lucindo, que me ajudou a todo momento, que me apoiou nos momentos de maior dificuldade, que compreendeu e respeitou as noites que deixei de dormir ao seu lado, as festas que deixou de ir para que eu pudesse escrever, as crises de irritabilidade que ignorou, os filmes que deixei de assistir, mas que, mesmo assim, esteve sempre ao meu lado e acreditou que eu seria capaz. Deixo aqui meu Obrigada!

Aos amigos(as) que encontrei na UEL durante as disciplinas de mestrado, que me incentivaram e que dividiram comigo alegrias (em nossas viagens) e angústias (durante a produção dos textos) – Sandro, Claudinha, Lívia, Reinaldo, Bárbara, Lidiane, Thiago, entre outros que também fizeram parte deste percurso.

Aos meus colegas de trabalho, em especial, ao Diretor Anderson Novais, à Secretária Gislaine Domingues e à equipe pedagógica do Colégio Estadual da Warta, representado com muita competência pelas pedagogas Tatiane e Lara que, mais que ninguém, sabem o quão difícil foi trabalhar 43 horas e estudar. Deixo, portanto, aqui meu agradecimento pelo apoio e compreensão no decorrer deste percurso.

À equipe do projeto Atlas Linguístico do Brasil, pela concessão dos dados para efetivação deste estudo.

[...] a língua está em cada ser humano em sua completa abrangência, o que significa, porém, nada mais que o fato de que cada um possui o anseio, regulado por uma determinada força – de maneira incentivadora e limitadora, de produzir aos poucos toda a língua de dentro de si e compreendê-la produzida por outros, na medida em que as motivações internas ou externas o conduzem.

(HUMBOLDT, 2006, p.135)

ALMEIDA, Édina de Fatima de. **Os róticos em coda silábica na Região Centro-Oeste do Brasil**. 2018. 244 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

A presente dissertação, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e da Geolinguística, visa analisar a produção de róticos em posição de coda silábica interna e externa de verbos e não verbos, assim como estudar o processo de apagamento do /r/ no falar de 95 informantes de 24 localidades, sendo 21 interioranas e 3 capitais, dos três estados (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás) da Região Centro-Oeste do Brasil. Os informantes foram estratificados segundo as variáveis sexo e faixa etária, todos com ensino fundamental. A pesquisa constitui-se de dados coletados pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e concedidos pela comissão do referido projeto para esta dissertação. Como objetivos, propõem-se: (i) Identificar os contextos linguísticos e extralinguísticos que possam interferir no predomínio de uma ou de outra variante do /r/ no falar desses estados; (ii) Investigar se há interferência do estilo de produção de fala no uso das variantes do /r/ em coda silábica interna ou externa; (iii) Averiguar se o apagamento dos róticos no falar dessas localidades é governado pelos mesmos fatores depreendidos por autores, como Callou, Moraes e Leite (1996), Castro (2006), Monaretto (2000), Aguilera e Kailer (2012) e Callou e Brandão (2016); (iv) Verificar o processo de apagamento dos róticos no falar dessas localidades; (v) Identificar os contextos que favorecem o uso do apagamento tanto em coda interna como externa de verbos e não verbos; (vi) Verificar a vitalidade da variante retroflexa nas localidades investigadas; (vii) Investigar a possível posteriorização das variantes (retroflexo e tepe). Conforme resultados, verifica-se a presença das variantes glotal, tepe, retroflexa, retroflexo fricativizado, tepe fricativizado, vibrante, velar e do apagamento nesses falares. Acredita-se que essa diversidade de variantes ocorre, provavelmente, devido à miscigenação resultante do processo de colonização e de povoamento dessas localidades e, também, devido às influências sofridas das regiões de fronteira.

Palavras-chave: Róticos. Sociolinguística. Geolinguística. Região Centro-Oeste. Processo de apagamento.

ALMEIDA, Édina de Fatima de. **The rhotic in syllabic coda in the center-west region of Brazil**. 2018. 244 pp. Dissertation (Master's in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

The present dissertation, in the light of the theoretical and methodological assumptions of Sociolinguistics Variationist and Geolinguistics, aims to analyze the production of internal and external syllable coda of verbs and non-verbs, as well as to study the erasing process of the sound / R / in the speech of 95 informants from 24 localities, including 21 from inland and 3 from capitals comprising the three states (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul and Goiás) in the Central-West Region of Brazil. The informants were selected according to the variables gender and age group, all with elementary education. The research consisted of data, collected by The Linguistic Atlas of Brazil Project team (ALiB) and permission granted by the committee of the project mentioned above for this dissertation. Objectives; the purpose of this study is to : (i) identify the linguistic and extra linguistic contexts that may interfere with the predominance of one or another variant of / R / in the speaking of these States; (ii) investigate if there is interference of the Speech Production Style in the use of the / R / variants in internal or external syllabic coda; (iii) find out if the erasure of the rhotics in the spoken language of these localities is governed by the same factors perceived by authors such as Callou, Moraes and Leite (1996), Castro (2006), Monaretto (2000), Aguilera and Kailer (2012), Callou e Brandão (2016); (IV) to verify the process of deletion of the rhotic ones in the speaking of these localities; (v) identify the contexts that favor the use of erasure both in internal and external coda of verbs and non verbs; (vi) verify the vitality of the retroflex variant, in the investigated localities; (vii) investigate the possible posteriorization of the variants (retroflex and tepe). According to the results, it has been observed the presence of the glottal variants, tepe, retroflex, fricative retroflex sound, fricative tepe sound, vibrant, velar and also from the erasure in this speaking. It is believed that this diversity of variants probably occurs due to the miscegenation resulting from the process of colonization and settlement of these localities and also from the influences suffered from the border regions.

Keywords: Rhotics. Sociolinguistics. Geolinguistics. Midwest region. Erasure process.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição dos róticos em coda silábica nos estados brasileiros consoante	24
Figura 2 - Região Centro-Oeste	30
Figura 3 - Divisões Territoriais do Brasil.....	31
Figura 4 - Principais Movimentos Migratórios Interestaduais 1991/1996	36
Figura 5 - Mesorregiões e localização do estado do Mato Grosso.....	37
Figura 6 - Localidades analisadas na Região do Mato Grosso	37
Figura 7 - Mesorregiões de localização do estado de Mato Grosso do Sul.....	42
Figura 8 - Localidades analisadas na Região do Mato Grosso do Sul	42
Figura 9 - Rotas das bandeiras e seus objetivos – séculos XVI a XIX	44
Figura 10 - Mesorregiões e localização do estado de Goiás	47
Figura 11 - Localidades analisadas na região de Goiás.....	47
Figura 12 - Divisão dialetal do Brasil - Nascentes (1953).....	57
Figura 13 - Róticos em coda silábica – Mato Grosso do Sul (cf. dados do ALMS)	73
Figura 14 - Rede de Pontos – Região Centro-Oeste.....	100
Figura 15 - Distribuição das Concretizações do /r/ em Coda Silábica Externa de Verbos na Região Centro-Oeste do Brasil.....	160
Figura 16 - Distribuição das Concretizações do /r/ em Coda Silábica Externa em Não Verbos na Região Centro-Oeste do Brasil	171
Figura 17 - Distribuição das Concretizações do /r/ em Coda Silábica Interna na Região Centro-Oeste do Brasil	186
Figura 18 - Distribuição diatópica do apagamento <i>versus</i> manutenção do /r/ em coda silábica externa de verbos nas 24 localidades dos três estados (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás) da Região Centro-Oeste.....	203
Figura 19 - Distribuição diatópica do apagamento do /r/ em coda silábica externa de não verbos nas localidades dos três estados (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás) da Região Centro-Oeste....	213
Figura 20 - Distribuição diatópica do processo de apagamento <i>versus</i> manutenção em coda silábica interna nos estados (MS, MT e GO) da Região Centro-Oeste.....	221

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ocorrência do r-fraco <i>versus</i> r-forte conforme o contexto inserido no PB.....	52
Quadro 2 - Definição dos Róticos do PB.....	53
Quadro 3 - Variantes do /r/ nos Atlas Linguísticos Brasileiros.....	72
Quadro 4 - Róticos em coda silábica – Mato Grosso do Sul - Castro (2014).....	74
Quadro 5 - Dimensões da variação linguística contempladas pelos atlas pluridimensionais	80
Quadro 6 - A Pluridimensionalidade do Projeto ALiB.....	90
Quadro 7 - Localidades selecionadas para a pesquisa na Região Centro-Oeste.....	99
Quadro 8 - Estratificação dos informantes	101
Quadro 9 - Variantes mais frequentes na Região Centro-Oeste.....	106

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** - /R/ em coda silábica externa de verbos (nº absoluto de ocorrências) no estado de Goiás120
- Gráfico 2** - /R/ em coda silábica externa de não verbos (nº absoluto de ocorrências) no estado de Goiás122
- Gráfico 3** - /R/ em coda silábica interna (nº absoluto de ocorrências) no estado de Goiás124
- Gráfico 4** - /R/ em coda silábica externa de verbos (nº absoluto de ocorrências) no estado de Mato Grosso127
- Gráfico 5** - /R/ em coda silábica externa de não verbos (nº absoluto de ocorrências) no estado de Mato Grosso129
- Gráfico 6** - /R/ em coda silábica interna (nº absoluto de ocorrências) no estado de Mato Grosso130
- Gráfico 7** - /R/ em coda silábica externa de verbos (nº absoluto de ocorrências) no estado de Mato Grosso do Sul133
- Gráfico 8** - /R/ em coda silábica externa de não verbos (nº absoluto de ocorrências) no estado de Mato Grosso do Sul135
- Gráfico 9** - /R/ em coda silábica interna (nº absoluto de ocorrências) no estado de Mato Grosso do Sul.....136
- Gráfico 10** - Variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e estilo de fala) em coda silábica de não verbos (nº absoluto de ocorrências) nos três estados138
- Gráfico 11** - Variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e estilo de fala) em coda silábica externa de verbos (nº absoluto de ocorrências) nos três estados140
- Gráfico 12** - Variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e estilo de fala) em coda silábica interna (nº absoluto de ocorrências) nos três estados.....141
- Gráfico 13** - Variantes róticas em coda silábica externa de verbos na Região Centro-Oeste.....145
- Gráfico 14** - Róticos em Coda Silábica Externa de Verbos nos Estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.....147

Gráfico 15 - Variantes róticas na região centro-oeste em coda silábica externa de não verbos.....	163
Gráfico 16 - Róticos em coda silábica externa em não verbos nos estados do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás	164
Gráfico 17 - Variantes róticas em coda silábica interna nos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás	173
Gráfico 18 - Variantes róticas em coda silábica interna nos estados de MT, MS e GO	174
Gráfico 19 - Variantes posteriores <i>versus</i> variantes anteriores em contexto interno em MT, MS e GO	190
Gráfico 20 - Variantes em coda silábica externa de verbos, coda silábica externa de não verbos e coda interna na Região Centro-Oeste	192
Gráfico 21 - Apagamento <i>versus</i> manutenção dos róticos em coda silábica externa de verbos em MT, MS e GO.....	196
Gráfico 22 - Apagamento <i>versus</i> manutenção do /r/ em coda silábica externa de verbos na Região Centro-Oeste.....	197
Gráfico 23 - Apagamento <i>versus</i> manutenção em coda silábica externa de verbos nas localidades dos estados MT, MS e GO	202
Gráfico 24 - Apagamento <i>versus</i> manutenção do /r/ em coda silábica externa de não verbos nos estados de MS, MT e GO	204
Gráfico 25 - Apagamento <i>versus</i> manutenção do /r/ em coda silábica externa de não verbos na Região Centro-Oeste.....	206
Gráfico 26 - Apagamento <i>versus</i> manutenção em coda silábica externa de não verbos nas localidades dos estados (MT, MS e GO)	212
Gráfico 27 - Apagamento em coda silábica interna na Região Centro-Oeste....	216
Gráfico 28 - Apagamento <i>versus</i> manutenção do /r/ em coda silábica interna nos estados de MS, MT e GO.....	217
Gráfico 29 - Apagamento <i>versus</i> manutenção em coda silábica interna nas 24 localidades dos estados (MT, MS e GO).....	219

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População e distribuição relativa (%) para o Brasil e as Grandes Regiões – 2000/2010	35
Tabela 2 - Atuação da variável localidade para implementação da variante retroflexa em coda silábica externa de verbos	149
Tabela 3 - Atuação da variável sexo para a implementação da variante retroflexa em coda silábica externa de verbos	150
Tabela 4 - Atuação da variável vogal da sílaba alvo para implementação da variante retroflexa em coda silábica externa de verbos	151
Tabela 5 - Atuação da variável modo de articulação seguinte para implementação da variante retroflexa em coda silábica externa de verbos	152
Tabela 6 - Atuação da variável localidade para implementação da variante glotal em coda silábica externa de verbos	154
Tabela 7 - Atuação da variável faixa etária para implementação da variante glotal em coda silábica externa de verbos.....	155
Tabela 8 - Atuação da variável vogal da sílaba alvo para implementação da variante glotal em coda silábica externa de verbos.....	156
Tabela 9 - Atuação da variável localidade para implementação da variante tepe em coda silábica externa de verbos	157
Tabela 10 - Atuação da variável faixa etária para implementação da variante tepe em coda externa de verbos	158
Tabela 11 - Atuação da variável região para implementação da variante retroflexa em coda silábica externa de não verbos	165
Tabela 12 - Atuação da variável vogal da sílaba alvo para implementação da variante retroflexa em coda silábica externa de não verbos	166
Tabela 13 - Atuação da variável estilo de produção de fala para implementação da variante retroflexa em coda silábica externa de não verbos.	166
Tabela 14 - Atuação da variável localidade para implementação da variante glotal em coda silábica externa de não verbos	168

Tabela 15 - Atuação da variável localidade para a implementação da variante tepe em coda silábica externa de não verbos na Região Centro-Oeste	169
Tabela 16 - Atuação da variável estado para implementação da variante retroflexa em coda silábica interna na Região Centro-Oeste	176
Tabela 17 - Atuação da variável ponto de articulação para a implementação da variante retroflexa em coda silábica interna na Região Centro-Oeste.....	176
Tabela 18 - Atuação da variável estilo de produção de fala para implementação da variante retroflexa em coda silábica interna na Região Centro-Oeste	177
Tabela 19 - Variante glotal em coda silábica interna <i>versus</i> localidades	178
Tabela 20 - Atuação da variável estado para a implementação da variante glotal em coda silábica interna na Região Centro-Oeste	179
Tabela 21 - Atuação da variável faixa etária para a implementação da variante glotal em coda silábica interna na Região Centro-Oeste.....	180
Tabela 22 - Atuação da variável estilo de produção de fala para a implementação da variante glotal em coda silábica interna na Região Centro-Oeste	181
Tabela 23 - Atuação da variável localidade para a implementação da variante tepe em coda silábica interna na Região Centro-Oeste ...	182
Tabela 24 - Atuação da variável sexo para a implementação da variante tepe em coda silábica interna na Região Centro-Oeste.....	183
Tabela 25 - Atuação da variável faixa etária para a implementação da variante tepe em coda silábica interna na Região Centro-Oeste ...	184
Tabela 26 - Atuação da variável ponto de articulação para a implementação da variante tepe em coda silábica interna na Região Centro-Oeste.....	184
Tabela 27 - Atuação da variável estilo de produção de fala para a implementação da variante tepe em coda silábica interna na Região Centro-Oeste	185

Tabela 28 - Atuação da variável localidade para a implementação das variantes posteriores em coda silábica interna na Região Centro-Oeste.....	188
Tabela 29 - Atuação da variável modo de articulação para a implementação das variantes posteriores em coda silábica interna na Região Centro-Oeste.....	191
Tabela 30 - Atuação da variável localidade para implementação da variante apagamento do /r/ em coda silábica externa de verbos na Região Centro-Oeste	198
Tabela 31 - Atuação da variável vogal da sílaba alvo para a implementação do apagamento do /r/ em coda silábica externa de verbos na Região Centro-Oeste	199
Tabela 32 - Atuação da variável estilo de produção de fala para a implementação do apagamento do /r/ em coda silábica externa de verbos na Região Centro-Oeste.....	200
Tabela 33 - Atuação da variável localidade para implementação do variante apagamento do /r/ em coda silábica externa de não verbos na Região Centro-Oeste	207
Tabela 34 - Atuação da variável sexo para implementação da variante apagamento do /r/ em coda silábica externa de não verbos na Região Centro-Oeste	208
Tabela 35 - Atuação da variável vogal da sílaba alvo para implementação da variante apagamento do /r/ em coda silábica externa de não verbos na Região Centro-Oeste.....	209
Tabela 36 - Atuação da variável estilo de produção de fala para implementação da variante apagamento do /r/ em coda silábica externa de não verbos na Região Centro-Oeste.....	210

LISTA DE SÍMBOLOS DO ALFABETO FONÉTICO

Símbolos do IPA (International Phonetic Alphabet), utilizados em nossas transcrições, bem como exemplos dos nossos dados em que ocorrem estes símbolos.

Consoantes

- [ɤ] Fricativa alveopalatal desvozeada
- [ɬ] Tepe alveolar vozeado
- [ɺ] Vibrante alveolar vozeada
- [ʋ] Uvular
- [ʁ] Fricativa glotal desvozeada
- [ɸ] Fricativa alveopalatal desvozeada
- [ɸ̥] Fricativa alveopalatal vozeada
- [ɸ̣] Retroflexo alveolar vozeada
- [ɸ̣ɸ̣] Africada alveopalatal desvozeada
- [ɸ̣ɸ̣̥] Africada alveopalatal vozeada
- [ɸ̣̥] Zero fonético
- [ɸ̣̥̥] Tepe fricativizado
- [ɸ̣̥̥̥] Retroflexo fricativizado
- /n/ Nasal alveolar vozeada
- /d/ Oclusiva alveolar vozeada
- /p/ Oclusiva bilabial desvozeada
- /b/ Oclusiva bilabial vozeada
- /t/ Oclusiva alveolar desvozeada
- /l/ Lateral alveolar vozeada
- /m/ Nasal bilabial vozeada
- /g/ Oclusiva velar vozeada
- /f/ Fricativa labiodental desvozeada
- /v/ Fricativa labiodental vozeada
- /s/ Fricativa alveolar desvozeada
- /z/ Fricativa alveolar vozeada
- /k/ Oclusiva velar desvozeada

Vogais

- [a] Vogal central aberta baixa
- [ɘ] Vogal média baixa anterior não arredondada
- [ɘ̟] Vogal média alta anterior não arredondada
- [ɘ̟̞] Vogal alta anterior não arredondada
- [ɘ̟̞̞] Vogal média baixa posterior arredondada
- [o] Vogal média alta posterior arredondada
- [ɘ̟̞̞̞] Vogal alta posterior arredondada
- [ɘ̟̞̞̞̞] Glide recuado¹

¹ Utilizamos este símbolo para indicar vocalização, ou seja, com qualidade vocálica de u.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFeBG	Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara
ALAC	Atlas Linguístico do Acre
ALAM	Atlas Linguístico do Amazonas
ALECE	Atlas Linguístico do Ceará
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALES	Atlas Linguístico do Espírito Santo
ALF	Atlas Linguístico da França
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiMA	Atlas Linguístico do Maranhão
ALiMAT	Atlas Linguístico de Mato Grosso
ALIPA	Atlas Linguístico do Pará
ALiPI	Atlas Linguístico do Piauí
ALiPTG	Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar
ALiRN	Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte
ALiRO	Atlas Linguístico de Rondônia
ALiSon-Rio	Projeto Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro
ALiSPA	Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará
ALMS	Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALS I	Atlas Linguístico de Sergipe
ALS II	Atlas Linguístico de Sergipe II
ALSFS	Atlas Linguístico de São Francisco do Sul
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
GO	Goiás
MicroAFERJ	Projeto Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro
MS	Mato Grosso do Sul
MT	Mato Grosso
PB	Português Brasileiro
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QL	Questionário Lexical

QMS	Questionário Morfossintático
QSL	Questionário Semântico-Lexical
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFAC	Universidade Federal do Acre
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESP	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
CAPÍTULO 1 - CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO EM ESTUDO: O CENTRO-OESTE	28
1.1 Aspectos Históricos, Geográficos e Sociais da Região Centro-Oeste.....	28
1.2 Estado de Mato Grosso.....	37
1.3 Estado de Mato Grosso do Sul	42
1.4 Estado de Goiás.....	47
1.5 Algumas Considerações	50
CAPÍTULO 2 - OS RÓTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO – O ESTADO DA ARTE	52
2.1 Descrição dos Róticos.....	52
2.2 Alguns Estudos Sobre o /R/ no PB.....	55
2.3 Estudos Dialetológicos e Geolinguísticos do /R/ no PB	56
2.4 Estudos Sociolinguísticos Variacionistas do /R/	58
2.5 O Processo de Apagamento do /R/ em Relação à Fronteira Prosódica	65
2.6 Estudo dos Róticos em Alguns Atlas Linguísticos Publicados	68
2.7 Algumas Considerações	75
CAPÍTULO 3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	76
3.1 Da Dialetologia Tradicional à Dialetologia Pluridimensional.....	76
3.2 Percurso da Dialetologia do PB e o Projeto ALIB	82
3.3 Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)	85
3.4 Sociolinguística	91
3.4.1 Sociolinguística Variacionista.....	93
CAPÍTULO 4- PRESSUPOSTOS TEÓRICO – METODOLÓGICOS	99
4.1 Delimitação do <i>Corpus</i>	99

4.2	Informantes	101
4.3	Lexias.....	101
4.4	Tratamento Acústico dos Dados	104
4.5	Variáveis Controladas	105
4.5.1	Variável Dependente e suas Variantes	105
4.5.1.2	Variáveis independentes	107
4.5.1.3	Variáveis extralingüísticas.....	107
4.5.1.3.1	<i>Sexo</i>	108
4.5.1.3.2	<i>Faixa etária</i>	108
4.5.1.3.3	<i>Estilo de Produção de Fala</i>	110
4.6	Variáveis Linguísticas.....	111
4.6.1	Contexto Seguinte – Ponto e Modo de Articulação.....	112
4.6.2	Contexto Precedente - Vogal da Sílabla Alvo	113
4.6.3	Extensão do Vocábulo	114
4.6.4	Tonicidade.....	114
4.6.5	Classe Morfológica.....	115
4.7	O Programa Goldvarb X	115
	CAPÍTULO 5 - ANÁLISE PRELIMINAR DO CORPUS	118
5.1	/R/ em Coda Silábica Externa de Verbos e Não Verbos e Coda Silábica Interna em Números Absolutos de Ocorrências	119
5.1.1	/R/ em Coda Silábica Externa de Verbos no Estado de Goiás em Números Absolutos de Ocorrências.....	119
5.1.2	/R/ em Coda Silábica Externa de não Verbos no ESTADO de Goiás em Números Absolutos de Ocorrências	122
5.1.3	/R/ em Coda Silábica Interna no Estado de Goiás em Números Absolutos de Ocorrências	123
5.2	/R/ em Coda Silábica Externa de Verbos no Estado de Mato Grosso em Números Absolutos de Ocorrências	126
5.2.1	/R/ em Coda Silábica Externa de não Verbos no Estado de Mato Grosso em Números Absolutos de Ocorrências	128
5.2.2	/R/ em Coda Silábica Interna no Estado de Mato Grosso em Números Absolutos de Ocorrências.....	130

5.3	Coda Silábica Externa de Verbos no Estado de Mato Grosso do Sul em Números Absolutos de Ocorrências.....	133
5.3.1	/R/ em Coda Silábica Externa de Não Verbos no Estado de Mato Grosso do Sul em Números Absolutos de Ocorrências	134
5.3.2	/R/ em Coda Silábica Interna no Estado de Mato Grosso do Sul em Números Absolutos de Ocorrências.....	135
5.4	Algumas Considerações	143
	CAPÍTULO 6 - ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	144
6.1	Descrição e Análise dos Dados – Coda Silábica Externa de Verbos.....	145
6.1.1	Variante Retroflexa em Coda Silábica Externa de Verbos <i>Versus</i> Outras Variantes	148
6.1.2	Variante Glotal em Coda Silábica Externa de Verbos <i>Versus</i> Outras Variantes	153
6.1.3	Variante Tepe em Coda Silábica Externa de Verbos <i>Versus</i> Outras Variantes	157
6.2	Descrição e Análise dos Dados Coda Silábica Externa de Não Verbos.....	163
6.2.1	Variante Retroflexa em Coda Silábica Externa de Não Verbos <i>Versus</i> Outras Variantes	165
6.2.2	Variante Glotal em Coda Silábica Externa de Não Verbos <i>Versus</i> Outras Variantes	167
6.2.3	Variante Tepe em Coda Silábica Externa de Não Verbos <i>Versus</i> Outras Variantes	169
6.3	Róticos em Coda Silábica Interna na Região Centro-Oeste	172
6.3.1	Variante Retroflexa <i>Versus</i> Outras Variantes em Coda Silábica Interna.....	175
6.3.2	Variante Glotal <i>Versus</i> Outras Variantes em Coda Silábica Interna.....	178
6.3.3	Variante Tepe <i>Versus</i> Outras Variantes em Coda Silábica Interna	181
6.3.4	Anteriores <i>Versus</i> Posteriores.....	188
6.3.5	Algumas Considerações	193

6.4	Apagamento dos Róticos em Coda Silábica Interna e Externa de Verbos e Não Verbos na Região Centro-Oeste	195
6.4.1	Apagamento dos Róticos em Coda Silábica Externa de Verbos.....	195
6.4.2	Apagamento dos Róticos em Coda Silábica Externa de Não Verbos	204
6.4.3	Apagamento dos Róticos em Coda Silábica Interna na Região Centro-Oeste.....	215
	CAPÍTULO 7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	223
	REFERÊNCIAS	231
	ANEXOS	243
	Anexo 1 – Carta de autorização da Comissão do ALIB para uso dos dados.....	244

INTRODUÇÃO

A variação é uma característica inerente às línguas naturais, podendo ser no âmbito da fonética-fonologia, da morfologia, da sintaxe ou do léxico. Para estudarmos a variação, devemos entender primeiramente a diversidade e a heterogeneidade da língua, visto que envolvem os processos de variação e mudança linguística, os quais são intrínsecos ao falar do homem na sociedade.

Sobre isso, Brandão (1991, p. 5) declara que o homem “a todo instante, utiliza [a língua] de acordo com uma tradição que lhe foi transmitida, e contribui para sua renovação e constante transformação [...] nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara.” Sendo assim, é possível declararmos que a língua, utilizada pelo homem para transmitir ideias, organizar pensamentos, refletir aspectos culturais da sociedade, proporciona também, a partir de seu estudo, um melhor conhecimento sobre a maneira de pensar e viver de um determinado grupo, ou seja, refletir a cultura de um povo.

Em um país como o Brasil, com grande extensão territorial, com um cenário linguístico extremamente diversificado, o estudo da variação é de imensa significância, principalmente em estudos de nível fonético-fonológico. Por meio deles torna-se possível a observação e o registro de traços que diferenciam uma região da outra, como, por exemplo, no uso dos róticos.

Por meio da pronúncia desses segmentos, é possível identificar um pouco da cultura, das crenças e atitudes de uma determinada comunidade, dentre outras características regionais, além de descrever a estrutura e a evolução da língua. Língua que se ajusta para expressar os acontecimentos sociais (de ordem política, cultural e histórica), ou seja, ela é capaz de se transformar junto com a sociedade e dessa forma representá-la.

Sendo assim, a presente dissertação objetiva verificar a variação dos róticos em posição de coda silábica interna e externa de verbos e não verbos bem como analisar o processo de apagamento desse segmento nos referidos contextos em 24 localidades distribuídas pelos estados de Goiás, de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul.

Tomamos como *corpus* os dados referentes à fala de informantes da Região Centro-Oeste do Brasil, que foram coletados pela equipe do Projeto ALiB. Para descrever e analisar esses dados, optamos pelo uso dos pressupostos teórico-

metodológicos da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista, uma vez que essas duas correntes linguísticas propõem que se investigue a língua em seu contexto real de fala, ou seja, seu comportamento direto na comunidade de fala², na qual os homens compartilham normas e atitudes sociais perante uma língua ou variedade linguística (LABOV, 2008; GUY, 2000).

A fim de alcançar o objetivo geral, foram postulados objetivos específicos, dentre eles:

- Identificar os contextos linguísticos e extralinguísticos que possam interferir no predomínio de uma ou de outra variante do /r/ no falar desses estados;
- Investigar se há interferência do estilo de fala no uso das variantes do /r/ em coda silábica;
- Averiguar se o apagamento dos róticos no falar dessas localidades é governado pelos mesmos fatores depreendidos por autores, como Callou, Leite e Moraes (1996), Castro (2006), Monaretto (2000), Aguilera e Kailer (2012) e Callou e Brandão (2016) dentre outros;
- Identificar os contextos que favorecem o uso do apagamento do /r/ tanto em coda interna como externa de verbos e não verbos;
- Verificar a vitalidade da variante retroflexa nas localidades investigadas;
- Verificar se a divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes (1953) se confirma quanto ao uso do /r/ na Região Centro-Oeste;
- Verificar a possível posteriorização das variantes anteriores (retroflexo e tepe).

Nesse sentido, salientamos que a escolha do /r/ em coda silábica no falar desses estados, como objeto desta pesquisa, justifica-se pelo fato de observarmos, nas cartas do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001)³, volume II, a diversidade de variantes nas capitais da Região Centro-Oeste, fato que nos instigou a querer compreender o porquê de tamanha

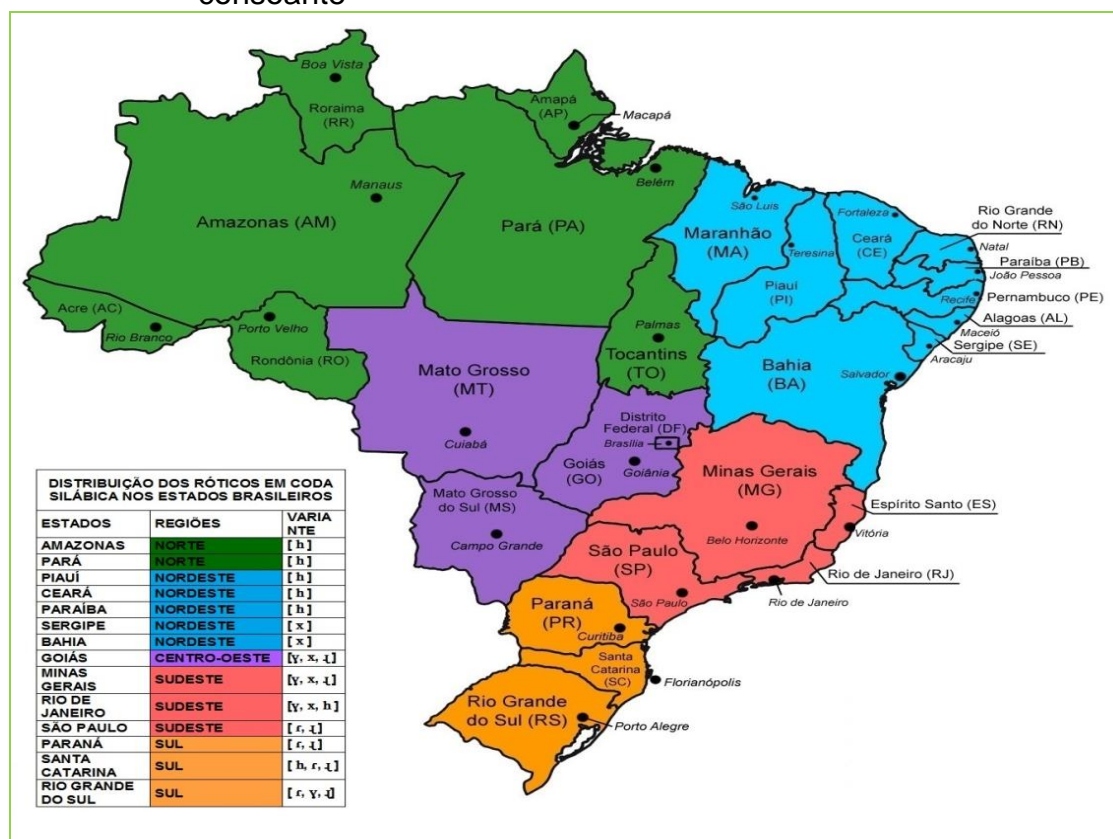
² A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso. (LABOV, 1972, p. 120-121, tradução da autora).

³ No decorrer deste trabalho, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil será tratado por projeto ALiB.

diversidade, inclusive no falar de um mesmo informante, conforme chamam à atenção Aguilera e Kailer (2015).

Acreditamos que, com esse estudo descritivo, teremos mais uma contribuição para demonstrar como funciona o português falado na Região Centro-Oeste do Brasil, buscando assim ampliar, à luz da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista, a caracterização do falar de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Visto que, ao fazermos o levantamento bibliográfico sobre os róticos do português, percebemos que há vários estudos sobre os róticos do PB nas Regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudeste, entretanto notamos uma grande lacuna em relação aos estudos dos róticos na Região Centro-Oeste, conforme destaca Lima (2013).

Figura 1 – Distribuição dos róticos em coda silábica nos estados brasileiros consoante



Fonte: Adaptação de Lima (2013, p. 87).

Como observado na Figura 1, fica evidenciado que de fato existem localidades carentes de estudos a respeito do uso do /r/ em coda silábica, entre elas está à Região Centro-Oeste. Cabe também ressaltar que os estudos realizados, nessas regiões, além de não investigarem a mesma posição na palavra (ataque ou

coda), também apresentam metodologias diferentes, como alegam Brescancini e Monaretto (2008, p. 54) sobre os estudos dos róticos na Região Sul, “por não focalizarem a mesma variante ou a mesma posição na sílaba são díspares”. Por esse motivo, nos ancoramos nos dados do Projeto ALiB, visto que, uma das propostas da equipe é a de descrever as variantes róticas no falar brasileiro, fazendo uso da mesma metodologia e analisando as mesmas variantes e os mesmos contextos (ALMEIDA; KAILER, 2013b).

Embasados em alguns estudos Geolinguísticos, Dialetológicos, Sociolinguísticos Variacionistas sobre os róticos em coda silábica e o processo de apagamento (AGUILERA; KAILER, 2012; AGUILERA; SILVA, 2011; ALMEIDA; KAILER, 2013b; AMARAL, 1972; BRANDÃO, 1995, 1997; BRESCANCINI; MONARETTO, 2008; CALLOU; LEITE; MORAES, 1996, 1998; CALLOU; SERRA, 2012; MONARETTO, 1997; MONGUILHOTT, 1998), entre outros), levantamos as seguintes hipóteses referentes às variantes róticas em coda silábica interna e externa de verbos e não verbos na Região Centro-Oeste:

- O apagamento dos róticos em coda silábica nos três estados selecionados para este estudo é recorrente em verbos no infinitivo, em contexto externo, assim como Callou, Leite e Moraes (1996, 1998) já observaram em seus estudos como sendo uma tendência para o PB em geral;
- O apagamento é mais representativo no discurso semidirigido⁴ (mais espontâneo/ mais informal) do que em fala monitorada (formal), como ocorre no Questionário Fonético-Fonológico e na leitura (mais formal);
- O apagamento ocorre com maior frequência nas localidades onde prevalecem as variantes posteriores (fricativa velar e glotal), corroborando os estudos de Callou, Leite e Moraes (1996, 1998, 2002); Callou, Serra e Cunha (2015); Callou e Brandão (2016), entre outros;
- A variante retroflexa está presente nos três estados, por ocasião da dissiminação dessa variante por tropeiros paulistas;

⁴ Neste estudo, para **discurso controlado**, usamos os termos estilo formal e discurso monitorado que se referem a parte da entrevista realizada com perguntas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF). Da mesma forma, o **discurso livre** é abordado como estilo informal, menos monitorado, mais espontâneo, referentes aos relatos dos Temas para Discurso Semidirigidos (TDS), e, por fim para os dados da **leitura do texto**, usamos os termos estilo mais monitorado, mais formal, menos espontâneo, Todos com o mesmo valor de verdade.

- Há grande diversidade de variantes róticas, nessas localidades, por ter ocorrido, nesses três estados, grande fluxo migratório nos períodos de descobrimento das minas de ouro e da “Marcha para Oeste”;
- O uso de uma ou de outra variante dos róticos é determinada principalmente pela variável diatópica;
- O apagamento e a variante retroflexa operam nos três estados como demarcador social, evidenciado pelas variáveis faixa etária e sexo.

A presente dissertação está organizada em seis capítulos. Inicialmente abordamos no primeiro capítulo os dados geográficos, históricos e sociais da Região Centro-Oeste como um todo, pontuando de forma geral aspectos da colonização até chegarmos aos dias atuais. Na sequência tratamos separadamente do povoamento e da formação dos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás⁵.

O segundo capítulo foi dividido em quatro seções. Na primeira, apresentamos uma revisão das descrições referentes aos róticos, suas realizações e suas principais características. Na segunda, relatamos estudos de cunho dialetológicos, geolinguísticos e variacionistas dos róticos em coda silábica. Na terceira, mostramos uma breve revisão de estudos referentes ao processo de apagamento do /r/ em relação à estrutura prosódica. Na quarta seção, apresentamos estudos referentes ao /r/ baseados em atlas linguísticos publicados.

No terceiro capítulo, relatamos os subsídios teóricos subjacentes a nossa pesquisa, que parte de uma breve apresentação dos estudos dialetológicos e geolinguísticos até chegar à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008). Finalizando o capítulo, apresentamos o projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), responsável pela coleta e disponibilização dos dados utilizados na presente dissertação.

No quarto capítulo, expomos os pressupostos metodológicos que guiam o presente estudo, apresentando de forma detalhada a amostra, além de apresentar informações sobre o *corpus*, o perfil dos informantes, o instrumento, a seleção, tratamento dos dados, a codificação dos mesmos, as variáveis dependentes e independentes e o programa Goldvab X.

5 Utilizamos as abreviaturas para Mato Grosso do Sul (MS), Mato Grosso (MT) e Goiás (GO), devido ao elevado número de referências a estes estados.

No quinto capítulo, trazemos a análise preliminar do *corpus*, com as ocorrências gerais deste estudo, sem ajustes ou amalgamas, somente com número de ocorrências, para uma ampla visualização das variantes e variáveis extralinguísticas que se fazem presentes nesta dissertação. Vale ressaltar que, no referido capítulo, apresentamos gráficos somente com números absolutos de ocorrências. Procedemos dessa forma porque algumas variáveis apresentaram número reduzido de dados ou, às vezes, mesmo tendo número de dados suficientes, não foram selecionadas pelo programa Goldvarb X como mais relevantes para aplicação da regra em estudo.

No sexto capítulo, abordamos as variáveis mais significativas selecionadas pelo Programa Goldvarb X, divididas em seis subseções: na primeira, apresentamos os resultados em coda silábica externa de verbos dos três estados; na segunda, as variáveis selecionadas em coda silábica externa de não verbos nos referidos estados; na terceira, os resultados em coda silábica interna; na quarta, destacamos os resultados do processo de apagamento em coda silábica externa de verbos nos três estados; na quinta, o apagamento em coda silábica externa de não verbos e, na sexta, o apagamento em coda silábica interna.

E, por fim, com base nos resultados obtidos na análise dos dados, apresentamos as considerações finais, ou seja, os resultados aos quais chegamos com este estudo no que concerne aos objetivos pré-definidos, às hipóteses levantadas e às possíveis contribuições que esta pesquisa pode oferecer a outros estudiosos da área.

CAPÍTULO 1

CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO EM ESTUDO: O CENTRO-OESTE

1.1 ASPECTOS HISTÓRICOS, GEOGRÁFICOS E SOCIAIS DA REGIÃO CENTRO-OESTE

Para iniciar esta reflexão, devemos partir do início do século XVI, momento em que o Brasil recebeu os europeus oriundos de Portugal. Somente indígenas, provenientes de dois troncos linguísticos, Tupi e Macro-Jê, habitavam o país, mesmo em regiões de colonização tardia ou menos intensa, como nos casos das Regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil.

Segundo Ferreira (1996), houve uma "guerra diplomática" entre Portugal e Espanha, motivada pela tentativa de aumentar o máximo possível os seus territórios na América. Consoante esse autor, houve, no período entre a assinatura do Tratado de Tordesilhas e a assinatura do Tratado de Badajoz, muitos conflitos durante o processo que obteve como resultado a sanção da expansão portuguesa no Centro-Oeste Brasileiro. Sobre a disputa entre Portugal e a Espanha para incorporar terras brasileiras, Ferreira (1996) apresenta alguns dos fatos que incentivavam as disputas destes dois países:

Aplicado o princípio do *uti possidetis*, ficou estabelecido que, ao norte, a Espanha reconheceria e expedição de Pedro Teixeira e a presença de missões portuguesas e fortes como atestados válidos de conquista da região, incorporando boa parte da Amazônia; a oeste, o governo espanhol reconheceu a expansão bandeirante até Mato Grosso e, ao sul, Portugal deveria entregar a Colônia do Sacramento, recebendo em troca a região dos Sete Povos do Uruguai, reforçando, com isso, a colonização do Rio Grande. Enquanto para a Espanha o objectivo prioritário residia na eliminação da presença lusitana no Prata, Portugal eligia como alvos estratégicos a rede amazônica, o Centro-Oeste (em que avultavam as regiões mineiras de Cuiabá - Mato Grosso) e a margem oriental do Uruguai, assegurando a posse da região compreendida entre o Paraguai - Jaurú e o Guaporé - Madeira que garantia a ligação fluvial entre os estados do Maranhão e do Brasil (FERREIRA, 1996, p. 11).

A região Centro-Oeste recebeu, em meados do século XVII, expedições bandeirantes que despontavam da Vila de São Paulo, próxima do litoral. Essas expedições tinham a função de aprisionar indígenas e de buscar metais preciosos, porém a descoberta de ouro nestas regiões ocorreu somente no século XVIII. A

repercussão deste fato atraiu um enorme contingente populacional, que originou vários povoados, transformados em cidades com o decorrer dos anos.

Costa (2012) salienta que, no entender de Prado Júnior (1986), as minas foram “sucessivamente descobertas a partir dos últimos anos do século XVII, [fixando] núcleos estáveis e definitivos no coração do continente (Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso)” (PRADO JÚNIOR, 1986, p. 37 apud COSTA, 2012, p. 45), afirmando ainda que isso contribuiu para o aumento das riquezas do país e repercutiu com o povoamento do território.

Segundo Siqueira (1996, p. 7), o primeiro bandeirante a chegar no Oeste brasileiro foi Manoel de Campos Bicudo, entre 1673 e 1682. Junto com seu filho Antônio Pires de Campos, ainda criança, atingiram a região da atual cidade de Cuiabá.

Sobre esse fato, Ferreira (1996) declara que além de contribuir para a ocupação do interior da região.

O Ciclo do Ouro, o período da descoberta do ouro e dos diamantes no Centro-Oeste da Colônia que, no século XVIII, provocou uma convergência dos caminhos para Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, conseguindo ligar todas as regiões da Colônia e contribuindo para a ocupação do interior, como facto político (FERREIRA, 1996, p. 9).

Para diminuir o isolamento da região, o então presidente Getúlio Vargas criou, na década de 1940, quando foi concebida a primeira divisão territorial (mencionada no Mapa 1, p.31), o projeto “Marcha para o Oeste”, com o intuito de intensificar o povoamento do interior dessas regiões. O governo federal fundou vários núcleos populacionais de projetos de colonização no Centro-Oeste, que originariam as primeiras áreas colonizadas (Cacéres em Goiás e Dourados em Mato Grosso do Sul).

Porém, as colonizações não se apresentaram muito expressivas, levando o governo a propor novos projetos em 1960 e 1970, nos quais o governo oferecia incentivos, como terras a baixo custo e empréstimos financeiros. Mas o fato que deu maior impulso às colonizações foi a transferência da capital do país para Brasília, estratégia que integrou o Centro-Oeste ao espaço geográfico nacional, gerando, conseqüentemente, abertura de novas estradas de ferro, rodovias e hidrovias que davam acesso à região, abrindo nova frente de migração para essa região.

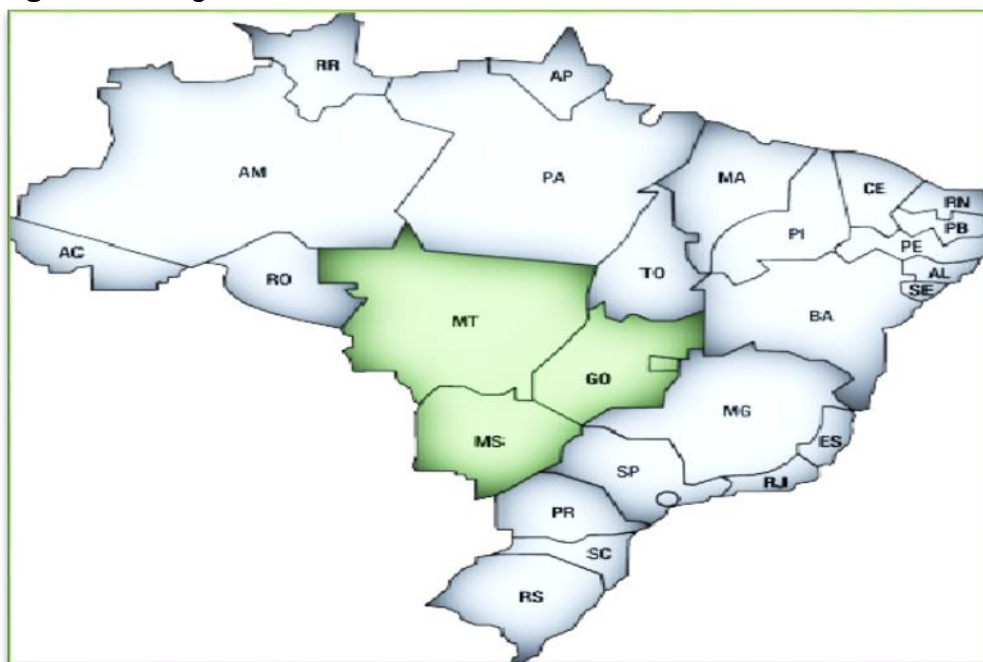
Sobre isso, Passos (2010, p. 63) apresenta os benefícios trazidos pelos projetos do governo:

Essa área, por sua extensão e sua situação, às vezes central e fronteiriça, constitui um jogo geopolítico. A fundação de Brasília, em 1960, e a criação de grandes eixos rodoviários ligando Belém a Brasília (Norte-Sul), Cuiabá a Porto Velho e a Santarém (Sul-Norte-Oeste e Sul-Norte), no quadro do programa de Integração Nacional, deveriam impulsionar a ocupação demográfica e o desenvolvimento econômico espontâneo.

Outro fator que ampliou o nível de miscigenação na região Centro-Oeste ocorreu após a Guerra da Tríplice Aliança, conhecida também como Guerra do Paraguai (1864-1870), quando Tomás Laranjeira fundou a “companhia Erva-Mate Laranjeira, que monopolizou o cultivo e a extração da erva-mate, de 1882 a 1937 em território sul-mato-grossense.” (COSTA, 2012, p. 50-51). Com isso, além da mão de obra indígena, também passou a ser usada a mão de obra paraguaia e essa nova demanda fez surgir novas povoações.

Todos esses fatos ensejaram várias divisões na Região Centro-Oeste até que se chegasse à atual configuração (Figura 2).

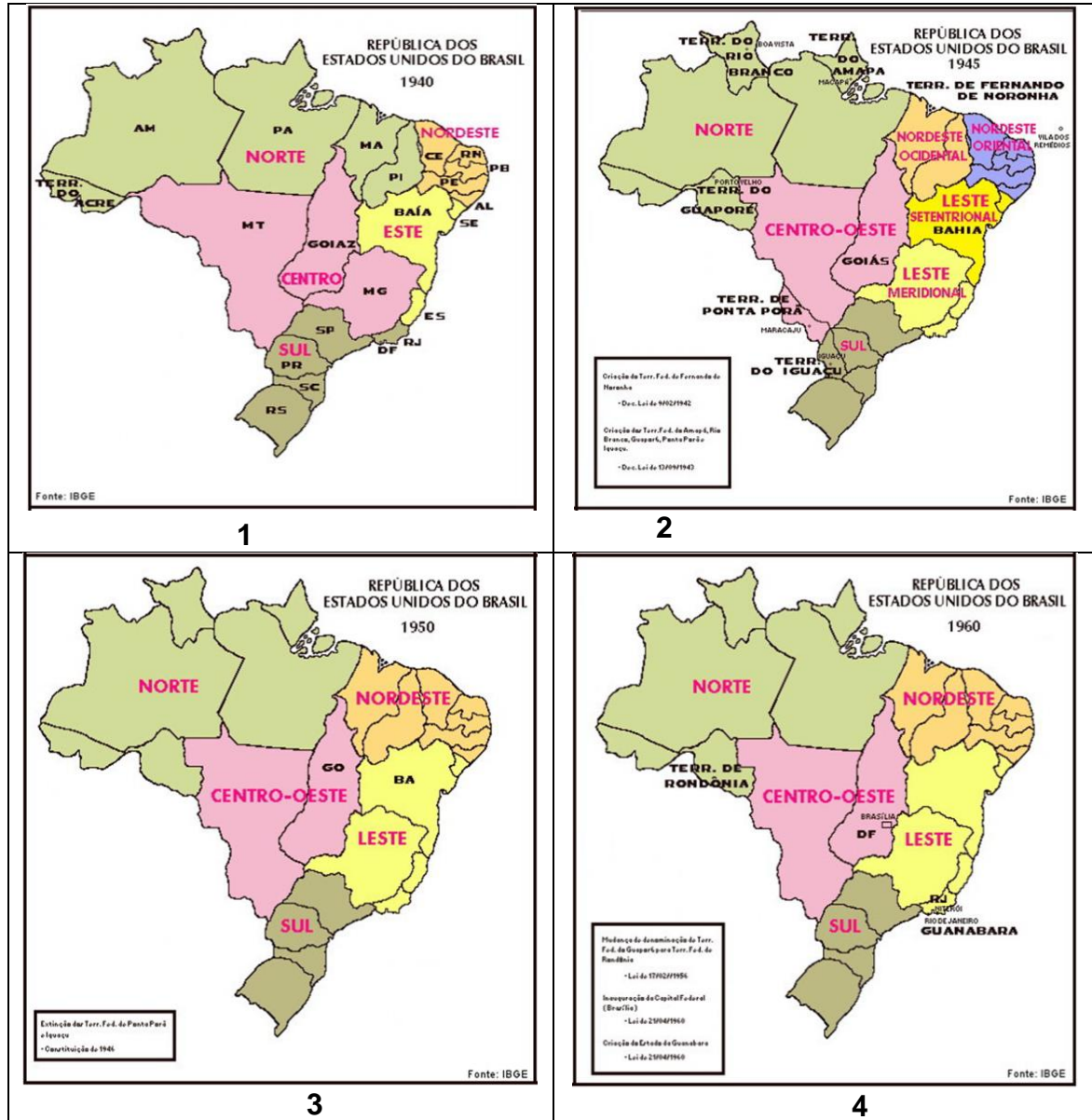
Figura 2 - Região Centro-Oeste

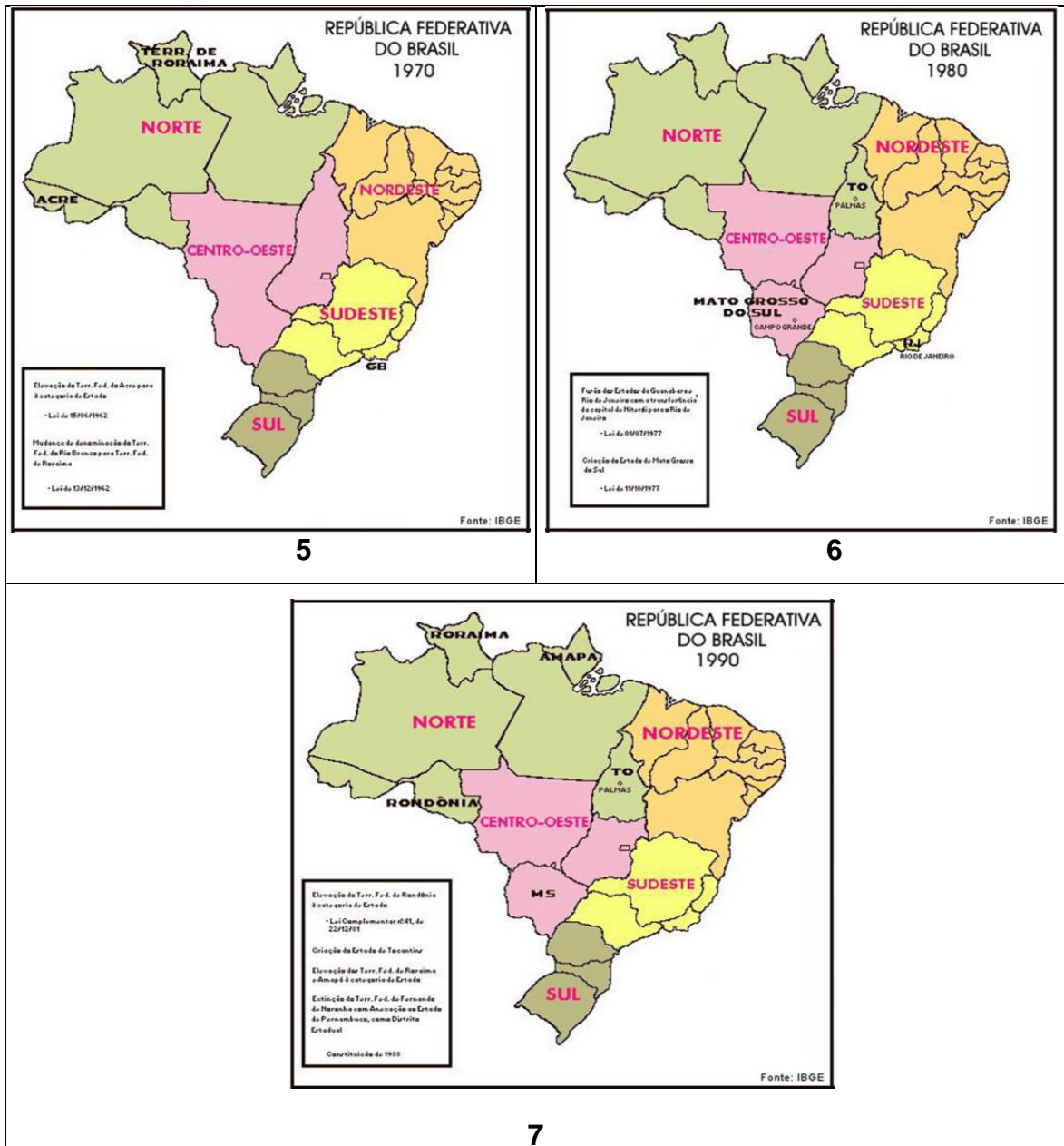


Fonte: Starlux (2018).

Na Figura 3, apresentamos alguns exemplos das divisões ocorridas para que a Região Centro-Oeste fosse composta pelos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Figura 3 – Divisões Territoriais do Brasil





Fonte: Paraná (2018)

Como se pode notar, na Figura 3, temos oito exemplos de divisões territoriais importantes, para chegarmos à divisão atual, muitos fatos importantes ocorreram para que houvesse tais modificações. O mapa 1, de 1940, apresenta a primeira divisão do território do Brasil em grandes regiões, proposta em 1913, nela foram utilizados critérios físicos. Situando-se da seguinte maneira: (i) Região Norte: Maranhão, Piauí, Acre, Amazonas e Pará; (ii) Nordeste: Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas; (iii) Região Sul: Rio de Janeiro (capital do país - naquele período), São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; (iv) Região Centro-Oeste: chamada de Centro - Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais; (v)

Região Sudeste (Leste): Sergipe, Bahia e Espírito Santo. Entretanto, essa organização do território brasileiro não era oficial.

O Mapa 2, elaborado em 1936 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) representa a divisão de 1945, quando foi iniciada uma campanha para adotar uma divisão regional oficial para o Brasil. O IBGE acrescentou algumas mudanças em relação aos nomes das regiões e manteve o mapa elaborado em 1913.

Porém, em 1942, o arquipélago de Fernando de Noronha foi transformado em território e incluído na região Nordeste. Em 1943, foram fundados os territórios de Guaporé, Rio Branco e Amapá, incluídos na Região Norte. Na Região Sul, foram acrescentados o território de Iguazu e o de **Ponta Porã, realocado depois na região Centro-Oeste**. Sendo assim, ficou na (i) Região Norte: Amazonas, Pará, Acre, Amapá, Rio Branco e Guaporé; na (ii) Região Sul: São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e Iguazu; na **(iii) Região Centro-Oeste: Mato Grosso, Goiás e Ponta Porã**.

A região Nordeste foi dividida em ocidental (Maranhão e Piauí) e oriental (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Fernando de Noronha). A região Sudeste, ainda chamada de Leste, também foi dividida em setentrional (Sergipe e Bahia) e meridional (Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, na época, sede do Distrito Federal).

O mapa 3, de 1950, apresenta a **extinção dos territórios federais de Iguazu e Ponta Porã em 1946**. O mapa 4, de 1960, **a construção de Brasília e o Distrito Federal, transferido para a Região Centro-Oeste**. O local do Distrito Federal tornou-se o estado da Guanabara, anteriormente pertencente à região Leste.

O mapa 5, de 1970, elaborado em 1969, apresenta uma nova divisão, ficando o Brasil subdividido da seguinte maneira: (i) Região Norte: Acre, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Amapá; (ii) Região Nordeste: Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Fernando de Noronha. A região antes chamada de Leste se torna a (iii) Região Sudeste: Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Guanabara e São Paulo. Na (iv) Região Sul: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; na (v) **Região Centro-Oeste: Goiás, Mato Grosso e Distrito Federal**.

O mapa 6, de 1980, apresenta dois fatos relevantes: (i) em 1975, o estado da Guanabara se transforma em município do Rio de Janeiro e, (ii) **em 1979, a**

divisão do estado de Mato Grosso, dando assim origem ao estado de Mato Grosso do Sul.

Por fim, o mapa 7, de 1990, apresenta a **divisão feita pela constituição Federal de 1988, que desmembrou o Tocantins do estado de Goiás e o incluiu na Região Norte**, que já contava com Rondônia, Roraima e Amapá. Além disso, Fernando de Noronha foi anexado ao estado de Pernambuco.

Esses fatos são de grande importância para o conhecimento da região em estudo⁶, visto que muitas transformações ocorreram em cada um dos estados pesquisados, sendo que podem ter algum tipo de influência em nosso estudo. A seguir, apresentamos os fatores que levaram a tais divisões.

Atualmente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a Região Centro-Oeste abrange uma área de 1 606 371 km², onde vivem 14.058.094 habitantes, sendo que a população absoluta do Centro-Oeste é a menor entre as demais Regiões (Sudeste, Sul, Norte e Nordeste).

A distribuição populacional apresenta-se de maneira irregular, existem áreas onde a densidade demográfica supera os 100 hab./Km², como o sul de Goiás, Mato Grosso e oeste de Mato Grosso do Sul. Entretanto, existem áreas nas quais a população relativa não ultrapassa 1 hab./Km², como no Norte e o Noroeste do Mato Grosso, o Norte de Goiás e a região do Pantanal.

Podemos, com base na Tabela 1, observar os resultados apresentados pelo IBGE-2010.

⁶ Deixamos em negrito os fatos mais relevantes para nossa pesquisa, sendo elas: divisões ocorridas nesse percurso e os fatores que nos chamaram a atenção presentes nos mapas:

- Mapa 2 (1945) - Ponta Porã era considerado território federal da Região Centro-Oeste;
- Mapa 3 (1950) - Extinção de Ponta Porã como território federal no ano de 1946;
- Mapa 4 (1960) - Construção de Brasília e a transferência do Distrito Federal para a Região Centro-Oeste;
- Mapa 5 (1970) - Divisões dos estados em: Região Norte, Sul, Nordeste, Sudeste e Sul
- Mapa 6 (1980) - Divisão do estado do Mato Grosso, ocorrido em 1979, que deu origem ao estado de Mato Grosso do Sul;
- Mapa 7 (1990) - Desmembramento do Tocantins do estado de Goiás e sua inclusão na Região Norte em 1988.

Tabela 1 - População e distribuição relativa (%) para o Brasil e as Grandes Regiões – 2000/2010.

Brasil e Grandes Regiões	População		Distribuição Relativa	
	2000	2010	2000	2010
Brasil	169.799.170	190.755.799	100,0	100,0
Norte	12.900.704	15.864.454	7,6	8,3
Nordeste	47.741.711	53.081.950	28,1	27,8
Sudeste	72.412.411	80.364.410	42,6	42,1
Sul	25.107.616	27.386.891	14,8	14,4
Centro-Oeste	11.636.728	14.058.094	6,9	7,4

Fonte: IBGE (2010).

Observamos baseados na publicação dos resultados referentes à migração e deslocamento populacional, conforme o censo demográfico de 2000, que os estados de Mato Grosso e Goiás são caracterizados, a partir de meados do século passado, pela expansão das fronteiras agrícolas, absorvendo assim grande parte da mão de obra provenientes das demais regiões. Dessa forma, podemos notar, nos dados do referido censo, que as entradas em Mato Grosso representaram os maiores fluxos de imigrantes, provenientes dos estados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Goiás.

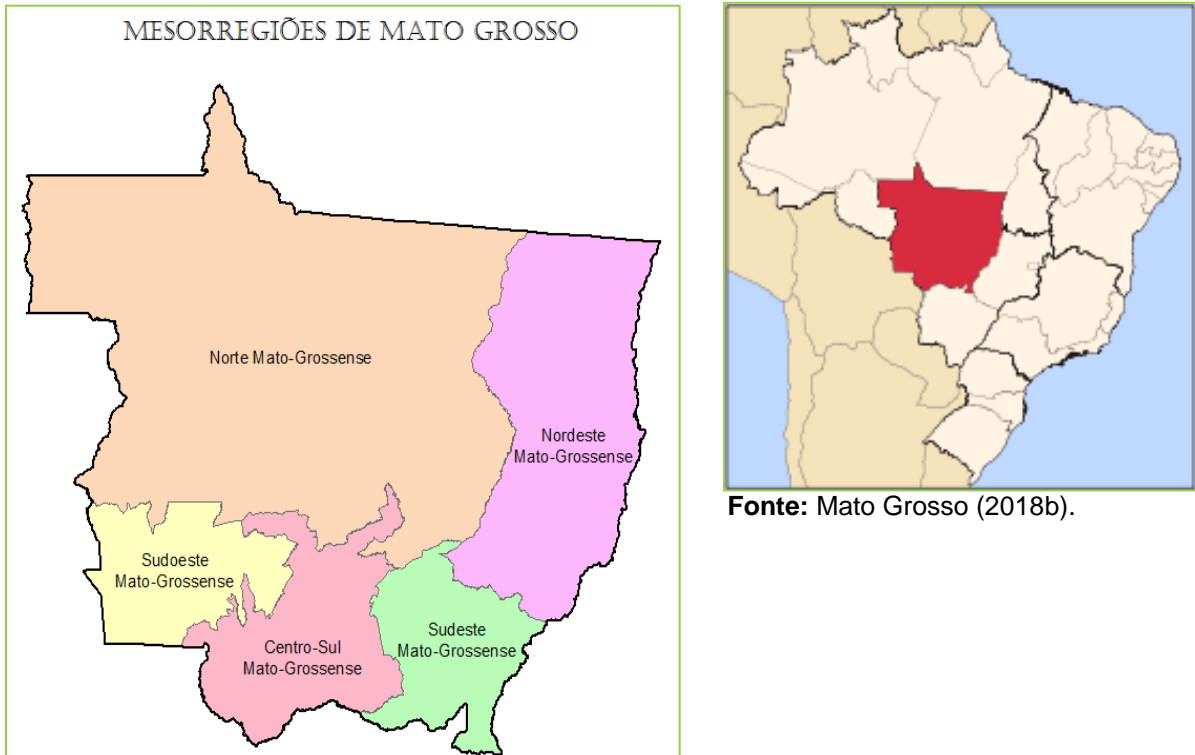
Para o Distrito Federal, o perfil dos migrantes apresentado pelo censo é muito diferente, sendo oriundos dos estados nordestinos: baianos (11,1%), piauienses (10,9%), maranhenses (9,1%) e cearenses (8,7%). Contudo, os dois maiores fluxos são representados pelos mineiros (17,8%) e goianos (13%).

Sabemos que, no Brasil, os aspectos econômicos foram os impulsionadores de grande parte das migrações internas, na Região Centro-Oeste não ocorreu de maneira diferente. Durante os séculos XVII e XVIII, a intensa busca por metais preciosos desencadeou grandes fluxos migratórios com destino a Goiás, Mato Grosso e, principalmente, Minas Gerais.

Depois vieram as políticas públicas de ocupação e desenvolvimento econômico, propostas pelo governo brasileiro, que intensificaram a migração para o Centro-Oeste. Dentre as principais medidas para esse processo estão: construção de Goiânia, construção de Brasília, a separação de Mato Grosso do Sul de Mato Grosso (Figura 3, mapa 6), expansão da fronteira agrícola e investimentos em infraestrutura.

1.2 ESTADO DE MATO GROSSO

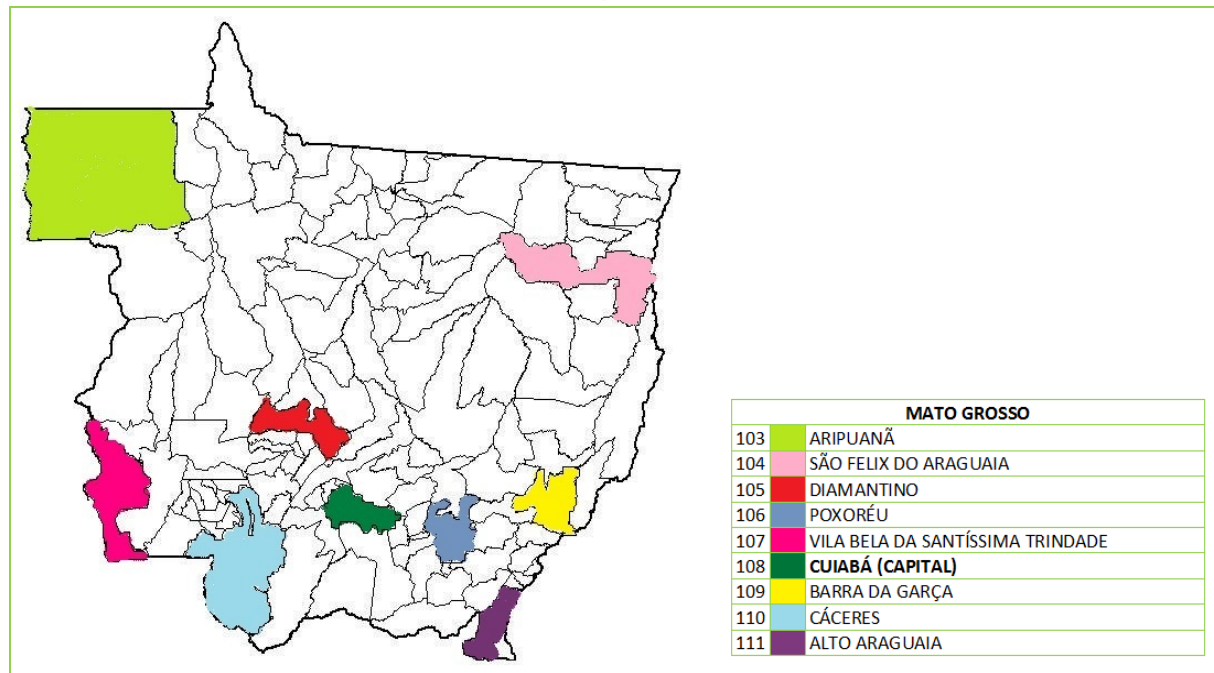
Figura 5 - Mesorregiões e localização do estado do Mato Grosso.



Fonte: Mato Grosso (2018b).

Fonte: Mapa... (2018b)

Figura 6 – Localidades analisadas na Região do Mato Grosso.



Fonte: Banco de dados constituído para esta dissertação.

O estado de Mato Grosso está localizado na Região Centro-Oeste do Brasil, faz fronteira com os estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Pará, Amazonas, Rondônia, Tocantins e com a Bolívia.

Segundo o último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), realizado em 2010, Mato Grosso possui 3.035.122 habitantes, desse total 1.891.052 pessoas são naturais do estado, ou seja, aproximadamente 62,30% da população total. O restante divide-se em: paranaenses (8,33%), paulistas (4,50%), goianos (6,65%), mineiros (3,19%) e nascidos em outro país ou estado, naturais do Distrito Federal ou que não especificaram o local de origem 15,03%. Esse estado tem 903.357,908 km² de extensão, é o terceiro maior do país, ficando atrás somente do Amazonas e do Pará. Ainda, conforme os dados do IBGE, vivem na zona urbana 81,9% da população e 18,1% da zona rural.

Conforme dados do site oficial do estado de Mato Grosso, ele já foi território espanhol, sendo que as primeiras excursões datam de 1525, quando Pedro Aleixo Garcia percorre as águas dos rios Paraná e Paraguai, seguindo em direção à Bolívia. Com a descoberta de riquezas não exploradas, portugueses e espanhóis entram em conflito entre 1761 e 1766. Segundo o site, foi registrada a presença de jesuítas espanhóis que construíram missões entre os rios. Mato Grosso passou a ser definitivamente território brasileiro em 1802, com o fim dos conflitos por fronteira entre portugueses e espanhóis (MATO GROSSO, 2018a).

De acordo com Siqueira, Costa e Carvalho (1990, p. 29), a coroa portuguesa descobriu diamantes em terras mato-grossenses pela primeira vez no século XVIII, entretanto, neste período, a extração era esporádica, tendo ressurgido com vigor no século XX. O palco desta exploração foi a região leste do estado, tendo como mão de obra mineiros, nordestinos e nortistas que fracassaram no trabalho de exportação da borracha. Ele também afirma que, em Mato Grosso, existiu grande número de etnias sobrevivendo em comunidades, como o caso relatado por ele sobre o “Quilombo do Piolho ou Quariterê” (SIQUEIRA; COSTA; CARVALHO, 1990, p. 29). Sobre essas etnias, o referido autor ainda declara que convivência entre:

[...] índios, negros, crioulos e caburés, os hábitos e os costumes indígenas, mesclados aos africanos, proporcionaram uma vida social bastante interessante, uma vez que todos os hábitos e costumes de seus habitantes eram colocados em prática em sua convivência comunitária (SIQUEIRA; COSTA; CARVALHO, 1990, p. 134).

Siqueira, Costa e Carvalho (1990) acrescentam que os primeiros achados diamantíferos ocorreram próximos aos rios Cassununga e Garças, em 1908, dando início às atuais cidades de Alto Araguaia, Poxoréu, Guiratinga, Ponte Branca, Barra da Garça, Itiquira, Tesouro e outras.

Passos (2010) faz uma breve revisão histórica sobre a descoberta e ocupação do estado de Mato Grosso até o momento da descoberta de ouro e pedras preciosas na região:

O litoral, apesar da persistência de alguns vazios de ocupação, foi praticamente todo povoado, desde São Vicente até a foz do Amazonas (em 1616, os portugueses efetivam ali o seu domínio com a fundação de Belém, após a expulsão dos estrangeiros). A pecuária extensiva no sertão nordestino e meio-norte, por seu turno, encarregou-se de ocupar boa parte dessas regiões, adentrando-se ao longo dos rios, vias naturais de penetração. Os jesuítas, por sua vez, instalaram suas missões pelo Oeste do território, constituindo núcleos que atingiram o extremo Norte. Os bandeirantes, partindo de São Paulo, se não promoveram ocupações de fato, abriram vias de circulação e, com isso, criaram algumas precondições para ocupações futuras, em especial, com a descoberta de ouro e pedras preciosas em pontos do interior (atuais Minas Gerais e Mato Grosso), a partir de fins do século XVII (PASSOS, 2010, p. 46).

Sobre as políticas de colonização, implantadas a partir dos anos 1950, Passos (2010) assevera também que “as mudanças regionais e a acelerada urbanização regional estavam diretamente relacionadas às transformações políticas, econômicas e sociais no âmbito da incorporação das frentes pioneiras da região Amazônica ao espaço e à economia nacional” (PASSOS, 1990, p. 64) e acrescenta que esses processos apresentaram enorme aumento em fins da década de 80, como podemos observar em:

Até o início da década de 1970, o povoamento estava concentrado em Cuiabá e arredores, ou seja, no chamado “Mato Grosso Velho”. A partir da década de 1970, surgiram 85 novos municípios, a maioria fruto da colonização privada. Isso significa que, até o início de 1970, existiam apenas 34 municípios. Terminada a década de 80, o número de municípios salta de 95, chegando a 126 no final do milênio (PASSOS, 2010, p. 64).

A partir de 1970, diversos fatores influenciaram essa dinâmica na região, ainda segundo Passos (2010), e, para confirmar o que relatou, cita Martin Coy (1996), a fim de demonstrar os principais apontamentos sobre os incentivos que

levaram a região mato-grossense a tal expansão: i) Construção de rodovias; ii) Projetos governamentais ou particulares de colonização agrícola; iii) Incentivos fiscais para atividades agropecuárias ou agroindustriais; iv) Fornecimento de créditos, altamente subsidiados.

Sobre as frentes de ocupação, Passos (2010) salienta o avanço da fronteira agrícola entre 1970 e 1974, que priorizou o assentamento de colonos pobres nos estados de Rondônia e de Mato Grosso, conforme proposta do projeto Polonoroeste. Depois foi a vez do projeto que se referia aos cerrados, cujos solos eram avaliados como pobres e impróprios para a agricultura até 1970.

Após fortes investimentos e o desenvolvimento das comunicações, também graças aos progressos da agricultura, que apresentava a soja como carro chefe, nos chapadões do Planalto Central, ele se tornou atraente aos olhos dos “sulistas”. Sendo considerados, pelo governo, os agricultores provenientes da Região Sul mais aptos para desenvolverem uma agricultura moderna, competitiva e voltada aos mercados internacionais, priorizaram estes agricultores ao invés dos nortistas.

Conforme o estudioso, em 1970, a partir dos incentivos fiscais concedidos pelo governo federal à ocupação da Amazônia Legal, a Colonizadora Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná (Sinop) comprou grande extensão de terras e, em 1972, iniciou a colonização da Gleba Celeste, com as vendas das terras para paranaenses (67%), paulistas (16,83%), catarinenses (10,89%) e gaúchos (2,97%).

Ainda sobre as frentes de ocupação, Siqueira (1990) acrescenta mais três situações que auxiliaram a expansão do Mato Grosso. A primeira foi a criação no Brasil do INM – Instituto Nacional do Mate. Este veio apoiar, concretamente, o desenvolvimento da indústria de ervamate do Sul do país, em 1938, e arrendou os ervais para a empresa Laranjeira Mendes & Companhia, ocasionando um grande número de migrantes gaúchos.

Também, devido à presença de matas de Poaia, na bacia do rio Paraguai, até Guaporé, Mato Grosso, no século XIX e início de século XX, foi iniciado um “intenso movimento agrícola e comercial, nascido da extração e comercialização da poaia”, principalmente nas cidades de Cáceres, Barra dos Bugres, Vila Bela e Cuiabá.

Por fim, na segunda metade do século XIX, houve uma imensa extração de látex, nas regiões brasileiras, incluindo Amazônia e Mato Grosso, possível com o auxílio dos índios Cambeba ou Anaguá, habitantes das margens do rio Solimões,

exímios conhecedores da borracha e de seu manejo, o que também ocasionou grande número de trabalhadores de outras regiões do Brasil, especialmente do Nordeste (SIQUEIRA; COSTA; CARVALHO, 1990).

Além disso, para Siqueira, Costa e Carvalho (1990), houve ainda dois fatos importantes que ocorreram para intensificar o desenvolvimento do estado de Mato Grosso. O primeiro diz respeito às repercussões comerciais do pós-guerra. Por meio das navegações no rio Paraguai, as regiões mais longínquas eram interligadas a regiões mato-grossenses e à Amazônia, ocasionando a entrada de uma infinidade de mercadorias estrangeiras e nacionais, além de produtos regionais que poderiam, então, ser exportados. Esse fato beneficiou as cidades de Corumbá, Cuiabá, Cáceres, Porto Murtinho, Bela Vista e Ponta Porã.

O outro fato mencionado por Siqueira, Costa e Carvalho (1990) foi a criação da ferrovia “Madeira-Mamoré”, construída, segundo o autor, por mais de 50 nacionalidades diferentes, originadas em grande parte dos Estados Unidos. Somente para a primeira “fase da construção, séc. XIX, desembarcaram em Santo Antônio do Rio Madeira, nesse período Mato Grosso, quase 1.000 trabalhadores, grande parte deles estrangeiros europeus” (SIQUEIRA; COSTA; CARVALHO, 1990, p. 243-244).

No site oficial do estado, encontram-se informações referentes à miscigenação presente em Mato Grosso:

É um estado de povos diversos, uma mistura de índios, negros, espanhóis e portugueses que se miscigenaram nos primeiros anos do período colonial. Foi essa gente miscigenada que recebeu migrantes vindos de outras partes do país. Hoje, 41% dos moradores do Estado nasceram em outras partes do país ou no exterior (MATO GROSSO, 2018a).

Corrêa (1999) ainda acrescenta a presença de bolivianos e paraguaios, de modo geral trabalhadores pobres nas atividades agrícolas, nas usinas de açúcar do Norte Mato-Grossense e, na fronteira sul, nos ervais e nos campos de criação de gado bovino. Esse número elevado de etnias foi um dos fatos que nos instigaram a realizar esse estudo.

1.3 ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

Figura 7 - Mesorregiões de localização do estado de Mato Grosso do Sul

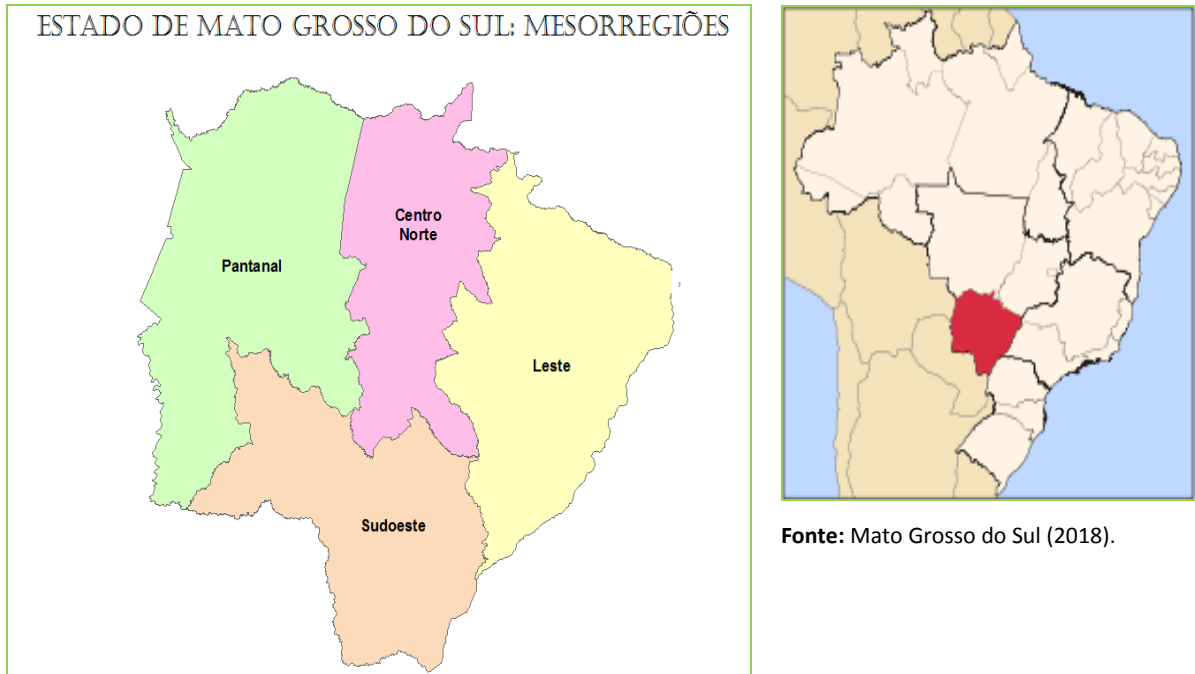
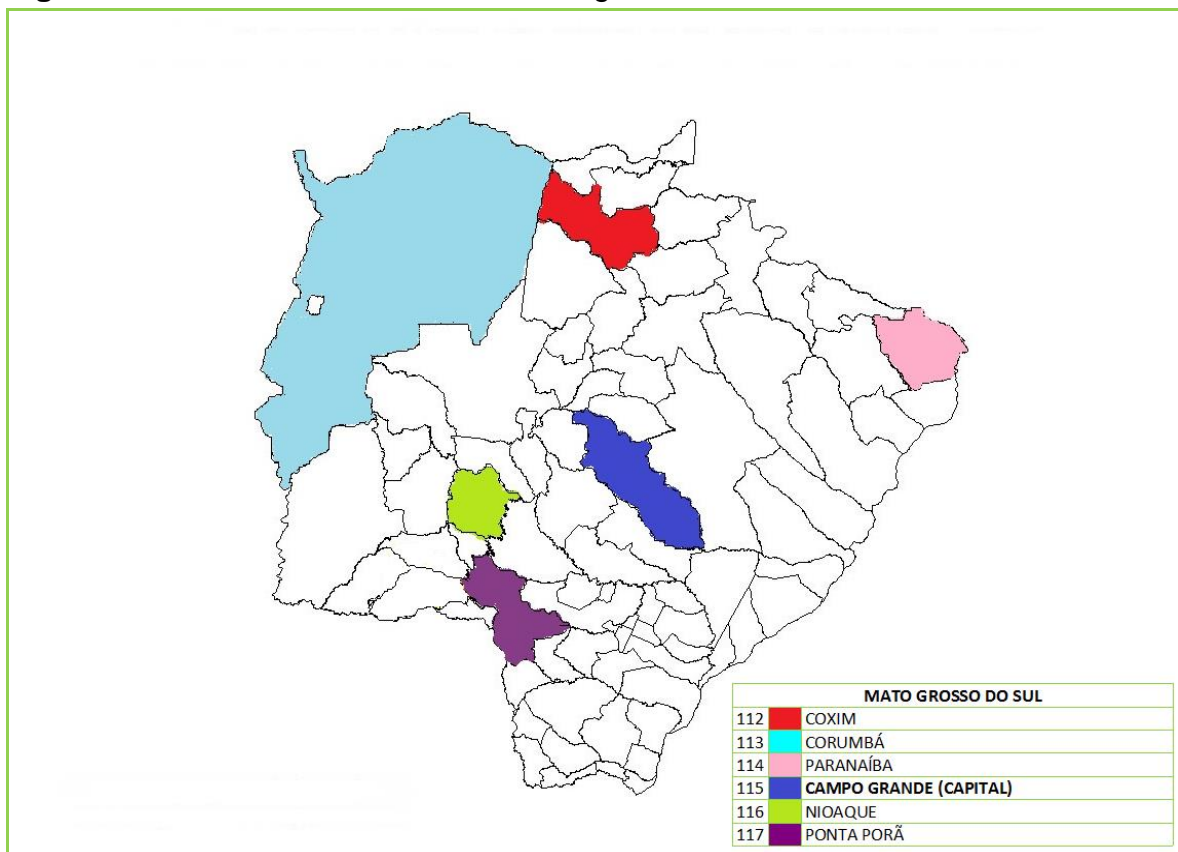


Figura 8 – Localidades analisadas na Região do Mato Grosso do Sul



Fonte: Banco de dados constituído para esta dissertação.

Segundo o site oficial, o estado de Mato Grosso do Sul está situado na região Centro-Oeste do Brasil, a cidade de Campo Grande é sua capital, tem uma superfície de 358.159 km², limita-se a oeste com a Bolívia e Paraguai, ao norte com o Mato Grosso, ao sul com o Paraguai e o estado do Paraná, a leste com São Paulo, Minas Gerais e Goiás (MOTO GROSSO DO SUL, 2018c).

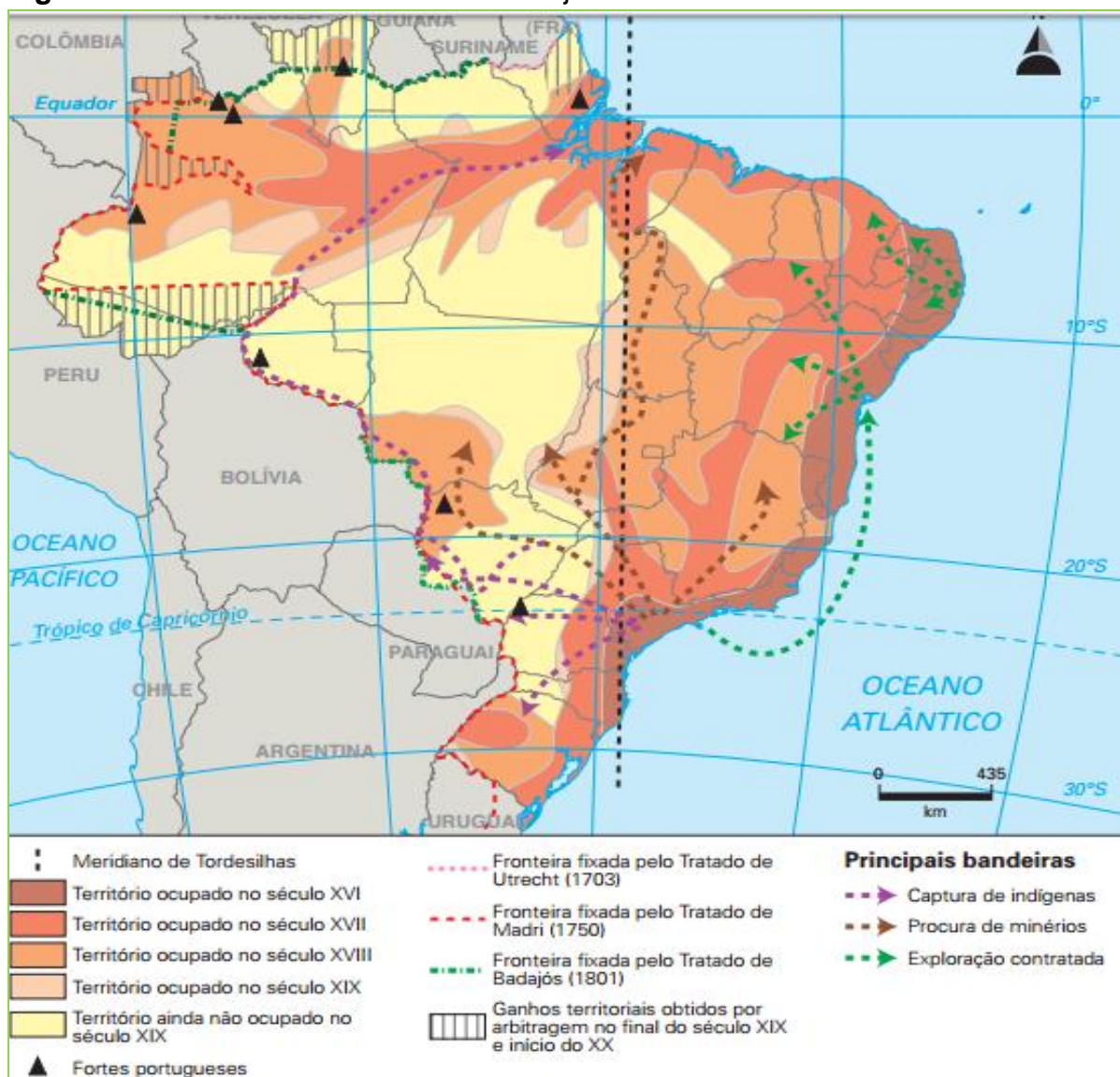
Conforme estimativa do IBGE (2010), possui 2.449.341 habitantes, desse total 1.814.461 pessoas são naturais do estado, ou seja, 74,08% da população total, o restante divide-se entre paulistas (8,77%), paranaenses (5%), mineiros (1,60%), gaúchos (1,54%) e as pessoas naturais do Distrito Federal, nascidas em outros estados ou países, além dos moradores que não especificaram o local de nascimento (9%). Possui 79 municípios e apresenta uma área de 357.124,962 km².

Siqueira, Costa e Cavalho (1990) faz algumas observações referentes às primeiras ocupações do território de Mato Grosso do Sul:

[...] as primeiras terras pertencentes à Espanha e penetradas pelos bandeirantes, foram as localizadas ao Sul e Sudeste do Brasil, que hoje fazem parte dos Estados de Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, e que naquele tempo eram ocupadas por jesuítas espanhóis, que nelas organizaram missões religiosas, para catequese e submissão dos índios. O avanço bandeirante prosseguiu rumo oeste, até o ponto em que as fronteiras espanholas e lusitanas, se encontraram (SIQUEIRA; COSTA; CARVALHO, 1990, p. 204-205).

A presença dos bandeirantes na formação do estado de Mato Grosso do Sul pode ser observada a seguir, na Figura 9, apresentada por Neli e Mello (2005), que representa as rotas das bandeiras e seus objetivos.

Figura 9 - Rotas das bandeiras e seus objetivos – séculos XVI a XIX.



Fonte: Neli e Mello (2005).

No site oficial do estado, encontram-se informações de que o primeiro português a chegar a Mato Grosso do Sul teria sido Aleixo Garcia, por volta de 1524. Consoante as informações do site, foram os irmãos Leme que, ao seguirem um caminho diferente para Forquilha, em 1719, fixaram-se na fazenda Camapuã e com isso fundaram o primeiro núcleo de Mato Grosso do Sul. A partir desse fato, outros povoados começam a nascer, no correr dos anos, e também fortificações militares, tais como: o Forte Coimbra em 1775; o Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque (atual Ladário), em 1778; o presídio de Miranda, em 1797.

As terras do então estado de Mato Grosso do Sul, até meados do século XIX, eram pouco conhecidas. Ferreira (1996) declara que o sul de Mato Grosso

(hoje conhecido como Mato Grosso do Sul) já era conhecido desde o início do século XVII por bandeirantes que fizeram parte do “ciclo da caça ao índio”.

De acordo com Corrêa (1999), após disputas pelas terras com espanhóis, no fim do século XVII e início do século XVIII, os bandeirantes paulistas navegaram pelas águas do rio Paraguai e, já nos fins do século XVIII, período em que o governo era representado por Luiz de Albuquerque, foi executado

O plano de ocupação efetiva para controlar a Bacia do Baixo-Paraguai, com as fundações na margem direita do rio forte de Coimbra e da Povoação de Albuquerque (Corumbá) e, ainda, a de Miranda, ao Sul da Capitania, e de Vila Maria (Cáceres), na Bacia do Alto-Paraguai. (CORRÊA, 1999, p. 121-122).

Corrêa (1999) afirma ainda que, no início do século XX, foram construídas e implantadas, além da ferrovia, estradas para complementar as malhas fluviais, interligando cidades, como Coxim, Aquidauana, Miranda, Campo Grande, Vacaria, Ponta Porã, Bela Vista e Porto Murtinho. Com tais iniciativas, ocorreu um elevado número de migrações externas e internas, gerando para o Sul de Mato Grosso mudanças nas relações de trabalho, entre outras consequências.

Além disso, foram implantadas fazendas criatórias nos pantanais e nos Campos de Vacaria, o que se somou ao desenvolvimento da extração de erva mate e formação de latifúndios, que geraram diversos conflitos pela posse da terra - de antigos proprietários com novos posseiros e remanescentes das antigas nações indígenas, assim como um enorme fluxo migratório de gaúchos, paulistas, mineiros, goianos, além da imigração de paraguaios que fugiam da falta de trabalho após a guerra da Tríplice Aliança (CORRÊA, 1999).

Outro fato de extrema importância refere-se às movimentações de embarcações no Porto de Corumbá, em 1900, ocasionando, conforme cronistas e viajantes da época, em torno de 10 a 12 mil habitantes, incluindo um número expressivo de imigrantes estrangeiros (CORRÊA, 1999). Entretanto, o novo pólo de desenvolvimento portuário de Campo Grande levou ao gradual declínio do até então pólo portuário-mercantil de Corumbá.

Em fins do século XIX, com a falta de mão-de-obra para as lavouras e também para substituir o trabalho escravo, o governo decidiu criar políticas públicas para dar suporte oficial, para impulsionar o movimento de imigração, mas dando ênfase aos colonos estrangeiros. Das políticas públicas, acreditamos que a mais

atraente foi a oferta de terras por preços muito baixos e propagandas ilusórias de abundância de recursos naturais, que suscitou uma elevada migração interna de gaúchos. Sobre o interesse de famílias do Rio Grande do Sul pelas terras do Sul do Mato Grosso, Corrêa (1999) salienta que:

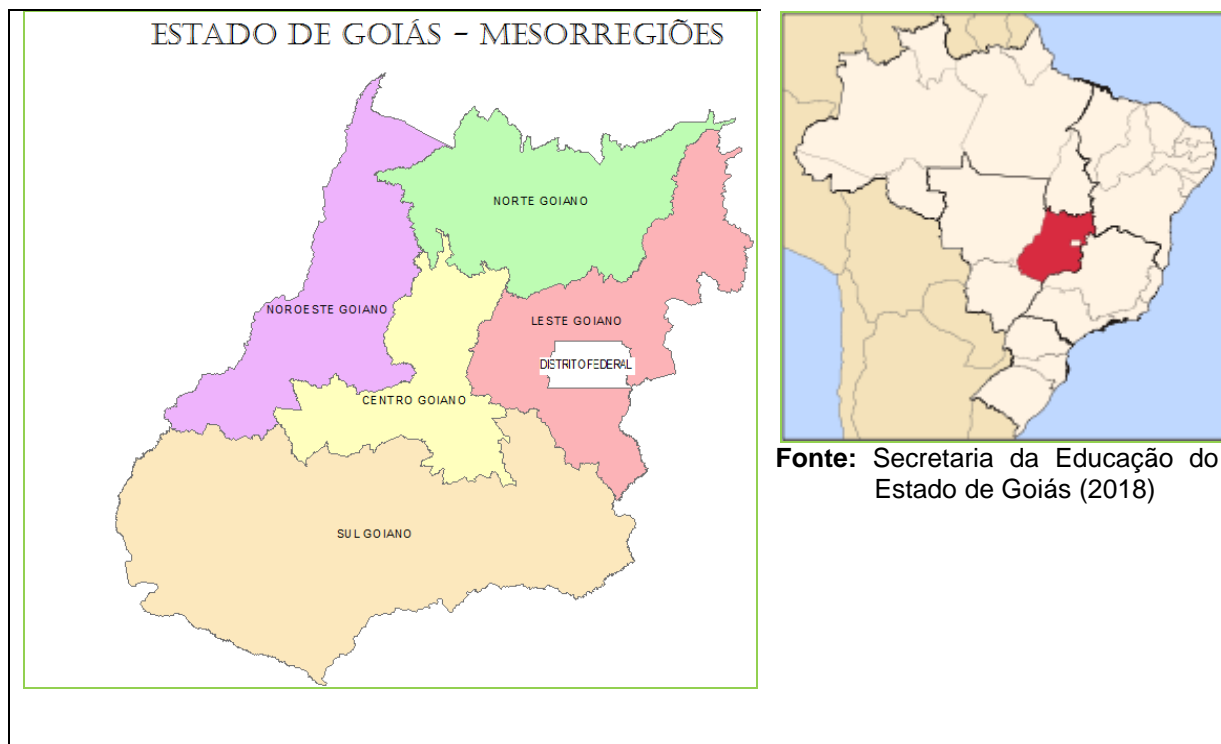
[...] A propagação das virtudes e vantagens da ocupação dessa fronteira exerceu, portanto, forte atração sobre os gaúchos, que se deslocaram através de um singular caminho traçado por suas caravanas rumo a Mato Grosso (CORRÊA, 1999, p. 203-204).

[...] O ano de 1894 registrava a chegada de inúmeras famílias do Rio Grande do Sul a Ponta Porã, solicitando permissão para residirem em terrenos desocupados. No ano de 1903, as autoridades de Ponta Porã já mencionavam de forma explícita as suas preocupações com a chegada de gaúchos na zona dos ervais, em razão dos conflitos, cada vez mais frequentes (CORRÊA, 1999, p. 204).

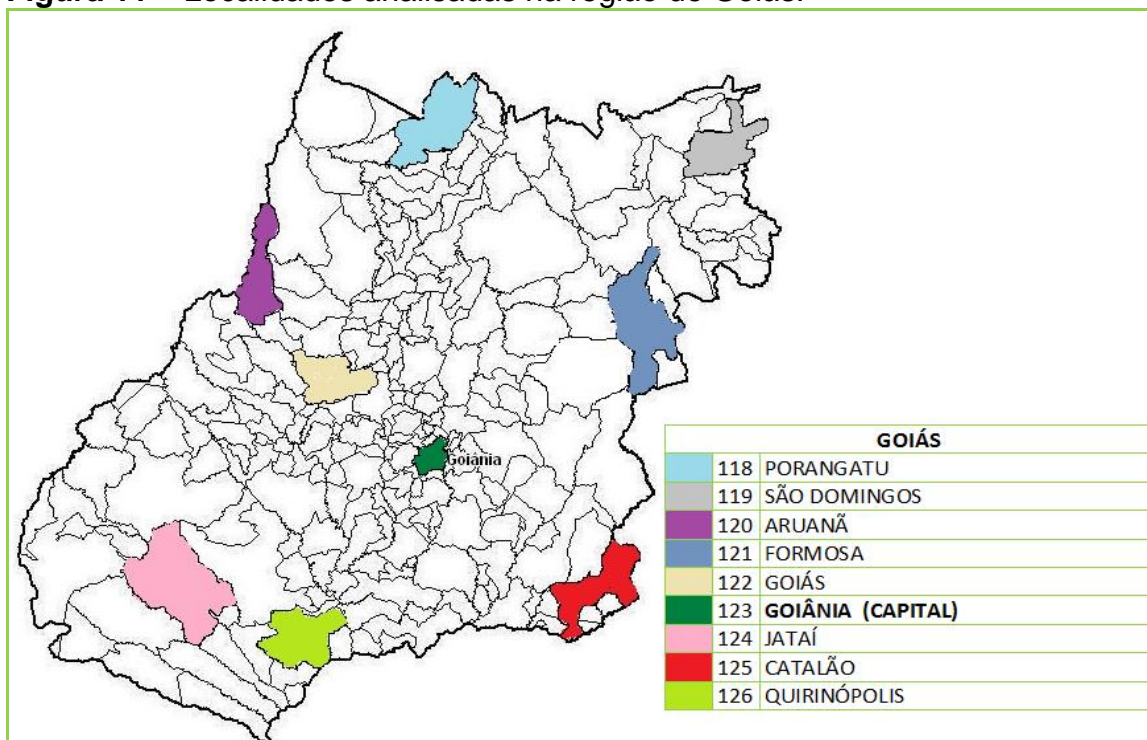
Esse mesmo autor, ao citar Wilcox (1992), destaca a presença de aproximadamente 2.700 paraguaios trabalhando nos ervais, no sul de Mato Grosso nessa época. Além do processo de luta pela posse de terras e domínio regional, essa região também “constituiu-se num espaço de trocas culturais, onde a influência platina, e em especial a paraguaia, deixou marcas profundas nas comunidades do Sul mato-grossense” (CORRÊA, 1999, p. 229-230). Sobre essa afirmação, Siqueira (1990) declara que somente após a Guerra do Paraguai os ervais brasileiros atraíram atenção, sendo, portanto, explorados ao sul do então estado de Mato Grosso (SIQUEIRA; COSTA; CARVALHO, 1990).

Siqueira, Costa e Carvalho (1999) declara que com a estrada de Ferro Noroeste do Brasil estendida até o então Sul de Mato Grosso, surgiram a partir desse percurso, migrantes vindos de outras regiões, originando com isso, muitas vilas em toda sua extensão, originando assim inúmeras cidades durante a construção da ferrovia.

1.4 ESTADO DE GOIÁS

Figura 10 - Mesorregiões e localização do estado de Goiás

Fonte: Mapa... (2018a)

Figura 11 – Localidades analisadas na região de Goiás.

Fonte: Banco de dados constituído para esta dissertação.

Conforme dados do IBGE (2010), o estado de Goiás atualmente conta com 6.003.788 habitantes, dos quais 72,43% são naturais deste estado federativo, ou seja, aproximadamente 27,57% possuem outra naturalidade. Esse grupo de não naturalizados é composto por mineiros (5,04%), oriundos do Distrito Federal (3,90%), baianos (3,63%), maranhenses (2,60%). O grupo composto de 12,4% pessoas é composto de originários de outros estados e estrangeiros que não especificaram o local de origem.

Segundo informações presentes no site oficial do estado de Goiás, foi durante os séculos XVI e XVII que o território goiano começou a receber expedições exploratórias vindas de São Paulo, por ocasião (i) das Bandeiras, que tinham por objetivo principal a captura de índios para mão de obra escrava na agricultura e nas minas, e (ii) das expedições do Pará, nas então chamadas “Descidas com vistas à catequese e ao aldeamento dos índios da região”, entretanto essas expedições não criaram vilas permanentes, o território teve sua ocupação propriamente dita com a descoberta de ouro nas regiões próximas, exemplo dessa ocupação são as cidades de Ouro Preto (1698) e de Cuiabá (1718). Com a crença renascentista de que quanto mais próximo ao equador mais abundante seria o ouro, a busca pelo minério passou ao “território dos Goyazes” (GOÍAS, 2015).

Ainda sobre as Bandeiras, elas ocorreram de maneira expressiva na região de Goiás, sendo que a primeira expedição a encontrar ouro, ainda que em pequena quantidade, ocorreu em 1682, comandada por Francisco Bueno e seu filho Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido por Anhanguera (“Diabo velho”), apelido proferido pelos índios quando Bartolomeu ameaçou pôr fogo nas fontes e rios da região para obter a localização do ouro que adornava algumas índias.

Após 40 anos, seu filho, também chamado de Bartolomeu Bueno da Silva, retornou aos locais por onde seu pai havia passado. Ao encontrar maior quantidade de ouro próximo ao rio Vermelho (1722), fixou-se na região, então chamada de Vila de Sant’Anna (1727), depois nomeada de Vila Boa de Goyaz.

Conforme o site oficial do estado (GOÍAS, 2015), as principais regiões ocupadas no período aurífero foram: (i) Centro-Sul (próximo ao caminho para São Paulo); (ii) o Alto Tocantins e norte da capitania, até próximo à cidade de Porto Nacional (hoje estado do Tocantins); (iii) grandes áreas como o Sul, o Sudoeste, o Vale do Araguaia e as terras ao norte de Porto Nacional (ocupadas mais

intensamente no século XIX e XX, com a ampliação da pecuária e da agricultura) (GOÍAS, 2015).

Goiás, durante o ciclo do ouro, teve um expressivo crescimento populacional, resultando em um território de índios, escravos e imigrantes da Região Sul e Sudeste do país. Mas, com a decadência das mineradoras, o estado passou por diversos problemas que resultaram em um empobrecimento de toda a região, situação também descrita por Sandes (2002, p. 19): “[...] e mesmo a elite política corroborava o estado de decadência em que Goiás se encontrava.”

Grande parte da pobreza da elite política do estado ocorreu com a mudança no perfil de Goiás por volta de 1823, visto que a cidade passou da mineração à pecuária extensiva, juntamente com o surgimento dos trabalhos assalariados e semi-assalariados. Além disso, cabe destacar a vinda de negros para o antigo norte de Goiás conforme Sandes (2002) menciona: “[...] apresenta a influência dos negros que foram trazidos da ‘Mãe-África pelos portugueses e instalados na Chapada dos Negros’, em 1736, no antigo norte de Goiás, dando ênfase à culinária afro-brasileira.” (SANDES, 2002, p. 178).

Durante o período colonial e imperial, conforme o site do estado, ocorreram inúmeras divisões que ocasionaram três perdas significativas. A primeira ocorreu com a separação da Capitania de São Paulo em 1744, com divisão efetiva em 1748, quando chegou Dom Marcos de Noronha, governador nomeado de Vila Boa de Goyaz. Essa separação foi efetivada para controlar melhor a produção de ouro, responder mais rapidamente aos ataques de índios da região e controlar revoltas entre os mineradores.

A segunda divisão foi a do chamado “Triângulo Mineiro”, parte da capitania de Goiás entre 1744 e 1816. Ocorreu por questão de ampliação de territórios e ocasionou, em 1861, acaloradas discussões entre parlamentares de Minas gerais na Assembleia Geral.

Já a terceira ocorreu em 1753, quando foram iniciadas as discussões referentes à definição de divisas do estado e à administração da Capitania de Mato Grosso e Goiás, sendo esta estabelecida a partir do Rio das Mortes até o Rio Pardo. Todavia, em 1838, Mato Grosso contestou essa divisa, dando origem à Vila de Sant’Anna do Paranaíba, situação que somente em 1864 foi regularizada. Ainda sobre essa questão de demarcação territorial, a criação do município de Araguaia, em 1913, pelo estado de Mato Grosso, deu início a novos conflitos. Somente em

2001 uma nova demarcação foi instaurada, ficando o Rio Araguaia como ponto de partida das linhas demarcatórias entre os dois estados.

Com a revolução de 1930, em Goiás, foi iniciada a construção de Goiânia. Sua transferência definitiva foi feita em 23 de março de 1937 por meio do decreto n.º 1.816. Goiás passa a se desenvolver rapidamente, então, contando também com o auxílio de políticas públicas, como a campanha nacional de “Marcha para o Oeste”. Além disso, a construção de Brasília também impulsionou esse crescimento, multiplicando a população do estado e estimulando forte imigração, oriunda de estados como: Maranhão, Bahia e Minas Gerais. Segundo os dados fornecidos pelo site oficial, em 5 de julho de 1942, Goiânia já contava com mais de 15 mil habitantes. Referente à “Marcha para Oeste”. Barreira (2002) assevera que

[...] atingiram primeiro o sudeste de Goiás, com a implantação da ferrovia. Estenderam-se depois para o sudeste (uma região de pastagens naturais transformadas em área de produção pecuária extensiva), resultando na expulsão dos indígenas. Esse processo ampliou-se para o centro (Mato Grosso Goiano) com a construção de Goiânia, a chegada dos trilhos a Anápolis e a implementação das políticas da “Marcha para o Oeste” (BARREIRA, 2002, p. 161).

Nos últimos 30 anos, Goiás sofreu inúmeras transformações políticas, econômicas e sociais. A respeito disso, Sandes (2002) afirma que:

A visita de Vargas a Goiânia foi um marco da chamada Marcha para o Oeste. A cidade foi batizada na presença de intelectuais e artistas que participaram dos eventos e festejos que marcaram a data. A nova capital representou uma frente de atração para os projetos de ocupação do Centro-Oeste: das colônias agrícolas à construção de Brasília formou-se um novo espaço que reuniu as condições para romper com a obscuridade que marcou o espaço regional desde o século passado. (SANDES, 2002, p. 25).

1.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir do traçado sócio-histórico feito neste capítulo, podemos concluir que os movimentos de ocupação e povoamento desse território deixaram marcas na economia e, principalmente, na cultura tanto de Mato Grosso como de Mato Grosso do Sul e Goiás. O grande fluxo de migração/imigração sofrida pela região Centro-Oeste justifica a heterogeneidade linguística e cultural presente atualmente neste riquíssimo território. Após termos conhecido as regiões analisadas nesta

dissertação, apresentamos, no Capítulo II, nosso objeto de estudo, ou seja, os Róticos presentes no português brasileiro (PB).

CAPÍTULO 2

OS RÓTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO – O ESTADO DA ARTE

2.1 DESCRIÇÃO DOS RÓTICOS

Os róticos, no PB e nas demais línguas do mundo, têm, segundo Hora (2006, p. 93), “um comportamento extremamente variável, apresentando uma multiplicidade de variantes”. Essa variabilidade fonética é um dos principais fatores que contribuem para a complexidade fonológica do rótico, pois “cerca de 75% das línguas no mundo possuem algum tipo de ‘r’, sendo que 18% apresentam contrastes com dois ou mais desses segmentos” (OLIVEIRA, 2006, p. 27).

No PB, por exemplo, muitos estudiosos têm investigado as características do /r/ em contexto intervocálico, em ataque e coda silábica. Câmara Junior (1978) destaca a diferença entre ‘r-forte’ (carro) e ‘r-fraco’ (caro), frequentemente utilizada para retratar o contraste fonológico existente em contexto intervocálico e, também, para designar as diversas realizações fonéticas dos róticos nas demais posições em que ocorre a neutralização dessa oposição.

O referido autor afirma que os róticos apresentam diferenças articulatórias, dependendo da posição que ocupam na palavra, seja ela pré-vocálica, intervocálica ou pós-vocálica. Com base nas explicações realizadas por ele, mostramos, a seguir, o Quadro 1, com os conceitos básicos relacionados às posições possíveis de r-forte versus r-fraco.

Quadro 1 - Ocorrência do r-fraco *versus* r-forte conforme o contexto inserido no PB

Posição	Ocorrência	Exemplos
Início de palavra	ocorre apenas /r/ forte	rato, roupa
Início de sílaba não-intervocálica	apenas /r/ forte	enrascada, Israel
Final de sílaba	variação não-contrastiva entre /r/ forte e /r/ fraco	mar, no dialeto carioca e no dialeto gaúcho.
Início de sílaba, quando em posição intervocálica	oposição entre /r/ forte e /r/ fraco	erra e era; carro e caro
Segunda posição em grupos	apenas /r/ fraco	trato, fraco

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos conceitos apresentados por Câmara Junior (1978, p. 79).

Conforme o Quadro 1, podemos verificar que o r-forte não ocorre apenas em contexto de segunda posição em grupos, enquanto o r-fraco não ocorre em início de palavra e em início de sílaba não intervocálica.

Bisol (2010) afirma que, apesar das modalidades articulatórias do /r/ serem dependentes do dialeto e do contexto linguístico, em algumas posições, a ocorrência é bem definida, como, por exemplo, na posição pré-vocálica, em que há ocorrência da vibrante forte, e isso independe da realização fonética, como se pode notar nos exemplos *rato* e *honra*. A referida autora, assim como Monaretto (1997) e Callou, Leite e Moraes (1996), declara que o contexto em que ocorre maior variação é a posição de coda (medial e final). Sobre o mesmo assunto, Brescancini e Monaretto (2008, p. 52) acrescentam que o “contexto lingüístico interfere na modalidade articulatória: na posição pré-vocálica (*rato*, *honra*) predomina a fricativa velar; em grupo consonantal (*prato*) aparece comumente o tepe e, em posição pós-vocálica, ocorre tanto um como outro, assim como as formas retroflexas, aspiradas e o apagamento”.

A seguir, no Quadro 2, apresentamos a caracterização dos róticos conforme ponto e modo articulatórios.

Quadro 2 - Definição dos Róticos do PB.

Vibrante	Para Bisol (2010, p. 211), “o som vibrante ocorre por pequenas oclusões produzidas pela língua ou pela tremulação da úvula através da ação da corrente de ar. Os movimentos vibráteis são feitos pela ponta ou pelo dorso da língua, que bate repetidamente contra a arcada dentária superior, contra os alvéolos ou ainda contra o véu palatino”.
Aproximante	Seara (2011, p. 55) salienta que a aproximante é “articulada com uma constrição que é maior do que a requerida para uma vogal, mas não radical o suficiente para produzir turbulência da corrente de ar. São produzidas com a cavidade nasal bloqueada pelo véu do palato, impedindo a passagem de ar pelas narinas”.
Tepe	Classificado entre as consoantes líquidas e róticas. Para Cristóforo-Silva (2012, p. 34), o tepe ocorre quando “o articulador ativo toca rapidamente o articulador passivo, ocorrendo uma rápida obstrução da passagem da corrente de ar através da boca”.
Retroflexo ⁷	Segundo Cristóforo-Silva (2012), o retroflexo apresenta o palato duro como articulador passivo e a ponta da língua como articulador ativo. A produção dessa variante geralmente se dá com o levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção do palato duro.

⁷ A primeira menção à variante retroflexa, como “r caipira”, foi feita por Amadeu Amaral (1972), em sua obra “O Dialeto Caipira”, referindo-se ao /r/ falado no interior do estado de São Paulo.

Fricativas	Crystal (2000, p. 123) declara que as fricativas são realizadas “quando dois órgãos se aproximam tanto que o ar que passa entre eles produz uma fricção audível”, podendo esses sons serem surdos ou sonoros. Dessa forma, os róticos fricativos também são produzidos por um estreitamento do canal fonador.
Retroflexo Fricativizado ⁸	Não encontramos, na literatura, a descrição do retroflexo fricativizado. Conforme nossa análise de oitiva, ele se inicia como uma aproximante retroflexa e é finalizado com uma nítida fricativização. Pensamos, <i>a priori</i> , que poderia se tratar da variante espirantizada descrita por Reinecke (2006) como um som que ocorre “na passagem das zonas articulatórias anteriores para as posteriores, chegamos, após a vibrante alveolar espirantizada, à zona velar” (REINECKE, 2006, p.159).
Tepe Fricativizado	Como ocorreu com a variante retroflexa fricativizada, também não encontramos, na literatura, a descrição do tepe fricativizado. Acreditamos se tratar da mesma variante classificada por Reinecke (2006) como tepe alveolar espirantizado: “temos uma aspiração ou fricção adicional. Essa variante compartilha com o tepe descrito acima o estouro. Porém, a energia antes do estouro, no tepe espirantizado, não diminui tanto quanto no tepe alveolar sem espirantização, e tampouco apresenta sua energia tão concentrada no momento do desbloqueio. A impressão auditiva é de que o desbloqueamento, ou a batida do tepe e a fricção aconteçam simultaneamente [...]” (REINECKE, 2006, p.38).

Fonte: Elaborado pela autora com base em: Crystal (2000); Cristófar-Silva (2012); Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011); Bisol (2010); Borba (2008), entre outros.

Como pudemos observar no Quadro 2, os róticos são produzidos por diversas movimentações dos articuladores ativos e passivos e podem se apresentar de diferentes formas, dependendo do contexto em que estão inseridos e da posição em que se apresentam nas variedades do PB. Essas denominações variam conforme a tensão, a quantidade de vibrações ou sua distribuição na sílaba, dependendo da forma escolhida por cada estudioso, todavia as distinções, em sua grande maioria, referem-se aos termos fisiológicos (articulatórios).

Cristófar-Silva (2012) declara que ouvimos os sons do /r/ da mesma forma, sendo possível a representação do /r/ fricativo final com símbolos de vozeado e desvozeado a partir da observação do vozeamento da consoante que o segue. Ou seja, a não percepção auditiva do /r/ em final de sílaba é característico da distribuição consonantal do português. Além disso, conforme ressalta Callou, Leite e Moraes (1996), a perda do vozeamento pode ser uma das características da

⁸ Ao buscarmos uma nomenclatura para o som da variante retroflexa fricativizada, não encontramos muitos estudos sobre o assunto, então optamos por classificá-la conforme oitivamente a percebemos. Como também não encontramos um símbolo fonético para representá-la, optamos por utilizar o mesmo símbolo da variante com o acréscimo do diacrítico [ʁ̥], que, conforme o IPA (Alfabeto Fonético Internacional), representa “aspiração”. Sendo assim, a variante retroflexa fricativizada será por nós representada com o símbolo fonético [ʁ̥], assim como a variante tepe fricativizada, que também se fez presente em nosso estudo, será representada pelo símbolo fonético [ʁ̥̥].

posteriorização e do apagamento de algumas variantes em coda silábica em determinadas regiões.

Esse fenômeno, conforme destaca Skeete (1996, p. 80), já apresentava predições desde o latim, visto que algumas palavras, ao passarem do latim para o português, apresentaram a supressão do /r/, por exemplo: *persona* > *pessoa*. Tal afirmação encontra respaldo, de acordo com o autor, em Votre (1978), que assegura a existência de poucas palavras terminadas em r no latim, somente na 2ª e 3ª declinações, mas assevera que, no século XVI, no português arcaico, houve uma forte tendência ao apagamento do /r/ em posição final, principalmente em verbos no infinitivo, na fala de negros nas peças de Gil Vicente, em casos como *trazee*>*trazer*, *queree*>*querer* e *podê*>*poder*, evidenciando assim esse fenômeno no período que antecede o português.

Tanto o apagamento do /r/ em coda silábica, quanto as variantes velar, glotal, retroflexa, tepe e vibrante múltipla dependem de alguns contextos linguísticos e extralinguísticos para se realizarem, conforme vemos nos estudos sobre os róticos no PB apresentados a seguir.

2.2 ALGUNS ESTUDOS SOBRE O /R/ NO PB

No Brasil, estudos sobre os róticos apresentam data a partir da primeira metade do século XX e podem ser divididos em dois momentos: (i) os que não seguem uma orientação dialetológica, nos quais se enquadram: Amaral (1972), Bueno (1944), Jucá Filho (1939), Marroquim (1934), Nascentes (1953), entre outros, e (ii) os que seguem uma orientação sociolinguística variacionista (análise de dados de forma sistemática), nos quais se destacam estudiosos como: Aguilera e Kailer (2012), Almeida e Kailer (2013b), Brandão (1995, 1997, 2007, 2008), Cagliari (1981), Callou (1987), Callou, Leite e Moraes (1996), Carvalho (2009), Lima (2013), Marquardt (1977), Monaretto (1992, 1997, 2000, 2002, 2009), Monguilhot e Coelho (2002), Monguilhot (1998), Oliveira (1983), Oliveira (2001), Skeete (1996), Votre (1978) entre outros.

A seguir, apresentamos, brevemente, alguns estudos de cunho dialetológico e geolinguístico e, em seguida, alguns trabalhos de cunho sociolinguístico variacionista.

2.3 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E GEOLINGUÍSTICOS DO /R/ NO PB

Um dos mais representativos dialetólogos que temos conhecimento a abordar o /r/ no PB foi Amadeu Amaral (1972) em sua obra “O dialeto caipira”, um marco nos estudos dialetais brasileiros por utilizar métodos e técnicas bastante adiantados para a época. Amaral (1972) refere-se à variante retroflexa como sendo o “r caipira”, segundo o autor, predominante na fala de pessoas com pouco prestígio socioeconômico, com pouca escolaridade e do interior, motivo este que o levou a deduzir que tal variante teria vida efêmera.

Ele também descreve o /r/ na seção destinada aos fonemas e suas alterações normais, afirmando que a pronúncia do r *inter* e *pós-vocálico* (arara, carta) possuía um valor peculiar, sendo línguo-palatal e guturalizado. Amaral também observa a queda do /r/ em final de palavras, como em *andar~ andá*, *esquecer~ esquecê* e *subir~ subi*. Tais declarações nos instigaram a buscar informações referentes à vitalidade da variante retroflexa na Região Centro-Oeste.

Em 1922, Antenor Nascentes publica a obra “O linguajar carioca”, que também trouxe grande contribuição para os estudos dialetais, por estudar aspectos da fonética, morfologia, sintaxe e léxico do dialeto carioca. Ele também propôs a divisão dialetal dos falares brasileiros, baseando-se em dois aspectos da variação fonética do PB. O primeiro se refere à pronúncia das vogais médias pretônicas [ɪ̃] e [õ], o segundo se refere ao traço prosódico que ele chamou de “cadência” da fala. Com base nesses dois aspectos, propõe a divisão dialetal do PB em seis subfalares, reunidos em dois grandes grupos denominados de Norte e Sul. O primeiro foi dividido em dois subfalares (amazônico e nordestino) e o segundo em quatro subfalares (baiano, mineiro, fluminense e sulista), além de apresentar, nesse conjunto de subfalares, uma área considerada pelo autor como Território Incaracterístico, que ainda era praticamente despovoado.

Segundo Nascentes, os subfalares do Norte eram caracterizados pela pronúncia aberta das vogais médias pretônicas e pela “cadência cantada”, enquanto os do Sul pela pronúncia fechada e a “cadência descantada”. O Mapa a seguir (Figura 12) representa a divisão dialetal segundo Nascentes (1953).

Figura 12 – Divisão dialetal do Brasil - Nascentes (1953)



Fonte: Alib (2018).

Nascentes (1953) também faz menção às consoantes simples “o - r final é pronunciado levemente pela classe culta. Os pedantes exageram. Na classe inculta cai como acontece em próclise diante de consoante, no Centro e no Sul de Portugal: mar-má; lavar- lavá” (NASCENTES, 1953, p. 51). Diante da divisão dialetal proposta pelo autor em 1953 e sua referência ao /r/, nos questionamos: essa divisão proposta por critérios prosódicos e fonéticos se confirma em nosso estudo? Em qual estágio se encontra o apagamento do /r/ na Região em estudo? Quais localidades estão situadas na chamada área incaracterística? Quais variantes do /r/ estão presentes nessas localidades?.

Outro marco nos estudos dialetológicos é a obra “A língua do Nordeste”, de Marroquim (1934), na qual ele, além de definir dialeto, faz uma abordagem mais profunda dos aspectos fonéticos-fonológicos, léxicais e sintáticos do falar de Alagoas e Pernambuco. Conforme salienta Carvalho (2009, p. 25) em relação aos róticos, Marroquim declara que a articulação interna e inicial do /r/ ocorria como um leve *trill* atrás da boca e era articulado com notável aspiração, podendo ser esse som ou o [R] uvular ou o [x] velar. Acrescenta ainda que essa pronúncia era comum entre pessoas escolarizadas e analfabetas, chamando também atenção para a articulação do *trill* alveolar que, segundo ele, seria visto como pedantismo. Na seção

destinada ao consonantismo, o estudioso trata das consoantes finais com destaque para o apagamento do /r/ e do //, como podemos observar em:

Na língua do povo todas as palavras terminam em vogal. Apenas o s subsiste excepcionalmente no artigo, nos numerais e demonstrativos [...]. O r e o l caem invariavelmente: lugá, corrê, andá, alugé, animá, papé, currá. Nas classes cultas, no falar descuidado e cotidiano, cai o r final quando à palavra, em meio da frase se segue outra que comece por consoante: “vou pedi licença ao professô pra sair”. De qualquer forma, mesmo nas cidades, a pronúncia vulgar faz soar levemente o r final, e não será exagero afirmar que a inclinação é para eliminá-lo no falar corrente. Só a escola e a instrução corrigem essa tendência (MARROQUIM, 1934, p. 61).

Carvalho (2009) salienta que Jucá Filho (1939, p. 22) enfatizava ser o fonema /rr/ “freqüentemente articulado como R *grasseyé*, uvular, dos franceses, ouve-se também em lugar do r simples, quando final”. O mencionado autor afirma que este fonema é “insonoro”, aproximando-se e até mesmo confundindo-se com o /h/ aspirado do inglês ou do alemão, assim como o /j/ castelhano ou /ch/ alemão. De acordo com Jucá Filho, o velar e o aspirado ou glotal eram realizações fonéticas possíveis com /r/ em final de palavra, assim como o tepe e o uvular.

Corroborando a afirmativa anterior, Carvalho (2009) declara que Bueno (1944) também notou, no Norte do Brasil assim como na cidade do Rio de Janeiro, o fonema [r] também articulado como em francês, o R *grasseyé*, uvular. Acrescenta ainda que, nos estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco e na cidade do Rio de Janeiro, Bueno (1944) verificou resultados que indicavam um “nível intelectual inferior” para pessoas quando elas apresentavam o r gutural, que estava se transformando em aspiração, possível de se observar no [h] em espanhol.

Frente a essas alegações, estimulamo-nos em verificar se tal processo de enfraquecimento está presente na fala dos habitantes da Região Centro-Oeste. Pretendemos responder esses e outros questionamentos após a análise dos dados que se empreende neste estudo.

2.4 ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS VARIACIONISTAS DO /R/

Devido ao grande número de estudos referentes ao /r/, nos detemos naqueles aos quais creditamos maior relevância para o nosso estudo. Um dos primeiros estudos variacionistas realizados no PB sobre o fonema [r] foi o de Votre

(1978), que examinou casos de apagamento da vibrante no final de palavra. Para tanto, o autor analisou dados de informantes universitários e analfabetos da cidade do Rio de Janeiro. De modo geral, verificou que os universitários apresentaram uma proporção baixa de preservação da vibrante, entretanto notou que os analfabetos preservaram ainda menos. Segundo o autor, a supressão desse fonema estaria ocorrendo mais no momento em que realizou o estudo do que no passado, uma vez que, para ele, a tendência da vibrante à queda era posterior ao século XVI, tendo iniciado com a classe dos verbos até afetar outras classes lexicais.

Callou (1987) estudou o /r/ em 4 contextos (início de palavra, intervocálico, final de sílaba e final de palavra), no falar de 55 informantes cariocas. Observou, em posição final de vocábulo, variantes que não estavam presentes nos demais contextos, como apagamento e a vibrante simples alveolar (ao encontrar vocábulos que se iniciavam com vogal na sílaba seguinte). Outro fator relevante, observado pela estudiosa, foi o uso da fricativa velar surda, que ganhou relevância nos outros contextos da pesquisa, demonstrando a ocorrência da posteriorização em falantes cariocas.

Brandão (1995), ao estudar as comunidades do Norte e do Noroeste do estado do Rio de Janeiro, observou que as variantes mais relevantes foram a posição na sílaba e a área geográfica. Ao analisar 1845 ocorrências do /r/ em contexto de coda silábica interna, a autora constatou que 5% correspondiam ao tepe, 21% à vibrante alveolar, 13% à aproximante retroflexa, 44% à fricativa velar, 8% à aspirada e 10% ao apagamento.

Skeete (1996), estudando os róticos em João Pessoa, na Paraíba, analisou, em posição de coda silábica interna, 9.859 ocorrências, desse universo de 7225 realizações foram de fricativas (velar e glotal), 2.174 de zero fonético (apagamento), 360 de retroflexas, 67 de vibrantes e 33 de vocalizações. Segundo o estudioso, os casos de posteriorização da vibrante múltipla anterior oscilam entre velar [x] e glotal [h] aspirada. O referido autor declara que a variante fricativa glotal (aspirada) predomina em todos os grupos, principalmente, no falar dos mais jovens, e que as realizações da vibrante simples, retroflexa e a vocalização estavam associadas aos falares do homem do campo, de idade mais avançada e com pouca ou nenhuma escolaridade, sendo, dessa forma, consideradas pelo estudioso como conservadoras e estigmatizadas, com tendência ao desaparecimento.

Callou, Leite e Moraes (1996) estudaram a realização das consoantes pós-vocálicas no PB em 5 capitais (Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Porto Alegre e São Paulo). Consideraram para análise o tipo do /r/, a posição no vocábulo, a tonicidade da sílaba em que se encontra o segmento, a tonicidade do vocábulo na cadeia fônica, a dimensão do vocábulo, a vogal antecedente, o ponto e o modo de articulação do segmento subsequente, a classe gramatical, a faixa etária, a região e o gênero. Das 4334 ocorrências do /r/, sem levar em consideração o contexto, os autores identificaram sete realizações fonéticas desse fonema nas capitais, sendo: vibrante apical simples (32%), zero fonético (26%), fricativa velar (21%), fricativa laríngea (18%), vibrante múltipla (1%), aproximante retroflexa (1%) e a vibrante uvular (1%). As variantes mais recorrentes, em cada uma das capitais, foram: vibrantes apicais (em Porto Alegre e São Paulo); fricativa velar (no Rio de Janeiro e em Salvador) e fricativa laríngea (no Recife).

Em outro trabalho, Callou, Leite e Moraes (1998) analisaram somente o processo do apagamento do /r/ em coda silábica final no dialeto carioca, com a intenção de verificar se esse fenômeno se caracteriza como uma variação estável ou uma mudança em curso. Para isso, utilizaram dados de dois períodos distintos: década de 1970 e década de 1990. Os autores notaram a existência de uma instabilidade no processo de variação em ambos os períodos e na fala dos homens, existindo, aparentemente, uma mudança encaminhada. Em tempo real, os mesmos informantes apresentaram um comportamento em relação ao uso da vibrante /r/ individualmente estável (exceto para informantes da terceira faixa etária). Sobre o processo de apagamento, os estudiosos observaram que as mulheres, ao contrário dos homens, continuam a realizar o apagamento do /r/, visto que, para os homens, esse fenômeno atingiu seu ápice e há sinal de queda desse processo.

Monguilhott (1998) verificou o uso das variantes do /r/ que predominavam entre os falares das diferentes etnias de 4 cidades de Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó) em final de sílaba. A autora controlou para a análise os fatores linguísticos e extralinguísticos em 720 ocorrências dos dados presentes no Banco de dados VARSUL. De acordo com a autora, os falantes de Florianópolis tendem a usar mais a fricativa (93%) que os falantes de Blumenau (22%), Lages (1%) e Chapecó (1%). A variante tepe é privilegiada em Lages (86%), Blumenau (71%), Chapecó (70%) e ocorre timidamente em Florianópolis (7%). A variante

retroflexa foi a mais utilizada na fala dos informantes de Chapecó (29%), Lages (13%), Blumenau (8%), não ocorrendo em Florianópolis.

Monaretto (2000) pesquisou o apagamento da vibrante pós-vocálica na amostra de 36 informantes das três capitais do Sul do Brasil - Florianópolis (SC), Porto Alegre (RS) e Curitiba (PR) -, sendo 12 informantes por capital. A autora destaca que os fatores estatisticamente selecionados foram: a classe dos verbos (fatores correlacionados: valor morfêmico e final de palavra), a faixa etária mais jovem, a escolaridade mais baixa e a cidade de Florianópolis, com peso relativo de (0.72), Porto Alegre com (0.48) e Curitiba com (0.41). A autora destaca que, em Florianópolis, o processo de enfraquecimento da vibrante se encontra em estágio avançado, pois os informantes desta região privilegiam a articulação posterior do /r/. Oliveira (2001) analisou o comportamento do /r/ em posição final de palavra, na cidade de Itaítuba, no estado do Pará. Ela observa que, em final absoluto de palavra, o zero fonético é predominante (82%), seguido da variante glotal (14%) e do retroflexo (4%). Como conclusão, Oliveira (2001) assevera que: i) o apagamento é um fenômeno muito abrangente; ii) O /r/ em final de vocábulo vem sendo representado por variantes fricativas e posteriores; iii) os verbos favorecem o cancelamento com peso relativo de 0.56.

Em outro estudo, Monaretto (2002) explorou dados da vibrante no Sul do país e observa que a vibrante, no que diz respeito à sua realização em posição pós vocálica, vem apresentando um processo de mudança, pois a variante tepe, característica da Região Sul, vem sendo substituída pelo processo de apagamento da vibrante, processo este que já vem ocorrendo em outras regiões do país.

Gregis (2002), assim como Monaretto (2002), utilizou dados do projeto VARSUL, para examinar as realizações do fonema [r] em posição pós-vocálica e os contextos que favoreceriam o apagamento do /r/ ou sua manutenção no falar de 24 informantes de Porto Alegre. A referida autora observou grande incidência de apagamento do /r/ em posição final em algumas classes gramaticais, em específico, nos verbos. Nos seus resultados, sobre o interior de vocábulo, a variante tepe apresentou-se predominante (85%), seguida da fricativa velar (2,3%) e da variante retroflexa (1,1%). Com isso, a autora concluiu que os casos de apagamento do /r/ em interior de vocábulo são pouco expressivos, apresentando somente 10,6% dos casos.

Monaretto e Hora (2003), ao analisarem o enfraquecimento e o processo de apagamento dos róticos em João Pessoa (PB), utilizando dados do VALPB2, atestam uma maior taxa de queda em posição final, processo este que vem sendo notado nas mais diversas regiões do Brasil, tanto em verbos como em não verbos. Vale ressaltar que os estudiosos observaram um condicionamento fonético para o apagamento em coda silábica interna ocasionado pela variante fricativa como em (cato[Ø]ze), ou seja, para estes autores, a presença da variante fricativa inibe a manutenção do /r/ e favorece o seu apagamento em coda silábica interna, assim como a escolaridade é um fator favorecedor na manutenção do rótico em posição de coda.

Brandão (2008), em seu estudo “Variação em coda silábica na fala popular fluminense”, descreveu a variação de /S/, /r/ e /L/ em coda silábica, utilizando como base de análises a variedade popular de treze comunidades da região Norte e Noroeste do estado do Rio de Janeiro. O *corpus* da pesquisa constitui-se de 78 inquiridos, com informantes analfabetos ou com até a quarta série do Ensino Fundamental, em três faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos e de 56 anos em diante). Ela observou que as variantes predominantes nessas regiões eram as menos anteriores (fricativa velar e glotal), mas declara que, no falar dos mais velhos e de comunidades rurais, apresentam-se mais produtivas as variantes mais anteriores (tepe, vibrante alveolar, aproximante retroflexa). A autora concluiu que “as normas de pronúncia de grande parte do estado do Rio de Janeiro não se identificam integralmente com as observadas na capital e seu entorno, pelo menos no que diz respeito ao R e S em coda silábica.” (BRANDÃO, 2008, p. 187).

Silveira (2010) analisou a presença das diferentes variantes do /r/ em posição de coda nas cidades de Pato Branco (PR), Londrina (PR), Lages (SC) e Blumenau (SC). Seu *corpus* foi composto por dados de 48 informantes extraídos do projeto VARSUL. A autora verificou que, no Paraná, houve maior ocorrência do /r/ retroflexo (23% em Pato Branco e 40% em Londrina) e, em Santa Catarina, o percentual foi menor (6% em Lages e 5% em Blumenau). Referente ao apagamento, a autora declarou ser de elevada ocorrência nas 4 localidades (32% em Pato Branco, 33% em Londrina, 28% em Lages e 27% em Blumenau).

Leite (2010) observou o processo de variação linguística do /r/ em posição de coda medial e final e as atitudes linguísticas presentes no falar da cidade de Campinas, São Paulo. O *corpus* selecionado pela autora foi composto de 12

informantes naturais da mencionada cidade. Ela concluiu que o percentual referente às variantes do /r/ encontradas foi de 90,6% de /r/ retroflexo, de 9,0% de vogal rotacizada e de 0,4% do /r/ vocalizado, deixando evidente a predominância da variante retroflexa.

Aguilera e Kailer (2012), ao investigar os róticos, em quatro localidades mineiras (Unai, Patos de Minas, Campina Verde e Poços de Caldas), notaram que o contexto de coda final, o discurso espontâneo e os verbos são favoráveis ao apagamento do /r/ independente do sexo e da região do informante. Já os contextos de coda interna e de discurso cuidado/monitorado são desfavoráveis.

Em relação às variantes existentes nessas cidades, as autoras relatam que, em Unai, a variante predominante é a glotal, seguida da variante tepe e por último a retroflexa; em Campina Verde, predomina a variante retroflexa, seguida da glotal; em Patos de Minas, a variante mais produtiva é a glotal, seguida de forma “tímida” pela retroflexa e, em Poços de Caldas, houve maior incidência da variante retroflexa e de forma menos frequente da variante glotal. As autoras ainda declaram que, na fala das mulheres, há o predomínio da variante glotal e, na fala dos homens, a variante que predomina é a retroflexa.

Lima (2013), estudando duas cidades de Goiás (Goiânia e Goiatuba) e uma de Minas Gerais (Uberlândia), analisou as realizações róticas em posição de coda medial e final. Obteve resultados que apontaram o predomínio da aproximante retroflexa, com um percentual de 62,22% em Goiânia (GO), 73,3% em Goiatuba (GO) e 74,42% em Uberlândia (MG), totalizando 70% de uso, em média, de róticas retroflexas.

Kailer e Almeida (2013), em “O falar paranaense: um estudo sobre os róticos em coda silábica”, observaram as variantes dos róticos em 4 cidades do interior do Paraná (Adrianópolis, Toledo, Londrina e Guarapuava) e perceberam que a presença do retroflexo predomina em Londrina (0.828), em Adrianópolis (0.833) e em Guarapuava (0.557), sendo praticamente inibida (0.054) na cidade de Toledo onde prevalece a variante tepe. Segundo as autoras, o apagamento, assim como em outros estudos (AGUILERA; KAILER, 2012; CALLOU; MORAES; LEITE, 1996; OLIVEIRA, 2001; MONARETTO, 2002), é governado principalmente pela classe morfológica dos verbos (infinitivo ou futuro do subjuntivo), coda silábica externa e discurso espontâneo.

Nascimento (2014) investigou o fonema [r] em posição de travamento de sílaba, em meio de palavra e final absoluto, em três municípios do Rio de Janeiro (Petrópolis, Itaperuna e Paraty). O *corpus* analisado foi composto de 18 informantes, nascidos nessas localidades, divididos igualmente em: i) ambos os sexos; ii) três faixas etárias (18 a 35, 36 a 55 anos e 55 anos em diante); iii) apenas em um nível de escolaridade (com até o oitavo ano do Ensino Fundamental).

A autora verificou que 81% dos apagamentos ocorreram em coda externa, favorecidos pela localidade e classe gramatical, com maior tendência ao apagamento em verbos no infinitivo. Ela obteve, nas rodadas gerais, que incluíam o questionário fonético-fonológico (QFF) e o discurso semidirigido, 92% de ocorrências contra apenas 6% de apagamento em róticos em posição interna. Nascimento (2014) concluiu que o processo de variação e mudança dos róticos continua a se expandir no território estudado, apresentando altos percentuais de glotalização e de apagamento.

Em seu estudo sobre “O /r/ em posição de coda silábica na cidade de Uberlândia”, Silva G. (2016) investigou a realização do /r/ no fim de sílaba (coda), na cidade de Uberlândia (MG). Seu *corpus* foi constituído por 5139 ocorrências da variante [r], os informantes foram estratificados por: sexo, faixa etária, escolaridade, nascidos na localidade ou terem vindo para a cidade com no máximo 5 anos de idade. O autor obteve 2528 realizações da variante retroflexa, 2480 de apagamentos e 132 ocorrências de outros segmentos.

Em relação ao apagamento do /r/, o autor verificou sua presença, principalmente em coda final (78,2%) e em coda medial (4,3%). Quanto aos contextos que influenciam no uso de uma ou de outra variante, foram observados os seguintes resultados: **(i)** em relação à variante retroflexa, os contextos favoráveis foram as variáveis extralinguísticas sexo masculino (0,625) e faixa etária de 26 a 49 anos (0,624) e as variáveis linguísticas: no contexto seguinte, segmentos coronais (0,624); no contexto precedente, segmentos labiais (0,633); as sílabas átonas (0,629); substantivos e outros (0,968 e 0,803, respectivamente); palavras com uma sílaba (0,602); **(ii)** em relação ao apagamento do /r/, os contextos favorecedores foram: sexo feminino (0,649); faixa etária com mais de 49 anos (0,679); no contexto seguinte, os segmentos dorsais (0,811); os verbos (0,883).

2.5 O PROCESSO DE APAGAMENTO DO /R/ EM RELAÇÃO À FRONTEIRA PROSÓDICA

Alguns pesquisadores se dedicam aos estudos referentes à perda do segmento em relação ao tipo de fronteira prosódica⁹ na qual se encontram os róticos, por exemplo, Callou e Serra (2012; 2013), Callou, Serra e Cunha (2015) e Brandão e Callou (2016).

Sobre a interferência do tipo de fronteira prosódica no fenômeno de apagamento, Callou e Serra (2012) analisaram o apagamento do fonema [r] em posição de coda final, utilizando entrevistas informais com falantes cultos de dois centros urbanos de Salvador e do Rio de Janeiro, em dois períodos distintos, na década de 1970 e 1990. O *corpus* selecionado foi extraído do projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta), estratificado por faixa etária, gênero e região geográfica. As autoras notaram “que o domínio do cancelamento vai além da sílaba e que seu *locus* tem relação, na verdade, com o tipo de fronteira prosódica” (CALLOU; SERRA, 2012, p. 53).

Ainda segundo Callou e Serra (2012), na década de 1970, o apagamento do /r/ em não verbos se restringe à fronteira de palavra prosódica (P_w), no Rio de Janeiro e em Salvador, e a frequência desse apagamento, em não verbos, atinge 44% em fronteira de palavra. Em verbos, o processo está praticamente completo, não apresentando inibição de nenhuma fronteira prosódica. No Rio de Janeiro, na década de 1990, houve um avanço em relação à regra tanto em verbos como em não verbos, apresentando um quadro menos consistente que, segundo a mesma pesquisa, talvez tenha ocorrido pelo número baixo de ocorrências e pela distribuição irregular. Callou e Serra (2012) concluíram que a fronteira de sintagma entonacional (IP) desfavorece o apagamento, além de perceberem que existe um processo gradual de apagamento, ao compararem as duas décadas.

Em 2013, essas mesmas pesquisadoras expandem sua área de estudo, com objetivo de analisar o processo de variação e mudança dos róticos no decorrer de 20 anos, em três comunidades: Salvador (BA), Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (RS). Para isso, as autoras utilizaram amostras de fala (entrevistas informais) do Projeto NURC, gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX. Os informantes

⁹ As unidades fonológicas são organizadas hierarquicamente (sílaba, pé métrico, palavra prosódica, sintagma fonológico, sintagma entoacional e enunciado fonológico) e há uma relação, ainda que não obrigatória, entre constituintes prosódicos e sintáticos (NESPOR; VOGEL, 1986).

selecionados para esse estudo possuíam curso universitário completo, nascidos em Salvador (Região Nordeste), no Rio de Janeiro (Região Sudeste) e em Porto Alegre (Região Sul), distribuídos por faixa etária (25 – 35 anos, 36 – 55 anos e 56 anos em diante) e gênero. Callou e Serra (2013, p. 592) afirmam que:

[...] Salvador (SSA) -- que realiza preferencialmente o R como uma fricativa laríngea (aspiração) -- estaria em um dos extremos, com índices significativos de apagamento; Rio de Janeiro (RJ) -- cuja norma de pronúncia é a fricativa posterior (velar, de preferência) -- estaria numa posição intermediária; Porto Alegre (POA) -- que mantém a realização anterior da vibrante -- estaria no outro extremo, apresentando uma frequência mais baixa de cancelamento, restrita praticamente a verbos.

Outro fator importante declarado por Callou e Serra (2013) e retomado por Callou, Serra e Cunha (2015), foi referente ao processo de apagamento, que não atuou da mesma maneira nas três faixas etárias analisadas, presentes no projeto NURC (faixa 1, de 25 a 35 anos; faixa 2, de 36 a 55; faixa 3, de 56 anos em diante), visto que apresentaram índices diferenciados “Salvador e Porto Alegre apresentam, na década de 70, uma curva de mudança em progresso, com índices altos de apagamento na primeira faixa etária, enquanto o Rio de Janeiro apresentou relativa estabilidade nas três faixas” (CALLOU; SERRA; CUNHA, 2015, p. 202).

Callou, Serra e Cunha (2015), também verificaram que o gênero se mostrou relevante, pois as mulheres jovens apresentaram alta frequência de apagamento em verbos tanto em Salvador (97%) quanto em Porto Alegre (93%). Diante disso, as autoras concluem que a fronteira mais baixa de palavra prosódica favorece o cancelamento do rótico e supõem que “o apagamento do rótico em coda silábica final é gradiente, à semelhança do que foi proposto por Bisol (2011) para a harmonização vocálica, em variedades distintas” (CALLOU; SERRA, 2013, p. 592).

Callou, Serra e Cunha (2015), no trabalho “Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do r no dialeto nordestino” analisaram o processo de mudanças em curso do apagamento do /r/ em posição de coda medial e final, em nove capitais da Região Nordeste do Brasil (São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju e Salvador). Os dados utilizados foram extraídos de entrevistas informais do questionário do Projeto ALib, nos Discursos Semidirigidos, com jovens e idosos de faixas etárias entre 18 a 30 anos e de 50 a 60 anos. Foram observadas 3.579 ocorrências de /r/ em coda final e 2.670 ocorrências

em posição de coda silábica medial. Verificou-se ainda que, em sete cidades do Nordeste, o índice de apagamento em coda final em verbos é superior a 90% - São Luís (94%), Fortaleza (98%), Natal (96%), João Pessoa (97%), Recife (98%), Maceió (98%), Salvador (97%) - e somente em Aracaju (83%) e Teresina (84%) é pouco superior a (80%).

Em relação ao apagamento em não verbos, as autoras verificaram que em João Pessoa, a mudança é quase categórica e não apresenta restrições de qualquer natureza. Nas demais cidades, a dimensão do vocábulo se mostrou um fator relevante, o apagamento do rótico em não verbos é menos frequente em monossílabos. Em Maceió, Recife e Fortaleza, as variáveis sociais foram mais relevantes, sendo as mulheres as que mais apagam. Em Aracaju e Fortaleza, o fator relevante foi a faixa etária, sendo os jovens mais favoráveis ao apagamento do /r/.

Percebe-se que o índice de apagamento em coda silábica final de não verbos é bem menos expressivo que em verbos, como podemos observar pelos resultados obtidos pelas autoras: João Pessoa (95%), Salvador (89%), Fortaleza (83%), Maceió (83%), Natal (71%), Recife (67%), São Luís (62%), Teresina (58%) e Aracaju (53%). Com base nesses números, as autoras concluíram que o processo de mudança se encontra em estágios diferentes, dependendo da cidade de origem dos informantes; do tipo de posição em que se encontra a variante rótica e das variáveis estruturais e sociais, além de afirmarem que seus resultados vão ao encontro dos de Callou e Serra (2012, 2013) referentes à atuação da pausa, já que “é precisamente na presença dessa pista acústica – que marca a fronteira direita do IP, que o processo tende à não-aplicação”(CALLOU; SERRA; CUNHA, 2015, p. 206), assim como “apontam a atuação da pausa como um inibidor ao processo de cancelamento, visto que essa é uma pista acústica associada à fronteira de sintagma entoacional.” (CALLOU; SERRA; CUNHA, 2015, p. 206).

Essas autoras pressupõem que o processo de apagamento está relacionado às mudanças na articulação da consoante, passando de vibrante para fricativa ou de anterior para posterior, caminhando, assim, por sucessivos estágios de mudança na realização dos róticos, tanto do modo quanto do ponto de articulação (vibrante anterior < fricativa posterior < aspiração < Ø) (CALLOU; SERRA; CUNHA, 2015).

Sobre as postulações de Callou e Serra (2013) de que o apagamento apresenta comportamento diferenciado, como observado por elas nas décadas de 70 e 90, Callou e Brandão (2016) declaram que “a hipótese é a de que as

variedades do Português do Brasil possam apresentar comportamentos diferenciados no mesmo estágio da mudança” (BRANDÃO; CALLOU, 2016, p. 118).

Já em relação à hipótese da escalaridade da presença *versus* ausência de /r/, em posição de coda final, ocorrida no nível prosódico, as autoras salientam que “quanto mais alta a fronteira maior a tendência à preservação que poderia explicar a diferença de índices de apagamento em fronteiras internas e externas à própria palavra.” (BRANDÃO; CALLOU, 2016, p. 115-116). As estudiosas ainda afirmam que os róticos estão sujeitos a dois processos, sendo o primeiro o de posteriorização, que ocorre juntamente com o da fricativização, e o segundo o de apagamento. Os dois processos apresentam relação entre si, visto que, nos dialetos nos quais se observa articulação vibrante anterior, o segmento é mais preservado.

Segundo as autoras, a mudança que vem ocorrendo, no ponto de articulação, de anterior para posterior, já está representando uma “tendência universal”, assim como o apagamento do /r/ em final de sílaba, que, consoante às autoras, teriam duas implicações:

- i) Processo de simplificação da estrutura silábica;
- ii) Mudança ‘de baixo para cima’, ocorrendo abaixo do nível de consciência do falante (BRANDÃO; CALLOU, 2016, p. 118).

2.6 ESTUDO DOS RÓTICOS EM ALGUNS ATLAS LINGUÍSTICOS PUBLICADOS

Conforme mencionamos, no início deste capítulo, os estudos dialetológicos, geolinguísticos e sociolinguísticos têm contribuído para a descrição do PB, pois além de mostrar/registrar, principalmente, as regiões onde ocorrem as diferentes variantes linguísticas, fornecem material para inúmeros estudos, como é o caso da presente dissertação. Nesse sentido, apresentamos, a seguir, trabalhos de cunho dialetológicos e sociolinguísticos realizados em diversas regiões do Brasil, pautados na investigação de atlas regionais, que enfatizam o estudo dos róticos em coda silábica no falar de diversos estados brasileiros (BRANDÃO, 2007; CASTRO, 2006, 2009, 2014; NASCIMENTO; RODRIGUES; CUNHA, 2006; RIBEIRO, 2011).

Em sua tese, “A resistência de traços do dialeto caipira: estudo com base em atlas linguísticos regionais brasileiros”, Castro (2006) busca verificar a presença de traços fonéticos e lexicais do dialeto caipira nos estados de Minas Gerais e Paraná, para isso utiliza como base os dados cartografados no Esboço de um Atlas

Linguístico de Minas Gerais - EALMG (RIBEIRO et al., 1977) e no Atlas Linguístico do Paraná - ALPR (AGUILERA, 1994).

A autora afirma que sua escolha por essas duas regiões se deu pela proximidade geográfica do estado de São Paulo e por suas relações históricas, que envolvem os paulistas no processo de povoamento dessa região. Castro (2006) analisou, no nível fonético, cinco variantes: i) o /r/ retroflexo em final de sílaba e em posição intervocálica; ii) o rotacismo da lateral em final de sílaba e em encontro consonantal; iii) o apagamento do /r/ em final de palavra; iv) a iotização da lateral e v) a redução de proparoxítona, variantes estas que se fizeram presentes nos dois estados analisados.

A autora concluiu que, no Paraná, o /r/ retroflexo apresenta ampla ocorrência em todo o estado, entretanto também foi registrada uma disputa entre as variantes tepe e vibrante em algumas áreas. Nos dados referentes a Minas Gerais, ficou constatado que a variante retroflexa ocorreu em uma larga faixa que acompanha a fronteira paulista, recobrando o Triângulo Mineiro e o Sul do estado. Como Castro (2006), Kock (2000) também obteve o mesmo resultado, utilizando o Atlas Linguístico do Rio Grande do Sul (ALERS), referente ao uso do fonema [r] pós-vocálico tanto na predominância do retroflexo em todo Paraná quanto à resistência em uma área sudoeste.

Nascimento, Rodrigues e Cunha (2006), no estudo intitulado “A vibrante em coda silábica nos Atlas Regionais do Brasil”, analisaram a vibrante em posição implosiva em oito atlas linguísticos¹⁰ representativos de nove estados brasileiros (Amazonas, Bahia, Sergipe, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), totalizando 6.506 dados e 141 vocábulos. As pesquisadoras observaram que a vibrante em coda silábica apresentou comportamento distinto de acordo com sua posição no vocábulo. Sendo assim, analisaram separadamente a posição externa e a interna, obtendo como resultado: taxa de apagamento de 64% das realizações em posição final e, em posição interna, somente 8%.

De acordo com Nascimento, Rodrigues e Cunha (2006), os resultados da distribuição geral, realizada de maneira direcionada a cada contexto, foram

10 Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALIPA), Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), Atlas Linguístico do Paraná (ALPR) e Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS).

evidenciados como contextos favorecedores do apagamento dos róticos em posição de final de palavras: contexto antecedente (vogal alta anterior não arredondada com peso relativo de 0.96), região (Minas Gerais com peso relativo de 0.97), contexto subsequente (posição final absoluta com peso relativo de 0.53) e dimensão do vocábulo (dissílabos com peso relativo de 0.92). Em relação aos contextos favorecedores do apagamento dos róticos, em posição interna de palavras, os grupos que favoreceram foram: região (Paraíba com peso relativo de 0.87, Sergipe com peso relativo de 0.86 e Pará com peso relativo de 0.78); modo de articulação da consoante subsequente (Consoantes oclusivas com peso relativo de 0.58; fricativas com peso relativo de 0.57); contexto antecedente (vogal alta anterior [i] com peso relativo de (1.0), vogal central baixa [a] com peso relativo de (0.83)).

Brandão (2007) analisa 33 trabalhos, dentre os quais destacam-se 12 atlas linguísticos brasileiros, com o intuito de observar a vitalidade do /r/ retroflexo no PB. Ela observa a presença do referido /r/ em diversas regiões, com base na observação dos seguintes atlas: Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963); Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (RIBEIRO et al., 1977); Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA et al., 1987); Atlas Linguístico de Sergipe II (CARDOSO, 2005); Esboço de um Atlas de Londrina (AGUILERA, 1987); Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994); Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (KOCK; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002), entre outros). De acordo com a autora, a variante retroflexa encontra-se em alguns estados, mas não ocorre em todo o território brasileiro.

Com objetivo de verificar a ocorrência do /r/ retroflexo em coda medial e final, Castro (2009) contou com dados do Projeto ALiB para estudar dez localidades do interior de São Paulo (Araçatuba, Andradina, Araraquara, Bauru, Botucatu, Campinas, Ibitinga, São José do Rio Preto, Sorocaba e Piracicaba). O *corpus* selecionado pela autora resultou em 1153 ocorrências, foram analisados 4 informantes de cada localidade, sendo dois de cada sexo, com escolaridade até a oitava série e distribuídos, de maneira igual, em duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos de idade. Segundo a pesquisadora, a variante retroflexa corresponde a mais de 80% das realizações encontradas, tanto em coda medial quanto em coda final, entretanto salienta que foram excluídos os casos de apagamento.

Faz-se *mister* observar que algumas das cidades selecionadas por Castro (2009) já haviam sido estudadas anteriormente por Amadeu Amaral (1972) e Brian Head (1973, 1978), que já haviam constatado a presença da retroflexa. Contrariando a previsão de Amadeu Amaral (1972) de que essa variante teria uma “vida efêmera”, Castro (2009) observou a permanência da variante retroflexa ainda consistente no falar paulista e em outras regiões brasileiras.

Ribeiro (2011) estuda o /r/ pós-vocálico medial em nove atlas linguísticos regionais, com o objetivo principal de catalogar qual(is) variante(s) do fonema [r] predomina(m) em uma dada região e de “traçar um paralelo da realização dessa variável no português do Brasil”. Para o estudo, ela analisou o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), (ROSSI, 1963); Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), (RIBEIRO, 1977); Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), (ARAGÃO; MENEZES, 1984); Atlas Linguístico de Sergipe (ALS), (FERREIRA et al., 1987); Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), (AGUILERA, 1994); Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), publicado em 2002; Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA), (RAZKY, 2004); Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II), (CORDOSO, 2002); e o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), (CRUZ, 2004). Em cada região, conforme a análise dos atlas, foi constatada a ocorrência de mais de uma variante do /r/.

Na Quadro 3, adaptada de Ribeiro (2011), podemos verificar a variabilidade do /r/ em coda medial nos nove estados brasileiros.

Quadro 3 - Variantes do /r/ nos Atlas Linguísticos Brasileiros

ATLAS PUBLICADOS	VARIANTES	PREDOMINANTE
ATLAS PRÉVIO DOS FALARES BAIANOS (APFB)	Fricativa velar; Vibrante simples alveolar; Vibrante múltipla alveolar; Vibrante retroflexa; Apagamento.	Fricativa velar
ESBOÇO DE UM ATLAS LINGUÍSTICO DE MINAS GERAIS (EALMG)	Vibrante (fricativa) velar; Vibrante alveolar sonora; Vibrante retroflexa.	Vibrante velar
ATLAS LINGUÍSTICO DA PARAÍBA (ALP)	Vibrante aspirada; Zero fonético; Vocalização.	Vibrante aspirada
ATLAS LINGUÍSTICO DE SERGIPE (ALS I)	Fricativa velar; Vibrante retroflexa; Vibrante múltipla alveolar.	Fricativa velar
ATLAS LINGUÍSTICO DO PARANÁ (ALPR)	Vibrante simples retroflexa; Vibrante simples alveolar; Vibrante múltipla retroflexa.	Vibrante simples retroflexa
ATLAS LINGUÍSTICO – ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL (ALERS)	Vibrante simples (tepe alveolar); Vibrante múltipla; Vibrante retroflexa; Fricativa velar; Vibrante uvular.	Vibrante simples (tepe alveolar)
ATLAS LINGUÍSTICO SONORO DO PARÁ (ALISPA)	Fricativa glotal surda e sonora; Apagamento; Vibrante múltipla; Vibrante simples (tepe alveolar).	Fricativa glotal
ATLAS LINGUÍSTICO DE SERGIPE II (ALS II)	Fricativa velar; Vibrante retroflexa; Vibrante simples alveolar; Fricativa laríngea surda.	Fricativa velar
ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAZONAS (ALAM)	Fricativa glotal (aspirada); Variante apagamento; Vibrante múltipla; Fricativa velar surda e sonora; Vocalização.	Fricativa glotal (aspirada)

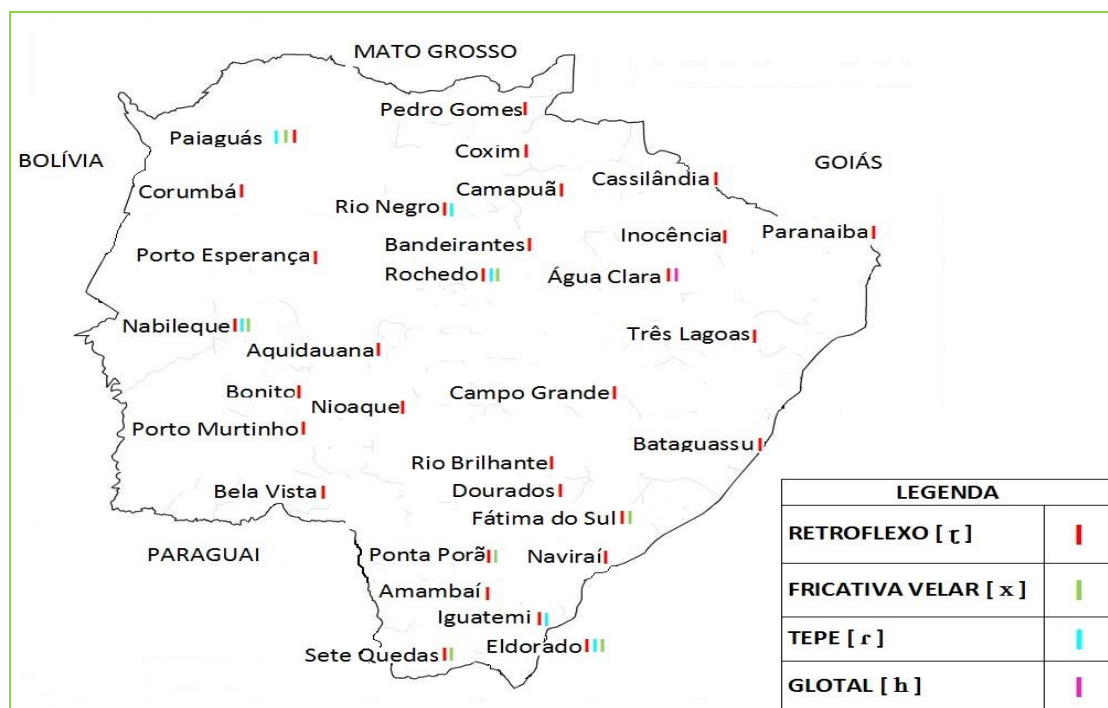
Fonte: Adaptação de Ribeiro (2011)

Ribeiro (2011) conclui, portanto, que há uma ocorrência muito diferenciada de variantes nas regiões, corroborando assim os dados obtidos por diversos estudiosos apresentados neste capítulo, tais como: Aguilera e Kailer (2012, 2015), Bisol (2010), Brandão (1991, 1995, 1997, 2007, 2008), Monguilhot (1998), Monguilhot e Coelho (2002), Oliveira (2001, 2006), Callou, Leite e Moraes (1996), Carvalho (2009), Cristófaros-Silva (2012), Lima (2013), Monaretto (1992, 1997, 2000, 2002, 2009), Skeete (1996), entre outros.

Castro (2014), em busca das ocorrências do “r caipira” em Mato Grosso do Sul, examinou, entre outros fenômenos, as ocorrências de /r/ em contexto de coda silábica medial e final, utilizando como base os dados do Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS), publicado por Oliveira D. (2007). A autora utilizou 12 das 57 cartas presentes no ALMS, aquelas que considerou relevante para verificar a ocorrência do “r caipira”. Ela também incluiu os casos de rotacismo e metátese. O estudo foi composto por 31 localidades¹¹, com 4 informantes cada, e 12 itens lexicais relevantes, com as exclusões necessárias por respostas prejudicadas ou não efetivadas, totalizando 887 ocorrências. Castro (2014) verificou a ocorrência de 4 realizações róticas – retroflexo 711 (80,15%), tepe 14 (1,57%), fricativa velar 22 (2,48%) e fricativa glotal 2 (0,22%) e a realização do zero fonético 138 (15,55%).

Para uma melhor visualização dos resultados, apresentamos, na Figura 13, uma adaptação do mapa, feito por Castro (2014), sobre os róticos em coda silábica identificados em Mato Grosso do Sul e, na sequência, exemplificamos por meio da Quadro 4 os respectivos resultados.

Figura 13 - Róticos em coda silábica – Mato Grosso do Sul (cf. dados do ALMS).



Fonte: Adaptação Castro (2014, p. 575)

¹¹ Segundo a autora, seriam 32 cidades inicialmente, porém uma das localidades, Nhecolândia, foi excluída da análise por ausência total de dados.

Quadro 4 - Róticos em coda silábica – Mato Grosso do Sul.

VARIANTE FONÉTICA PREDOMINANTE	PONTOS	REGISTRO DE OCORRÊNCIA/LOCALIDADE	OBSERVAÇÕES
FRICATIVA GLOTA [ʔ] ¹²	1 ponto	(2) *Água Clara	Na fala de um homem de 70 anos
TEPE [ʔ]	6 pontos	(5) *Paiaguás (3) *Nabileque (2) *Rio Negro (2) *Rochedo (1) *Iguatemi (1) *Eldorado	Quatro categorias de informantes, não revelando um peso maior dos fatores sexo ou idade do falante (Noroeste, Centro-Norte e extremo Sul do estado)
FRICATIVA VELAR [ʁ]	7 pontos	(1) *Paiaguás (1) *Rochedo (1) *Nabileque (1) *Eldorado (3) *Sete Quedas (2) *Fátima do Sul (1) *Ponta Porá	Não apontaram influência dos fatores idade e sexo do falante, já que as ocorrências se distribuíram nas 4 categorias de informantes (Noroeste, Centro-Norte e Sul do estado). A variante fricativa velar foi registrada unicamente na realização do item <i>ferendo</i> .
RETROFLEXA [ʀ]	31 pontos	* em 21 localidades, foram observadas somente a variante retroflexa; * em 10 localidades, foram constatadas alternâncias do retroflexo com a fricativa velar, o tepe e a fricativa glotal. Paiaguás [ʀ, ʔ, ʁ] Nabileque [ʀ, ʔ, ʁ] Rio Negro [ʀ, ʔ] Rochedo [ʀ, ʔ, ʁ] Água Clara [ʀ, ʔ] Ponta Porá [ʀ, ʁ] Fátima do Sul [ʀ, ʁ] Iguatemi [ʀ, ʔ] Eldorado [ʀ, ʔ, ʁ] Sete Quedas [ʀ, ʁ]	Nas localidades em que se registram outros róticos (o tepe, a fricativa velar e a fricativa glotal), o retroflexo é sempre a realização predominante, ocorrendo em índices que variam: - fricativa velar de 7% a 17%; - tepe de 3% a 18%; - fricativa glotal, em 10%.

Fonte: Adaptação Castro (2014, p. 572).

A autora concluiu que, nas localidades investigadas, o retroflexo foi nitidamente predominante, mesmo havendo uma leve alternância do retroflexo com: a fricativa velar, com o tepe e com a fricativa glotal em algumas localidades. Na

¹² Castro (2014) não utilizou nenhum símbolo fonético em seu artigo, utilizamos os símbolos para mera exemplificação, não havendo assim distinção entre vozeado e desvozeado.

sequência, apresentamos algumas considerações referentes aos róticos vistos até este momento.

2.7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pudemos observar, nos estudos apresentados neste capítulo, que o /r/ apresenta alto grau de variação em todo o território brasileiro, assim como verificamos que, em posição de coda silábica final, o referido segmento tende ao apagamento, principalmente em verbos no infinitivo e no futuro do subjuntivo, comprovadamente, de forma quase categórica, processo que está se estendendo a não verbos em localidades nas quais o apagamento em coda final de verbos já se encontra em estágio avançado (CALLOU; LEITE; MORAES, 1996).

Outros fatores além da classe morfológica já foram apontados como relevantes, entre eles estão a dimensão do vocábulo (saliência fônica), o contexto fonológico subsequente, a região de origem do falante, faixa etária e sexo¹³, conforme os estudos de: Aguilera e Kailer (2015), Almeida e Kailer (2013b), Brandão e Callou (2016), Callou (1987), Callou e Serra (2012, 2013), Callou, Leite e Moraes (1996), entre outros.

Também, ficou evidenciado que os róticos PB vêm passando por um processo de posteriorização e enfraquecimento, em diversas regiões brasileiras, devido a um processo gradual e diacrônico de mudança linguística. Como salientam Callou e Leite (1999), as variantes anteriores estão se tornando posteriores, passando de variantes vibrantes para velares, depois para fricativas e aspiradas até chegarem ao apagamento do rótico. De acordo com Brandão e Callou (2016), esse processo já está sendo considerado uma “tendência universal”, talvez por questões de economia linguística ou comodidade articulatória.

Outro fator relevante é a interferência do tipo de fronteira prosódica no fenômeno de apagamento. Segundo Callou e Leite (1999), Callou e Serra (2012, 2013), Brandão e Callou (2016), entre outros, a fronteira prosódica tende a inibir o processo de apagamento.

No próximo capítulo, apresentamos a fundamentação teórica de nosso estudo.

¹³ Neste estudo, usamos o termo sexo para nos referir a homem e a mulher.

CAPÍTULO 3

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, explanamos os principais conceitos da Dialetoлогия e de seu método conhecido como “Geografia Linguística” ou “Geolinguística”¹⁴. Buscamos apresentar uma visão panorâmica dos estudos dialetais atuais, ou seja, iniciamos retratando o conceito de Dialetoлогия tradicional (monodimensional) até chegarmos à Dialetoлогия presente no século XXI (pluridimensional), além de apresentar o percurso da Sociolinguística. Descrevemos, também, a importância dos atlas linguísticos publicados e, por fim, apresentamos o Projeto ALiB.

3.1 DA DIALETOLOGIA TRADICIONAL À DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

Constatado que a língua apresenta variantes, formas alternativas para determinado fenômeno linguístico, devemos observar que essas variantes, por sua vez, são condicionadas por fatores de natureza social, regional ou de estilo, quando falantes de uma mesma língua apresentam diferenças em sua forma de falar de acordo com o lugar onde vivem (variação diatópica), conforme a situação de fala (variação diafásica) ou ainda de acordo com seu nível socioeconômico (variação diastrática).

Partindo dessas considerações, podemos adentrar nos estudos linguísticos que investigam as diferenças dialetais ou regionais de uma determinada língua, ou seja, a Dialetoлогия.

Câmara Junior (1978, p. 94) declara que Dialetoлогия “é o estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços lingüísticos dos dialetos”. Para Dubois et al. (1978, p. 185), trata-se de uma “[...] disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites”.

Fato esse que também foi relatado por Castilho (1973, p. 121), que nomeia de “fase de improvisações”, pois, segundo ele, o estudo da variação espacial começou de maneira “assistemática”, primeiro “o pesquisador recolhia os elementos que fosse reconhecendo ocasionalmente, depois tecia alguns comentários sobre o

14 As denominações “Geografia Linguística” ou “Geolinguística” serão utilizadas como sinônimas, respeitando a classificação dos estudiosos apresentados.

material levantado — em via de regra, muito desigual — e isso era tudo”. Para ele, a Dialetologia começou a ser desenvolvida a partir da Geografia Linguística, ou seja, com o surgimento do “método científico de recolha sistemática de dialetismos”.

Estudiosos da área declaram que esse método tem por objetivo principal registrar, em mapas espaciais, inúmeras formas linguísticas, tanto fônicas como lexicais e gramaticais. Coseriu (1982, p. 79) designa a Geolinguística como sendo:

O método dialectológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.

Assim como Coseriu descreveu a Geolinguística, Castilho (1973) apresentou os passos seguidos pelo novo “método” desde a preparação dos inquéritos, escolha do perfil dos informantes, até chegar à interpretação dos dados recolhidos na pesquisa de campo.

- a) Preparação do inquérito lingüístico, composto de uma série de questões relativas aos hábitos de vida dos habitantes da região a estudar. Nesta fase a Dialetologia combina seus caminhos com os da Etnografia.
- b) Aplicação do inquérito: pronto o inquérito e selecionada a área a estudar, o documentador põe-se a campo, para o que deve aliar qualidades pessoais (facilidade de abordar estranhos, capacidade de inspirar confiança, respeito pelo informante, etc.) a uma formação específica (sólidos conhecimentos lingüísticos, prática de transcrição fonética aí incluída). O informante, por sua vez, deve ser nascido no local, filho de pessoa também nascidas no local e pertencente a uma camada sócio-cultural bem determinada. Requisitos tais como viagens feitas e outros dependem da modalidade de pesquisa que se esteja cometendo.
- c) Interpretação dos fatos recolhidos, de que decorre o enriquecimento de nossos conhecimentos sobre o foneticismo, o léxico, a história e a variabilidade da língua. (CASTILHO, 1973, p. 121-122).

As bases da Geolinguística como método essencial para a pesquisa dos dialetos de uma língua foram fixadas com a instituição da Dialetologia como disciplina no currículo regular da *École Pratique des Hautes Études de Paris*, com os estudos de Georg Wenker, a partir de 1876, que deu origem ao Atlas Linguístico da

Alemanha Setentrional e Central, e os de Jules Gilliéron, com a publicação do Atlas Lingüístico da França, que expôs a realidade dialetal do país.

Para Trudgill (1981, p. 54)

[...] a dialetologia consistia do estudo de formas linguísticas que variam geograficamente em áreas predominantemente rurais. Não resta dúvida que é um trabalho de valor, levando-se em conta os dados lingüísticos registrados que, de outra forma, estariam perdidos.

Percebemos que a descrição de Trudgill (1981) refere-se à relevância do uso dos atlas linguísticos, que oferecem uma visão diacrônica dos fenômenos linguísticos a partir de vários cortes sincrônicos. Coseriu (1987, p. 92-93) delinea a característica básica dos atlas, salientando a possibilidade de observação dos fatos da língua numa perspectiva espacial, de deduções de ordem histórica, geral e comparativa, além de expor a vantagem da apresentação cartográfica, que evidencia de maneira clara “[...] o conjunto de falares nos quais se articula um dialeto ou uma língua” (COSERIU, 1987, p. 93).

Coseriu (1987) se manifesta ainda favorável ao uso dos atlas linguísticos pela grande extensão abordada, pela riqueza de materiais e, inclusive, pelo rigor técnico empreendido para a sua construção. Os atlas apresentam inúmeros benefícios para diversas áreas do conhecimento e vão ao encontro do desejo dos dialetólogos em não deixar desaparecer o falar de um povo. Nessa fala, encontram-se inegavelmente aspectos que revelam a organização de uma comunidade, os costumes, os valores sociais, visto que tudo o que a língua engloba faz parte da história de um povo. Silva Neto (1957) também compartilha da mesma opinião dos estudiosos mencionados anteriormente, quando assevera que:

Além disso, como já se viu, os atlas podem responder a questões sobre a história das línguas: Dissemos, há pouco, que cada carta representa um instantâneo dialetal; ou, em suma, um corte lingüístico sincrônico. Mas o extraordinário, nos atlas lingüísticos, é que, para além do comparatismo sincrônico, êles nos proporcionam, ainda, a reconstituição de antigas fases. Quer dizer, a distribuição geográfica atual das palavras e das formas enseja-nos a “situá-las cronologicamente, definir-lhes as relações e, em suma, reconstituí-lhes a gênese” (SILVA NETO, 1957, p. 38).

Nelson Rossi (1967) afirma que os atlas foram as maiores conquistas da Linguística, pois a partir deles é possível fazer um inventário preliminar de maneira objetiva e segura. Porém, segundo ele, os atlas também apresentam limitações, como qualquer outro instrumento, permitindo a ampla visualização sem a visão dos detalhes, como declara o autor: “Permitem ver muito em extensão, mas com o sacrifício da profundidade e do pormenor” (NELSON ROSSI, 1967, p. 93).

Rossi (1967) se refere à questão dos atlas linguísticos nacionais, que foram os primeiros empreendimentos dialetológicos e apresentaram imenso alcance geográfico, mas que inviabilizavam a visualização dos detalhes, não possibilitando um aprofundamento nos estudos das regiões. Com isso, ele faz um apelo à necessidade de se aprofundarem os estudos em cada área, criando assim os atlas regionais, capazes de “pormenorizar e ampliar a informação” (CARDOSO, 2010, p. 76).

Para Rodrigues (2007, p. 36), os atlas são classificados a partir de pontos de vista diversos como por: i) número de dimensões linguísticas de que tratam; ii) tipo de área que analisam; iii) nível de informação que veiculam, salientando ainda que, em relação ao primeiro item, ou seja, sobre a dimensão linguística, Thun (2005) classifica os atlas linguísticos em monodimensionais, bidimensionais ou pluridimensionais. O primeiro, como o próprio nome já diz, refere-se a apenas uma dimensão, a espacial. Como exemplos de atlas linguísticos monodimensionais, podemos citar o atlas de Wenker e o atlas de Gilliéron por apresentarem exclusivamente a variação linguística no espaço geográfico, ou seja, a variação diatópica. Estes são os mais representativos nas pesquisas dialetais.

Os atlas bidimensionais apresentam, além da variação diatópica, uma outra dimensão, podendo ser o gênero dos informantes, a faixa etária ou a escolaridade. O Atlas Ítalo-Suíço (AIS) é um importante representante dos Atlas bidimensionais, já que contempla a variação diastrática e a diatópica, ao incluir informantes de duas classes sociais distintas.

Já os atlas linguísticos que apresentam mais de duas variáveis enquadram-se na categoria dos atlas pluridimensionais. O Atlas linguístico diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU), é a exemplificação de um atlas pluridimensional, pois nele se apresentam diferentes variáveis, sustentadas sob controle cartográfico, além de “em quase todas as possibilidades de carta, se tem presente a relação do fenômeno

considerado/estrato social, ênfase dada à variável em decorrência do entendimento que dela têm os autores desse atlas.” (CARDOSO, 2010, p. 86).

Romano (2012) apresenta as oito dimensões da variação linguística que podem ser contempladas pelos atlas pluridimensionais, conforme Thun (2005, p. 71), sendo elas: dimensão dialingual; diatópica; diatópica-cinética; diastrática; diageracional; diassexual; diafásica e diarreferencial, conforme estão descritas na Quadro 5.

Quadro 5 – Dimensões da variação linguística contempladas pelos atlas pluridimensionais

Dimensão dialingual	Quando o atlas envolve duas línguas diferentes.
Dimensão diatópica	Relacionada à topoestaticidade dos informantes, ou seja, informantes naturais da região pesquisada.
Dimensão diatópica-cinética	Inclui, além de informantes de caráter topoestático, informantes topodinâmicos, ou seja, informantes que migraram de outras regiões para a pesquisada ou que cotidianamente fazem o trânsito entre duas regiões linguísticas.
Dimensão diastrática	Que considera informantes de classes sociais diferentes (classe alta x classe baixa).
Dimensão diageracional	Relaciona a duas ou mais faixas etárias (jovens, idade adulta, idosos).
Dimensão diassexual	Informantes dos dois gêneros (homem x mulher).
Dimensão diafásica	Graus de interlocução diferentes (discurso controlado ¹⁵ , discurso livre, texto de leitura, entre outros).
Dimensão diarreferencial	Relacionada a questões objetivas e/ou metalinguísticas da língua.

Fonte: Adaptado de Romano (2012, p. 62)

Além das mudanças ocorridas nas tipologias dos atlas, da monodimensionalidade inicial, presente na Geolinguística tradicional, para a pluridimensionalidade recomendada por Thun (2005), a Geolinguística também apresentou mudanças em seus dados e na apresentação cartográfica.

Cardoso (2010, p. 63-64) salienta que os parâmetros que a regem são: i) a escolha dos informantes; ii) o inventário de variáveis a considerar; iii) os instrumentos de coleta de dados. Acreditamos que as mudanças mencionadas

15 Como já foi mencionado anteriormente, em nosso estudo, para **discurso controlado**, usamos os termos estilo formal e discurso monitorado que se referem a parte da entrevista realizada com perguntas do Questionário Fonético-Fonológico (QFF). Da mesma forma, **o discurso livre** é abordado como estilo informal, menos monitorado, mais espontâneo, referentes aos relatos dos Temas para Discurso Semidirigidos (TDS), e, por fim para os dados da **leitura do texto**, usamos os termos estilo mais monitorado, mais formal, menos espontâneo, Todos com o mesmo valor de verdade.

anteriormente também ocorreram nos questionários. Estes também foram se diversificando e exigindo uma nova configuração que enfatiza o estudo dos fatores sociais na consideração dos fatos linguísticos. A pesquisadora declara que a adoção de novos parâmetros é uma resposta dada pela Geolinguística aos “apelos da realidade atual”.

Cardoso (2010, p. 61-62) assim sintetiza a tendência contemporânea da cartografia nos estudos geolinguísticos:

A Dialectologia e especificamente os estudos geolinguísticos deixam de apresentar-se numa visão predominantemente diatópica e passam a exibir, também cartograficamente, dados de natureza social. Isso vem mostrar, ainda, que a uniformidade diatópica pode sofrer desdobramentos sem, contudo, perder a sua inteireza e a sua integridade. E aí estaria "o novo", a novidade não encontrada em tempos pretéritos nem amplamente explorada, como se verifica hoje - à diversidade de espaços físicos e geopolíticos junta-se a consideração dos parâmetros diagenérico, diageracional, diastrático, diafásico, diareferencial ou nas especificações da diatopia, diatópico-topoestático, diatópico-topodinâmico, e de outros mais a que se pode e possa chegar.

Para Coseriu (1987, p.83-84), a cartografia dos dados de um atlas pode ser classificada em quatro categorias: i) mapas fonéticos – quando registram as variantes de um fonema, alofones ou até mesmo uma gama de fonemas evidenciados em pontos investigados; ii) mapas lexicais – registro de palavras empregadas que representam o mesmo conceito, como, por exemplo: macaxeira, aipim e mandioca, sem a interferência das variações fônicas; iii) mapas propriamente linguísticos – registram a integridade fônica e mórfica do material coletado na rede de pontos. Estes se distinguem em mapas sintéticos, que estabelecem os limites das áreas correspondentes às formas típicas (mapas de isoglossas), e mapas pontuais, que não estabelecem limites, registrando fielmente as formas comprovadas (mapas analíticos); iv) mapas similares – apresentam esquemas que reproduzem apenas os paralelos e os meridianos do território estudado em colunas e apresentam, em cada trapézio esférico, as formas comprovadas nos pontos correspondem ao próprio trapézio. Segundo ainda Coseriu (1987), os mapas fonéticos e lexicais podem ser tanto sintéticos como pontuais; podem ser baseados em mapas propriamente linguísticos e podem ser sintéticos e pontuais ao mesmo tempo, empregando símbolos especiais ou cores diferentes para cada forma típica.

Após discutirmos sobre a Geolinguística e a Dialetologia e sobre a importância dos atlas linguísticos, não poderíamos deixar de explicitar o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que reuniu diversos atlas regionais e conseguiu descrever o falar de diversas regiões, com base na análise das principais capitais, expondo a realidade do PB. Além de ser o responsável também por esta dissertação, ao disponibilizar os dados que serviram de base para mais este projeto.

3.2 PERCURSO DA DIALETOLOGIA DO PB E O PROJETO ALIB

A primeira manifestação, em uma visão de natureza dialetal, sobre o português do Brasil, remonta o século IX, com Domingos Borges de Barros, visconde de Pedra Branca, que escreveu um informe intitulado “*les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, comparé à la langue du Portugal*”, o qual vem inserido às páginas 172-175 da *Introduction à l'Atlas ethnographique du globe*, de Adrien Balbi, em 1826.

O desenvolvimento dos estudos dialetais no Brasil pode ser observado em fases, classificadas consoante o predomínio de produções de cada momento. A Dialetologia possui três sistematizações: a primeira proposta de ordenação em fases dos estudos dialetais foi elaborada por Nascentes (1953); a segunda por Cardoso e Ferreira (1994) e a última por Cardoso e Mota (2006).

A primeira proposta, realizada por Nascentes (1953), inicia-se com a publicação do estudo feito pelo Visconde de Pedra Branca, em 1826. Essa primeira fase vai até 1920 com a publicação de “O Dialeto Caipira”, de Amadeu Amaral, e caracteriza-se por obras de cunho lexicográfico (dicionários, glossários e vocabulário). A segunda apresenta como marco inicial a publicação de “O Dialeto Caipira”, de Amaral, em 1920, e estende-se até 1952. Os estudos deste período estão voltados para a gramática. Obras como “O linguajar Carioca”, de Antenor Nascentes (1953), e “O linguajar Carioca”, de Mário Marroquim (1934), se destacam como precursoras dos estudos dialetais desta época.

Cardoso e Ferreira (1994, p.3 7-62) atribuem três diferentes fases aos estudos dialetais, reformulando, dessa forma, a periodização proposta por Nascentes (1953), dividida inicialmente em duas fases que permanecem na sistematização dessas pesquisadoras; a segunda, entretanto, sofre uma subdivisão em quatro grupos. Na terceira fase, dá-se o início da Geolinguística no Brasil.

Sendo assim, a primeira fase estende-se de 1826 a 1920, período, como já afirmamos caracterizado por estudos acerca do léxico, com ênfase na elaboração de glossários, dicionários e léxicos regionais, como, por exemplo: “Dicionário da língua brasileira” (1832), de Luís Maria Silva Pinto; “Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa” (1853), de Brás da Costa Rubim; “Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada”, publicado pelo Visconde de Beaurepaire-Rohan na Gazeta Literária (de 1883 a 1884) e transformado, posteriormente, em “Dicionário de vocábulos brasileiros (1889)”; “A linguagem popular amazônica” (1884), de Macedo Soares; “O tupi na geografia nacional” (1901), obra de Theodoro Sampaio; “Glossário paraense” (1905); “Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros” (1912), de P. Carlos Teschauer; “Dicionário de brasileirismos” (1912), de Rodolfo Garcia (CARDOSO, 2010).

A segunda fase caracteriza-se, basicamente, como os primeiros passos da Dialectologia brasileira, destacando-se pelos seguintes trabalhos monográficos: “O Dialeto Caipira” (1972), de Amadeu Amaral, “O Linguajar Carioca” (NASCENTES, 1953), de Antenor Nascentes, “A língua do Nordeste” (MARROQUIM, 1934), de Mário Marroquim, obras do período que imprimem uma nova ótica ao exame da realidade linguística brasileira. Entretanto, esse período também se destaca por desenvolver trabalhos classificados em quatro grupos diferenciados conforme seu enfoque: léxicos e glossários; obras de caráter geral; estudos de caráter regional e, por fim, os estudos específicos sobre a contribuição africana.

Cardoso e Mota (2006) apresentam a terceira e última proposta, sendo esta igual à segunda, com apenas uma diferença: as autoras revisaram os estudos dialetológicos e decidiram acrescentar uma quarta fase aos estudos dialetais, que teria início com a implantação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, em 1996.

De acordo com Cardoso (2010), o segundo grupo já apresentava como principal característica a publicação de trabalhos que buscaram investigar, baseados em dados disponíveis na época, aspectos do português brasileiro do ponto de vista dialetológico, fato este que, de certa maneira, fundamentou a elaboração de atlas regionais. A partir da segunda metade do século XX, no entanto, os estudos referentes à diversidade geográfica do PB tomaram rumos extraordinários. Tal fato ocorreu na terceira fase, com a publicação do Decreto nº 30, de 20 de março de

1952, que definia as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, dentre as quais foi proposta a elaboração do Atlas linguístico do Brasil.

Também surgiram, no entanto, as dificuldades para tal empreitada linguística, dentre as quais se destacaram: a dimensão continental do país e os recursos rodoviários da época (ROMANO, 2014, p. 97). Para resolverem tal empecilho, Celso Cunha e Serafim da Silva Neto, no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, sediado em Lisboa, posicionaram-se a favor da elaboração de atlas regionais como forma de consolidar o atlas nacional.

Cardoso e Mota (2006), ao considerarem os fatos mencionados anteriormente, juntamente com o projeto de um Atlas Linguístico do Brasil, propõem um quarto período para os estudos dialetológicos no Brasil, apresentando como justificativas: i) o crescimento de pesquisas nessa área, em sua maioria, direta ou indiretamente, relacionadas ao projeto ALiB; ii) as discussões acerca de questões metodológicas nas reuniões nacionais do Comitê Nacional de coordenação do projeto ALiB e nos *workshops* nacionais organizados pelo projeto; iii) o aumento do número de atlas regionais e início de outros projetos de atlas regionais (CARDOSO; MOTA, 2006, p. 20-21).

Serafim da Silva Neto, em seu “Guia para estudos dialetológicos do Brasil” (1957), além de iniciar os estudos de âmbito geolinguístico com as pesquisas para o Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963), seguiu posteriormente com outros de caráter regional. Esses, segundo Mota e Cardoso (2006) resultaram em uma terceira fase, com ênfase no desenvolvimento dos estudos de natureza geolinguística (CARDOSO; MOTA, 2006, p. 19), culminando, assim, do ponto de vista metodológico, em uma fase que:

[...] coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc. – que predominou na geolinguística hoje rotulada de “tradicional”. (CARDOSO; MOTA, 2006, p. 21).

Nesse contexto, merece destaque o estudioso Antenor Nascentes, que publica, em 1958, as “Bases para Elaboração do Atlas linguístico do Brasil”, obra na qual o autor define diretrizes gerais para orientação da produção do Atlas Linguístico do Brasil, tais como: perfil dos informantes; escolha das localidades; estrutura dos

instrumentos para a coleta de dados, além de propor a importância da elaboração de atlas regionais. Para o autor, era imperativo criar uma equipe dialetológica no país que cumprisse as seguintes metas, presentes em seu “Guia para estudos dialetológicos” (NASCENTES, 1958, p. 11):

- i. Sondagens preliminares, criação de ambiente, difusão do método;
- ii. Recolha de vocabulários com todas as exigências técnicas;
- iii. Monografias etnográfico-linguísticas sobre determinadas “esferas semânticas”;
- iv. Monografias etnográfico-linguísticas sobre falares;
- v. Atlas Regionais;
- vi. Inquérito nacional feito com questionário uniforme e distribuição geográfica dos materiais recolhidos, em mapas (atlas nacional).

Esses estudiosos, voltados para essas metas, apresentam uma nova concepção aos tratamentos da variação no Brasil, acrescentando um novo impulso à Dialetologia no Brasil, ou seja, o início da Geolinguística brasileira, tendo como marco inicial o primeiro atlas linguístico de um estado brasileiro, publicado em 1963, o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), de Nelson Rossi, com a colaboração de Dinah Isensée e Carlota Ferreira.

Assim como Nascentes declarou no prefácio da 1ª edição de “O linguajar carioca” em 1922: “Nosso trabalho não é para a geração atual; daqui a cem anos, os estudiosos encontrarão nele uma fotografia do estado da língua e neste ponto serão mais felizes do que nós, que nada encontramos do falar de 1822”, os estudos foram feitos e compartilhados entre os pesquisadores da área e, em 2014, o grande sonho de Nascentes se realizou: o volume 2 do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) foi publicado. Nele, os falares referentes às capitais brasileiras também ficarão documentados para a posteridade.

A seguir, abordamos de maneira mais aprofundada o Projeto ALiB, que também serve de base para nossa dissertação.

3.3 PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (ALiB)

Cardoso (2014) descreve que, juntamente com o Decreto n.º 30.643, publicado pelo governo, em 20 de março de 1952 (BRASIL, 1952), que apresentou como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a “elaboração do atlas linguístico do Brasil”, surgiu também o sonho de retratar em um

atlas geral a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa. Porém, junto com esse sonho foram surgindo dificuldades das mais variadas ordens, o que levou os estudiosos brasileiros a repensarem as metodologias utilizadas, pois, segundo Antenor Nascentes (1958, p. 7)¹⁶

[...] embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los no atlas geral. Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto.

O reconhecimento das dificuldades apresentadas pelos autores faz com que seja desenvolvido um trabalho gradativo de mapeamento linguístico do país. Neste sentido, Serafim da Silva Neto (1957, p. 12) também se declara a favor da produção de atlas regionais em virtude dos empecilhos que surgiriam pela ampla extensão do Brasil

[...] Imagine-se como será difícil e demorada, com a imensa extensão do Brasil, com as dificuldades de comunicação e sem as tomadas prévias, a realização do atlas lingüístico. Podia pensar-se que se fugiria a tais dificuldades e inconvenientes organizando uma série de atlas regionais. Todavia, como ainda agora nos adverte Jaberg, com a sua indiscutível autoridade, os atlas regionais não substituem os atlas nacionais: são diferentes os objetivos de uns e de outros e eles, por isso, se completam, mas não se excluem. (SILVA NETO, 1957, p. 12).

Assim, iniciaram-se os trabalhos de mapeamento linguístico do Brasil a partir da realização de atlas regionais.

Entretanto, a ideia do Atlas Linguístico do Brasil permaneceu adormecida por diversos anos e os atlas estaduais realizados no período de 1963 a 1996, no Brasil, não apresentavam uniformidade metodológica, fato este que inviabilizava estudos comparativos e contrastivos de maneira geral sobre a língua falada no Brasil. Nesse contexto, em novembro de 1996, por ocasião do Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, essa ideia foi retomada.

16 Por ocasião do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa, em 1957, defenderam a necessidade de elaboração de atlas linguísticos regionais (CARDOSO, 2014).

Com a participação de dialetólogos brasileiros e do diretor do Atlas Linguistique Roman (ALiR), o professor francês Michel Contini (Genoble), surgiu a primeira tentativa, em nível nacional, de descrição do português brasileiro com base em dados coletados, *in loco*, em diversas regiões geográficas brasileiras, com uma rede de pontos que se estende do Oiapoque (ponto 001) ao Chuí (ponto 250), lembrando Nascentes (1953), para assim representar uma visão ampla de todo o território nacional.

Cria-se, então, um Comitê Nacional para o Projeto Atlas Linguístico do Brasil, constituído, em seu primeiro momento, por professores de Universidades brasileiras: Suzana Alice Cardoso (escolhida como Presidente do Comitê), Jacyra Andrade Mota (Diretora Executiva), ambas da UFBA, Maria do Socorro de Aragão (UFPB/ UFCE), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFMG) e por um representante dos atlas em andamento: Walter Kock (UFRGS).

Em 2002, Walter Kock publica o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), passa a representar os atlas concluídos e abre espaço para o ingresso de Aparecida Negri Isquerdo, como representante dos atlas em andamento. Com o falecimento de dois representantes do Comitê Nacional, Walter Kock, em 2008, e Mário Roberto Lobuglio Zágari, em 2010, passam a integrar também o Comitê Nacional Felício Margotti (UFSC), Abdelhak Razky (UFPA) e Aparecida Negri Isquerdo (UFMS).

O Projeto ALiB tem como objetivo geral fornecer dados empíricos, sistematicamente recolhidos e analisados, para o conhecimento do português do Brasil, juntamente com os seguintes objetivos específicos:

1. Descrever a realidade lingüística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
2. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas lingüísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.
3. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento — história, sociologia, antropologia, etc. — de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
4. Oferecer, aos interessados nos estudos lingüísticos, um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações;

aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.

5. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 16).

Aguilera (2006) afirma que a equipe diretora do projeto discutiu, durante o período de 1997 a 2001, os projetos dos atlas até então publicados para chegar à proposta definitiva do Projeto do ALiB em relação à definição dos questionários, da rede de pontos, do perfil dos informantes, da equipe de investigadores e da natureza das cartas geolinguísticas.

De acordo com Cardoso, Mota e Paim (2009, p. 247), o projeto visava a pluridimensionalidade de parâmetros, por este motivo, ao delimitarem o perfil dos informantes do ALiB, optaram por uma distribuição por gênero, faixa etária e escolaridade, fato que distanciou o projeto do modelo tradicional seguido pela geolinguística desde o final do século XIX. O ALiB utilizou uma versão portuguesa do NORM (*nonmobile, older, rural, male*) proposto por Chambers e Trudgill (1994, p. 57), nomeado no Brasil de HARAS (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário), na proposta de Zágari (2005, p. 52).

Após todas as discussões referentes à confecção do ALiB, o Comitê Nacional do Projeto constituiu as seguintes orientações para sua produção: informantes na faixas etárias de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos; sexo masculino e feminino; nível de instrução: no interior, apresentar o ensino fundamental completo e, nas capitais, além dos quatro informantes com fundamental completo, mais quatro informantes com nível superior; localidades abrangidas: Região Norte (23 pontos); Região Nordeste (71 pontos); Região Sudeste (79 pontos); Região Sul (41 pontos); Região Centro-Oeste (21 pontos). Quanto aos questionários, os encaminhamentos incluem a aplicação de três tipos de questionário direcionado para os aspectos: i) fonético-fonológico (159 perguntas), associado a 11 questões de prosódia; ii) semântico-lexical (202 perguntas) e (iii) morfossintático (49 perguntas). Acrescentam-se aos três questionários: questões de pragmática (4), temas para

discursos semidirigidos (relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal), perguntas de metalinguística (6) e um texto para leitura: "Parábola dos sete vimes".

Aguilera (2006) salienta que a metodologia adotada pelo Comitê do Projeto englobou procedimentos da Geolinguística tradicional e da Sociolinguística.

Da geolingüística, temos a abrangência de grande extensão territorial a ser investigada, isto é, trata-se de um atlas nacional, que busca descrever a língua portuguesa falada em mais de oito milhões de km². Trata-se igualmente de uma pesquisa das variantes diatópicas e topoestáticas, embora não se ignore que, nos últimos cinquenta anos, o êxodo rural alterou profundamente o perfil socioeconômico das grandes e médias cidades. A opção por um número reduzido de informantes por localidade é outra marca dos trabalhos geolingüísticos, associada à preferência por informantes que tenham, no máximo, concluído o nível básico de escolaridade. Quanto ao instrumento de coleta de dados, distingue-se da pesquisa sociolingüística pela adoção de questionários voltados, ao mesmo tempo, para a investigação de um grande número de fenômenos linguísticos (AGUILERA, 2006, p. 230-231).

Para Cardoso e Mota (2012), a metodologia do Projeto ALiB encontra suas bases na Dialetoлогия Pluridimensional contemporânea, por este motivo, além de priorizar a dimensão diatópica, considera também outras dimensões, como a diageracional, diagenérica, diastrática, diafásica.

O Quadro 6, na sequência, sintetiza as dimensões e os parâmetros considerados na metodologia do Projeto ALiB que o caracterizam como um atlas pluridimensional.

Quadro 6 - A Pluridimensionalidade do Projeto ALiB.

DIMENSÕES	PARÂMETROS
Diatópica	Atlas topostático que reúne uma rede de pontos de 250 localidades brasileiras (cidades de pequeno, médio e grande porte), incluindo as capitais de Estados, exceto Palmas (capital de Tocantins) e Brasília (capital do Distrito Federal) em virtude de serem cidades de fundação recente. As 250 localidades estão distribuídas pelos 26 Estados da Federação e foram selecionadas a partir dos seguintes critérios: densidade demográfica, áreas de fronteira, áreas dialetais já delimitadas por pesquisas geolinguísticas produzidas no Brasil (atlas regionais).
Diageracional	Falantes de duas faixas etárias: Faixa I ⇒ 18 e 30 anos; Faixa II ⇒ 50 e 65 anos.
Diassexual	Falantes do sexo masculino. Falantes do sexo feminino.
Diastrática	Falantes com dois graus de escolaridade: Ensino Fundamental (localidades do interior e nas capitais); Superior (capitais).
Diafásica	Questionário linguístico Texto para leitura Discursos semidirigidos (temas para que o informante discorra livremente)
Diarreferencial	Apuração de fatos metalinguísticos e epilinguísticos

Fonte: Metodologia do projeto ALiB (apud ISQUERDO; ROMANO, 2012).

Isquerdo e Romano (2012) asseveram que, associadas às variáveis sociolinguísticas anteriormente mencionadas, existem outras também consideradas pelo projeto. Mesmo que não se configurem como um critério para a seleção dos informantes, são de extrema importância para o projeto por apresentarem informações sociolinguísticas que auxiliam na interpretação e análise dos dados linguísticos documentados através dos inquéritos, realizados *in loco* pelos pesquisadores do projeto ALiB e registradas na ficha do informante.

Diante do exposto, é inegável que o referido projeto trouxe benefícios aos estudos geolinguísticos, dialetológicos e sociolinguísticos a respeito do Português Brasileiro que se fazem presentes nos inúmeros artigos científicos, monografias e teses que têm sido publicadas.

A seguir, abordamos a Sociolinguística que nos serve de base teórico-metodológica no tratamento e interpretação dos dados do projeto ALiB. Cabe destacar que a junção de alguns critérios propostos pela Sociolinguística e pela Dialetologia, no que concerne à seleção dos informantes, das localidades e à elaboração dos questionários, deu origem à Dialetologia Pluridimensional, sendo, portanto, *mister* abordar esse assunto em separado e de forma mais detalhada.

3.4 SOCIOLINGUÍSTICA

O termo Sociolinguística foi cunhado em 1964, por ocasião do Congresso de UCLA, na Universidade da Califórnia, organizado por William Bright, onde estavam presentes estudiosos como Dell Hymes, William Labov, John Gumperz, Einar Haugen, John Fisher, José Pedro Rona, dentre outros.¹⁷ Tal encontro resultou na publicação do livro “*Sociolinguistics*”, que trazia, dentre outros, o capítulo: *Introduction: the dimensions of Sociolinguistics* do próprio William Bright (1974).

Ribeiro (2013) destaca a importância deste congresso para a consolidação dos estudos da área, por ele apresentar em seu tema introdutório as dimensões da Sociolinguística, “em que Bright define e caracteriza a área, além de pontuar o papel da Sociolinguística em relacionar as variações linguísticas em uma comunidade às distinções inerentes à estrutura da sociedade” (RIBEIRO, 2013, p. 25).

Em princípio, a Sociolinguística e a Sociologia da Linguagem eram vistas como sinônimas, porém, com o passar do tempo, foi criada uma distinção que, de acordo com Silva-Corvalán (1989), estaria em “que se assigna al hecho social y al hecho lingüístico”, ou seja, para a autora, a Sociolinguística seria responsável pelos fenômenos linguísticos (fonológicos, sintáticos...) em seu contexto social, enquanto a Sociologia da Linguagem ficaria responsável pelos fenômenos sociais que teriam relação com o uso de uma língua (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 6). Mesmo apresentando essa distinção, as duas ciências ainda apresentam inúmeros pontos de contato, dificultando assim a delimitação entre elas, visto que tanto seus métodos quanto seus objetivos, às vezes, apresentam coincidências.

Segundo Silva-Corvalán (1989, p. 8), a mesma questão foi levantada em relação à Sociolinguística e à Dialectologia, pois ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem relações que ocorrem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a Sociolinguística, a Dialectologia sempre reconheceu a existência da heterogeneidade linguística, contudo a Dialectologia apresenta o estudo dos dialetos como objeto de pesquisa, considerados como variações regionais de uma língua, enquanto a Sociolinguística

¹⁷ No entanto, é necessário ressaltar que o termo “Sociolinguística” já existia bem antes, como afirmam Paulston e Tucker (2003). Ele fora apresentado em 1939, em um artigo de Thomas C. Hodson, que apresentava o título “Sociolinguistics in India”, publicado no periódico “Man in India”, assim como já havia sido usado pelo linguista Eugene Nida, na segunda edição do livro “Morphology” (1949, p. 152). Há também a atribuição do termo a Haver Currie, que apresentou um trabalho em 1949 e depois publicou no “Southern Speech Journal” em 1952.

estuda as diferentes formas de uso de uma língua na sociedade, além disso, cada uma dessas vertentes faz uso de métodos particulares de investigação científica.

Definir com precisão do que se ocupa a Sociolinguística não é nada fácil, muitos dizem que seus estudos tratam da relação entre o idioma e a sociedade, porém tal definição é expressivamente vaga. Para Bright (1974), “la tarea del sociolingüista es mostrar las variaciones sistemáticas correlacionadas de la estructura lingüística y de la estructura social”, ou seja, “es mostrar que tal variación o diversidad no es en efecto libre sino que está relacionada con diferencias sociales sistemáticas” (BRIGHT, 1974, p. 197-198). O autor enfatiza que a diversidade linguística é o conceito do campo da Sociolinguística.

Silva-Corvalán (1989) apresenta uma definição mais estrita para a Sociolinguística, destacando que:

[...] la sociolingüística es una disciplina independiente, con una metodología propia [...] que estudia la lengua en su contexto social y se preocupa esencialmente de explicar la variabilidad lingüística, de su interrelación con factores sociales del papel que esta variabilidad desempeña en los procesos de cambio lingüístico (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 1)¹⁸

Há duas perspectivas de estudo na Sociolinguística, segundo Monteiro (2000), a macrosociolinguística e a microsociolinguística. A primeira aborda as relações entre a sociedade e as línguas como um todo, discutindo questões referentes ao multilinguismo e às prováveis políticas linguísticas que um governo pode adotar. A segunda discute os efeitos dos fatores sociais sobre as estruturas linguísticas e faz uso de testes estatísticos na tentativa de determinar as pressões que condicionam a aplicação de uma dada regra variável. É nesta segunda perspectiva que se encaixa a Sociolinguística Variacionista. Seu grande expoente é William Labov.

Mesmo que haja diversas vertentes de estudos sociolinguísticos, o que nos interessa para este estudo é a Sociolinguística Variacionista, por ser a metodologia adotada no tratamento dos dados para esta dissertação. Sendo assim, traçamos, a

18 “A sociolinguística é uma disciplina independente, com uma metodologia própria [...] que estuda a língua em seu contexto social e se preocupa essencialmente em explicar a variedade linguística, de sua interrelação com fatores sociais do papel que esta variedade desempenha nos processos de mudança linguística” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p.1, tradução da autora).

seguir, um breve histórico dessa corrente linguística, destacando os principais postulados e suas contribuições para o estudo da língua.

3.3.1 Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista ou Laboviana propõe uma nova forma de ver e tratar os fenômenos linguísticos, ou seja, captar a língua da forma mais natural possível. Ela apresenta uma metodologia muito bem delineada, preocupada com momentos que vão da delimitação da variável em estudo aos procedimentos durante a coleta e análise dos dados (KAILER, 2008).

Como tentativa de combater as ideias de seus predecessores, Labov, Weinreich e Herzog apresentam, no simpósio “Direções para a Linguística Histórica”, ocorrido na universidade do Texas, em 29 e 30 de abril de 1966, os “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”. Esse texto trazia propostas concretas acerca dos fundamentos empíricos para uma teoria da mudança, direcionando os estudos das variações, além de apresentar critérios para estudar a mudança linguística numa comunidade ou grupos urbanos complexos.

Foi com base nesse estudo que se abriram os mais variados caminhos para diversos trabalhos de cunho social, com um novo ponto de vista sobre o modo de contemplar a variação inserida no sistema linguístico. Isso, indubitavelmente, fortaleceu cientificamente a Linguística com a então recém-criada Sociolinguística Variacionista, que surgiu para suprir as lacunas dos modelos até então vigentes.

Os autores de “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística” propunham alguns princípios para a explicação da mudança, que designaremos a seguir:

1. A mudança linguística não deve ser identificada como deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
2. A associação entre estrutura inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação da comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas homogêneas.
3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.

4. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.
5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas de comunidades de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os dialetos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.
6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos das descontinuidades específicas da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.
7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 125-126).

Os princípios propostos apontam alguns caminhos para uma investigação do fenômeno da linguagem com um olhar mais voltado para seu contexto sociocultural. Conforme apontam os dois estudos seminais de William Labov, sendo o primeiro deles “A realização dos ditongos na ilha de Martha’s Vineyard” e o segundo “A estratificação Social do “r” em Nova Iorque”.

Em sua dissertação de mestrado, de 1963, ao analisar o falar dos habitantes da ilha Martha’s Vineyard, localizada no estado de Massachusetts, Labov concebe a vertente quantitativa da Sociolinguística, também conhecida como Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista. Foi a partir desse trabalho que ele construiu uma metodologia na qual os dados linguísticos são passíveis de sistematização e análise.

Para Labov (2008), a variação da língua é um fato regulado por contextos linguísticos e sociais que apresentam a heterogeneidade da língua associada à noção de sistema, fato este observado na ilha de Martha’s Vineyard, quando Labov estudou a frequência e distribuição das variantes fonéticas dos ditongos /ay/ e /aw/. Ele chega à conclusão de que as posturas apresentadas inconscientemente pelos falantes da ilha eram uma maneira de marcar sua identidade cultural. O significado da centralização desses ditongos era uma atitude positiva em relação à ilha, pois os nativos que pretendiam sair da ilha mostravam pouca ou nenhuma centralização; os

que queriam sair, mas voltar um dia, apresentavam nível alto de centralização, sendo assim intensificavam sua pronúncia local como reflexo de uma reação às mudanças sociais decorrentes da presença de veranistas. Fato este que evidenciou ser a língua um fator de identidade social.

Em sua tese de doutorado, ao estudar a estratificação do “r” em falantes de lojas de departamento na cidade de Nova Iorque, em 1966, Labov acrescenta outro estudo fundador aos estudos sociolinguísticos, analisando o fenômeno de presença *versus* ausência da consoante pós-vocálica (/r/). Além do estrato social, Labov também observou outras variáveis de cunho social, como raça e ocupação dos vendedores, estabelecendo, dessa forma, um modelo teórico-metodológico de descrição e interpretação de fenômenos linguísticos que investiga a correlação de aspectos linguísticos e sociais.

A referida pesquisa foi dividida em espaços diversificados, representados por lojas que atendiam pessoas de diferentes níveis sociais: Sacks (status superior), Macy’s (status social médio) e S. Klein (status socioeconômico inferior). O método previa a aplicação de 70 entrevistas individuais e observações anônimas que pretendiam verificar se havia correlação entre a produção ou não do “r” no falar dos vendedores e a estratificação social das lojas em que trabalhavam. Labov (2008) com os resultados obtidos o referido estudioso observou um comportamento diferenciado nas comunidades estudadas, segundo o autor:

[...] a classe média alta desenvolve o uso de (r-1) cedo na vida – como uma expressão variável de formalidade relativa a ser encontrada em níveis estilísticos. Para os outros grupos na cidade de Nova York, não existe base sólida para (r-1) no estilo vernacular da fala casual; para eles, (r-1) é uma forma que requer alguma atenção ao modo de falar, se for usada (LABOV, 2008, p. 85).

Cabe destacar, pautados em Cezario e Votre (2008), que o pesquisador na Sociolinguística Variacionista:

[...] se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. O estudo procura verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início, ou se completou uma trajetória que aponta para mudança. (CEZARIO; VOTRE, 2008, p. 141).

Conforme os autores afirmam, por meio de estudos sociolinguísticos é possível verificar se estamos diante de uma variação estável ou de uma mudança linguística. Nesse sentido, é de suma importância explicitar a distinção entre variação e mudança linguística. A primeira representa a coexistência de duas ou mais variantes em um dado momento e a segunda indica que uma forma linguística se sobrepôs a todas as outras e se instalou na comunidade.

Labov, Herzog e Weinreich (2006, p. 188) asseguram, como já mencionamos, que “nem toda variação e heterogeneidade na estrutura da língua envolve mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade”, visto que a mudança linguística só ocorrerá quando uma variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade e adquire direção e significado social. É importante salientar que existem vários tipos de variação linguística, a saber: i) a variação histórica ou diacrônica: mudanças pelas quais a língua passa no decorrer do tempo; ii) variação geográfica ou diatópica: diferenças linguísticas entre falantes de diferentes espaços físicos; iii) variação social ou diastrática: resultado de fatores como classe social, idade, sexo, escolaridade, situação ou contexto social e (iv) variação estilística ou diafásica: alternância na fala para adequá-la aos diferentes contextos de uso (ALKMIM, 2001, p. 33-39).

Essa teoria implica o levantamento cuidadoso dos registros da língua falada, descrevendo a variável (conjunto de variantes), traçando um perfil das variantes (diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com mesmo valor de verdade) e analisando os fatores estruturais e sociais condicionantes, buscando o encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade, além de avaliar a variável, para confirmar os casos de variação ou mudança.

Com base nos princípios levantados para a teoria, Labov, Herzog e Weinreich (2006, p. 17) enumeram os cinco problemas centrais envolvidos na investigação da mudança em curso: **o problema dos fatores condicionantes** (mudanças e condicionantes possíveis); **o problema da transição** (os estágios intervenientes entre dois estados da língua); **o problema da encaixamento** (o entrelaçamento das mudanças com outras que ocorrem na estrutura linguística e na estrutura social, além do encaixamento histórico (tempo real/sincrônico/fontes históricas); **o problema da avaliação** (os efeitos da mudança sobre a estrutura e o uso da língua) e **o problema da implementação** (razões para mudanças ocorrerem em certa língua numa dada época).

Outro fator importante para essa teoria é o que Labov (2008) nomeia de “paradoxo do observador”: o informante sabe que está sendo gravado e, ao mesmo tempo, o entrevistador precisa de uma fala que represente o vernáculo e não uma fala artificial. Na tentativa de resolver esse impasse, o autor propõe que o trabalho de pesquisa feito com o falante-ouvinte real ocorra em situações reais de linguagem e que a coleta dos dados seja feita por meio de gravações de amostras de fala de um número considerável de informantes, através de entrevistas de experiência pessoal, para que o envolvimento emocional com os temas leve os informantes a produzirem um discurso informal e espontâneo, para permitir que o “vernáculo emerja” (LABOV, 2008, p. 244).

Com o objetivo de alcançar o tão almejado “vernáculo”, Labov (2008) propõe alguns procedimentos que devem ser usados pelo entrevistador para poder desviar a atenção do falante, como: criar intervalos, pausas nas quais o informante não perceba a gravação; envolvê-lo em histórias e lembranças tristes que recriem fortes emoções. Outra instrução dada por Labov se refere à escolha dos informantes, pois, geralmente, são escolhidas pessoas nascidas e criadas na comunidade. Caso não haja informantes dentro dessa descrição, a segunda opção é que, ao menos, residam na comunidade desde os cinco anos de idade.

Pelo fato de a metodologia da Sociolinguística Variacionista trabalhar com dados estatísticos, que são tratados quantitativa e qualitativamente, além dos estilos de fala, Labov propõe também que se leve em consideração, além das variáveis estruturais, a idade, o sexo, a escolaridade, a dimensão geográfica bem como o nível socioeconômico do indivíduo entrevistado. Considerando-se esses aspectos, a Sociolinguística Variacionista analisa não só os contextos linguísticos, mas também contextos extralinguísticos que lhe possibilitam averiguar a evolução e a avaliação social a que determinada variante pode estar sujeita (KAILER, 2008).

Outra questão a ser considerada pelos estudiosos, no momento de se fazer uma pesquisa de base quantitativa, é a delimitação do fenômeno linguístico variável, levantando todas as possibilidades de produção que estão em variação, para, em seguida, lançar hipóteses sobre as variáveis condicionadoras (linguísticas e sociais) que podem influenciar no momento da escolha de uma ou de outra forma variante. Assim se pode identificar os grupos de fatores (estruturais ou sociais) com os quais se irá trabalhar antes de submeter os dados a uma análise computacional

(VARBRUL, GOLDVARB ou R BRUL), que apresentará os cálculos de frequência e dará o resultado em percentual e peso relativo.

Para que o sociolinguísta possa observar qual dos fenômenos ocorre na comunidade em estudo, deve considerar se a análise sociolinguística das variantes aponta para uma variação estável (coexistência mútua no sistema linguístico) ou para uma mudança em progresso (duelo entre duas variantes até a permanência de apenas uma delas no sistema em questão).

Para este último caso, faz-se necessária e relevante uma análise em tempo real, pois a observação diacrônica poderá explicitar o estágio de coexistência ou não das variantes na comunidade linguística. Sendo assim, o uso da regra variável permite extrair as regularidades e tendências dos dados, podendo determinar como a seleção de uma estrutura linguística é influenciada pelas configurações específicas dos fatores que caracterizam o contexto em que ela ocorre (HORA, 1997, p. 172).

Realizamos, neste capítulo, a revisão teórica que embasa esta dissertação. No próximo, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos.

CAPÍTULO 4

PRESSUPOSTOS TEÓRICO - METODOLÓGICOS

A presente pesquisa pauta-se no modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008) e da Geolinguística (CARDOSO, 2010), pois fazemos uma análise quantitativa dos dados do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), buscando compreender a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos no uso de uma ou de outra variante do /r/ em coda silábica na Região Centro-Oeste do Brasil.

4.1 DELIMITAÇÃO DO CORPUS

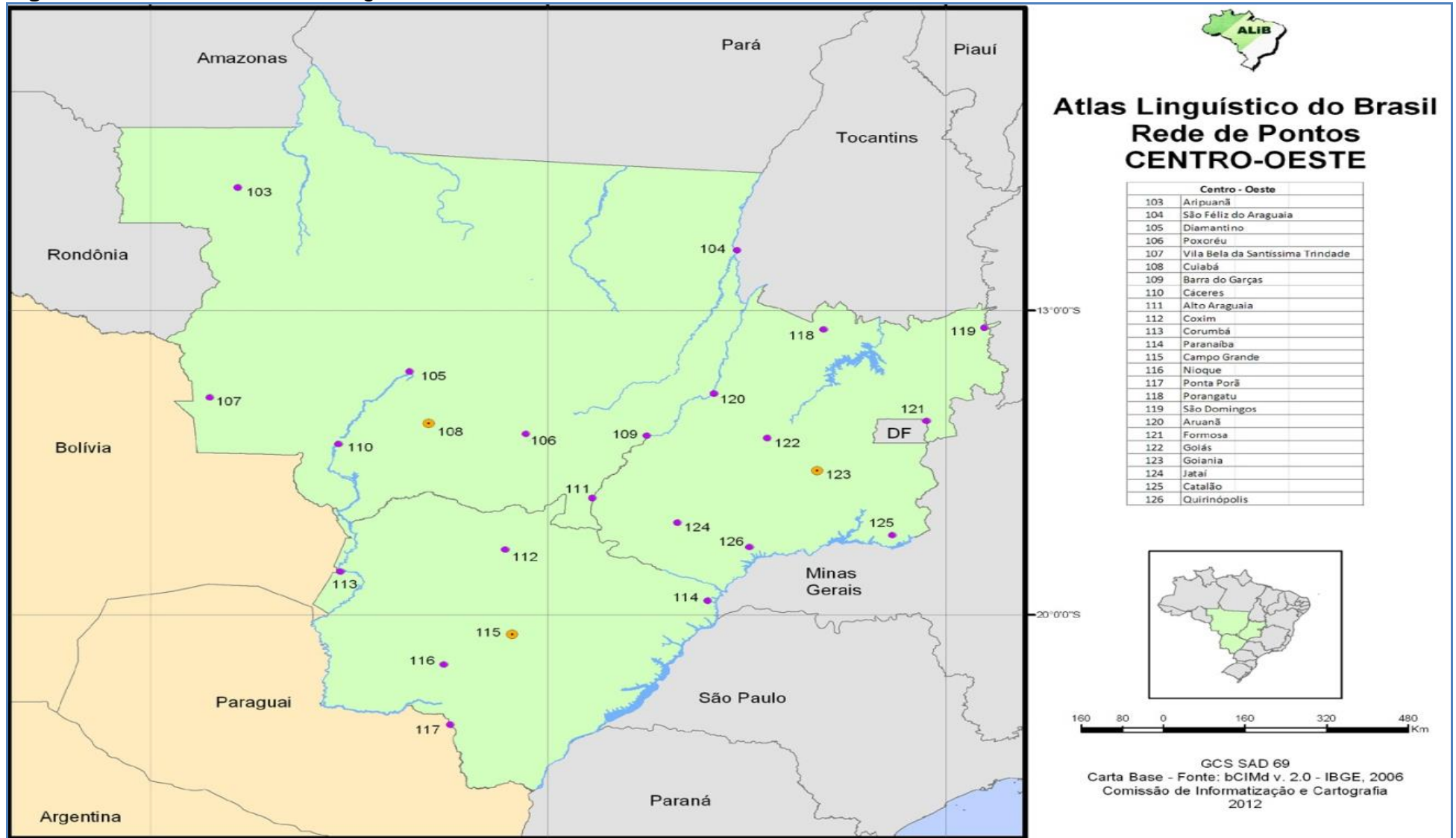
O *corpus* utilizado para estudo do /r/, em posição de coda medial e final de sílaba, na região Centro-Oeste do Brasil, é composto de dados selecionados de três estados: Mato Grosso (MT), Mato Grosso do Sul (MS) e Goiás (GO), em 24 localidades, sendo 8 localidades de MT, 5 localidades de MS e 8 localidades de GO, além de 3 capitais. Dados que foram coletados pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), conforme fatores de ordem geográfica, cultural e histórica. A seguir, apresentamos no Quadro 7, as localidades e seus respectivos pontos linguísticos e, na Figura 14, a rede de pontos da região Centro-Oeste.

Quadro 7 - Localidades selecionadas para a pesquisa na Região Centro-Oeste.

Mato Grosso	Mato Grosso do Sul	Goiás
103. Aripuanã	112. Coxim	118. Porangatu
104. São Félix do Araguaia	113. Corumbá	119. São Domingos
105. Diamantino	114. Paranaíba	120. Aruanã
106. Poxoréu	115. Campo Grande (Capital)	121. Formosa
107. Vila Bela da Santíssima Trindade	116. Nioaque	122. Goiás
108. Cuiabá (Capital)	117. Ponta Porã	123. Goiânia (Capital)
109. Barra da Garça		124. Jataí
110. Cáceres		125. Catalão
111. Alto do Araguaia		126. Quirinópolis

Fonte: Elaborado pela autora com base em informações contidas no site oficial do Projeto ALiB.

Figura 14 - Rede de Pontos – Região Centro-Oeste



Fonte: ATLAS... (2018).

4.2 INFORMANTES

Esta pesquisa é composta por dados referentes ao falar de 95 informantes da Região Centro-Oeste. Desse total de informantes, 12 são das três capitais¹⁹ (Cuiabá, Campo Grande e Goiânia) e 84 das demais localidades (32 em Mato Grosso, 20 em Mato Grosso do Sul e 31 em Goiás)²⁰, estratificados socialmente, obedecendo-se aos critérios sociais estabelecidos no Projeto ALiB, quais sejam: i) 4 informantes nas capitais, sendo 2 homens e 2 mulheres; idade entre 18 e 30 anos e 50 e 65 anos; com Ensino Fundamental (até a oitava série).²¹ Além disso, todos os informantes são naturais ou passaram ao menos 2/3 de suas vidas na localidade e são filhos de pessoas naturais da mesma área linguística. O Quadro 8 permite visualizar a estratificação dos informantes.

Quadro 8 - Estratificação dos informantes

Sexo	Faixa Etária		Escolarização
	18-30 anos	50-65 anos	
Masculino	23	24	Ensino Fundamental (até a oitava série)
Feminino	24	24	
Total = 95 informantes	47	48	

Fonte: elaboração da autora.

4.3 LEXIAS

Como temos o objetivo de avaliar, também, o estilo de produção de fala, analisamos as lexias (I) do Questionário Fonético-Fonológico (QFF), que apresentam o fonema [r] em coda silábica interna e externa, (II) dos Temas para Discurso Semidirigidos (TDS) e (III) da Leitura do Texto.

O QFF do Projeto ALiB é composto por 159 perguntas, além das questões de prosódia, relativas à natureza das frases interrogativas, afirmativas e imperativas

¹⁹ Para termos uma amostra mais ortogonal, não trabalhamos com os dados dos informantes com Ensino Superior, uma vez que no interior foram inqueridos apenas informantes alfabetizados com, no máximo, o Ensino Fundamental (até a oitava série).

²⁰ Não obtivemos a gravação de um informante do estado de Goiás.

²¹ O quadro produzido com as informações de cada informante, como, por exemplo, profissão, nacionalidade, dados pessoais (nome, endereço, sexo, data de nascimento, estado civil), fonte de renda, entre outras questões, foram retiradas da "Ficha do Informante", onde também consta o número do ponto e o número do informante.

(CARDOSO; MOTA; PAIM, 2013, p. 64). Os itens contemplados no QFF são generalizados com vistas a possibilitar a resposta de informantes de todas as partes do país e assim conseguir o registro de uma variante fônica em vocábulos selecionados.

Como vamos nos ater somente às variantes róticas em posição de coda silábica interna e externa, consideramos apenas as lexias que possibilitam a presença do /r/ no referido contexto, constantes das questões que investigam: Torneira Q12; Varrer Q18; Gordura Q22; Colher Q25; Liquidificador Q26; Fervendo Q27; Botar Q36; Árvore Q39; Montar Q43; Borboleta Q46; Calor Q61; 62. Tarde Q62; Catorze/Quatorze Q65; Trabalhar Q80; Rasgar Q88; Pernambucano Q92; Certo Q105; Perdão Q110; Mulher Q129; Perfume Q144; Beijar Q146; Dormindo Q148; Perdida Q150; Encontrar Q151; Perguntar Q152; Sair Q153; Esquerdo Q158. Além dessas lexias, acrescentamos outras que foram recorrentes no discurso formal (QFF) de muitos informantes, como: pôr, ponhar, colocar, achar, pedir informação, indagar, margarina, beija-flor, armário, berço, porta, flor, serviço, carne, carneiro (a), procurar, bermuda, militar, nervosa, dar, abraçar, zíper, fazer, dormir, talher, normal, shorts, porco, pernambuquense, entre outras.

Um empecilho encontrado no discurso informal (Temas para Discurso Semidirigidos (TDS)) que não podemos deixar de apresentar revelou-se nos casos em que os informantes fizeram um relato muito breve²², o que não nos permitiu obter lexias com possibilidades de /r/ em coda silábica no contexto. Um exemplo disso ocorreu em Mato Grosso na cidade de São Félix do Araguaia, onde, por problemas alheios, não houve a gravação do trecho em que constavam os TDS, isso nos levou a buscar outro trecho da gravação, no qual a informante relatasse algo de maneira mais espontânea e que se encaixasse no estilo de fala que buscávamos, ou seja, mais espontâneo. Outro caso ocorreu com um informante de Alto Araguaia, também de Mato Grosso, em que o trecho da gravação dos TDS estava inaudível²³, apresentando muito ruído.

²² Perguntas dos Temas para discursos Semidirigidos, propostas pelo questionário do Projeto ALiB - 1) Relato pessoal – Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro...); 2) Comentário – De que programas de televisão você/ o (a) senhor (a) gosta mais? Por quê?; 3) Descrição – Você / o (a) senhor (a) trabalha em quê? Fale um pouco sobre seu trabalho.; 4) Relato não pessoal – Conte um caso / um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo, etc.).

²³ Assim como nos Temas para Discursos Semidirigidos, houve outros casos, tanto no QFF como na Leitura, em que a gravação se apresentava com muito ruído, dificultando a identificação da variante do /r/ utilizada, sendo por nós desconsideradas.

Em relação à leitura, 19 informantes, por motivos pessoais ou de saúde, acabaram não lendo o texto²⁴, sendo 7 do estado de Goiás (2 de Aruanã, 1 de Catalão, 1 de Goiás, 1 de Porangatu, 1 de São Domingos), 9 de Mato Grosso (2 de Aripuanã, 1 da Barra da Garça, 1 de Poxoréu, 2 de São Félix do Araguaia, 1 de Diamantino, 1 de Cáceres, 1 de Alto Araguaia) e 3 do estado de Mato Grosso do Sul (2 de Campo Grande, 1 de Coxim).

Como já mencionado, examinamos, neste estudo, o comportamento do /r/ em coda silábica interna e externa, que pode variar respectivamente em variantes retroflexa alveolar [ʀ], fricativa velar [ʁ], tepe alveolar [ʀ̥], vibrante múltipla [ʀ̥], fricativa glotal [ʀ̥] e apagamento [ʀ̥], todavia verificamos também a ocorrência das variantes tepe fricativizado [ʀ̥] e retroflexo fricativizado [ʀ̥]²⁵ e vocalização [ʀ̥]²⁶. Além disso, cabe destacar que os contextos nos quais ocorreram tepe em ressilabação em que o /r/ deixa a coda silábica, por exemplo, Bota/r/, e passa ao ataque, como em Bota/ʀ̥/ovo, foram excluídos da amostra²⁷, sendo somente consideradas na análise preliminar, que apresenta os resultados em número absoluto de ocorrências. Foram excluídos também os casos em que não foi possível a percepção da pronúncia do /r/ devido a interferências ou ruídos externos. Sendo assim, analisamos o /r/ em contextos como os exemplificados a seguir: Coda Externa - ma /r/ - Coda Interna - to/r/neira.

No decorrer dos cruzamentos, foram necessários alguns ajustes como amálgamas (considerando questões linguísticas e quantitativas ou exclusões de fatores que se mostraram invariáveis gerando nocautes, 100% ou 0% de aplicação da regra em estudo). Destacamos, porém, que, mesmo sendo excluídos da análise binominal, esses casos estão explicados e exemplificados na análise preliminar. Em seguida, abordamos o tratamento acústico dos dados.

4.4 TRATAMENTO ACÚSTICO DOS DADOS

²⁴ Alguns motivos constatados para o impedimento da leitura do texto foram: não sabiam ler; tinham catarata; soletravam e não conseguiam ler e foram interrompidos pela entrevistadora; gravação com muito ruído; não quiseram ler, pois estavam sem óculos.

²⁵ Ocorreram quatro casos de tepe fricativizado [ʀ̥] em Goiás e dez casos de retroflexo fricativizado [ʀ̥] em MT e um caso em GO, ambos em coda externa de verbos. Já em coda externa de não verbos ocorreram seis casos de tepe fricativizado em GO e dois casos de retroflexo fricativizado em MT e um caso em GO. Em coda interna, não ocorreram casos de tepe fricativizado, mas três casos de retroflexo fricativizado em MT e apenas um em GO.

²⁶ Em coda externa de verbos e não verbos, não houve nenhum caso de vocalização, as únicas ocorrências foram: três casos em MT e um caso em GO em coda interna.

²⁷ Consideramos, no entanto, esses casos para a análise do apagamento *versus* realização.

Para ouvir e recortar as lexias de nosso interesse das gravações dos 95 informantes utilizamos o programa Sound Forge (2010). Esse *software* oferece ferramentas para recortar, colar, reduzir ruídos, aumentar o volume, permite também alterar a velocidade em que o som é reproduzido, recursos esses que viabilizam o trabalho com áudios. Encerrada a etapa de recorte e identificação das variantes, criamos símbolos para cada fator das variáveis previamente definidas. Esses símbolos são necessários porque o programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) faz cruzamentos apenas dos dados codificados. Assim, no arquivo de dados, cada palavra recebeu uma entrada de acordo com os códigos estabelecidos. Para isso, consideramos a estratificação dos informantes quanto à idade (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), ao sexo (masculino e feminino) e à localidade de origem: Goiás (Goiânia, Jataí, Quirinópolis, Catalão, Goiás, Formosa, Aruanã, São Domingos, Porangatu); Mato Grosso do Sul (Campo Grande, Corumbá, Ponta-Porã, Nioaque, Paranaíba, Coxim); Mato Grosso (Cuiabá, Cáceres, Alto Araguaia, Aripuanã, São Félix do Araguaia, Diamantino, Poxoréu, Vila Bela da Santíssima Trindade, Barra das Garças).

Além desses contextos extralinguísticos, analisamos três estilos de fala: (i) menos monitorado (relatos presentes no DSD), no qual o informante conta fatos marcantes de sua vida ou de alguma pessoa muito próxima; (ii) monitorado (QFF), que se efetivou por meio das respostas diretas; (iii) mais monitorado (leitura do texto), momento em que o informante presta, ainda, mais atenção à linguagem (AGUILERA; KAILER, 2015).

Em relação às variáveis linguísticas que consideramos, neste estudo, temos (i) o contexto seguinte: ponto de articulação (bilabial, linguodental, labiodental, linguopalatal, velares) e modo de articulação (oclusiva, fricativa, nasal, africada); (ii) vogal da sílaba alvo; (iii) extensão do vocábulo (monossílabo, dissílabo, trissílabo, polissílabo); (iv) a classe morfológica dos vocábulos (verbos e não verbos), (v) coda interna e coda externa. Lembramos que os contextos coda interna e coda externa bem como os verbos e os não verbos foram separados em grupos diferentes, pois seguimos os procedimentos metodológicos utilizados pelo Projeto ALiB, como já dito anteriormente.

Por fim, após a audição, o recorte e a codificação dos dados de acordo com os contextos extralinguísticos e linguísticos já mencionados, foram realizadas

tabulações das ocorrências, facilitando, assim, a verificação das interrelações das variáveis para análise quantitativa e qualitativa dos resultados.

Descrevemos a seguir as variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas neste estudo.

4.5 VARIÁVEIS CONTROLADAS

Para uma pesquisa Sociolinguística Variacionista, de acordo com Labov (2008), devem ser considerados os grupos de fatores que são constituídos por uma variável dependente e por variáveis independentes de natureza linguística e social. Visto que, para ele, são os traços linguísticos presentes nos falares de uma comunidade de fala que determinam e identificam os indivíduos, marcando assim as diferenças sociais presentes nessa comunidade. Ou seja, se forem selecionadas variáveis linguísticas e extralinguísticas relevantes para a aplicação da regra em estudo, podemos levantar muitas informações a respeito da comunidade em análise. Neste sentido, apresentamos, a seguir, as variáveis que foram controladas nesta pesquisa.

4.5.1 Variável Dependente e suas Variantes

Tarallo (2007, p. 8) salienta que variantes linguísticas são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. No caso do presente estudo, investigamos a influência de algumas variáveis no uso das diferentes variantes do /r/ em posição de coda silábica [ɹ, ʀ, ʁ, ʁ̃, ʁ̄, ʁ̅, ʁ̆, ʁ̇, ʁ̈, ʁ̉, ʁ̊, ʁ̋, ʁ̌, ʁ̍, ʁ̎, ʁ̏, ʁ̐, ʁ̑, ʁ̒, ʁ̓, ʁ̔, ʁ̕, ʁ̖, ʁ̗, ʁ̘, ʁ̙, ʁ̚, ʁ̛, ʁ̜, ʁ̝, ʁ̞, ʁ̟, ʁ̠, ʁ̡, ʁ̢, ʁ̣, ʁ̤, ʁ̥, ʁ̦, ʁ̧, ʁ̨, ʁ̩, ʁ̪, ʁ̫, ʁ̬, ʁ̭, ʁ̮, ʁ̯, ʁ̰, ʁ̱, ʁ̲, ʁ̳, ʁ̴, ʁ̵, ʁ̶, ʁ̷, ʁ̸, ʁ̹, ʁ̺, ʁ̻, ʁ̼, ʁ̽, ʁ̾, ʁ̿] que, independentemente de sua realização, não alteraram o “seu valor de verdade”. Sobre isso, Labov, Herzog e Weinreich (2006, p.108) afirmam que:

O sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto dentro de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que covariam, mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário, normalmente se esperaria encontrar íntima covariação entre as variantes linguísticas.

Em princípio, selecionamos todas as possíveis ocorrências do /r/, incluindo casos de apagamento [ʁ], tepe na ressilabação (quando o /r/ deixa a coda silábica (bota/r/) e torna-se ataque (bota/ʁ/ovo)) e vocalização (carne ~ ca[ɹ]ne). Mas, com base em nossos dados e, levando em consideração a sua realização em posição de coda silábica interna e externa, optamos por deixar o /r/ das ressilabações, que formou uma palavra fonológica para um estudo posterior a este, visto que o segmento em questão deixa a coda e passa ao ataque da sílaba.

Sendo assim, analisamos as variantes [ʁ, ʁ̥, h, ʁ̥, ʁ̥, ʁ̥]²⁸ e o apagamento [ʁ], para uma melhor sistematização representamos as variantes com uma mesma cor em todos os gráficos, figuras e imagens. A variante retroflexa pela cor **vermelha**, o retroflexo fricativizado pelo **cinza**, o tepe pelo **verde**, o tepe em ressilabação pelo **amarelo**, o tepe fricativizado pelo **laranja**, a velar pelo **dourado**, a glotal pelo preto, a vibrante múltipla pelo roxo, a vocalização pelo **rosa claro**, o apagamento pelo **azul claro** e a manutenção pelo **pink**.

No Quadro 9, apresentamos exemplos das variantes mais utilizadas na Região em estudo, em posição de coda silábica interna e externa.

Quadro 9 – Variantes mais frequentes na Região Centro-Oeste.

Tepe Alveolar (ou Simples) [ʁ]	[ʃfloʁ] [ʃpʁʁtɔ]
Retroflexa Alveolar [ʁ̥]²⁹	[ʃfloʁ̥] [ʃgoʁ̥do]
Fricativa Glotal [ʁ̥, ʁ̥]	[ʃfloʁ̥] [ʃpʁ̥ʁ̥tɔ]
Fricativa Velar [ʁ̥, ʁ̥]	[ʃfloʁ̥] [ʃpʁ̥ʁ̥tɔ]
Vibrante Alveolar (ou Múltipla) [ʁ̥]	[ʃfloʁ̥] [ʃpʁ̥ʁ̥tɔ]
Apagamento (ou Zero fonético)	[ʃfloʁ̥] [boʁ̥boʁ̥leta]
Retroflexo Fricativizado	[ʃfloʁ̥ʁ̥] [ʃgoʁ̥ʁ̥do]
Tepe Fricativizado	[ʃfloʁ̥ʁ̥] [ʃpʁ̥ʁ̥ʁ̥tɔ]

Fonte: elaborado da autora.

Os indivíduos de uma comunidade de fala, ao elegerem uma variante ou outra, podem ser condicionados por fatores de natureza linguística e/ou

²⁸ Não consideramos o vozeamento de cada variante, agrupamos vozeadas e desvozeadas ao mesmo símbolo fonético.

²⁹ Utilizaremos o símbolo [ʁ̥] para representar a aproximante retroflexa, por ser esse símbolo seguido pela metodologia do ALiB.

extralinguística, que constituem as variáveis independentes, como salienta Mollica (2003, p. 11): “Uma variável é concebida como dependente no sentido de que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural.”

Sendo assim, com o intuito de depreender quais contextos possuem maior influência no uso do /r/ em coda silábica interna e externa, separamos as variáveis em linguísticas e extralinguísticas, consoante alguns estudos que embasam esta pesquisa: Aguilera e Kailer (2012), Almeida e Kailer (2013b), Brandão (1995, 1997, 2007, 2008), Cagliari (1981), Callou (1987); Callou, Leite E Moraes (1996), Carvalho (2009), Lima (2013), Marquardt (1977), Monaretto (1992, 1997, 2000, 2002, 2009), Monguilhot (1998), Monguilhot e Coelho (2002), Oliveira (1983), Oliveira (2001), Skeete (1996), Votre (1978),

4.5.1.2 Variáveis independentes

Conforme Guy e Zilles (2007, p. 117), as variáveis independentes são “entendidas como a descrição de ‘contextos’ que podem influenciar sobre a escolha de uma das variantes da variável dependente”. Portanto, as variáveis independentes atuam favorecendo ou desfavorecendo o uso das variantes que compõem a variável dependente. Em nosso estudo, abordamos o rótico em coda silábica externa e interna. Desse modo, definimos nove variáveis independentes, sendo quatro extralinguísticas e cinco linguísticas.

Como já foi mencionado, anteriormente, a variação presente na língua não é aleatória, mas motivada por circunstâncias estruturais e pelo contexto social em que os indivíduos estão inseridos. Assim sendo, uma vez relacionadas as variáveis independentes, a seguir descrevemos cada uma delas.

4.5.1.3 Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas externas à língua encontram-se agrupadas aos fatores inerentes ao sujeito da língua, como, por exemplo: o gênero (feminino e masculino), a idade, etnia. Também podem ser fatores sócio-geográficos: região, escolarização, níveis de renda, classe social, profissão, assim como podem ser contextuais, como o estilo de produção de fala, que demonstra o grau de

formalidade, a tensão discursiva que envolve o falante e o evento de fala. Para nosso estudo, abordamos quatro variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e estilo de produção de fala), que serão descritas na sequência.

4.5.1.3.1 Sexo

Os aspectos que diferenciam homens de mulheres vão além da ordem fisiológica ou comportamental. Nesse sentido, os estudos sociolinguísticos variacionistas têm ratificado a importância da variável sexo para uma análise da dimensão social da variação e da mudança. Mas, para isso, devemos conhecer a organização social da comunidade de fala e o prestígio atribuído às variantes. Podemos, dessa forma, verificar as atitudes inovadoras ou conservadoras na fala de homens e mulheres, pois é perceptível que de maneira indireta a ocorrência de determinadas variantes possa estar associada ao sexo do falante e à construção social dos papéis de homens e mulheres em uma determinada sociedade.

Labov (2008, p. 243) salienta que: “Na fala cuidada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens, e são mais sensíveis que estes ao padrão de prestígio”, sendo assim as mulheres desempenham uma atitude conservadora, se a variante que será implementada for socialmente estigmatizada; mas, se essa variante for de prestígio, as mulheres provavelmente apresentarão o papel de inovadoras, liderando assim o processo de mudança. Afirmações semelhantes também proferidas por Moreno Fernández (1998, p.37) de que as mulheres são mais sensíveis que os homens às normas de prestígio e que os homens tendem a utilizar mais o “vernáculo” ou as variedades locais que as mulheres.

4.5.1.3.2 Faixa etária

Para um pesquisador poder acompanhar a evolução de uma variedade dentro de uma comunidade de fala é necessário fazer a observação linguística de diferentes faixas etárias. Diversas pesquisas de cunho sociolinguístico apontam para a referida variável como um fator que influencia no modo de falar das pessoas, pois é sabido que crianças, jovens, falantes de meia idade e idosos não apresentam a

mesma maneira de se comunicar, uma vez que os jovens e os indivíduos de meia idade sofrem pressões sociais.

Alguns jovens, para serem aceitos em seu círculo de amizade, buscam utilizar a linguagem mais popular de seu grupo, ou seja, as “gírias”, e os indivíduos, ao entrarem no mercado de trabalho, geralmente alteram seu comportamento linguístico, buscando utilizar as variantes de maior prestígio. Os idosos, ao se aposentarem, deixam de ser pressionados pelo mercado de trabalho e tendem a não mais monitorar seu comportamento linguístico (LUCCHESI, 2012).

Não podemos deixar de falar de uma das principais implicações da variável faixa etária, a mudança linguística, visto que a maneira de se verificar a transição, a progressão gradual e ordenada de variantes linguísticas ocorre através da observação da variável faixa etária. Para Labov, Herzog e Weinreich (2006, p. 142), “num determinado momento, os falantes de diferentes faixas etárias representam diferentes estados da língua: a variante inovadora, ausente ou mais incipiente na fala dos mais velhos, aumenta sua frequência nas faixas mais jovens da população”, sendo a faixa etária, para os autores, um indicador primário social, mesmo que não absoluto, de mudanças em progresso na língua.

A verificação da mudança linguística pode ocorrer de duas formas:

- i. Em tempo real de longa duração - confrontam-se amostras de fala distintas de um mesmo indivíduo, separadas por um lapso temporal (estudo do tipo painel) e de curta duração - comparação de amostras distintas, também separadas por um intervalo de tempo, mas de indivíduos diferentes de uma mesma comunidade de fala, com estratificação dos falantes com base nos mesmos parâmetros sociais (estudo do tipo tendência);
- ii. Em tempo aparente (por meio da consideração simultânea de informantes pertencentes a diferentes faixas etárias) (CARMO, 2013, p. 286).

Conforme Chambers (2009), diferentes faixas etárias que apresentam usos relativamente similares de determinada variante indicam variação estável; se o fenômeno estiver presente na fala dos mais jovens, tem-se um indício de mudança em progresso. Sendo assim, de acordo com o referido autor, conclui-se que, a partir de estudos de diferentes faixas etárias, são alcançados os estados da língua em diferentes momentos.

4.5.1.3.3 *Estilo de Produção de Fala*

Para Labov (2008, p. 244), “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser: descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas”, para isso é preciso considerar que, durante uma entrevista, o falante altera seu estilo de fala, podendo apresentar diversos estilos de padrões fonológicos e gramaticais irregulares, hipercorreções, entre outros fenômenos.

Diante disso, Labov (2008) elabora uma metodologia buscando controlar os contextos de mais e menos formalidade. Nesse sentido, define os estilos de fala dentro de cada contexto, como “o tipo de fala que normalmente ocorre quando a pessoa está respondendo perguntas que são formalmente reconhecidas como ‘parte da entrevista’” (LABOV, 2008, p. 102), chamada de fala monitorada. Esse estilo, segundo o autor, pode apresentar situações nas quais o falante presta menos atenção à própria fala, empregando assim um estilo menos monitorado, chamado de estilo casual, aquele que se aproxima do vernáculo. Sobre isso, Labov declara ainda: “O grau de espontaneidade ou entusiasmo nas respostas dos indivíduos pode variar muito, mas a relação de sua fala casual com a fala de contextos menos formais é geralmente constante” (LABOV, 2008, p. 103).

Labov (2008) também aborda o contexto estilo de leitura para se obter uma fala o mais fluente possível e as características fonéticas e fonológicas do entrevistado. O autor afirma que “o estilo de conversação mais formal continuará sendo marcadamente diferente do estilo de leitura no tocante às variáveis fonológicas” (LABOV, 2008, p. 102).

Na busca pelo vernáculo, o pesquisador se encontra no que Labov (2008) chama de “paradoxo do observador”, como já mencionamos nesta dissertação. Para superar essa situação, ele propõe procedimentos que “desviem a atenção do falante [...]” (LABOV, 2008, p. 244), como, por exemplo, pedir para que se relate um momento de total felicidade ou de imensa dor, que leve o indivíduo a recriar emoções fortes, envolvendo-o em contextos que reduzam o monitoramento em sua fala, pois, segundo o autor, “as narrativas produzidas em resposta a essa pergunta quase sempre exibem mudança de estilo que se distancia da fala monitorada e se aproxima do vernáculo” (LABOV, 2008, p. 245).

Conforme já mencionamos, para verificarmos se há influência dos estilos de fala na produção dos róticos em coda silábica, recortamos lexias do QFF-Questionário Fonético-Fonológico (monitorado/formal); do QSD-Relatos (menos monitorado/menos formal/ mais espontâneo); leitura de um texto (mais monitorado/mais formal). Isso foi possível por conta da estrutura proposta nas entrevistas do ALiB, conforme podemos verificar nos exemplos a seguir.

Exemplo 1: QFF – Para obter uma resposta monitorada (Formal)

Pergunta nº 80 – TRABALHAR

“Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?”

Pergunta nº 110 – PERDÃO

“Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus?”

Exemplo 2: QSD – Para obter uma resposta espontânea/menos monitorada (Menos formal)

1) Relato pessoal

Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro...).

Exemplo 3: Leitura – Parábola dos sete vimes (TRINDADE COELHO)

“Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer [...]”

“ – Eu também? Perguntou o mais novo [...]”

4.6 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

As variáveis linguísticas abarcam todos os fatores estruturais internos cujas características repousam no ambiente linguístico que interferem na ocorrência de uma variante. Esses fatores perpassam os mais variados domínios da língua, compreendendo fatores fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos, dentre outros.

Sendo assim, listamos os grupos de fatores de natureza linguística que possam vir a condicionar significativamente a presença de uma ou de outra variante do /r/, bem como a ausência dos alofones/variantes do /r/ em coda silábica interna e externa. A eleição dessas variáveis está fundamentada, como já destacamos, em alguns estudos que apontam a influência de determinados ambientes estruturais

para que ocorra a variação e/ou a mudança linguística quanto ao uso das variantes róticas, conforme destacamos a seguir.

Para este estudo, conforme já foi relatado, selecionamos cinco variáveis linguísticas, quais sejam: contexto precedente (vogal da sílaba alvo); contexto seguinte (ponto de articulação e modo de articulação); extensão silábica e tonicidade.

4.6.1 Contexto Seguinte – Ponto e Modo de Articulação

Estudos como os de Almeida e Kailer (2013b), Callou, Leite e Moraes (1996), Monaretto (2000), Monguilhott (1998), Oliveira (2001), entre outros, destacam que o contexto de consoante seguinte pode exercer influência sobre o /r/ em posição de coda. Nesse sentido, procuramos averiguar a atuação desses segmentos, nessa posição, de acordo com o ponto e modo de articulação de cada um:

PONTO DE ARTICULAÇÃO - Ponto de articulação ou lugar no trato vocal definido a partir da posição do articulador ativo em relação ao articulador passivo.

Bilabial – Bo/r/boleta; Be/r/muda; co/r/po

Linguodental – To/r/neira; Ca/r/ne; Ta/r/de; qua/r/tel

Labiodental – Á/r/vore; Se/r/viço/ pe/r/fume

Alveolares – Ca/r/neiro; Te/r/ceiro; Ube/r/lândia

Alveopalatal – Pe/r/[dʒ]ida; Pa/r/[tʃ]iu;

Velares – Ma/r/garina; la/r/gar; ma/r/cou

Contexto final - larga/r/; esforça/r/

MODO DE ARTICULAÇÃO - é forma de obstrução do ar no trato vocal durante a produção de um segmento consonântico.

Oclusiva – Ce/r/to; Go/r/dura; la/r/gar; ma/r/cou

Fricativa – Fo/r/ça; Be/r/ço; Se/r/viço/ pe/r/fume

Nasal – l/r/mão; Do/r/mindo, ca/r/neiro

Africada – Pa/r/tʃiu; Pe/r/dʒida

Lateral- **O/r/l**ândia; Ube**r/r/l**ândia

No caso das lexias que apresentam o /r/ em coda externa, consideramos o seguimento inicial da palavra seguinte ou o final absoluto como nos exemplos:

Segmento vocálico - bota**r/r**ovo

Final Absoluto - Sai**r/r**

4.6.2 Contexto Precedente - Vogal da Sílabla Alvo

Existem sete segmentos vocálicos que precedem o rótico, constituindo assim o núcleo da sílaba da qual faz parte o segmento em coda. Para Cristóforo-Silva (2012, p. 66), os segmentos vocálicos “são descritos levando-se em consideração os seguintes aspectos: posição da língua em termos de altura; posição da língua em termos anterior posterior; arredondamento ou não dos lábios”. Para este estudo, analisamos esses segmentos conforme altura e localização articulatória [ɨ e ɛ a ɔ o u].

[ɨ] – Vogal alta anterior não arredondada³⁰

l/r/mão; Sai**r/r**

[e] – Vogal média-alta anterior não arredondada

Pe/r/dida; **Pe/r**/cebe**r/r**

[ɛ] – Vogal média-baixa anterior não arredondada

c[ɛ]**r/r**/to; Mulh[ɛ]**r/r**

[a] – Vogal baixa central não arredondada

Pa/r/ti**r/r**; **Pe/r**/gunt**a/r/r**

[ɔ] – Vogal média-baixa posterior arredondada

F[ɔ] **r/r**/ti; Pi[ɔ] **r/r**

[o] – Vogal média-alta posterior arredondada

Do/r/mi**r/r**; Cal**o/r/r**

[u] – Vogal alta posterior arredondada

Du/r/mi**r/r**; Gu**r/r**/dura

4.6.3 Extensão do Vocábulo

³⁰ Para a classificação das vogais, nos baseamos em Cristóforo-Silva (2012).

Alguns trabalhos de cunho variacionista (AGUILERA; KAILER, 2015; ALMEIDA; KAILER, 2013b; CALLOU; BRANDÃO, 2016; CALLOU; SERRA, 2012), realizados sobre o PB, têm demonstrado que a extensão silábica apresenta grande relevância nos processos de apagamento ou manutenção de segmentos fônicos. Portanto, observamos, para este estudo, o número de sílabas que as lexias possuem, podendo ser: monossílabos (uma sílaba), dissílabos (duas sílabas), trissílabos (três sílabas) e polissílabos (quatro sílabas ou mais).

- MONOSSÍLABOS

l/r/; l[ʁ/]; Te/r/; Te[ʁ/]

- DISSÍLABOS

Pio/r/; Pio[ʁ/]; Fo/r/ti; Be/r/çu; Calo/r/; Calo[ʁ/]

- TRISSÍLABOS

Go/r/dura; Fe/r/vendu; Pe/r/gunta/r/; Pe/r/gunta[ʁ/]

- POLISSÍLABOS

Libe/r/dade; Bo/r/boleta; Pa/r/ticipa/r/; Liquidificado/r/

4.6.4 Tonicidade

A variável tonicidade foi formulada para testar a influência deste aspecto na produção dos segmentos estudados, para saber se a sílaba tônica favorece ou desfavorece a realização de uma ou outra variante do /r/.

- TÔNICA

Po/r/ta; Ce/r/tu; Liquidificado/r/

- ÁTONA

Fe/r/vendu; Ma/r/garina; Bo/r/boleta

4.6.5 Classe Morfológica

Como muitos estudos (AGUILERA; KAILER, 2015; ALMEIDA; KAILER, 2013b; CALLOU; SERRA, 2002; MONARETTO, 2009; OLIVEIRA, 2001, dentre outros) já demonstraram que a classe dos verbos e não verbos apresentam diferenças no apagamento do /r/ em coda silábica, sendo a classe dos verbos a que tem apresentado maior índice de apagamento em coda silábica externa, trabalhamos com os seguintes grupos:

- Para realização das variantes róticas:
 - CODA INTERNA - verbos e não verbos
 - CODA EXTERNA - verbos
 - CODA EXTERNA - não verbos
- Para o apagamento ou ausência do /r/ em coda silábica
 - CODA INTERNA - verbos e não verbos
 - CODA EXTERNA - verbos
 - CODA EXTERNA - não verbos

4.7 O PROGRAMA GOLDVARB X

Tendo por base a metodologia da Sociolinguística Variacionista, utilizamos o programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e uma versão para Windows do programa computacional VARBRUL (SANKOFF, 1988), responsável pelo tratamento estatístico dos dados. Freitag e Mittmann (2005, p. 3) descrevem o programa GoldVarb: “[...] uma ferramenta de análise estatística [...], sendo utilizado especialmente para o tratamento estatístico de regras variáveis em estudos sociolinguísticos”.

O programa revela-se como um facilitador, uma ferramenta ideal, pois gera uma descrição estatística capaz de sistematizar as variáveis e seus fatores de influência, sendo eles internos ou externos ao sistema linguístico, cabendo ao pesquisador “armanezar, editar e manusear tamanha quantidade de informação” (GUY; ZILLES, 2007, p. 40). Este programa permite a investigação de situações em que a variável linguística sofre influências de diversos elementos do contexto, ou seja, das várias variáveis independentes. Em outras palavras, o Goldvarb X

apresenta o peso que cada variável tem em relação ao fenômeno variável, se apresenta favorecimento do fenômeno ou não, no caso de nosso estudo, a variação do /r/ em coda silábica interna ou externa.

Com esse programa podemos obter: i) o índice de aplicação da regra variável; ii) a frequência, os valores percentuais e os pesos relativos das variantes; iii) as variáveis linguísticas e extralinguísticas atuantes para a aplicação da regra do fenômeno em estudo em ordem de significância; iv) as variáveis significativas para a análise, descartando as não significativas; v) os casos categóricos e semicategóricos. Além disso, o Goldvarb X também possibilita-nos: i) amalgamar fatores; ii) excluir contextos que não queremos que sejam cruzados ao mesmo tempo; iii) cruzar apenas um fator de uma variável com outro fator de outra variável de maneira rápida e confiável; iv) corrigir erros de codificação, entre outras possibilidades.

Como dito anteriormente, o programa é um facilitador, mas sem a interpretação do pesquisador os resultados apresentados serão apenas números estatísticos. Assim, o pesquisador deve, primeiramente, definir a variável linguística, depois estabelecer códigos para cada fator constituinte dos grupos de fatores estudados, a fim de que estes sejam cruzados com a variável dependente (também codificada), para então o programa gerar os números do *corpus* analisado em percentuais de ocorrência e em pesos relativos.

O método de análise escolhido, neste trabalho, foi a análise binominal. Para a interpretação dos dados apresentados em peso relativo pelo programa Goldvarb X, devemos levar em conta, segundo Guy e Zilles (2007, p. 41), que:

Isso envolve calcular um valor para cada fator da análise; esse valor vem a ser um número entre 0 e 1, que indica em que medida e em que direção o fator afeta a taxa de aplicação da regra. Esses valores são interpretados conforme o seguinte padrão: um valor acima de 0,5 corresponde a um fator que favorece a aplicação da regra, um valor abaixo de 0,5 corresponde a um fator que essencialmente não tem efeito na regra (ou seja, em nada contribui para sua maior ou menor aplicação). Ademais, um valor próximo de 0 indica que a regra relevante (ou escolha) nunca se aplica no contexto daquele fator (um “nocaute negativo”), e um valor próximo de 1 indica que a regra sempre se aplica no contexto daquele fator (um “nocaute positivo”).

Um fato de extrema importância para o pesquisador, ao analisar os resultados, é a atenção dada ao nível de significância, porque, conforme Brescancini (2002), é ele “que indica se a hipótese nula não é evidenciada pela amostra, ou seja, diz-se que a hipótese é rejeitada no nível de significância de 0.05, o que implica em 95% de chance de que os resultados obtidos pelo programa sejam de fato verdadeiros.” (BRESCANCINI, 2002, p. 35-36).

Por fim, já com os resultados e indicadores empíricos, resta ao pesquisador interpretar e explicar tais resultados, além de organizá-los em tabelas e gráficos, para auxiliá-lo no processo de análise e facilitar também a visualização dos dados.

Após as explicações referentes aos procedimentos metodológicos utilizados nesta dissertação, passamos, agora, à descrição da análise realizada, iniciando por um estudo preliminar do *corpus*, que apresenta uma visão geral dos dados em números absolutos de ocorrências. Depois seguimos para um exame dos fatores selecionados pelo programa Goldvarb X como sendo os de maior relevância para a aplicação da regra.

É importante salientar que essa diferença numérica de dados em coda interna e externa se justifica pelo fato de, em coda externa, haver mais casos de apagamento do que em coda interna. Também vale salientar que esses valores serão diferentes dos apresentados na análise em percentual e em peso relativo, visto que, neste momento, utilizamos os números absolutos de ocorrências sem amalgamas, exclusões e ajustes por conta de nocautes³².

5.1 /R/ EM CODA SILÁBICA EXTERNA DE VERBOS E NÃO VERBOS E CODA SILÁBICA INTERNA EM NÚMEROS ABSOLUTOS DE OCORRÊNCIAS

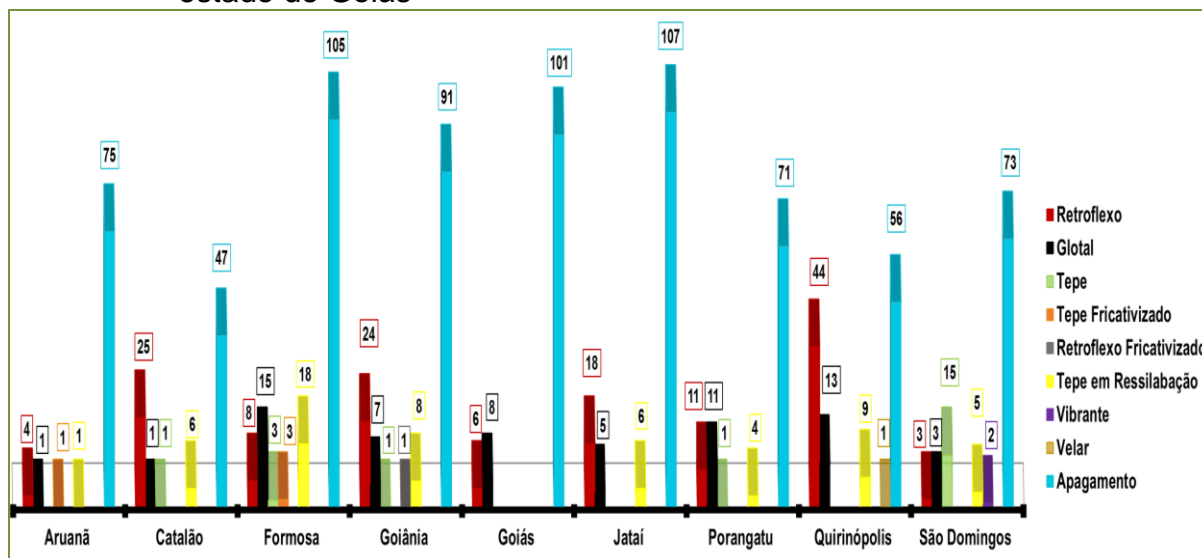
Nesta primeira parte, apresentamos os resultados obtidos da variante [r] em coda silábica externa de verbos, de não verbos e em coda silábica interna, em número absoluto de ocorrências em cada localidade das três regiões em estudo. Algumas variantes, por apresentarem números muito pequenos de ocorrências, não serão retomadas no decorrer do trabalho, como já dissemos, pois serão excluídas ou amalgamadas para evitar nocautes. São casos que dificilmente permitiriam a análise quantitativa pelo programa Goldvarb X, por impedirem interações entre grupos de fatores que devem apresentar-se independentes entre si, ou células com número muito pequeno de dados (GUY; ZILLES, 2007). Assim, como resultado de algumas variáveis extralinguísticas (sociais), como sexo, faixa etária e estilo de fala, que não foram selecionadas pelo programa Goldvarb X, em alguns dos grupos dos seis grupos em análise.

5.1.1 /R/ em Coda Silábica Externa de Verbos no Estado de Goiás em Números Absolutos de Ocorrências

Como se pode perceber, no Gráfico 1, o apagamento está predominando nas nove localidades do estado de Goiás como podemos observar no Gráfico 1.

³² Os nocautes ocorrem quando há 0% ou 100% de dados para determinado fator da variável, o que significa que não há variação em curso.

Gráfico 1 - /R/ em coda silábica externa de verbos (nº absoluto de ocorrências) no estado de Goiás



Fonte: Elaborado pela autora com base em resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

É possível verificar, na cidade de Aruanã, a presença predominante do apagamento (75)³³, seguida de maneira tímida pela variante retroflexa (4 ocorrências), pela glotal (1), pelo tepe fricativizado (1) na lexia *morre*[ɣ̞ʁ]³⁴, na fala de uma informante da primeira faixa etária, durante a leitura do texto e de 1 ocorrência de tepe na ressilabação.

Em Formosa, percebemos a presença de 6 variantes (apagamento, retroflexo, glotal, tepe, tepe fricativizado e de tepe na ressilabação). Entre essas variantes, a que mais prevaleceu, nessa localidade, foi o apagamento (105), depois vem o tepe na ressilabação (18), a variante glotal (15), a variante retroflexa (8) e as variantes tepe (3) e tepe fricativizado (3). Esta última ocorreu nas lexias *morre*[ɣ̞ʁ], *custa*[ɣ̞ʁ] e *roe*[ɣ̞ʁ] durante a leitura.

Em São Domingos (GO), notamos a presença de seis variantes (apagamento, tepe, glotal, retroflexo, vibrante, tepe na ressilabação). Nessa localidade a variante que mais se sobressaiu foi o apagamento (73), seguida da variante tepe (15) e do tepe na ressilabação (5). Dois fatos nos chamaram a atenção nessa localidade: primeiro, o duelo entre as variantes glotal e retroflexa com 3 ocorrências cada; em segundo lugar, a presença de 2 ocorrências da variante

³³ Para não repetirmos muitas vezes a palavra “ocorrência”, optamos, em alguns casos, somente colocar o número absoluto entre parêntesis ().

³⁴ Utilizamos exemplos somente para as variantes com poucas ocorrências e para o apagamento em coda silábica interna, por acreditarmos ser mais viável neste momento.

vibrante múltipla nas lexias (meno[□]), na fala de uma mulher da segunda faixa etária durante a leitura, e (dura[□]) na fala de um homem da primeira faixa etária, também durante a leitura.

O mesmo duelo entre as variantes glotal e retroflexa foi observado na cidade de Porangatu: apresentaram 11 ocorrências cada. Essa cidade também se assemelha a São Domingos em relação ao predomínio do apagamento (71) e também pela presença do tepe na ressilabação (4), diferenciando-se da referida cidade pela ausência da vibrante múltipla e pela redução da variante tepe, que ocorreu apenas 1 vez em Porangatu na lexia (morre[◊]), na fala de uma mulher da segunda faixa etária durante a leitura.

Ainda, de acordo com o Gráfico 1, Goiânia (GO), apresentou o apagamento (91) como mais produtivo, seguido da variante retroflexa (24), de tepe na ressilabação (8) e da glotal (7). Todavia, o que nos chamou a atenção foi a ocorrência de um retroflexo fricativizado na lexia sai[“ʁ], na fala de uma informante da segunda faixa etária durante o QFF³⁵, fato que consideramos relevante, pois podemos hipotetizar que tal ocorrência se deu porque a informante intercalava ora a variante retroflexa, ora a variante glotal nesse contexto. Além disso, notamos a presença de apenas (1) tepe (custa[◊]) produzido por uma mulher da segunda faixa etária no decorrer da leitura.

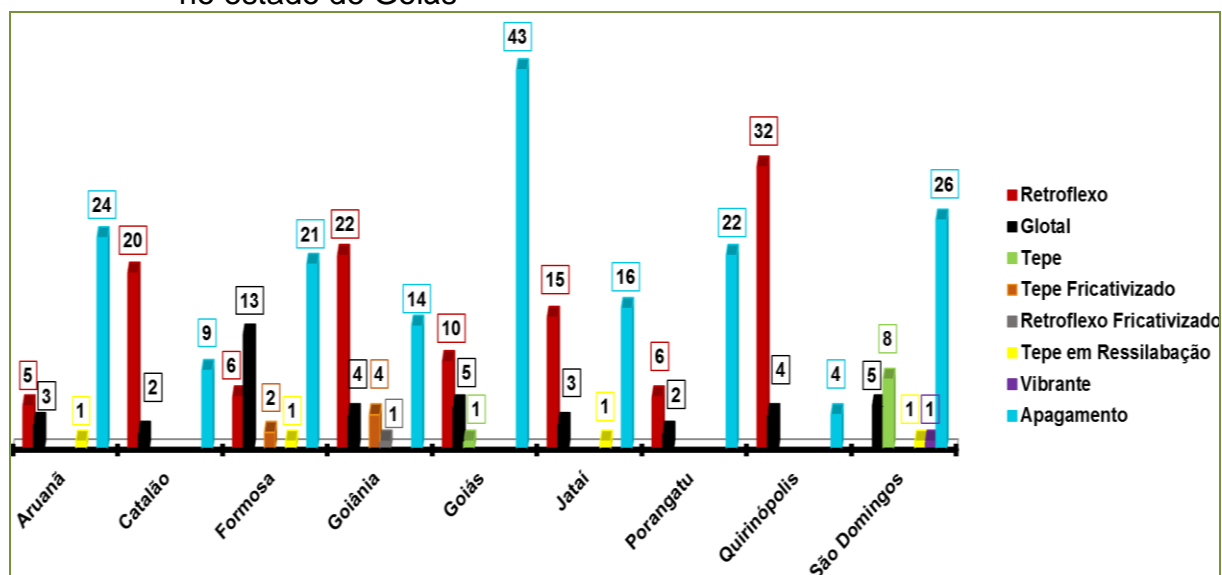
Em Quirinópolis, diferentemente das outras localidades, o apagamento não apresentou um alto grau de predominância, pois constatamos 56 ocorrências de apagamento e 44 de retroflexo, deixando evidente que, nessa localidade, as duas variantes coexistem. Apesar da proximidade no número de ocorrências, podemos verificar que o apagamento já está ultrapassando a variante retroflexa. Notamos que também houve 13 ocorrências de glotal, 9 de tepe na ressilabação e 1 velar na lexia (beija[ʁ]), na fala de um informante do sexo masculino, da primeira faixa etária, durante o QFF. Em Jataí, o apagamento destaca-se diante das demais variantes (107), seguido da variante retroflexa (18), de tepe na ressilabação (6) e da glotal (5).

35 Utilizamos a sigla QFF (Questionário Fonético-Fonológico) para nos referirmos ao estilo formal ou discurso formal.

5.1.2 /R/ em Coda Silábica Externa de não Verbos no ESTADO de Goiás em Números Absolutos de Ocorrências

Em contraste com os resultados obtidos em coda silábica externa de verbos nos quais a variante retroflexa se fez presente em todas as localidades do estado de Goiás, observamos, no Gráfico 2, que, em coda silábica externa de não verbos, a variante retroflexa ocorreu somente em 8 localidades, sendo majoritária em apenas 3.

Gráfico 2 - /R/ em coda silábica externa de não verbos (nº absoluto de ocorrências) no estado de Goiás



Fonte: Elaborado pela autora com base em resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Como podemos notar, em Quirinópolis, houve a presença majoritária do /r/ retroflexo (32), seguida das variantes glotal e do apagamento, ambas com 4 ocorrências, duelando para se sobressaírem uma a outra, não sendo possível saber ainda qual prevalecerá. Catalão, assim como Quirinópolis, também apresenta a variante retroflexa (20) como mais produtiva, seguida do apagamento (9) e da glotal (2).

Em Goiânia, a variante mais representativa também é a retroflexa (22) seguida do apagamento (14). Nessa cidade, notamos a presença de mais 3 variantes, a glotal (4), concorrendo com o tepe fricativizado (4), realizado por uma mesma informante da segunda faixa etária, nas lexias (colhe[ʁ̠], liquidificado[ʁ̠], calo[ʁ̠], senho[ʁ̠]). Houve apenas 1 ocorrência do retroflexo fricativizado

(luga[[“]ʔ]), realizado por uma mulher da segunda faixa etária, durante o discurso informal.

Na cidade de Jataí podemos perceber um duelo entre a variante retroflexa (15) e o apagamento (16). Houve, nessa localidade, a presença de mais duas variantes: a glotal (3) e de tepe na ressilabação (1). Já a cidade de Aruanã (GO) apresentou de maneira predominante o apagamento (24), com presença bem tímida de retroflexo (5), glotal (3) e de tepe na ressilabação (1). Porangatu (GO) apresenta números absolutos semelhantes aos de Jataí, em relação ao apagamento (22) como mais produtivo, retroflexo (6) e glotal (2).

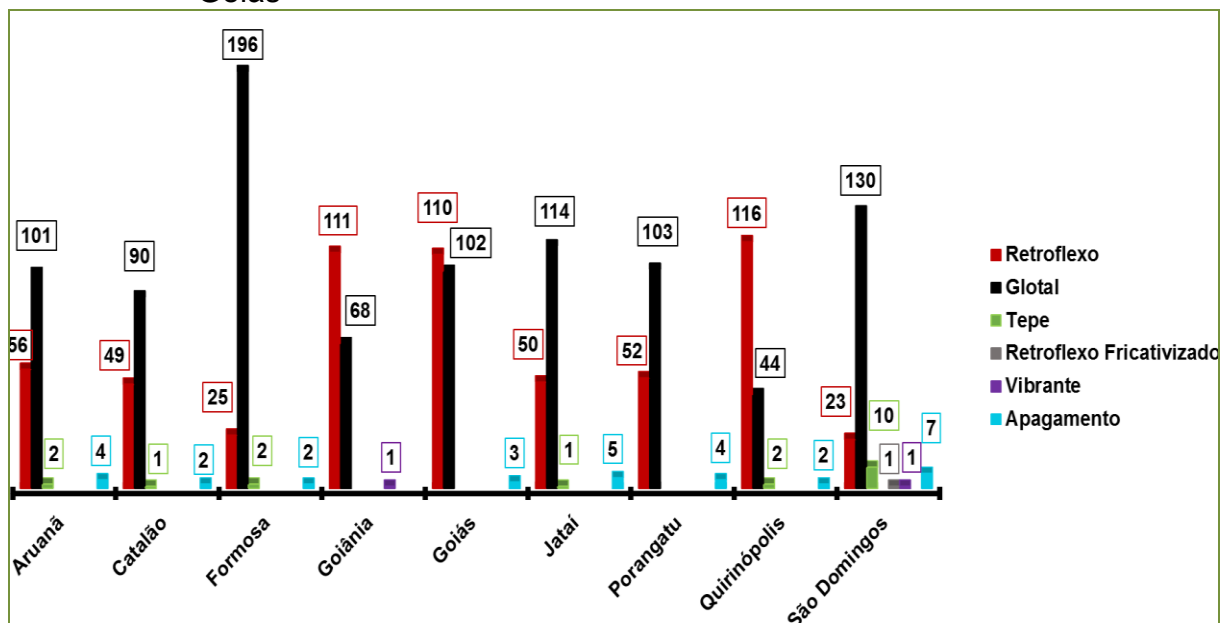
A cidade de Goiás foi a localidade do estado de Goiás que mais apresentou apagamento, 43 ao todo, seguido das variantes retroflexa (10), glotal (5) e apenas 1 tepe. Em Formosa, observamos que o apagamento (21) foi mais representativo, que as demais variantes: glotal (13), tepe fricativizado (2) e tepe na ressilabação (1).

Um dado interessante a ser notado foi a não presença da variante retroflexa na cidade de São Domingos, que apresentou o apagamento (26) como a variante mais produtiva, seguido pela variante tepe (8), diferentemente das outras localidades estudadas no referido estado. Observamos também a ocorrência de uma vibrante múltipla na lexia meno[□] no falar de uma informante da segunda faixa etária durante a leitura. A variante glotal também se fez presente nessa localidade com 5 ocorrências e 1 único caso de tepe na ressilabação .

5.1.3 /R/ em Coda Silábica Interna no Estado de Goiás em Números Absolutos de Ocorrências

Ao observarmos o Gráfico 3, a seguir, fica evidente a diferença existente entre os resultados obtidos em coda silábica interna daqueles obtidos em coda silábica externa, principalmente em relação à variante predominante em cada contexto. No estado de Goiás, a variante que imperou em coda externa de verbos foi o apagamento, seguido da variante retroflexa e da variante glotal, exatamente o oposto ocorreu em coda silábica interna.

Gráfico 3 – /R/ em coda silábica interna (nº absoluto de ocorrências) no estado de Goiás



Fonte: Elaborado pela autora com base em resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Os resultados do Gráfico 3 evidenciam que há predomínio da variante glotal em 6 das 9 localidades estudadas neste contexto (Formosa, São Domingos, Porangatu, Jataí, Aruanã, Catalão) e da variante retroflexa em 3 localidades (Goiânia, Goiás e Quirinópolis)

Como podemos observar, a cidade de Goiás apresenta um duelo entre a variante retroflexa (110) e a variante glotal (102), sendo ainda difícil saber qual será implementada ou qual perderá espaço. Entre as 110 ocorrências do /r/ retroflexo, 81 aconteceram em não verbos e 29 em verbos. No caso das 102 ocorrências da variante glotal, 68 foram em não verbos, 34 em verbos e apenas 3 ocorrências de apagamento (flo[ʁ]zinha, cato[ʁ]ze, pe[ʁ]turbado).

Em Porangatu, a predominância foi da variante glotal (103), dividida em: 70 realizações em verbos e 33 em não verbos. Houve também a presença da variante retroflexa (52) sendo 39 em não verbos e 13 ocorrências em verbos, além de 4 ocorrências de apagamento nas lexias su[ʁ]presa, (2) cato[ʁ]ze, ene[ʁ]gia. Em São Domingos, ocorreram 6 variantes em coda interna (glotal, retroflexo, tepe, retroflexo fricativizado, vibrante e apagamento). Entre as 130 ocorrências da variante glotal, 98 foram em não verbos e 32 em verbos. A variante retroflexa (23) foi a segunda a se sobressair, nessa localidade, sendo 12 realizações em não verbos e 11 em verbos.

Outro fato interessante a ser observado foi a presença de 1 ocorrência da variante vibrante no verbo to[ɾ]nou , na fala de uma informante da segunda faixa etária, 10 de tepe e 1 variante retroflexa fricativizada na lexia ce[ʁ]to, na fala de um informante do sexo feminino da primeira faixa etária, durante o discurso formal (QFF), além de 7 ocorrências de apagamento nas lexias cato[ɾ]ze (4) , á[ɾ]vure(1), á[ɾ]ves(1), á[ɾ]vuri (1).

A cidade de Quirinópolis³⁶ apresentou 4 variantes (retroflexo, glotal, tepe e apagamento), sendo 116 de retroflexo das quais 81 foram em não verbos e 35 em verbos. A variante glotal ocorreu 44 vezes, sendo 23 em não verbos e 21 em verbos. A variante tepe foi realizada 2 vezes, 1 em não verbo (to[ɾ]nera) e 1 em verbo (do[ɾ]mindo), enquanto o apagamento ocorreu apenas em 2 lexias: co[ɾ]dão e ne[ɾ]vosa, ambas durante o relato.

Nas cidades de Aruanã e Formosa, observamos, com a ajuda do Gráfico 3, uma semelhança em relação às variantes. Apesar das proporções serem diferentes, as duas cidades apresentam 4 variantes (glotal, retroflexa, tepe e apagamento). Em Aruanã, por exemplo, houve 101 ocorrências da variante glotal em não verbos (70) e em verbos (31). A variante retroflexa (56) ocorreu em 48 casos de não verbos e em 8 casos de verbos. Percebemos ainda, nessa localidade, 4 ocorrências de apagamento nas lexias cato[ɾ]ze (3) e ene[ɾ]gia(1) e somente 1 caso da variante tepe.

No caso das cidades de Catalão e Jataí, notamos também um padrão, visto que as duas localidades apresentam 4 variantes (glotal, retroflexo, tepe e apagamento), mas, diferentemente das duas cidades anteriores (Aruanã e Formosa), elas apresentam proporções semelhantes. Em Jataí, houve 114 ocorrências da variante glotal, sendo 88 em não verbos e 27 em verbos. As 50 ocorrências da variante retroflexa também ocorreram em não verbos (32) e em verbos (18). Além disso, foi observada 1 variante tepe, 5 ocorrências de apagamento nas lexias cato[ɾ]zi (3), devaga[ɾ]zinho(1) e ene[ɾ]gia(1).

O mesmo ocorre na cidade de Catalão, ou seja, as mesmas variantes da cidade de Jataí, em números menores de ocorrências. No entanto, as duas cidades

36 Além das três variantes ocorreu um caso de vocalização na lexia (ce[ɾ]to), na fala de um informante do sexo feminino, da segunda faixa etária, durante o discurso formal (QFF). Não o acrescentamos aos nossos dados por se tratar de um caso isolado, provavelmente de uma hipercorreção, e também, por não podermos acrescentá-lo à rodada binominal, visto que o programa aceita apenas nove variantes.

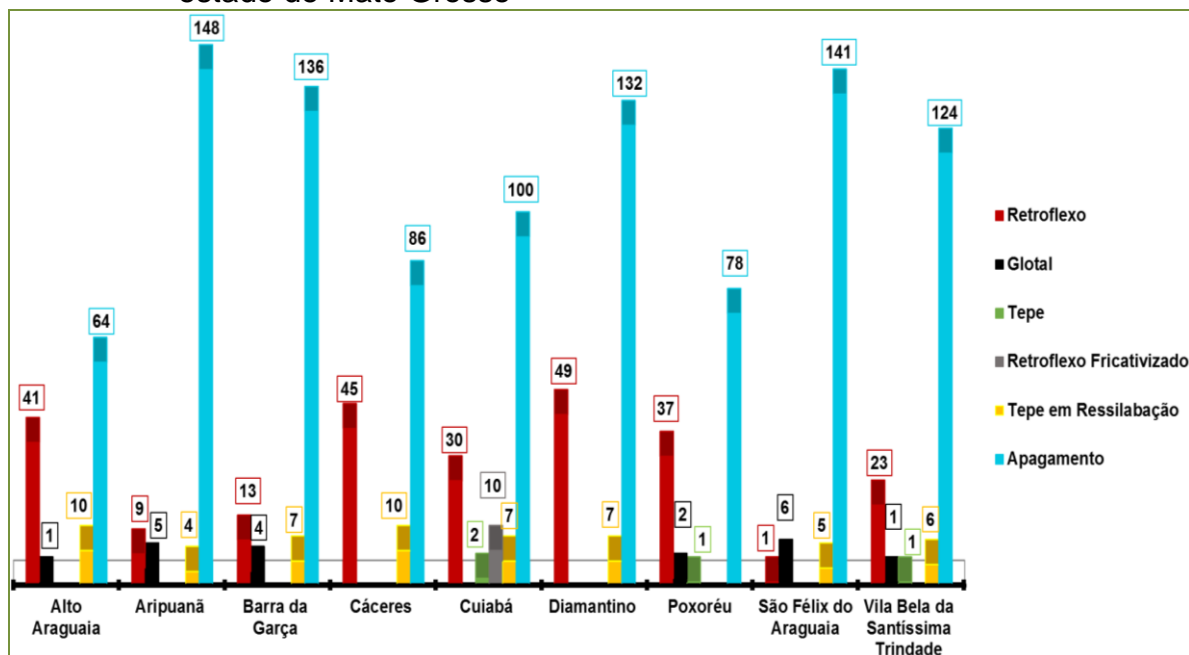
se assemelham muito em proporção, pois, em Catalão, houve 90 ocorrências da variante glotal, 59 em não verbos e 31 em verbos. A variante retroflexa (49) foi realizada em 34 não verbos e em 15 verbos. Foi verificado também, nesta localidade, 1 ocorrência da variante tepe e 2 de apagamento nas lexias bo[ʁ]boleta e ene[ʁ]gia, produzidas por uma informante da segunda faixa etária durante o relato. Na cidade de Formosa, houve 196 casos da variante glotal, sendo 133 em não verbos e 63 em verbos. A variante retroflexa (25), presente nesta localidade, ocorreu 16 vezes em não verbos e 9 em verbos. A variante tepe (po[ʔ]ta, esfo[ʔ]çar) também se fez presente, assim como o apagamento ((2)cato[ʁ]zi), ambas duelando entre si, com 2 ocorrências cada. Percebemos um padrão, pois, nas duas localidades, a variante glotal é predominante, seguida da variante retroflexa, da variante tepe e do apagamento.

Na capital de Goiás, em Goiânia, ocorreu predominância da variante retroflexa com 111 realizações, 79 em não verbos e 32 em verbos, seguida da variante glotal com 68 realizações, divididas em: 38 ocorrências em não verbos e 19 em verbos. Além dessas variantes, houve também a realização de uma vibrante na lexia po[ɹ]ta, na fala de um informante do sexo feminino da segunda faixa etária.

5.2 /R/ EM CODA SILÁBICA EXTERNA DE VERBOS NO ESTADO DE MATO GROSSO EM NÚMEROS ABSOLUTOS DE OCORRÊNCIAS

Como se pode notar, no Gráfico 4, o apagamento é predominante em todas as localidades do estado de Mato Grosso, em coda silábica de verbos, assim como a variante retroflexa é a segunda mais produtiva, como vemos a seguir, em número absoluto de ocorrências.

Gráfico 4 - /R/ em coda silábica externa de verbos (n^o absoluto de ocorrências) no estado de Mato Grosso



Fonte: Elaborado pela autora com base em resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

De acordo com os números absolutos, presentes no Gráfico 4, é possível depreender que a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade apresentou 5 variantes (apagamento, retroflexo, glotal, tepe e tepe em ressilabação), o apagamento (124) se mostrou mais frequente nesta localidade, seguida da variante retroflexa (23), de tepe na ressilabação (6) e das variantes glotal e tepe com apenas 1 ocorrência cada.

A cidade de Poxoréu apresentou resultados parecidos com os da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade em relação a 4 variantes (apagamento, retroflexo, glotal, tepe): o apagamento, com 8 ocorrências, também foi predominante; o /r/ retroflexo, com 37 ocorrências, foi a segunda variante mais produtiva. As variantes glotal (2) e a variante tepe (2) estiveram presentes de maneira muito tímida nesta localidade, somente se diferenciou de Vila Bela da Santíssima Trindade por não apresentar nenhum caso de ressilabação.

Em Diamantino, houve 132 ocorrências de apagamento, seguido de 49 retroflexos e 7 de tepe na ressilabação, resultado muito semelhante à cidade de Cáceres, onde também ocorreram essas três variantes em menor proporção, com apenas 86 ocorrências de apagamento, 45 de retroflexo e 10 de tepe na ressilabação.

Nas cidades de Alto Araguaia, Aripuanã, Barra da Garça e São Félix do Araguaia, percebemos também a presença das mesmas variantes (apagamento, retroflexo, glotal e tepe na ressilabação), mas com proporções diferentes. Todas apresentaram o apagamento como variante mais produtiva - São Félix do Araguaia (141), Aripuanã (148), Barra da Garça (136), Alto Araguaia (64), no entanto somente 3 das cidades mencionadas apresentaram a variante retroflexa como a segunda mais produtiva - Alto Araguaia (41), Barra da Garça (13), Aripuanã (9).

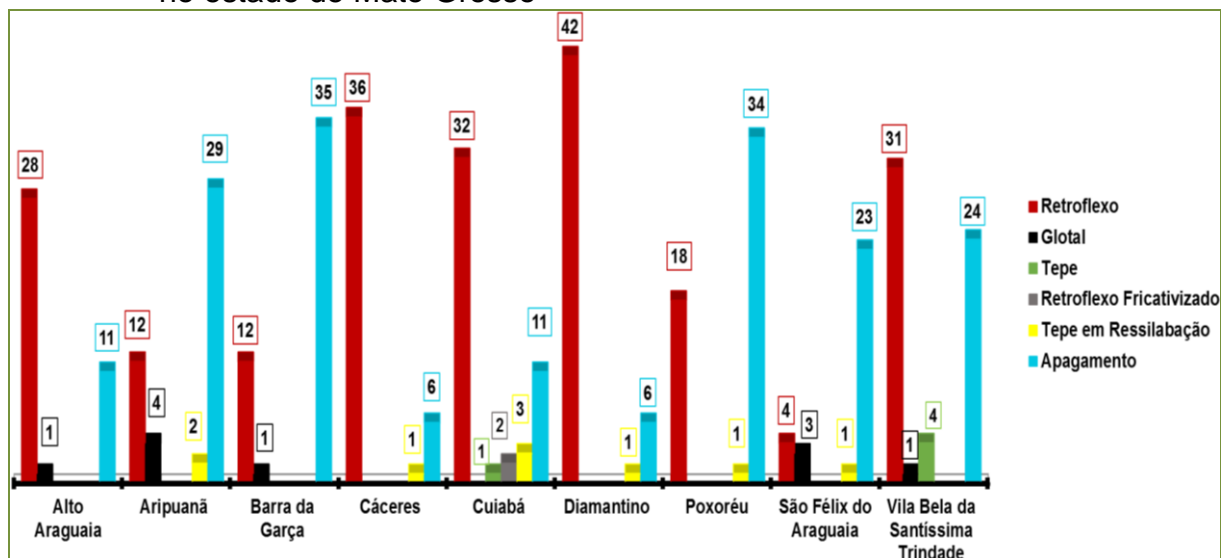
No caso da cidade de São Félix do Araguaia, a segunda variante mais produtiva foi a glotal com 6 ocorrências. Nas cidades que apresentaram o /r/ retroflexo como a segunda variante mais produtiva, também ocorreu a variante glotal, mas, com valores absolutos menores - Alto Araguaia (1), Aripuanã (5) e Barra da Garça (4). Em relação à presença de tepe na ressilabação nessas localidades, os números absolutos de ocorrências foram bem próximos nas 4 localidades: Alto Araguaia (10), Barra da Garça (7), São Félix do Araguaia (5), Aripuanã (4).

Na cidade de Cuiabá, ocorreram 5 variantes: o apagamento (100) como a mais produtiva neste contexto; a variante retroflexa (30) como a segunda mais produtiva; o retroflexo fricativizado em terceiro lugar em números absolutos de ocorrências com 10 casos (morre[“ʀ], te[“ʀ], dura[“ʀ], busca[“ʀ], custa[“ʀ], parti[“ʀ] (2 vezes), esforça[“ʀ], que[“ʀ], roe[“ʀ]), presentes na fala de um informante masculino, da segunda faixa etária, durante a leitura, momento de alto nível de monitoramento da fala. A presença da variante tepe foi muito tímida, somente 2 ocorrências, já na ressilabação verificamos 7 casos desta variante.

5.2.1 /R/ em Coda Silábica Externa de não Verbos no Estado de Mato Grosso em Números Absolutos de Ocorrências

Como se pode notar, as variantes apagamento e /r/ retroflexo estiveram presentes em todas as localidades estudadas em coda silábica externa de não verbos, em proporções diferentes, como podemos observar no Gráfico 5 a seguir.

Gráfico 5 - /R/ em coda silábica externa de não verbos (nº absoluto de ocorrências) no estado de Mato Grosso



Fonte: Elaborado pela autora com base em resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Podemos observar, conforme a representação do Gráfico 5, que na cidade de Cáceres foram 36 realizações do /r/ retroflexo, 6 de apagamento e apenas 1 ocorrência da variante glotal. O mesmo aconteceu com a cidade de Alto Araguaia, com predominância da variante retroflexa (28), seguida do apagamento (11) e (1) variante glotal.

Em Barra da Garça, o apagamento (35) foi a variante mais produtiva, seguida da variante retroflexa (12) e de glotal (1). Na cidade de Aripuanã, os resultados se assemelham aos da cidade de Barra da Garça, que também apresenta o apagamento (29) como variante mais utilizada, seguida da retroflexa (12) e da glotal (4). O que diferencia essas duas localidades é a presença de 2 ocorrências de tepe na ressilabação em Aripuanã.

A variante que se sobressaiu em São Félix do Araguaia foi o apagamento com 23 ocorrências e 1 de tepe na ressilabação. Um fato interessante a ser observado nesta localidade se refere à coexistência da variante retroflexa (4) e da variante glotal (3), não sendo possível saber qual delas está perdendo ou ganhando espaço nesse contexto.

Ao observarmos o Gráfico 5, que, em Cuiabá, há a presença de: apagamento, retroflexo, retroflexo fricativizado, tepe e tepe na ressilabação. A variante que prevalece é a retroflexa (32), seguida do apagamento (11), (3) de tepe na ressilabação e do retroflexo fricativizado (2), este presente na fala de um informante da segunda faixa etária, durante a leitura nas lexias (senho[^hʀ]),

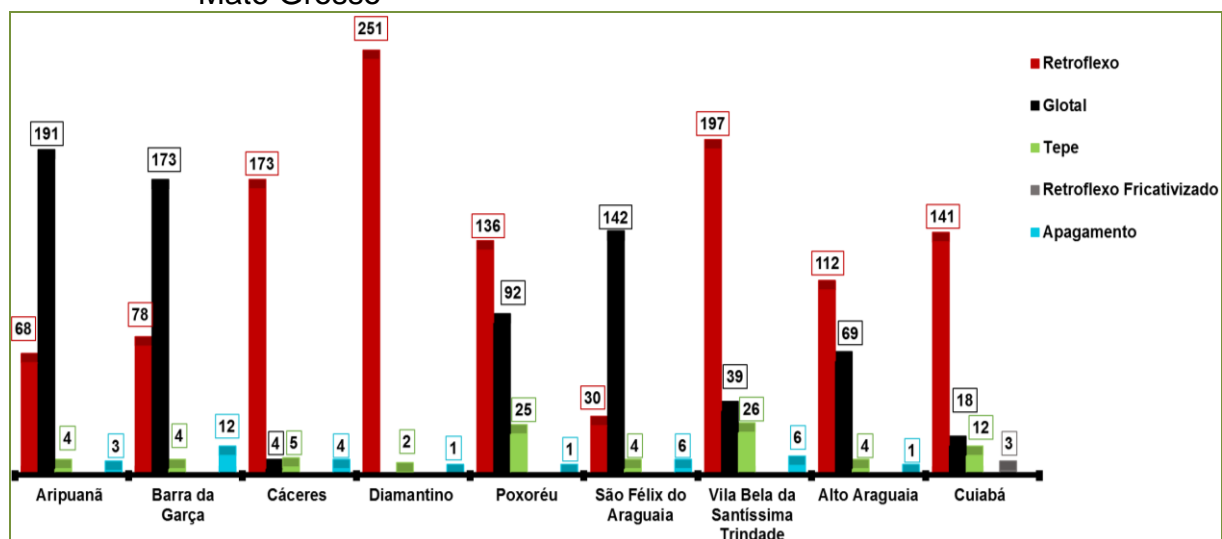
meno[“p]), e (1) ocorrência da variante tepe. Em Vila Bela da Santíssima Trindade, houve 4 variantes, sendo a retroflexa (31) predominante, seguida do apagamento (24), da variante tepe (4) e por último da glotal (1).

A variante mais produtiva na cidade de Diamantino é a retroflexa (42), acompanhada do apagamento (6) e apenas 1 caso de tepe na ressilabação. Na cidade de Poxoréu, a variante mais utilizada em coda externa de não verbos foi o apagamento (34), seguida de 18 realizações do /r/ retroflexo e 1 caso de tepe na ressilabação.

5.2.2 /R/ em Coda Silábica Interna no Estado de Mato Grosso em Números Absolutos de Ocorrências

Como podemos verificar, no Gráfico 6, a variante retroflexa é mais produtiva em 6 localidades do estado de Mato Grosso em coda silábica interna: Diamantino, Vila Bela da Santíssima Trindade, Cáceres, Cuiabá e Poxoréu, enquanto a variante glotal predomina em 3: Aripuanã, Barra da Garça, São Félix do Araguaia.

Gráfico 6 – /R/ em coda silábica interna (nº absoluto de ocorrências) no estado de Mato Grosso



Fonte: Elaborado pela autora com base em resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Ao observarmos o Gráfico 6, verificamos que, em Diamantino, a variante mais representativa é a retroflexa (251), produzida em 178 não verbos e 73 verbos. A variante tepe ocorre duas vezes na fala de uma mulher da segunda faixa etária, nas lexias a[◌]mário e bo[◌]boleta. O apagamento acontece apenas na lexia

bo[ʁ]boleta, na fala de um informante do sexo masculino da primeira faixa etária. Como se pode observar, os resultados presentes na mencionada cidade apresentam semelhanças com a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade³⁷, pois esta também tem a variante retroflexa (197) como mais utilizada, presente em 141 não verbos e 56 verbos.

A variante glotal (39) fica em segundo lugar em representatividade, presente em 32 não verbos e em 7 verbos. Vila Bela da Santíssima Trindade também se destaca pelo número da variante tepe (26), sendo o maior índice de ocorrências desta variante neste contexto, divididas em 21 não verbos e 5 verbos; o apagamento se fez presente em 4 lexias (gu[ʁ]dura, gua[ʁ]dado, te[ʁ]ceiro) na fala de uma mulher da segunda faixa etária e em cato[ʁ]ze na fala de um homem também da segunda faixa etária, sendo somente a lexia te[ʁ]ceiro produzida durante o relato.

As localidades de Aripuanã, Barra da Garça e São Félix do Araguaia apresentaram proporções de ocorrências muito semelhantes. Na cidade de Aripuanã, a variante glotal (191) é predominante, ocorrendo em 145 não verbos e 46 verbos. A variante retroflexa é a segunda com maior número absoluto de ocorrências (68), divididas em 51 não verbos e 17 verbos. A variante tepe se fez presente, nesta localidade, com 4 ocorrências em 3 não verbos e 1 verbo. O apagamento foi produzido nas lexias quato[ʁ]zi e ene[ʁ]gia, na fala de um informante do sexo masculino da segunda faixa etária e, cato[ʁ]ze na fala de uma informante do sexo feminino da segunda faixa etária.

Na cidade de Barra da Garça, também predominou a variante glotal (173), das quais 118 ocorreram em não verbos e 55 em verbos. A variante retroflexa (78) foi a segunda mais produtiva com 69 realizações em não verbos e 9 em verbos. A variante tepe (4) ocorreu em 2 não verbos e 2 verbos e o apagamento em 12 lexias: (i) ene[ʁ]gia (2) e cato[ʁ]ze(1), na fala de um homem da primeira faixa etária; (ii) ma[ʁ]garina(1), cato[ʁ]ze (1) e pa[ʁ]ticipa (1), na fala de um homem da segunda faixa etária; ener[ʁ]gia (3), gu[ʁ]dura(1) e po[ʁ]co (1), na fala de uma mulher da segunda faixa etária, e na lexia refo[ʁ]ma (1), na fala de uma mulher da primeira faixa etária, durante o relato.

37 Vale ressaltar que, nesta localidade, houve a presença de dois casos de vocalização na lexia á[♦]vore, produzida por um homem da segunda faixa etária e á[♦]vuris, por uma mulher também da segunda faixa etária, ambos durante o QFF. Não apresentamos esses dois casos por terem sido produzidos de forma isolada e também pelo programa fazer as rodadas com apenas nove variantes, como já dissemos.

Em São Félix do Araguaia, observamos também 4 variantes (glotal, retroflexo, tepe, apagamento). A variante que se sobressaiu foi a glotal (142), dessas 105 foram em não verbos e 37 em verbos. Seguida da variante retroflexa (30), sendo 28 em não verbos e 2 em verbos. A variante tepe apresentou 4 ocorrências, 2 em não verbos e 2 em verbos, o apagamento ocorreu em 6 lexias (se[ʁ]viçu, su[ʁ]presa, du[ʁ]mi, pertu[ʁ]bado) na fala de um homem da primeira faixa etária e em ca[ʁ]tera e ata[ʁ]di na fala de um homem da segunda faixa etária.

Na cidade de Poxoréu, pudemos notar 136 realizações da variante retroflexa, 102 delas em não verbos e 34 em verbos, seguida da glotal com 92 ocorrências presentes em 73 não verbos e 19 verbos; da variante tepe com 25 ocorrências das quais 18 em não verbos, 7 em verbos e apenas 1 ocorrência de apagamento na lexia i[ʁ]mão, na fala de um homem da primeira faixa etária.

Com resultados semelhantes temos a cidade de Alto Araguaia: 112 ocorrências da variante retroflexa, representada em 77 não verbos e 35 verbos, seguida da variante glotal (69), realizada em 57 não verbos e em 12 verbos; da variante tepe (4), produzida em 2 não verbos e em 2 verbos; do apagamento com 1 realização na lexia cato[ʁ]zi, na fala de um homem da segunda faixa etária.

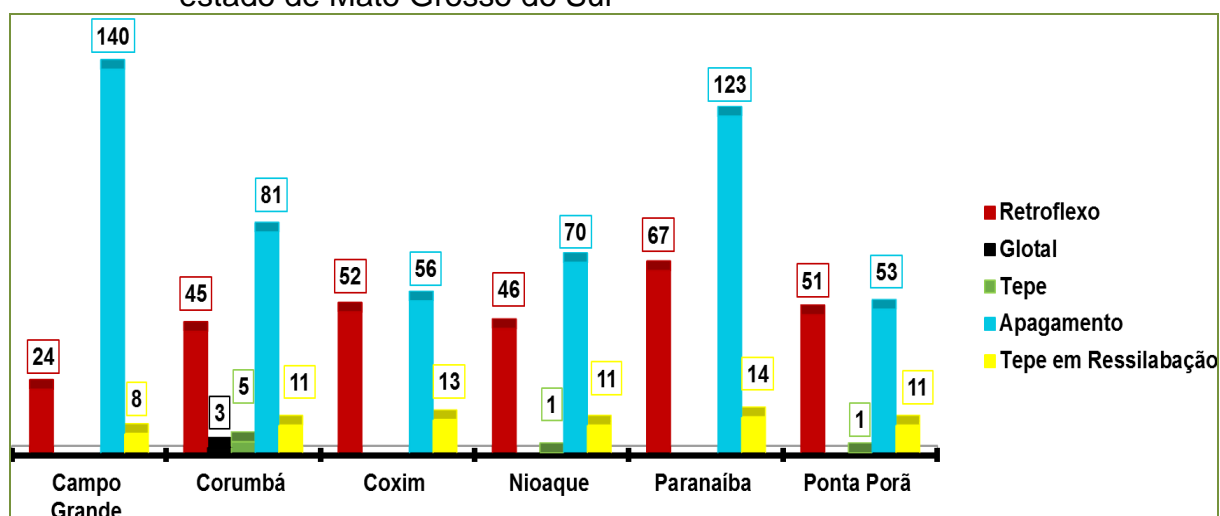
Um fato interessante ocorreu na cidade de Cáceres, que a diferenciou das outras cidades. Nesta localidade, houve a presença da variante retroflexa (173) como mais representativa, dividida em 121 não verbos e 52 verbos, entretanto a segunda variante mais utilizada foi o tepe, com 5 ocorrências em não verbos. Na sequência, foi registrada a glotal (4) em 2 não verbos e em 2 verbos e o apagamento, também com 4 ocorrências produzidas nas lexias bo[ʁ]boleta e á[ʁ]vuri, na fala de um homem da primeira faixa etária; pe[ʁ]fumi, na fala também de um homem da segunda faixa etária, e estive[ʁ]des, na fala de uma mulher da segunda faixa etária.

Na capital de Mato Grosso, Cuiabá, houve a presença de 4 variantes (retroflexo, glotal, tepe e retroflexo fricativizado). O /r/ retroflexo foi predominante com 141 ocorrências, sendo que 94 aconteceram em não verbos e 47 em verbos. A variante glotal apresentou 18 ocorrências, divididas em 16 não verbos e 2 verbos. Já a variante tepe apresentou 12 ocorrências, das quais 8 em não verbos e 4 em verbos. A variante retroflexa fricativizada foi realizada 3 vezes: pa[ʁ̥]tiu, o[ʁ̥]denou e estive[ʁ̥]des.

5.3 CODA SILÁBICA EXTERNA DE VERBOS NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL EM NÚMEROS ABSOLUTOS DE OCORRÊNCIAS

Como podemos visualizar, no Gráfico 7, as variantes presentes neste contexto, em todas as 6 localidades do estado de Mato Grosso do Sul, são o retroflexo, o apagamento, o tepe na ressilabação e a variante glotal, como demonstrado a seguir.

Gráfico 7 - /R/ em coda silábica externa de verbos (nº absoluto de ocorrências) no estado de Mato Grosso do Sul



Fonte: Elaborado pela autora com base em resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

É possível verificar, com base no Gráfico 7, que as cidades de Paranaíba, Coxim e Campo Grande apresentaram as mesmas variantes (apagamento, retroflexo e tepe na ressilabação) em proporções diferentes como podemos notar no número absoluto de ocorrências do apagamento nas 3 localidades: Campo Grande (140), Paranaíba (123), Coxim (56). Essa variante foi a mais produtiva neste contexto. Na cidade de Coxim, percebemos um duelo entre a variante retroflexa (52) e o apagamento (56), estando o apagamento um pouco adiante. Em Campo Grande, o retroflexo apresenta uma grande redução em seu número de ocorrências, tendo somente ocorrido em 24 lexias. Em Paranaíba, também notamos uma pequena redução, já que o /r/ retroflexo foi realizado em 67 lexias. Observamos ainda no Gráfico 7, em relação à presença de tepe na ressilabação, 14 realizações em Paranaíba, 13 em Coxim e 8 em Cuiabá.

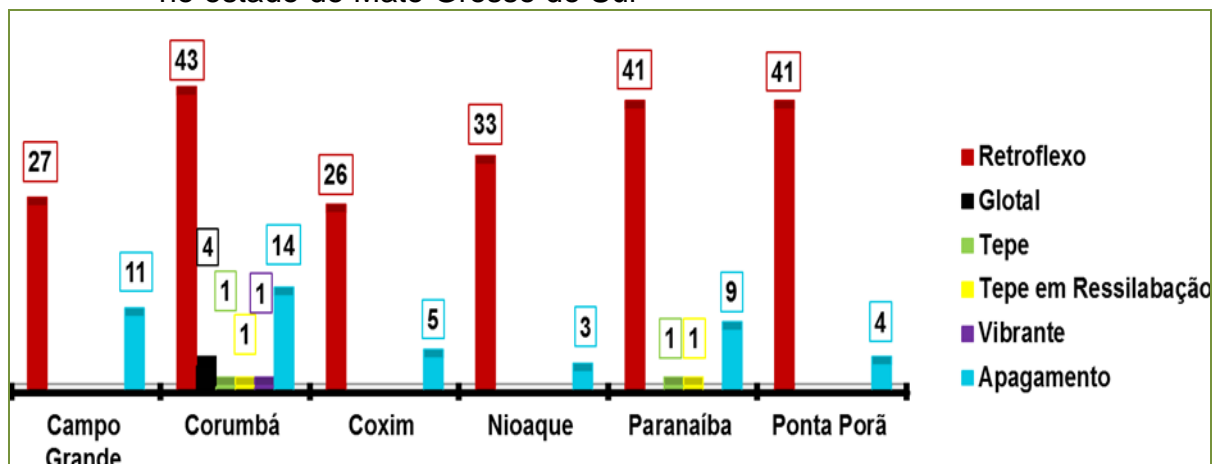
Verificamos a presença predominante do apagamento também em Nioaque (70), seguida da variante retroflexa (46), do tepe na ressilabação (11) e de apenas 1 caso de tepe em coda. Percebemos semelhanças entre Ponta Porã e Nioaque, como na presença de 11 tepes na ressilabação e 1 caso de tepe em coda. No entanto, notamos que o apagamento (53) apresenta números muito próximos aos da variante retroflexa (51).

É interessante observar que, em Corumbá, houve a presença de 5 variantes: o apagamento (81) como mais frequente, seguida da retroflexa, com 45 ocorrências, e então o tepe na ressilabação, com 11 ocorrências. Até este ponto, notamos o mesmo padrão presente nas localidades em estudo neste contexto, mas Corumbá foi a única que apresentou 3 ocorrências da variante glotal, nas lexias varre[ʁ̥], colhe[ʁ̥] mulhe[ʁ̥], na fala de uma informante da segunda faixa etária, além de ser a cidade que mais apresentou casos da variante tepe em coda (5). De qualquer forma vale destacar que no contexto de coda externa de verbos, o apagamento, em todas as localidades de Mato Grosso Sul, dá indícios de que, mesmo onde a variante anterior predomina, ele vem ganhando espaço.

5.3.1 /R/ em Coda Silábica Externa de Não Verbos no Estado de Mato Grosso do Sul em Números Absolutos de Ocorrências.

Conforme o Gráfico 8, a seguir, fica evidente a predominância da variante retroflexa em coda silábica externa de não verbos nas localidades do estado de Mato Grosso do Sul. Outro fato que também nos chama atenção é o fato de o apagamento ser a segunda variante mais produtiva neste contexto, como verificamos logo a seguir.

Gráfico 8 - /R/ em coda silábica externa de não verbos (nº absoluto de ocorrências) no estado de Mato Grosso do Sul



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados elencados pelo Programa Goldvarb X.

Observamos, no Gráfico 8, que as cidades de Campo Grande (27), Coxim (26), Nioaque (33) e Ponta Porã (41) apresentaram a variante retroflexa como predominante em coda externa de não verbos, dividindo espaço somente com o apagamento, como se pode notar nos números de ocorrências de apagamento nestas localidades: Campo Grande (11), Coxim (5), Nioaque (3) e Ponta Porã (4).

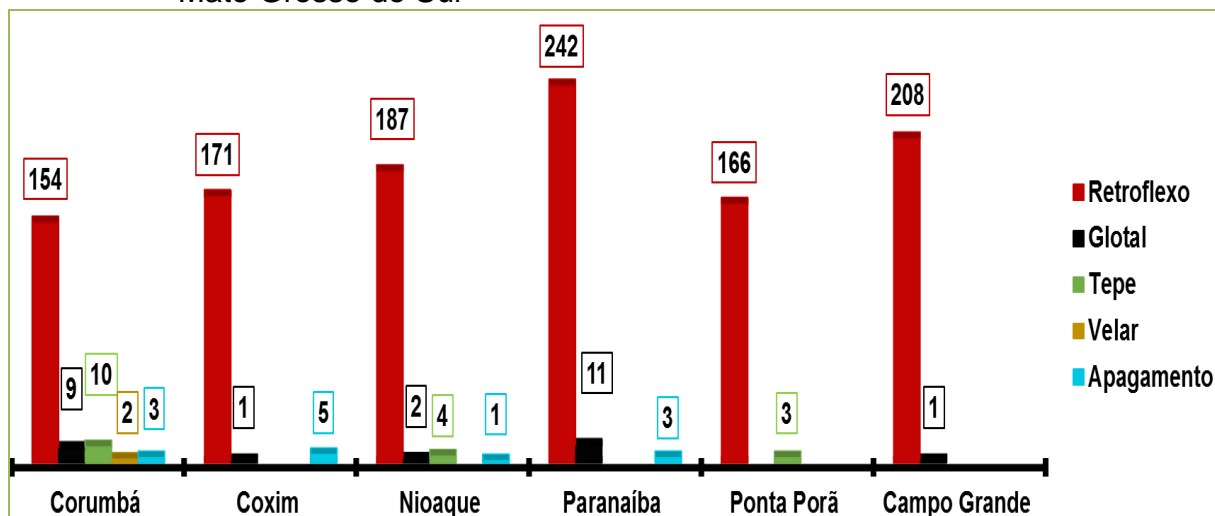
Na cidade de Corumbá, assim como observamos em coda silábica de verbos, mantém o maior índice de variantes da região também em coda externa de não verbos, apresentando (43) ocorrências da variante retroflexo, (14) de apagamento, (4) de glotal, (1) de tepe na ressilabação, (1) tepe em coda e (1) vibrante múltipla na lexia (calo[□]) na fala de uma mulher da segunda faixa etária.

Em Paranaíba, de acordo com o Gráfico 8, a variante retroflexa é a mais frequente (41), seguida do apagamento (9), de 1 caso da variante tepe em coda e de 1 ocorrência de tepe na ressilabação.

5.3.2 /R/ em Coda Silábica Interna no Estado de Mato Grosso do Sul em Números Absolutos de Ocorrências

O Gráfico 9, a seguir, permite observar a predominância da variante retroflexa em coda silábica interna de verbos e não verbos, nas localidades do estado de Mato Grosso do Sul. Outro fato que também se sobressai é a não presença de variantes como o tepe fricativizado, retroflexo fricativizado, vibrante e vocalização no referido estado.

Gráfico 9 – /R/ em coda silábica interna (nº absoluto de ocorrências) no estado de Mato Grosso do Sul



Fonte: Elaborado pela autora a partir de resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Em Corumbá, assim como em coda externa de verbos e de não verbos, em coda interna também ocorreram diversas variantes: retroflexo, glotal, tepe, velar e apagamento. Notamos que a variante retroflexa (154) é predominante neste contexto, realizada em 106 não verbos e 48 verbos. As variantes glotal e tepe apresentaram número absoluto de ocorrências muito semelhantes, sendo 9 de glotal e 10 de tepe. A primeira apresentou 5 ocorrências em não verbos e 5 em verbos; a segunda apresentou 6 ocorrências em verbos e 3 em não verbos. Além dessas variantes, em Corumbá, houve 2 ocorrências da variante velar nas lexias *cato[ɣ]ze* e *ce[ɣ]to*; 3 ocorrências de apagamento nas lexias *á[ʔ]vuri* e *ga[ʔ]fos*, na fala de uma mulher da segunda faixa etária, e na lexia *su[ʔ]presa*, na fala de um homem da primeira faixa etária.

A segunda cidade a apresentar maior número de variantes foi Nioaque com 4 variantes (retroflexo, tepe, glotal, apagamento). A variante retroflexa predomina, nesta localidade, com 187 ocorrências divididas em 126 em verbos e 61 em não verbos. A segunda variante a se sobressair, na referida localidade, foi a variante tepe em coda (4), todas realizadas em não verbos. A variante glotal também ocorreu nesta localidade, mas com menor expressividade, sendo apenas 2 ocorrências em não verbos. Observamos também, em Nioaque, 1 ocorrência de apagamento na lexia *ma[ʔ]garina*, produzido por um homem da primeira faixa etária.

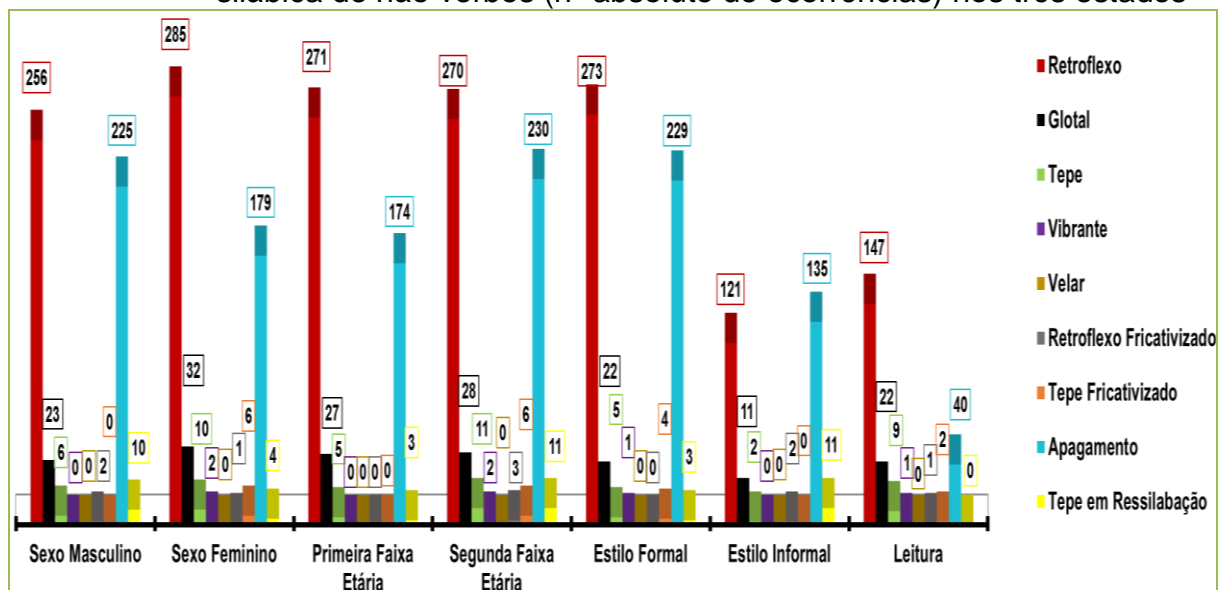
As cidades de Paranaíba e Coxim apresentaram as mesmas variantes, mas com proporções diferentes, ou seja, em Paranaíba houve 242 ocorrências do /r/

retroflexo, sendo realizadas 150 em não verbos e 92 em verbos. A variante glotal apresentou 11 ocorrências nesta cidade, sendo 9 em não verbos e 2 em verbos. Em Coxim, a variante retroflexa foi a mais produtiva (170), sendo 117 em não verbos e 53 em verbos. Ocorreram ainda 1 variante glotal e 5 apagamentos nas lexias $cat\text{[h̺]}zi$ e $ta\text{[h̺]}dezinha$, na fala de uma mulher da primeira faixa etária; em $se\text{[h̺]}viçu$ e $do\text{[h̺]}mindo$, na fala de um homem da segunda faixa etária, e, novamente, na lexia $se\text{[h̺]}viçu$, na fala de uma mulher da segunda faixa etária.

Campo Grande apresentou 208 ocorrências da variante retroflexa, 134 em não verbos e 74 em verbos. Houve, nesta localidade, somente 1 ocorrência da variante glotal, em $pe\text{[ʁ]}dão$, na fala de um informante do sexo masculino da primeira faixa etária. A cidade de Ponta Porã, assim como todas as outras pesquisadas no estado de MS, em coda silábica interna, também apresentou a variante retroflexa como a mais produtiva (165), assim dividida: 105 em não verbos e 48 em verbos. Todavia, Ponta Porã se diferenciou de Paranaíba, Coxim, Campo Grande, porque apresentou 3 ocorrências da variante tepe nas lexias $a\text{[ʔ]}mário$, na fala de um homem da segunda faixa etária, $bo\text{[ʔ]}boleta$ e $esfo\text{[ʔ]}çar$, na de uma mulher da segunda faixa etária.

Para finalizarmos este capítulo, apresentamos, as variáveis sexo, faixa etária e estilo de produção de fala divididas em seus respectivos contextos para termos uma visão geral do número absoluto de ocorrências de cada uma dessas variáveis extralinguísticas, como podemos verificar, no Gráfico 10, a seguir.

Gráfico 10 – Variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e estilo de fala) em coda silábica de não verbos (nº absoluto de ocorrências) nos três estados



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados elencados pelo Programa Goldvarb X.

Como podemos visualizar no Gráfico 10, a variante retroflexa (121) só não predomina em coda silábica externa de não verbos durante o estilo informal, perdendo seu espaço para o apagamento (135), seguida pelas variantes glotal e tepe na ressilabação com 11 realizações cada. Por último, neste contexto, nota-se a presença das variantes tepe e retroflexo fricativizado com 2 ocorrências cada.

Em relação à variável sexo, percebemos que as mulheres, em relação aos homens, privilegiam mais as variantes (retroflexa, glotal, tepe, vibrante múltipla, tepe fricativizado), como percebemos no Gráfico 10, em números absolutos de ocorrências, sendo que houve 285 realizações da variante retroflexa produzidas por mulheres e 256 por homens; 32 ocorrências de glotal realizadas por mulheres e 23 por homens; 10 tepes produzidos por mulheres e 6 por homens e 2 casos de vibrante múltipla presentes somente na fala de mulheres, assim como os 2 casos de tepe fricativizado.

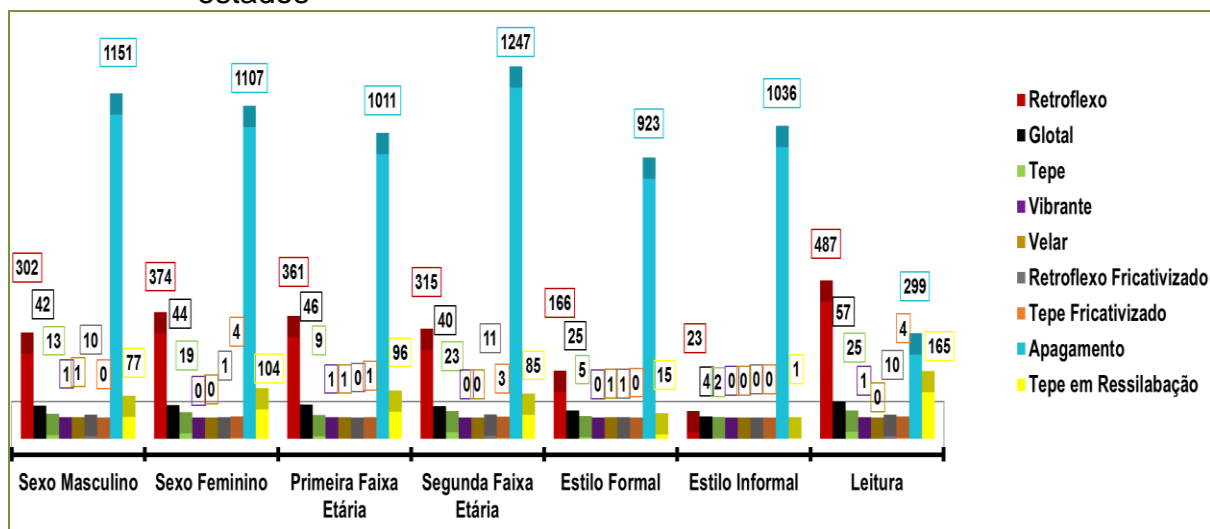
Os homens tendem a utilizar mais o apagamento (225) que as mulheres (179). Eles também apresentaram mais casos de tepe na ressilabação (10) que as mulheres (4), já em relação ao retroflexo fricativizado notamos que houve apenas 2 realizações na fala dos homens e apenas 1 ocorrência na fala das mulheres.

Sobre a faixa etária, notamos a preferência da variante retroflexa, tanto pelos informantes da faixa etária I (18-30 anos) (271) quanto pela faixa etária II (50-65 anos) (270). O mesmo ocorre com a variante glotal, pois as duas faixas etárias

apresentam resultados muito próximos: 27 ocorrências na fala de informantes da primeira faixa etária e 28 na segunda faixa etária. A segunda faixa etária tende a apagar mais (230) que a primeira (174). Mas, o fato que nos chamou atenção foi a faixa etária II ser a responsável pela maior quantidade de realizações de diferentes variantes, como podemos observar nos 2 casos de vibrante múltipla, 3 casos de retroflexo fricativizado e 6 casos de tepe fricativizado, além de apresentarem maiores índices de uso da variante tepe, 11 ocorrências contra 5 da faixa etária I, e 11 do tepe na ressilabação ,contra apenas 3 da faixa etária I.

Em relação ao estilo de produção de fala, verificamos que a variante retroflexa predomina no estilo formal, 273 ocorrências em comparação às 229 do apagamento, e na leitura, 147 contra 40 realizações de apagamento. No estilo informal, o apagamento (136) é mais produtivo que a variante retroflexa (121). A variante glotal foi realizada, igualmente, no discurso formal e na leitura com 22 ocorrências em cada e apresentou apenas 11 ocorrências no discurso informal. O tepe na ressilabação ocorreu 3 vezes no discurso formal e 11 vezes no discurso informal; a vibrante múltipla apresentou apenas 1 ocorrência no discurso formal e 1 na leitura; a variante tepe foi mais realizada durante a leitura (9), seguida de 5 ocorrências no discurso informal e apenas 2 durante o discurso informal; a variante retroflexo fricativizado esteve presente na fala dos informantes somente no discurso informal com 2 ocorrências e, na leitura, com 1 ocorrência; a variante tepe fricativizado não foi realizada no discurso informal, mas foi produzida em 4 lexias no discurso formal e em 2 lexias no decorrer da leitura.

Gráfico11 – Variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e estilo de fala) em coda silábica externa de verbos (nº absoluto de ocorrências) nos três estados



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados elencados pelo Programa Goldvarb X.

Em coda silábica de verbos, notamos que os homens utilizam mais o apagamento (1151) e a variante retroflexo fricativizado (10). As mulheres apresentaram 1107 ocorrências de apagamento e apenas 1 ocorrência de retroflexo fricativizado. As variantes retroflexa (374), glotal (44), tepe na ressilabação (104) e tepe em coda (19) foram realizadas mais na fala das mulheres que dos homens. Estes apresentaram pouca diferença em relação ao uso da variante glotal (42) e da variante tepe (13), mas o número de ocorrências é ampliado nas realizações de (302) ocorrências do retroflexo e do tepe na ressilabação (77). É importante salientarmos que somente os homens realizaram (10) retroflexos fricativizados, e apenas (1) vibrante múltipla e uma (1) velar, ao contrário das mulheres que foram as únicas que realizaram o tepe fricativizado (4) neste contexto e não apresentaram nenhum caso de retroflexo fricativizado.

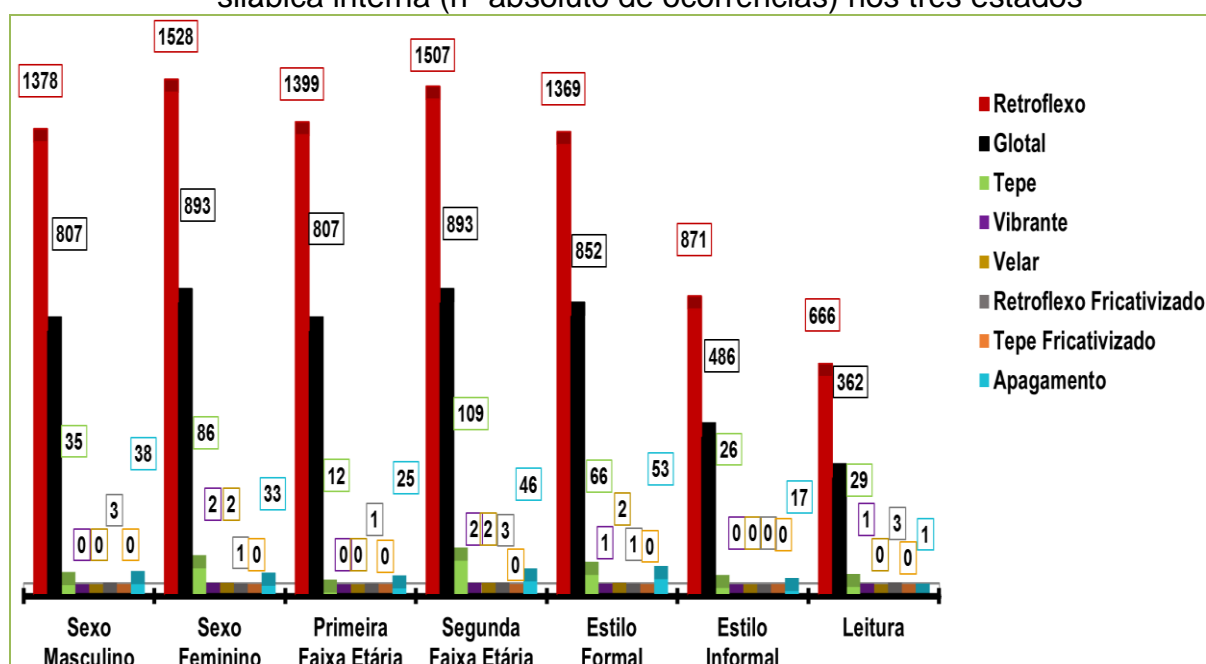
Em relação à variável faixa etária, fica evidente, no Gráfico 11, a seguir, que a faixa etária II é a responsável pelo maior número de apagamentos do /r/, 12470 ocorrências para 1011 da faixa etária I, também é nessa faixa etária que ocorre mais a variante tepe (23) e a variante tepe fricativizado (3), visto que houve somente 9 ocorrências de tepe e 1 de tepe fricativizado na faixa etária I. O retroflexo fricativizado ocorreu somente na faixa etária II e as variantes velar (1) e vibrante múltipla (1) apenas na faixa etária I. A ressilabação, ou seja, o tepe em ataque silábico também foi privilegiado pela faixa etária I com 96 ocorrências contra 85 da

faixa etária II. É interessante notar que as duas faixas realizaram a variante glotal em proporções muito próximas, sendo que houve 46 realizações na faixa etária I e 40 na faixa etária II.

A variável estilo de produção de fala apresentou resultados interessantes, pois percebemos que o apagamento ocorreu mais no estilo informal (1036) que no estilo formal (923) e na leitura (299); a variante retroflexa apresentou mais ocorrências durante a leitura (487) e durante o estilo formal (166), sendo menos produzida durante o estilo informal (23), o mesmo ocorre com as variantes: tepe na ressilabação (165 realizações na leitura, 15 no estilo formal e 1 no estilo informal), com a variante glotal (57 na leitura, 25 no estilo formal e 4 no estilo informal) e com a variante tepe (25 na leitura, 5 no estilo formal e 2 no estilo informal). As variantes vibrante múltipla (1) e tepe fricativizado (4) só ocorreram durante a leitura e a variante velar (1) apenas no estilo formal. A variante retroflexo fricativizado apresentou mais ocorrências na leitura (10) que no estilo formal (1) e nenhuma no estilo informal.

Por fim, verificamos no Gráfico 12, a seguir, que a variante retroflexa continua predominando em coda silábica interna, com um relativo aumento da variante glotal em todas variáveis, o mesmo ocorrendo com a variante tepe.

Gráfico 12 – Variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e estilo de fala) em coda silábica interna (nº absoluto de ocorrências) nos três estados



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados elencados pelo Programa Goldvarb X.

Como visto, o sexo feminino lidera no uso das variantes: retroflexo (1528), glotal (893) e tepe (86), pois o sexo masculino apresentou os seguintes valores: retroflexo (1378), glotal (807) e tepe (35). Os dois sexos apresentaram número de realizações de apagamento muito próximos, sendo 38 ocorrências produzidas por homens e 33 por mulheres. As diferenças representadas neste contexto se dão em relação à produção da variante velar (2) e da vibrante múltipla (2), que se fizeram presentes somente na fala de informantes do sexo feminino. A variante retroflexa fricativizada ocorreu tanto na fala de homens (3) quanto na fala de mulheres (1).

Em relação à faixa etária, percebemos que as variantes retroflexa (1507), glotal (893) tepe (109), apagamento (46) e retroflexo fricativizado (3) foram privilegiadas pelos falantes da faixa etária II, pois apresentaram números absolutos bem menos expressivos na faixa etária I: retroflexa (1399), glotal (807), apagamento (25), tepe (12) e retroflexo fricativizado (1). As variantes vibrante múltipla (2) e velar (2) foram realizadas apenas pela segunda faixa etária.

No Estilo de Produção de Fala, a variante retroflexa predominou nos três estilos: formal (1369), informal (871) e de leitura (666). Também nos três estilos, a variante glotal foi a segunda mais realizada: 852 ocorrências no estilo formal, 486 no informal e 362 na leitura, seguindo os mesmos padrões apresentados pelo /r/ retroflexo. O apagamento foi mais representativo no estilo formal (53) que no estilo informal (17), fato muito interessante se considerarmos o monitoramento da fala dos informantes. Na leitura, apresentou apenas 1 ocorrência. A variante tepe foi mais realizada no estilo formal (66), seguido da leitura (29) e com menor número de realizações no estilo informal (26). A variante velar (2) ocorreu somente no estilo formal, a vibrante múltipla apresentou 1 realização no estilo formal e 1 na leitura, situação parecida ocorreu com o /r/ retroflexo fricativizado que também foi produzido somente no estilo formal (1) e na leitura (3)

Vale ressaltar que os dados analisados nesta análise preliminar não sofreram nenhum tipo de amálgama ou ajuste e serviram expressamente para uma visão geral de todos os dados obtidos, para termos informações relevantes que poderiam se perder por apresentarem ocorrências muito pequenas ou por não serem selecionadas pelo programa Goldvarb X. Dessa forma, podemos ter uma visão geral da vitalidade de cada variante presente na fala dos 95 informantes.

5.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Verificamos que a variante retroflexa é a predominante nas localidades analisadas, seguida pela glotal e de forma bem menos expressiva pela variante tepe. Além delas, observamos poucos casos de vibrante múltipla, velar e do retroflexo e tepe fricativizado. Em relação às variantes tepe e retroflexo fricativizados, conjecturamos duas hipóteses. A primeira refere-se ao possível processo de posteriorização, em que uma variante (+) anterior passa para uma (-) anterior, mudando de modo e ponto de articulação, assim como observado por Callou, Leite e Moraes (1996). Callou e Serra (2012), dando continuidade a essa discussão a respeito do processo de mudança linguística no uso dos róticos em coda silábica no PB afirmam que tal mudança pode ocorrer da seguinte maneira: “[...] desde uma vibrante alveolar, uma fricativa velar, uma fricativa laríngea surda (aspiração) até [Ø]” (CALLOU; SERRA, 2012, p. 42).

Já a segunda hipótese, talvez menos plausível, poderia ser uma tentativa do informante querer acobertar a variante que acredita ser de menor prestígio. Todavia, como não é possível ver uma expressividade na fala de um dos sexos, de uma das faixas etárias ou em um determinado estilo, ainda não temos como dizer o quanto de prestígio essas variantes têm nem a perspectiva de ampliação ou redução em seu uso.

Na próxima seção, apresentamos os resultados em percentual e em peso relativo dos contextos selecionados pelo programa Goldvarb X como os mais relevantes para a implementação de cada variante rótica em análise.

CAPÍTULO 6

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados em percentual e em peso relativos dos contextos selecionados como mais relevantes pelo programa Goldvarb X. Dentre as possibilidades de apresentação dos resultados, optamos por analisar os róticos na Região Centro-Oeste em dois grandes grupos (coda silábica externa e coda silábica interna), com isso podemos mostrar de forma objetiva as ocorrências dos róticos na referida região bem como os contextos que interferem no predomínio de uma ou de outra variante rótica. Tal opção tem respaldo em Callou (1987, p. 119), que destaca ser importante “analisar separadamente esse contexto [posição final de vocábulo] já que a distribuição do /r/ apresenta aí aspectos particulares”, principalmente quanto ao uso do apagamento.

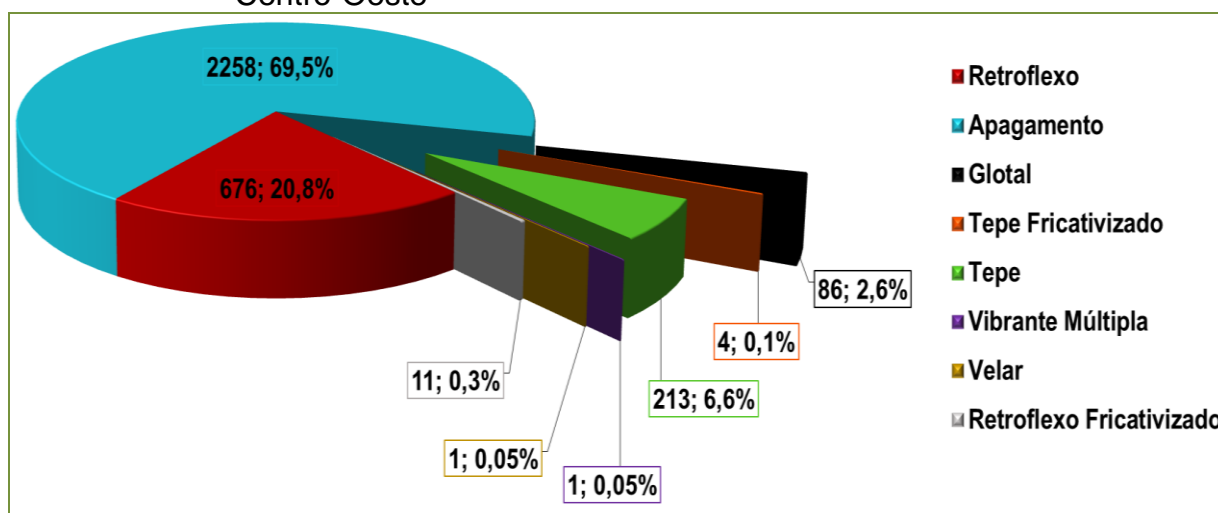
Sendo assim, a exposição dos resultados está dividida em seis etapas: na primeira, mostramos a distribuição dos dados em coda silábica externa de verbos nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; na segunda, apresentamos a distribuição em coda silábica externa de não verbos nos três estados pesquisados; na terceira, discutimos os resultados do /r/ com coda silábica interna; na quarta, expomos a distribuição do apagamento em coda silábica externa de verbos; na quinta, exibimos a distribuição do apagamento em coda silábica externa de não verbos e, por fim, na sexta, apresentamos o apagamento dos róticos em coda silábica interna.

O total de dados em coda silábica externa foi de 4291 ocorrências, incluindo todas as variantes, inclusive os casos de tepe em ressilabação e apagamentos, divididos em verbos (3250) e não verbos (1041). O total de dados em coda silábica interna foi de 4809 somando verbos e não verbos. Entretanto, tivemos de fazer ajustes, adequações, por motivos diversos, como baixo número de ocorrências e nocautes apresentados pelo programa, os casos de ressilabação em que o /r/ deixou a coda e passou ao ataque silábico foram desconsiderados, conforme já mencionamos. Além disso, os casos de apagamento serão analisados separadamente, por apresentarem comportamento diferenciado. Fato que ocasionará valores diferentes dos apresentados neste momento, mas que serão devidamente especificados em cada contexto.

6.1 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS – CODA SILÁBICA EXTERNA DE VERBOS

Iniciamos a análise apresentando os resultados em percentuais das variantes róticas na Região Centro-Oeste, em seguida mostramos os percentuais por estado e, para a análise binominal, retomamos separadamente as três variantes mais produtivas na região Centro-Oeste.

Gráfico 13 – Variantes róticas em coda silábica externa de verbos na Região Centro-Oeste



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

No cômputo geral, das 24 localidades analisadas no presente estudo, apuramos um total de 3250 ocorrências do /r/ em coda silábica externa de verbos, das quais 2258 (69,5%) foram de apagamento, 676 (20,8%) da variante retroflexa, 86 (2,6%) da variante glotal, 213 (6,6%) da variante tepe, 11 (0,3%) de retroflexo fricativizado, 4 (0,1%) de tepe fricativizado, 1 (0,05%) da variante velar e 1 (0,05%) da variante vibrante. Vale salientar que entre as 213 realizações da variante tepe foram computadas 32 ocorrências de tepe e 181 de tepe na ressilabação, mas as ocorrências de tepe na ressilabação serão descartadas, visto que o /r/ encontra-se em ataque, não sendo nosso objetivo neste estudo.

Ainda de acordo com o Gráfico 13, a variante de maior predominância na Região Centro-Oeste, em coda silábica externa de verbos, é o apagamento, seguida

da variante retroflexa, da variante glotal e da variante tepe³⁸ com menor expressividade. Esses resultados encontram respaldo em estudo como os realizados por: Aguilera e Kailer (2012), Almeida e Kailer (2013b), Brandão (1995), Monaretto (2000), Votre (1978), que afirmam ser a classe dos verbos, principalmente no infinitivo e no futuro do subjuntivo, o contexto mais propício ao apagamento em posição final.

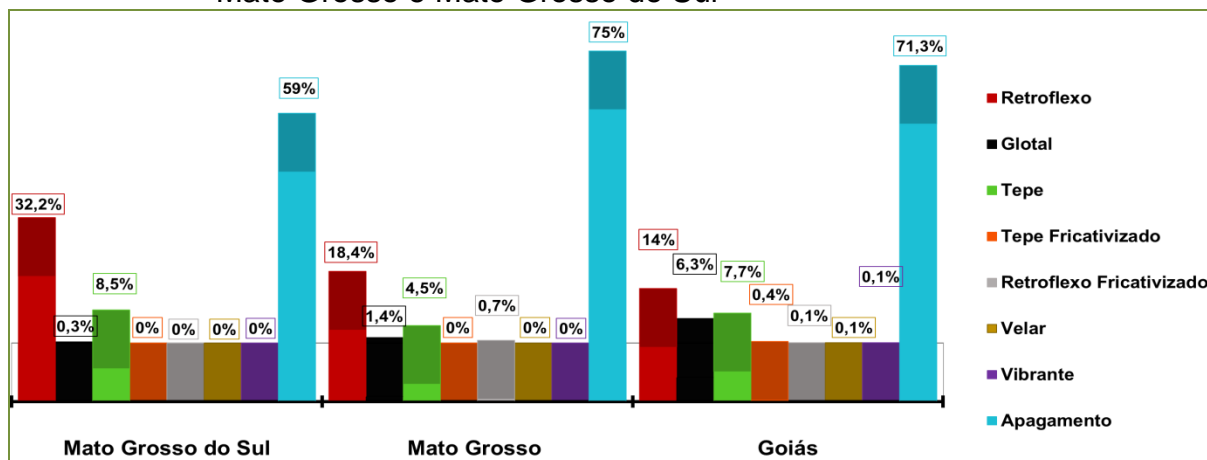
Importante ressaltar também que o fato de a variante retroflexa ser a segunda mais produtiva, neste contexto, corrobora os achados de Castro (2014), que verificou a ocorrência e a frequência do “r caipira” em Mato Grosso do Sul em coda silábica interna e externa- com base em dados do Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA D., 2007) - ela também verificou a presença de mais de uma variante nesta localidade, destacando “a ocorrência de quatro realizações róticas – retroflexo, tepe, fricativa velar e fricativa glotal – e a realização zero” (CASTRO, 2014, p. 570).

Além dos resultados de Castro (2014) e de Oliveira D. (2007), é interessante destacar o estudo realizado por Silva H. (2016), em 38 localidades de São Paulo, 23 de Minas Gerais, 14 do Rio de Janeiro e 5 do Espírito Santo. A referida autora observa em Minas Gerais, estado limítrofe de Goiás, entre outras questões, a presença de 4 variantes do /r/, “1068 ocorrências de glotal (77%), 314 ocorrências do retroflexo (22%), 12 ocorrências do tepe (1%) e uma única ocorrência do /r/ velar (0%)³⁹” (SILVA H., 2016, p. 137). Comportamento semelhante foi observado por este estudo no estado de Goiás, pois este Estado também apresentou diversas variantes róticas (retroflexo, glotal, tepe, tepe fricativizado, retroflexo fricativizado, velar e vibrante), conforme podemos conferir no Gráfico 14, a seguir.

38 Dos 213 casos de tepe alencados no Gráfico 13, temos 181 casos de ressilabação que serão desconsiderados neste momento, por se apresentarem em ataque (**Botarovo**) e não em coda (**Botar.ovo**), objetivo do presente estudo.

39 Segundo Silva H. (2016), registrado na cidade de Juiz de Fora, na fala de um informante idoso, na lexia certo.

Gráfico 14 – Róticos em Coda Silábica Externa de Verbos nos Estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados elencado pelo Programa Goldvarb X.

Constatamos, com base no Gráfico 14, quatro variantes presentes nos três estados em estudo. O apagamento foi a variante mais produtiva nos três estados: MT (75%), GO (71,35%) e MS (59%); seguida da variante retroflexa: MS (32,2%), MT (18,4%) e GO (14%); da variante tepe: MS (8,5%), GO (7,5%) e MT (4,5%) e de forma mais tímida da variante glotal: GO (6,3%), MT (1,4%), MS (0,3%). O estado de Mato Grosso, além das variantes supracitadas, também apresentou o retroflexo fricativizado (0,7%).

Conforme verificamos no Gráfico 14, um fato interessante a ser ressaltado foi a presença de 8 variantes no estado de Goiás, inclusive mais de uma variante no falar de um mesmo informante. Além das variantes predominantes - apagamento (71,3%), retroflexa (14%) e glotal (6,3%) -, houve também a presença da variante tepe (7,7%), da variante tepe fricativizada (0,4%), da vibrante múltipla (0,1%), da velar (0,1%) e da retroflexa fricativizada (0,1%).

Supomos que tal diversidade de variantes em Goiás se deva a dois processos: (i) um deles referente ao fluxo migratório do período das Bandeiras, que se apresentou de maneira expressiva na região de Goiás, em 1682, no chamado “Ciclo do Ouro”, e, posteriormente, pela passagem dos tropeiros; (ii) o segundo seria a vinda de pessoas em busca de terras férteis e baratas motivadas pelo projeto “Marcha para o Oeste”, todos trazendo um pouco de sua cultura e de seus falares para a região, o que possivelmente justifica a diversidade no número de variantes no estado.

Couto (1974 apud ANTUNES; LOURDES, 2016), atribui a existência de 3 variantes róticas (tepe, retroflexa e fricativa) em Capelinha, distrito situado no

município de Patos de Minas, inclusive no falar de uma mesma pessoa, ao fato dessa região se tratar de uma zona de transição, sendo por isso natural que ocorressem essas 3 variantes. Situação muito semelhante à observada em nossos dados.

A seguir apresentamos os dados selecionados como mais relevantes pelo programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), após rodadas binárias que apresentam os pesos relativos dos fatores linguísticos e extralinguísticos, indicando assim sua incidência na aplicação da regra, ou seja, primeiramente quanto ao uso da variante retroflexa, em seguida quanto ao uso da variante glotal e, por fim, quanto ao uso da variante tepe. Nesta etapa, foram necessários ajustes, amálgamas e redimensionamentos, para evitar os nocautes, conforme já explicitado.

6.1.1 Variante Retroflexa em Coda Silábica Externa de Verbos *Versus* Outras Variantes

O programa Goldvarb X selecionou 4 fatores como relevantes: localidade, sexo, vogal da sílaba alvo e modo de articulação por ordem de relevância para a implementação da regra em estudo. Descrevemos cada um desses fatores pela ordem da seleção do programa.

Como podemos verificar, a seguir, na Tabela 2, o grupo de fatores que apresentou maior índice de relevância para o uso da variante retroflexa foi a localidade. De um total de 811 ocorrências em coda silábica externa de verbos, 676 foram de /r/ retroflexo, mas tivemos de retirar 10 casos de polissílabos e as ocorrências das cidades de: Campo Grande (MS) (23 ocorrências), Coxim (MS) (51 ocorrências), Paranaíba (MS) (67 ocorrências), Diamantino (MT) (49 ocorrências) e Cáceres (MT) (44 ocorrências) por apresentarem 100% da aplicação da regra, o que estava ocasionando nocautes, assim ficamos com 567 ocorrências para esta análise.

Tabela 2⁴⁰ – Atuação da variável localidade para implementação da variante retroflexa em coda silábica externa de verbos

Mato Grosso			
Localidades	APL./OCO. 432/567	% 76.2	P.R
Alto Araguaia	41/42	97.6	0.886
Poxoréu	37/40	92.5	0.735
Vila Bela da Santíssima Trindade	22/24	91.7	0.681
Barra da Garça	13/17	76.5	0.399
Cuiabá	29/41	70.7	0.320
Aripuanã	9/14	64.3	0.250
São Félix do Araguaia	1/7	14.3	0.018
Mato Grosso do Sul			
Localidades	APL./OCO. 432/567	% 76.2	P.R
Nioaque	45/46	97.8	0.915
Ponta Porã	50/51	98.0	0.912
Corumbá	42/50	84.0	0.493
Goiás			
Localidades	APL./OCO. 432/567	% 76.2	P.R
Catalão	25/27	92.6	0.684
Jataí	18/23	78.3	0.493
Quirinópolis	44/58	75.9	0.390
Goiânia	24/33	72.7	0.158
Aruanã	4/6	66.7	0.250
Goiás	6/14	42.9	0.139
Porangatu	11/23	47.8	0.103
Formosa	8/29	27.6	0.044
São Domingos	3/22	13.6	0.026

Input:0.856

Significance = 0.038

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

À primeira vista, já podemos afirmar que as cidades de Nioaque (MS) (0.915), Ponta Porã (MS) (0.912), Alto Araguaia (MT) (0.886), Poxoréu (MT) (0.735), Catalão (GO) (0,684) e Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (0.681) são muito favoráveis ao uso da variante retroflexa. Com menor índice de favorecimento e próximos à neutralidade, encontramos as cidades de Corumbá (MS) (0.493), Jataí (GO) (0.493), Barra da Garça (MT) (0.399) e Quirinópolis (GO) (0.390), enquanto

⁴⁰ Nas tabelas que utilizamos para a análise, encontram-se as abreviaturas APL. (aplicação), OCO. (ocorrências). O percentual é simbolizado por (%) e P.R. (peso relativo). A primeira indica o número de vezes em que a variante em estudo ocorreu; a segunda se refere ao total de ocorrências de todas as variantes analisadas; o percentual, por sua vez, demonstra a porcentagem de aplicação em relação ao total de ocorrências e o peso relativo aponta um valor numérico de probabilidade da variável independente / contexto favorecer ou não a implementação da variante em análise.

São Félix do Araguaia (MT) (0.018), São Domingos (GO) (0.026), Formosa (GO) (0.044), Porangatu (GO) (0.103), Aruanã (GO) (0.158), Goiás (GO) (0.139), Aripuanã (MT) (0,250), Goiânia (GO) (0.281) e Cuiabá (MT) (0,320) são menos favoráveis ao uso da variante retroflexa em contexto de coda silábica externa de verbos.

Observando ainda a Tabela 2, verificamos que entre as 567 ocorrências selecionadas para esta análise, 135 são de outras variantes, deixando evidente a predominância da variante retroflexa na Região Centro-Oeste. Se compararmos os resultados da Tabela 2 ao Gráfico14, podemos concluir que a variante retroflexa prevalece nos três estados (GO, MT e MS) da Região Centro-Oeste e apresenta-se em maior grau de dominância no estado de Mato Grosso do Sul (32,2%), devido à presença majoritária nas cidades de Nioaque (0.915) e Ponta Porã (0.912). Em segundo lugar, vem o estado de Mato Grosso, com 18,4% das realizações retroflexas, distribuídas da seguinte forma: Alto Araguaia (0.886), Poxoréu (0.735) e Vila Bela da Santíssima Trindade (0.681). Por fim, Goiás com 14% das realizações, ocasionadas pelas ocorrências da cidade de Catalão (0,684).

Esses resultados encontram respaldo nos estudos de Aguilera e Kailer (2013), Almeida e Kailer (2013b), Brandão (2007), Castro (2006) e Lima (2013), entre outros estudiosos que observaram a disseminação do /r/ retroflexo por diversas regiões do Brasil, indo assim de encontro à previsão de Amaral (1972) de que o /r/, nomeado pelo mesmo dialetólogo de “Caipira”, teria vida efêmera. É provável que tal produtividade deva-se aos bandeirantes, como afirmam Aguilera e Silva (2011, p, 126): “Tal fone teria se formado entre os paulistas, mamelucos e indígenas e se irradiado pelos territórios conquistados e ocupados pelos bandeirantes nos séculos XVII e XVIII”.

O segundo grupo selecionado pelo programa foi a variável sexo, como podemos verificar na Tabela 3 a seguir.

Tabela 3 – Atuação da variável sexo para a implementação da variante retroflexa em coda silábica externa de verbos

Sexo	APL./OCO. 432/567	% 76.2	P.R
Mulher	244/312	78.2	0.570
Homem	188/255	73.7	0.415

Input: 0.856

Significance = 0.037

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Em relação à variável sexo, conforme a Tabela 3, as mulheres apresentaram peso relativo de 0.570 e os homens o peso relativo 0.415, o que possibilita, apesar de valores muito próximo à neutralidade, mesmo com um *input* alto (0,856), verificar que as mulheres tendem a utilizar mais a variante retroflexa do que os homens dessas localidades.

Segundo Labov (2008, p. 243), “Na fala cuidada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens, e são mais sensíveis que estes ao padrão de prestígio”, mas tal fato foi observado em grandes metrópoles, diferente da realidade de nossa pesquisa, visto que utilizamos somente 3 capitais e o restante dos dados são de cidades interioranas, nas quais o papel da mulher é muito diferente do papel da mulher urbana. Acreditamos que, em nosso estudo, as mulheres se mostraram mais conservadoras em relação ao falar da localidade, pois as informantes que fazem parte desta pesquisa são domésticas, do lar, costureiras, trabalham na pesca ou nunca trabalharam fora.

Este fato se confirma ao observarmos a pequena diferença entre o uso de homens (73,7%) e de mulheres (78,2%), aproximando assim os dois sexos à pronúncia padrão da localidade. Ou seja, se somarmos esses resultados ao *input* geral alto, podemos dizer que o sexo, apesar de ter sido o segundo grupo selecionado como mais relevante para o uso da variante retroflexa, parece não ser tão importante quanto a localidade, neste contexto.

O terceiro grupo selecionado pelo programa foi a vogal da sílaba alvo como podemos visualizar a seguir na Tabela 4.

Tabela 4 – Atuação da variável vogal da sílaba alvo para implementação da variante retroflexa em coda silábica externa de verbos

Vogal da sílaba alvo	APL./OCO. 432/567	% 76.2	P.R
[ɔ̃] (como em trabalh[ɔ̃]r)	240/305	77.4	0.567
[ɔ̃] (como em estiv[ɔ̃]r)	41/50	82.0	0.447
[ɯ̃] (como em estiv[ɯ̃]r)	113/146	77.4	0.504
[ɤ̃] (como em dorm[ɤ̃]r)	33/58	56.9	0.232
[o] (como em p[ô]r)	5/8	62.5	0.357

Input: 0.856

Significance = 0.037

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Conforme mostra a Tabela 4, a vogal da sílaba alvo mais favorecedora ao uso da variante retroflexa foi a vogal central baixa [ɔ̃], com peso relativo de 0.567,

seguida da vogal média alta anterior não arredondada [ɪ], com 0.504. A vogal menos favorecedora foi a vogal alta anterior não arredondada [ɨ], com peso relativo de 0.232, seguida da vogal média alta posterior arredondada [ɔ], com 0.357. É importante dizer que tivemos apenas o verbo *pôr* com a referida vogal na sílaba alvo.

Essas ocorrências foram obtidas das respostas ao QFF: “Quando uma galinha canta e vai para o ninho, a gente diz que ela vai ovos”. (Esperava-se o verbo botar, mas alguns informantes usaram o verbo pôr ou colocar). Próximo à neutralidade encontra-se a vogal média baixa anterior não arredondada [ɛ] (0.447). A vogal alta posterior arredondada [ɔ] não está presente na Tabela 4 por não ter apresentado nenhuma ocorrência quando se trata de coda externa de verbos.

Diante desses resultados, apesar de não muito expressivos, podemos verificar que as vogais (+) anteriores e (-) altas ([ɨ],[ɪ],[ɛ]) são mais favorecedoras à aplicação da regra de uso da variante retroflexa.

O terceiro e último grupo selecionado pelo programa como um dos mais relevantes para a implementação da variante retroflexa na região em estudo foi o modo de articulação, como podemos visualizar na Tabela 5.

Tabela 5 – Atuação da variável modo de articulação seguinte para implementação da variante retroflexa em coda silábica externa ⁴¹ de verbos

Modo de Articulação	APL./OCO. 432/567	% 76.2	P.R
Fricativa (morrer chamou-os)	27/31	87.1	0.787
Oclusiva (menor deles)	44/52	84.6	0.708
Final absoluto de Sílabas (roer)	319/422	75.6	0.469
Nasal (buscar no campo)	37/54	68.5	0.393
Africada (acabar dzi dizer)	5/8	62.5	0.224

Input: 0.856

Significance = 0.037

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Verificamos por meio da Tabela 5, que o modo de articulação que mais favorece o uso da variante retroflexa é a fricativa (0.787), seguida da oclusiva

⁴¹ Consideramos a coda extensa no item lexical, porém, na frase, analisamos a influência do contexto seguinte, como por exemplo (menor deles), exceto nos casos em que houve ressilabação (botarovo).

(0.708). Já os modos africada (0.224) e nasal (0.393) mostram-se desfavoráveis ao uso da variante retroflexa. Próximo da neutralização está o final de sílaba com peso relativo de 0.469. O fato de as oclusivas favorecerem o uso da variante retroflexa também foi observado por Santos (1994) em seu estudo na comunidade de Porto da Rua, litoral norte de Alagoas, sobre o qual afirma que as oclusivas influenciam na realização do rótico aproximante pós-alveolar. Isso ocorre, segundo a autora, porque as oclusivas assimilam os traços do /r/ e vice-versa.

A seguir, apresentamos a segunda variante mais produtiva na Região Centro-Oeste: a fricativa glotal.

6.1.2 Variante Glotal em Coda Silábica Externa de Verbos *Versus* Outras Variantes

O programa Goldvarb X, da mesma forma que ocorreu com a variante retroflexa, também selecionou a variável localidade como a primeira em relevância, quanto à aplicação da regra de uso da variante glotal. A seguir, expomos os grupos conforme a ordem de seleção apresentada pelo programa.

Tabela 6 - Atuação da variável localidade para implementação da variante glotal em coda silábica externa de verbos

Mato Grosso			
Localidades	APL./OCO. 86/ 427	% 20.1	P.R
São Félix do Araguaia	6/7	85.7	0.973
Aripuanã	5/14	35.7	0.718
Barra da Garça	4/17	23.5	0.589
Poxoréu	2/40	5.0	0.219
Vila Bela da Santíssima Trindade	1/23	4.3	0.212
Alto Araguaia	1/42	2.4	0.108
Mato Grosso do Sul			
Localidades	APL./OCO. 86/ 427	% 20.1	P.R
Corumbá	3/49	6.1	0.281
Goiás			
Localidades	APL./OCO. 86/ 427	% 20.1	P.R
Goiás	8/14	57.1	0.913
Formosa	15/29	51.7	0.897
Porangatu	11/23	47.8	0.873
Goiânia	7/33	21.2	0.698
Quirinópolis	13/58	22.4	0.622
Jataí	5/23	21.7	0.621
Aruanã	1/6	16.7	0.534
São Domingos	3/22	13.6	0.397
Catalão	1/27	3.7	0.263

Input: 0.129

Significance = 0.031

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Conforme é possível verificar, na Tabela 6, as cidades mais favorecedoras do uso da variante glotal são: São Félix do Araguaia (MT) (0.973), Goiás (GO) (0.913), Formosa (GO) (0.897), Porangatu (GO) (0.873), Aripuanã (GO) (0.718), Goiânia (GO) (0.698), Quirinópolis (GO) (0.622) e Barra da Garça (0.589) (MT), que, mesmo com valor próximo da neutralidade, ainda é favorecedora do uso da variante glotal em coda externa de verbos. As cidades que menos favoreceram a aplicação da regra foram: Alto Araguaia (MT) (0.108), Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (0.212), Poxoréu (MT) (0,219), Catalão (GO) (0.263), Corumbá (MS) (0,281) e São Domingos (0.397). Um pouco mais próximo da neutralidade encontra-se Aruanã (GO) (0,534), com leve tendência a favorecer o uso da variante glotal.

As cidades de Paranaíba, Coxim, Nioaque, Ponta Porã e Campo Grande, pertencentes ao estado de Mato Grosso do Sul, e as de Diamantino, Cáceres, Cuiabá, pertencentes a Mato Grosso, foram retiradas da análise binominal por não apresentarem nenhuma variante glotal, por esse motivo não estão presentes na Tabela 6.

Como podemos observar pelo input (0,129) de aplicação da regra de uso da glotal na região Centro-Oeste e percentual (20.1%) fica evidente que a glotal não é a variante predominante. Todavia, ao observarmos cada estado, vemos que esse cenário se modifica, pois há algumas localidades muito favoráveis, conforme apontam os pesos relativos. O estado de Goiás, por exemplo, possui mais localidades com a presença da glotal: Goiás (0.913), Formosa (0.897), Porangatu (0.873), Goiânia (0.698) , Quirinópolis (0.622) e Jataí (0.621). Com uma expressividade um pouco menor está o estado de Mato Grosso: São Félix do Araguaia (0.973) e Barra da Garça (0.589). Com pouquíssimas realizações, encontra-se o estado de Mato Grosso do Sul com apenas uma localidade representando essa variante: Corumbá (0,281). O que confirma, mais uma vez, a influência da localidade para o predomínio de uma ou outra variante.

O segundo grupo de fatores selecionado pelo programa relaciona-se à faixa etária e será apresentado na Tabela 7 a seguir.

Tabela 7 – Atuação da variável faixa etária para implementação da variante glotal em coda silábica externa de verbos

Faixa Etária	APL./OCO. 86/ 427	% 20.1	P.R
Faixa etária I (18 a 30 anos)	46/209	22.0	0.590
Faixa etária II (50 a 65)	40/218	18.3	0.414

Input: 0.129

Significance = 0.031

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Como podemos constatar por meio da Tabela 7, a faixa etária mais favorável à implementação do uso da variante glotal foi a primeira (0.590), composta por informantes entre 18 e 30 anos; a faixa etária II, composta por informantes entre 50 e 65 anos, demonstrou ser desfavorável (0.414). Cabe dizer, no entanto, que esses resultados não se mostraram muito distantes, impossibilitando-nos de inferir o estágio da variação, pois não é possível averiguar com precisão o movimento do fenômeno para qualquer direção.

O terceiro grupo selecionado, assim como ocorreu com a variante retroflexa, foi a vogal da sílaba alvo. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 8 na sequência.

Tabela 8 - Atuação da variável vogal da sílaba alvo para implementação da variante glotal em coda silábica externa de verbos

Vogal da Sílaba Alvo	APL./OCO. 86/ 427	% 20.1	P.R
[ɔ̃] (como em Dur[ɔ̃]r)	39/236	16.5	0.424
[ɯ] (como em Colh[e]r)	19/100	19.0	0.507
[ɛ̃] (como em quis[ɛ̃]r)	8/40	20.0	0.493
[ɨ] (como em Dorm[i]r)	17/43	39.5	0.806
[o] (como em P[ô]r)	3/8	37.5	0.755

Input: 0.129

Significance = 0.031

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Como já era previsto, as vogais mais altas são as que mais favorecem o uso da variante glotal, pois as mais baixas foram as mais favorecedoras da variante retroflexa. Como se nota na Tabela 8, os contextos mais favoráveis à implementação da glotal são: a vogal alta anterior não arredondada [ɨ] (0.806), seguida da vogal média alta posterior arredondada [ɯ] (0.755). Por outro lado, a vogal central baixa [ɔ̃](0.424), a vogal média baixa anterior não arredondada [ɛ̃] (0.493) e a vogal média alta anterior não arredondada [ɯ] (0.507) apresentam-se próxima à neutralidade, está tendendo a favorecer e as duas primeira pouco favoráveis à implementação da glotal na região Centro-Oeste.

Um fato que deve ser salientado é a produtividade da vogal [ɔ̃] em números absolutos de ocorrências (236), se comparada à vogal [o] (8) que ocorreu apenas com o verbo pôr. Diante disso, apesar do peso relativo alto da vogal [o] (0.755), creditamos, principalmente, à vogal alta anterior [ɨ] o favorecimento ao uso da variante glotal na referida região.

6.1.3 Variante Tepe em Coda Silábica Externa de Verbos *Versus* Outras Variantes

Assim como as outras variantes (retroflexo e glotal), o programa Goldvarb X selecionou o grupo localidade como o mais relevante para o uso da variante tepe, direcionando-nos, mais uma vez, a pensar que o uso das variantes é uma questão regional. Ao observarmos a Tabela 9, a seguir, podemos notar que as localidades pertencentes ao estado de Mato Grosso (Cáceres, Diamantino, São Félix do Araguaia, Barra da Garça, Alto Araguaia, Aripuanã); a Mato Grosso do Sul (Paranaíba, Coxim, Campo Grande) e ao estado de Goiás (Jataí, Aruanã, Quirinópolis, Goiás) não apresentaram nenhuma ocorrência da variante tepe em coda silábica externa de verbos, por este motivo, não estarão representadas na Tabela 9.

Tabela 9 - Atuação da variável localidade para implementação da variante tepe em coda silábica externa de verbos

Mato Grosso			
Localidades	APL./OCO. 32/360	% 8.9	P.R
Cuiabá	2/40	5.0	0.488
Vila Bela da Santíssima Trindade	1/23	4.3	0.452
Poxoréu	1/39	2.6	0.333
Mato Grosso do Sul			
Localidades	APL./OCO. 32/360	% 8.9	P.R
Corumbá	5/44	11.4	0.685
Ponta Porã	1/45	2.2	0.326
Nioaque	1/44	2.3	0.310
Goiás			
Localidades	APL./OCO. 32/360	% 8.9	P.R
São Domingos	15/22	68.2	0.991
Formosa	3/25	12.0	0.657
Porangatu	1/22	4.5	0.455
Goiânia	1/29	3.4	0.309
Catalão	1/27	3.7	0.281

Input: 0.037

Significance = 0.000

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Conforme os resultados, a localidade mais favorável ao uso da variante tepe foi São Domingos (GO), com peso relativo (0.991) praticamente categórico, seguida das cidades de Corumbá (MS) (0.685) e Formosa (GO) (0.657). As cidades de

Cuiabá (MT), com peso relativo (0.488), Porangatu (GO) (0.455) e Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (0.452) se aproximaram da neutralidade, com tendência ao desfavorecimento no uso da variante tepe. A cidade de Catalão (GO) apresentou-se muito desfavorável ao uso da referida variante, com peso relativo de (0.281), seguida de Goiânia (GO) (0.309), Nioaque (MS) (0.310), Ponta Porã (MS) (0.326) e de Poxoréu (MT) (0.333).

Apesar do altíssimo peso relativo em São Domingos (0,991) diante de um *input* de 0,037, podemos dizer que esta é a localidade mais favorecedora ao uso da variante tepe. No entanto, se observarmos os percentuais relativamente baixos, sendo o mais alto de 68,2% na referida localidade, podemos inferir que esta variante ou está sendo implementada ou está desaparecendo no Centro-Oeste. Talvez o próximo grupo, faixa etária, selecionado pelo programa Goldvarb X como relevante para a implementação da variante tepe, possa nos ajudar a compreender melhor o caminho desta variante na referida região.

Tabela 10 – Atuação da variável faixa etária para implementação da variante tepe em coda externa de verbos

Faixa Etária	APL./OCO. 32/360	% 8.9	P.R
Faixa etária I (18 a 30 anos)	9/154	5.8	0.222
Faixa etária II (50 a 65)	23/206	11.2	0.718

Input: 0.037 *Significance* = 0.000

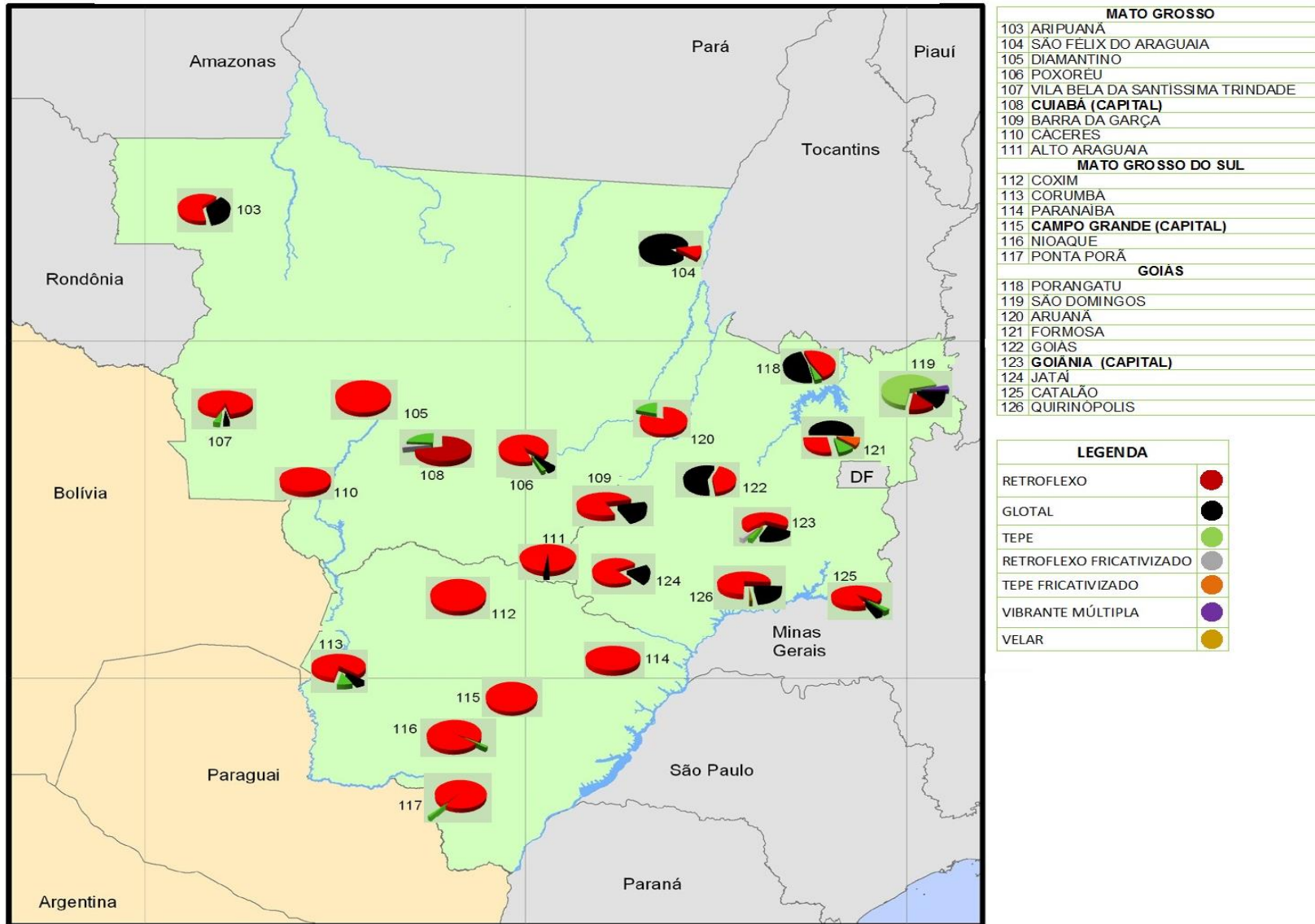
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Segundo os resultados apresentados na Tabela 10, constatamos que há uma diferença muito expressiva de uma faixa etária para outra. Indubitavelmente, a faixa etária II favorece significativamente o uso da variante tepe com peso relativo de 0.718 contra apenas 0.222 apresentado pela faixa etária I. O fato de os mais jovens estarem usando menos a referida variante leva-nos a hipotetizar que a variante tepe tende a desaparecer nessa região.

Ao percebermos que o grupo localidade foi selecionado como condicionador das variantes retroflexa, glotal e tepe, resolvemos adaptar a carta – Rede de Pontos da Região Centro-Oeste, do Projeto ALiB - para demonstrar a disposição e a diversidade das variantes em coda silábica externa de verbos, nas localidades analisadas nos três estados (MS, MT e GO). Então, criamos uma carta experimental que pode ser visualizada na Figura 15, demonstrando quais variantes são mais ou

menos predominantes em cada uma das 24 localidades da Região Centro-Oeste do Brasil em coda silábica externa de verbos.

Figura 15 – Distribuição das Concretizações do /r/ em Coda Silábica Externa de Verbos na Região Centro-Oeste do Brasil



Fonte: Adaptação da carta – Rede de Pontos da Região Centro-Oeste do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALUB).

Segundo a carta (Figura 15), a Região Centro-Oeste apresentou predominância categórica da variante retroflexa em 5 das 6 localidades analisadas: Diamantino (MT), Cáceres (MT), Coxim (MS), Paranaíba (MS), Campo Grande (MS). Acreditamos que isso se deva, primeiramente, pela proximidade com o Paraná e São Paulo que, segundo Aguilera (1994) e Brandão (2007), apresentam a variante retroflexa em grandes proporções. Em segundo lugar, pela irradiação da referida variante por bandeirantes vindos de São Paulo, fato este confirmado por Silva Neto (1951 apud BRANDÃO, 2007):

[...] de uma área muito carregada de tipicismo: estende-se por três estados: sul de São Paulo, sul de Mato Grosso, e norte do Paraná, mas devemos reconhecer que está ainda longe de ter sido traçada com rigor. Em todo o caso, o ponto de irradiação parece ter sido São Paulo.

A variante retroflexa apresentou-se como predominante, mas dividindo o espaço com outras variantes em 14 localidades. Dessas, em 5, ela dividiu espaço somente com a variante glotal: Jataí (GO), Quirinópolis (GO), Aripuanã (MT), Barra da Garça (MT) e Alto Araguaia (MT). A presença da variante retroflexa com a variante tepe foi observada em 3 localidades: Aruanã (GO), Nioaque (MS) e Ponta Porã (MS). Em Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), Poxoréu (MT) e Corumbá (MS) verificamos as três variantes - retroflexa, glotal e tepe - coexistindo.

Vale ressaltar que 2 das 3 capitais também apresentaram diversidade no uso do /r/ em coda silábica externa de verbos. Goiânia teve 4 tipos de variantes (retroflexa, glotal, tepe e retroflexa fricativizada) e Cuiabá 3 tipos de variantes (retroflexa, retroflexa fricativizada e tepe).

A variante glotal, mesmo coexistindo com outras variantes, teve predomínio em 4 das 24 localidades. Em São Félix do Araguaia (MT), verificamos a variante glotal e a retroflexa; em Porangatu (GO), ocorreram 3 variantes: glotal, retroflexa e tepe; em Goiás (GO), houve a presença somente da glotal e da retroflexa; em Formosa (GO), dividiram espaço 4 variantes: glotal, retroflexa, tepe e tepe fricativizado.

Ainda, observando a Figura 15, podemos perceber que o estado de Goiás, mesmo apresentando a variante retroflexa como predominante na maior parte da sua região, também se destaca pela diversidade de variantes presentes. Acreditamos que uma explicação possível para isso ocorrer seja, primeiramente,

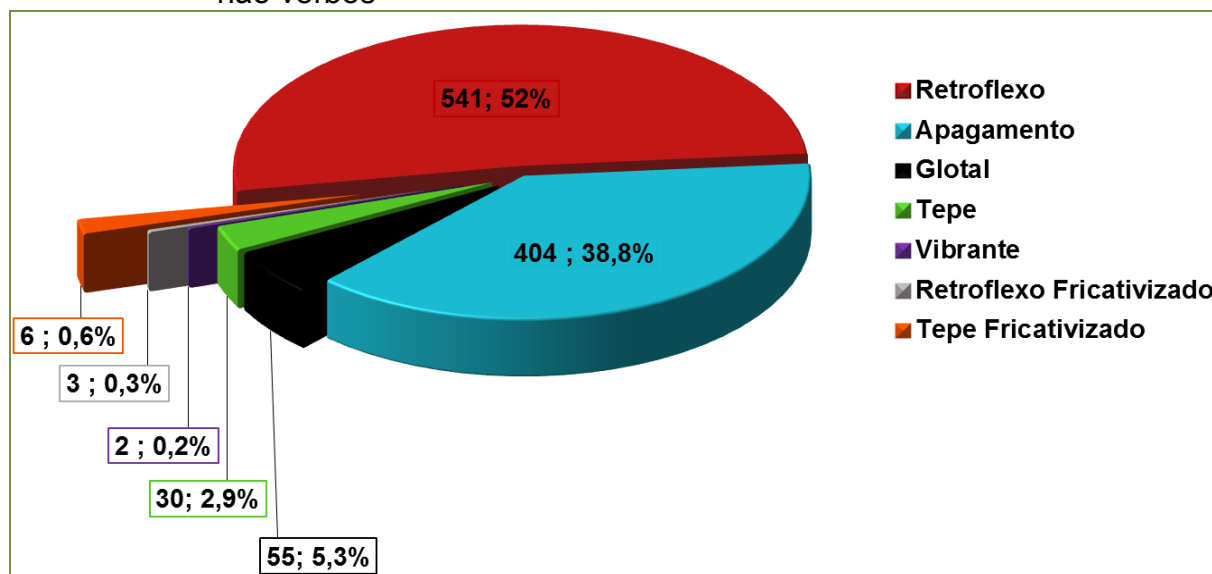
pela proximidade com o Distrito Federal, que apresenta, segundo o IBGE (2010), uma população local formada de migrantes de todas as regiões do Brasil, inclusive do Nordeste e Sudeste, além de estrangeiros que trabalham nas embaixadas. Segundo dados do IBGE (2010), quase metade da população não nasceu ali, sendo que 1.380,873 eram brasilienses (53,73%) e 1.189,287 (46,27%) de outros locais, vindos, por exemplo, de Goiás, Minas Gerais e Bahia. A segunda suposição seria a de que essas variantes sejam herança do processo de povoamento e colonização da Região, do projeto “Marcha para Oeste” e do período chamado de “Ciclo do Ouro”, também ocorrido no estado de Goiás.

Também foi observado na Figura 15, que a variante glotal vêm tomando espaço em grande parte da Região Centro-Oeste. Nossa hipótese para o que está ocorrendo, nessas localidades, é o avanço da posteriorização dos róticos nas referidas localidades, que vêm tomando força, pois a oscilação entre as duas variantes (retroflexo e glotal) já ocorre em praticamente toda a Região Centro-Oeste e não seria difícil ocorrer esta mudança da realização ($R \rightarrow h \rightarrow \emptyset$), principalmente, em se tratando de coda final de verbos, processo que vem sendo observado em outras Regiões do Brasil, por estudiosos, como Brandão e Callou (2016), Callou (1987, 2015), Callou, Leite e Moraes (1996), entre outros.

Por fim, cabe destacar a presença de mais de uma variante nas localidades próximas às fronteiras, com o que podemos perceber que a variante glotal vem descendo do Pará e Tocantins até os estados de Goiás e Mato Grosso e a variante retroflexa segue do Paraná, São Paulo e Minas Gerais rumo a Goiás e Mato Grosso do Sul, confirmando em parte a divisão dialetal apresentada por Nascentes (1953), pois as influências das fronteiras indicam exatamente a divisão dos falares proposto por este estudioso já naquela época. Nota-se também que, na fronteira do Paraguai e Bolívia, já se apresentam algumas variantes como a glotal e, principalmente, o tepe.

A seguir, apresentamos os resultados do contexto de coda silábica externa de não verbos nos três estados da Região Centro-Oeste do Brasil.

6.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS CODA SILÁBICA EXTERNA DE NÃO VERBOS

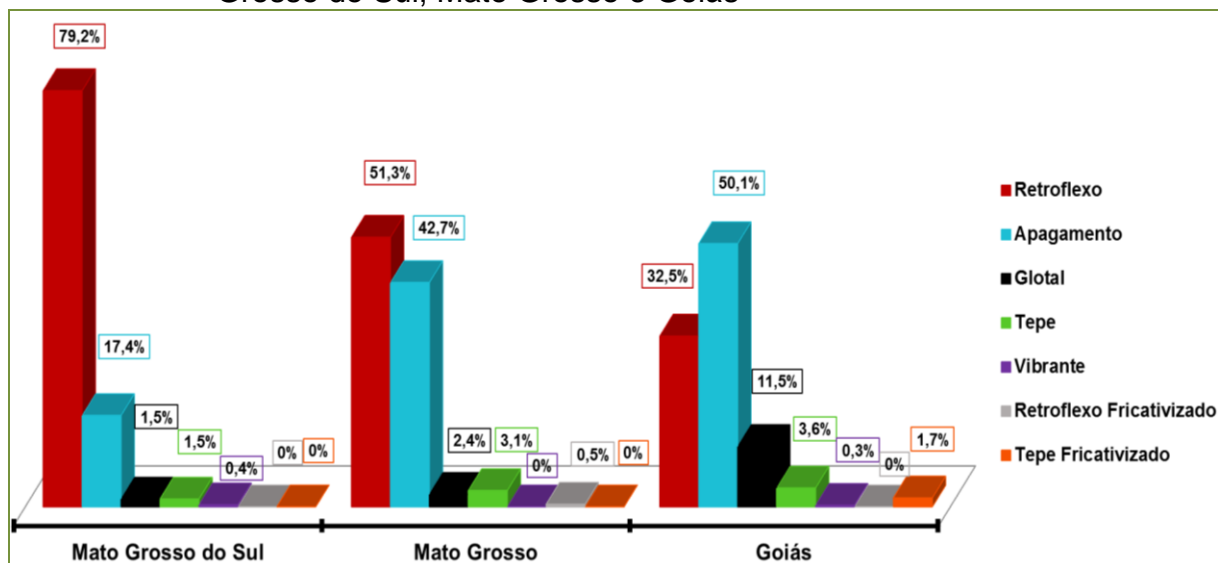
Gráfico 15 – Variantes róticas na região centro-oeste em coda silábica externa de não verbos

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados elencados pelo Programa Goldvarb X

Observa-se, no Gráfico 15, a presença dominante da variante retroflexa na Região Centro-Oeste, com 52% das ocorrências, seguida do apagamento (38,8%). A variante glotal (5,3%) foi a terceira mais produtiva em coda silábica de não verbos, já a variante tepe apresentou poucas ocorrências (2,9%), sendo 16 de tepe em coda e 14 de tepe na ressilabação. Vale ressaltar que os casos de tepe na ressilabação serão descartados, visto que, conforme já destacado, o /r/ passa ao ataque da sílaba. A variante tepe fricativizado apresentou 0,6% de ocorrências. Com percentuais ainda menores, encontramos a variante retroflexo fricativizado (0,3%) e a variante vibrante múltipla (0,3%) do resultado geral das realizações róticas nos três estados.

A seguir, apresentamos os resultados em percentual e número de ocorrências das variantes presentes nos três estados em estudo.

Gráfico 16 – Róticos em coda silábica externa em não verbos nos estados do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados elencados pelo Programa Goldvarb X.

Como se observa no Gráfico 16, a variante retroflexa apresenta maior força no estado de Mato Grosso do Sul, com 79,2%, seguida do apagamento (17,4%), da glotal (1,5%) e da vibrante múltipla (0,4%).

No estado de Mato Grosso, notamos uma disputa de espaço entre a variante retroflexa (51,3%) e o apagamento (42,7%), entretanto só com esses dados não podemos definir quem está perdendo ou ganhando espaço, esperamos conseguir responder essa questão a seguir, com o estudo dos grupos selecionados pelo programa Goldvarb X. Ainda no referido estado podemos observar a presença mais tímida da variante tepe (3,1%), da variante glotal (2,4%) e do retroflexo fricativizado (0,5%).

Ainda em relação ao Gráfico 16, percebemos que, no estado de Goiás, a variante que predomina em coda silábica de não verbos é o apagamento (50,1%), apresentando a variante retroflexa (32,5%) como a segunda mais produtiva. Com proporções menores, mas ainda presente, estão as variantes: glotal (11,5%), tepe (3,6%), o tepe fricativizado (1,7%) e a vibrante múltipla (0,3%). Como já mencionado anteriormente, supomos que essas regiões tenham sofrido um alto fluxo de migrantes e imigrantes no período de colonização e povoamento, por esse motivo apresentam diversas variantes no falar de seus moradores.

Da mesma forma como expusemos os casos de /r/ em coda externa de verbos, procedemos com os casos de /r/ em coda externa de não verbos, ou seja, discutindo e descrevendo a análise binominal das três variantes mais produtivas

selecionadas pelo Goldvarb X, como as mais relevantes para a implementação de cada variante no contexto, separadamente. Iniciamos com a mais produtiva delas, na região Centro-Oeste, a variante retroflexa, em seguida apresentamos a variante glotal e, por fim, a variante tepe.

6.2.1 Variante Retroflexa em Coda Silábica Externa de Não Verbos *Versus* Outras Variantes

Fizemos algumas rodadas no Goldvarb X com o grupo região e outras com o grupo localidades e verificamos que a significância melhorava quando rodávamos com o grupo Região, além disso retiramos os 404 casos de apagamento, que serão abordados à parte, 14 casos de tepe na ressilabação, como já mencionamos, e os 10 casos de polissílabos, que estavam ocasionando nocautes. Após esses ajustes, obtivemos, das 1041 ocorrências, 613 para esta análise, seus resultados podemos ver na Tabela 11 a seguir.

Tabela 11 – Atuação da variável região para implementação da variante retroflexa em coda silábica externa de não verbos

Estados	O. APL./OC 532/613	% 86.8	P.R
Mato Grosso do Sul	203/210	96.7	0.760
Mato Grosso	213/230	92.6	0.543
Goiás	116/173	67.1	0.164

Input: 0.920

Significance = 0.005

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados elencados pelo Programa Goldvarb X.

Este foi o primeiro grupo a ser selecionado pelo programa Goldvarb X e, como esperávamos, os estados de Mato Grosso do Sul (0.760) foi o estado mais favorável ao uso da variante retroflexa em coda silábica externa de não verbos assim como em coda silábica de verbos, seguido do estado de Mato Grosso, com peso relativo de 0.543. O estado de Goiás foi o mais desfavorável em relação ao uso da variante em estudo, com peso relativo de 0.164. O grupo vogal da sílaba alvo foi o segundo a ser selecionado pelo programa como o mais relevante para o uso da variante retroflexa em coda silábica externa de não verbos, como mostramos a seguir na Tabela 12.

Tabela 12 – Atuação da variável vogal da sílaba alvo para implementação da variante retroflexa em coda silábica externa de não verbos

Vogais da Sílaba Alvo	APL./OCO. 532/613	% 86.8	P.R
[ɔ] (como em Milit[ɔ]r)	34/40	85,0	0.388
[ɐ] (como em Mulh[ɐ]r)	107/121	88,4	0.407
[ɪ] (como em Zíp[ɪ]r)	27/38	71,1	0.131
[e] (como em Men[e]r)	127/149	85,2	0.647
[o] (como em cal[o]r)	237/265	89,4	0.543

Input: 0.920

Significance = 0.005

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados elencados pelo Programa Goldvarb X.

Ao analisarmos a Tabela 12, percebemos um enviesamento⁴² dos dados. A vogal média posterior arredondada [ɔ] apresentou 89,4% dos resultados e peso relativo de 0.543, enquanto a vogal média baixa posterior arredondada [e] apresentou 85,2% e peso relativo de 0.647. Optamos por considerar, em nosso estudo, o peso relativo por ser, conforme Guy e Zilles (2007, p. 213), “aconselhável acreditar mais nos pesos do que nos percentuais, porque eles é que vão dar uma avaliação mais precisa dos efeitos dos fatores”.

Na Tabela 13, a seguir, podemos observar o terceiro grupo escolhido pelo programa como condicionador da variante retroflexa: o estilo de fala.

Tabela 13 – Atuação da variável estilo de produção de fala para implementação da variante retroflexa em coda silábica externa de não verbos

Estilo de Fala	APL./OCO. 613/532	% 86.8	P.R
Formal	303/271	89.4	0.628
Informal	130/116	89.2	0.491
Leitura	180/145	80.6	0.298

Input: 0.920

Significance = 0.005

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

A Tabela 13 evidencia o estilo de produção de fala formal, que ocorre no início da entrevista, como ambiente favorável ao uso da variante retroflexa com peso relativo de 0.628. É interessante lembrar que, pelo estilo de perguntas do Questionário Fonético-fonológico, o informante tem mais preocupação com o monitoramento da sua fala. Busca, dessa forma, fazer uso de uma forma mais

⁴² Conforme Silva, G. (2016, p. 88) “O enviesamento geralmente ocorre devido a alguns fatores, tais como: (i) baixo número de dados; (ii) baixa proporção total de aplicação; (iii) pequena diferença entre o maior e o menor valor de peso relativo; (iv) e fatores com proporções e pesos relativos próximos”. Pode ser, no caso dos resultados apresentados nesta tabela, “(iv) fatores com proporções e peso relativos próximos” que justifiquem os inviesamentos verificados.

elaborada possível, ou seja, geralmente não apresenta o seu “vernáculo”. Sendo assim, podemos deduzir, diante desse resultado, que o /r/ retroflexo possa ser uma variante de prestígio no falar da Região Centro-Oeste.

O estilo informal (0.491), que seria o mais espontâneo, mostrou resultados próximos à neutralidade, não apresentando o favorecimento hipotetizado por nós neste contexto, visto que o relato é um momento em que o entrevistado deixa-se envolver emocionalmente com que está relatando (fatos tristes ou felizes que marcaram suas vidas), deixando assim fluir seu “vernáculo”.

Já a leitura (0.298), apresentou um peso relativo que demonstrou ser muito desfavorecedor ao uso da variante retroflexa, resultado já esperado por nós, pois, nesse momento, o leitor pode monitorar sua fala, repetir as palavras e adequá-las ao que lhe é considerado “correto” ou de “prestígio”, distanciando-se, portanto, de uma fala espontânea, disfarçando sua verdadeira identidade linguística, principalmente por tentar representar, por meio da leitura, o que está escrito.

A seguir, vemos o uso da variante glotal, segunda variante mais produtiva na Região Centro-Oeste.

6.2.2 Variante Glotal em Coda Silábica Externa de Não Verbos *Versus* Outras Variantes

Assim, como em coda silábica externa de verbos, o grupo localidade também foi o primeiro a ser selecionado como condicionador do uso da variante glotal em coda silábica externa em não verbos, como podemos notar a partir dos resultados apresentados na Tabela 14 a seguir. Destacamos que, nas primeiras rodadas, tivemos mais dois grupos selecionados: a vogal da sílaba alvo e o modo de articulação.

Como tivemos muitos enviesamentos (percentuais altos e pesos relativos baixos tanto para as localidades quanto para as vogais e os modos de articulação) e uma significância de 0.026, tentamos fazer uma rodada sem o grupo vogal da sílaba alvo, uma vez que o número de vogais são muito díspares (por exemplo, temos 145 ocorrências para o [o] e 19 para a vogal [ɯ] em palavras como cal[o]r e cânc[ɯ]r) o que gera muitas células vazias, ou seja, muita não ortogonalidade.

Após a eliminação desse grupo, tivemos apenas o grupo localidade selecionado, mas sem enviesamentos e com a significância de 0.008, conforme podemos conferir na Tabela 14 a seguir.

Tabela 14 – Atuação da variável localidade para implementação da variante glotal em coda silábica externa de não verbos

Mato Grosso			
Localidades	APL./OCO. 55/320	% 17.2	P.R
São Felix do Araguaia	3/7	42.9	0.838
Aripuanã	4/16	25.0	0.697
Barra da Garça	1/12	8.3	0.386
Alto Araguaia	1/29	3.4	0.198
Vila Bela da Santíssima Trindade	1/36	2.8	0.165
Mato Grosso do Sul			
Localidades	APL./OCO. 55/320	% 17.2	P.R
Corumbá	4/47	8.5	0.391
Goiás			
Localidades	APL./OCO. 55/320	% 17.2	P.R
Formosa	13/21	61.9	0.918
Aruanã	3/8	37.5	0.806
São Domingos	5/14	35.7	0.793
Goiás	5/16	31.2	0.759
Porangatu	2/8	25.0	0.697
Jataí	3/18	16.7	0.580
Goiânia	4/30	13.3	0.515
Quirinópolis	4/36	11.1	0.464
Catalão	2/22	9.1	0.409

Input: 0.103

Significance: 0.008

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

De acordo com a Tabela 14, as localidades mais favoráveis ao uso da variante glotal são: Formosa (GO) com peso relativo de 0.918, São Félix do Araguaia (MT) (0.838), Goiás (GO) (0.759), Aruanã (GO) (0.806), Aripuanã (MT) (0.697), São Domingos (GO) (0.793) e Porangatu (GO) (0.697). As localidades que estão próximas da neutralidade são: Jataí (GO) (0.580), Goiânia (GO) (0.515), Quirinópolis (GO) (0.464), Catalão (GO) (0.409), Corumbá (MS) (0.391) e Barra da Garça (MT) (0.386). As cidades de Alto Araguaia (MT), com peso relativo de 0.198, e Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (0.165) são, certamente, as localidades menos favoráveis ao uso da referida variante.

As cidades do estado de Mato Grosso (Poxoréu, Diamantino, Cáceres e Cuiabá) e de Mato Grosso do Sul (Paranaíba, Coxim, Nioaque, Ponta Porã e Campo Grande) não estão presentes na Tabela 14, pois não apresentaram nenhuma ocorrência da variante em questão, portanto não participaram da rodada binominal.

Na sequência, analisamos a variante tepe presente em coda silábica externa de não verbos.

6.2.3 Variante Tepe em Coda Silábica Externa de Não Verbos *Versus* Outras Variantes

Ao observarmos o Gráfico 14 e o Gráfico 16 apresentados anteriormente, podemos perceber que a variante tepe, mesmo que em pouquíssimas ocorrências, esteve presente, nos contextos já analisados, nos três estados da Região Centro-Oeste. Em coda silábica de não verbos, também podemos verificar, a seguir, a presença tímida da referida variante: em Goiás (3,6%), Mato Grosso (3,1%) e Mato Grosso do Sul (1,5%); em coda silábica de verbos.

O único grupo selecionado pelo programa como favorecedor do uso da variante tepe em coda silábica de não verbos, foi o grupo das localidades, conforme apresentamos na Tabela 15.

Tabela 15 – Atuação da variável localidade para a implementação da variante tepe em coda silábica externa de não verbos na Região Centro-Oeste

Mato Grosso			
Localidades	APL./OCO. 16/165	% 9.7	P.R
Vila Bela da Santíssima Trindade	4/35	11.4	0.688
Cuiabá	1/31	3.2	0.363
Mato Grosso do Sul			
Localidades	APL./OCO. 16/165	% 9.7	P.R
Paranaíba	1/37	2.7	0.322
Corumbá	1/39	2.6	0.311
Goiás			
Localidades	APL./OCO. 16/165	% 9.7	P.R
São Domingos	8/12	66.7	0.972
Goiás	1/11	9.1	0.631

Input: 0.055

Significance = 0.000

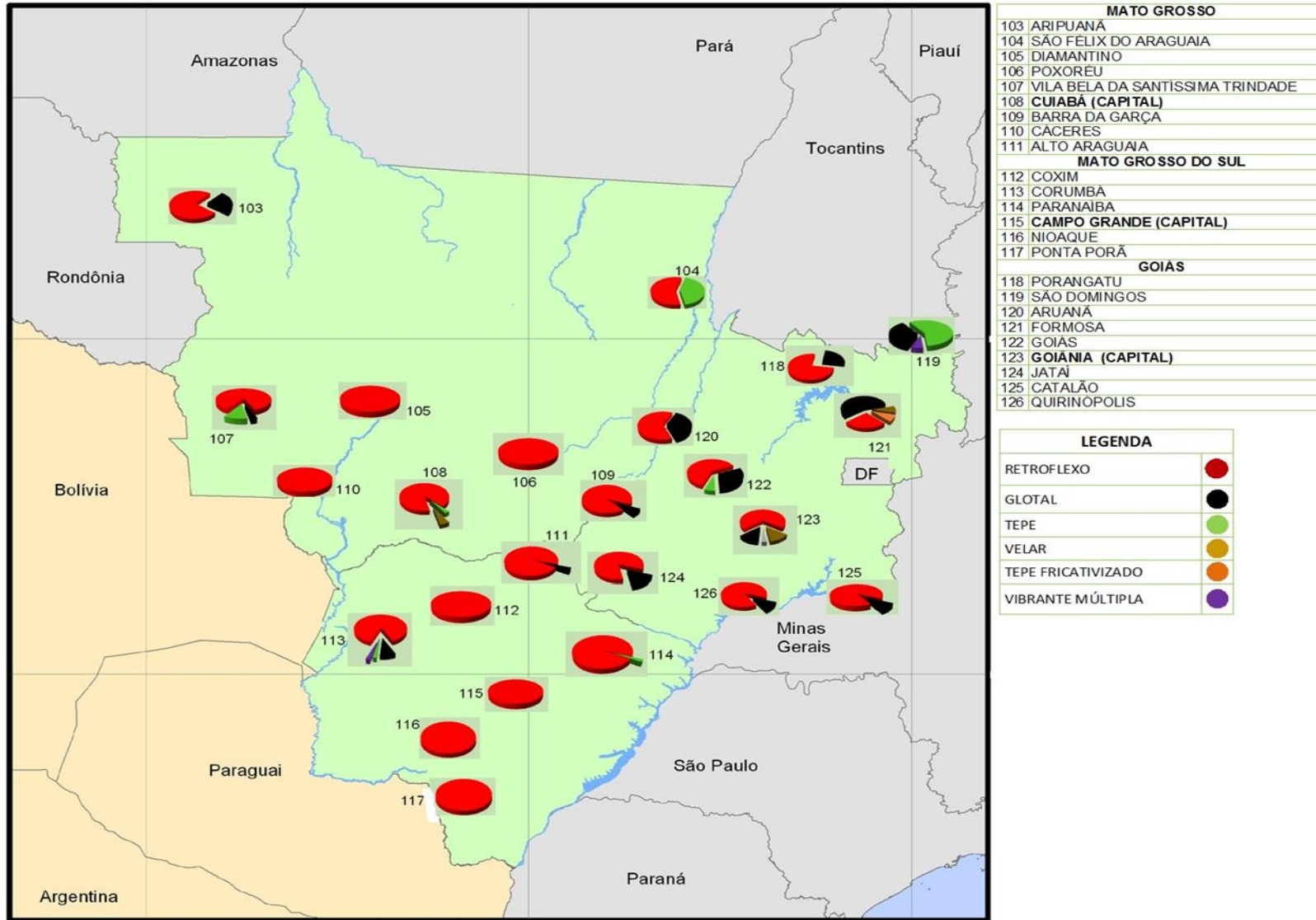
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Antes de tratarmos dos resultados da Tabela 15, podemos verificar o baixíssimo *input* (0,055) de aplicação da regra de uso da variante *tepe* na Região Centro-Oeste. Verificamos que são apenas 6 as localidades que apresentam ocorrências da referida variante, as demais do estado de Goiás (Formosa, Goiânia, Jataí, Porangatu, Quirinópolis, Catalão e Aruanã), do estado de Mato Grosso (Poxoréu, Diamantino, Aripuanã, Alto Araguaia, Cáceres, Cuiabá, São Félix do Araguaia e Barra da Graça) e do estado de Mato Grosso do Sul (Coxim, Nioaque, Ponta Porã, Campo Grande) não apresentaram nenhuma realização da variante *tepe*.

A localidade de São Domingos (GO) é a que apresentou o maior índice de uso da variante *tepe*, com peso relativo de 0.972, seguida da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (0.688) e da cidade de Goiás (GO) (0,631), enquanto as cidades que se mostraram desfavoráveis foram: Corumbá (MS), com peso relativo de 0.311, seguida de Paranaíba (MS) (0.322) e Cuiabá (MT) (0.363). Cabe destacar que, mesmo com esse alto peso relativo, São Domingos teve apenas 8 casos dessa variante.

Para finalizar esta parte referente às variantes róticas em coda silábica externa de não verbos, apresentamos, a seguir, assim como fizemos para a coda silábica externa de verbos, uma carta experimental (Figura 16), adaptada da carta Rede de Pontos da Região Centro-Oeste, do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com a distribuição por localidade das variantes róticas nos três estados em estudo, evidenciando aquelas que predominam, em cada localidade, em coda silábica externa de não verbos. Ressaltamos que o apagamento não se fez presente neste momento, porque será abordado separadamente, como já foi dito.

Figura 16 – Distribuição das Concretizações do /r/ em Coda Silábica Externa em Não Verbos na Região Centro-Oeste do Brasil



Fonte: Adaptação da carta - Rede de Pontos da Região Centro-Oeste do Projeto Atlas linguístico do Brasil (ALIB).

Conforme a carta experimental (Figura 16) nos mostra, os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul apresentam a variante retroflexa como predominante em coda silábica externa de não verbos, além disso, como ocorreu com os róticos em coda silábica externa de verbos, os estados foram os mesmos, de modo geral, a apresentar várias variantes.

Houve, entretanto, uma mudança em relação à predominância de algumas variantes no estado de Goiás, como, por exemplo, nas localidades de Aruanã e Catalão, onde a variante retroflexa apareceu com maior vitalidade seguida da variante glotal, diferentemente do que ocorreu em coda silábica externa de verbos, que apresentou a variante tepe como a segunda variante mais produtiva. Em contexto de coda externa de não verbos, essa variante perdeu espaço para a variante glotal.

Em Porangatu, que, em coda silábica externa de verbos, apresentou retroflexa e glotal disputando espaço com percentuais muito próximos, seguidas de forma menos expressiva da variante tepe, em coda silábica externa de não verbos, vemos a variante retroflexa muito mais produtiva que a variante glotal e não observamos ocorrências da variante tepe.

Em Goiás, a variante retroflexa também se sobressai em relação à glotal, mas ainda verificamos alguns poucos casos da variante tepe. Ou seja, de modo geral, podemos observar, na carta experimental (Figura 16), que, com exceção das cidades de São Domingos e Formosa, a variante retroflexa é a mais usada nas localidades da Região Centro-Oeste neste contexto, conforme os dados aqui analisados.

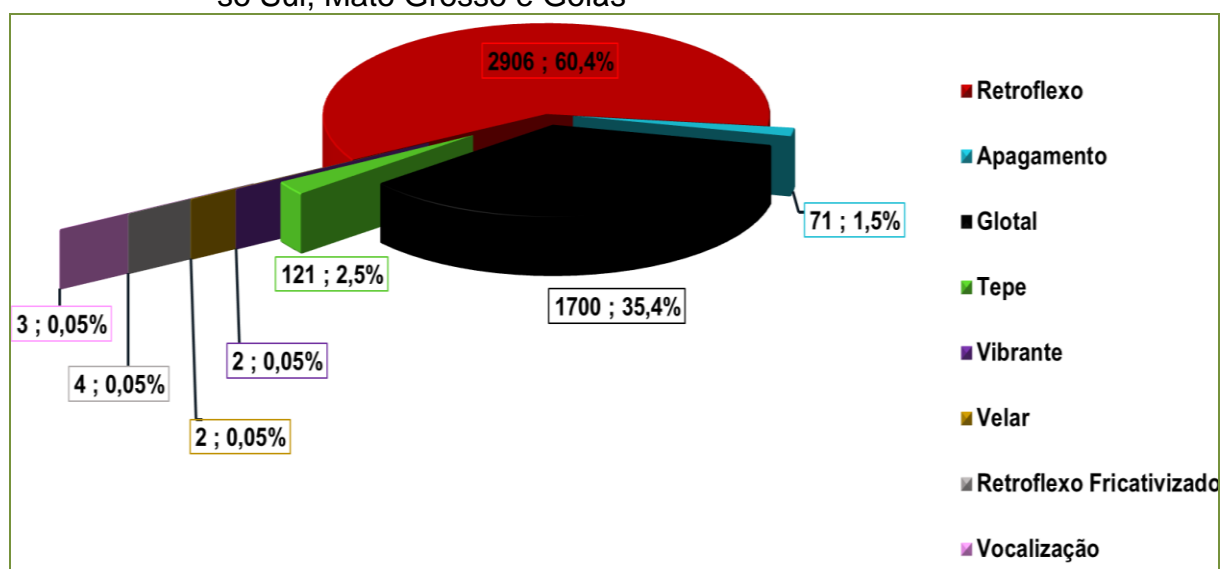
O próximo assunto a ser tratado refere-se às variantes róticas em coda silábica interna. Nesta seção, também analisamos, separadamente, as três variantes mais produtivas nos três estados da Região Centro-Oeste, ou seja, as variantes retroflexa, glotal e tepe. Apresentamos, a seguir, portanto, os contextos selecionados pelo programa Goldvarb X como mais relevantes para a implementação de cada uma dessas variantes.

6.3 RÓTICOS EM CODA SILÁBICA INTERNA NA REGIÃO CENTRO-OESTE

Acreditamos que o contexto de coda silábica interna é o melhor para se verificar a realização das variantes do /r/ em coda silábica, uma vez que, em coda

silábica externa, temos a atuação bastante recorrente do apagamento, principalmente, no caso dos verbos. Da mesma forma como procedemos em relação aos dois primeiros grupos (coda silábica externa de verbos e coda silábica externa de não verbos), o fizemos em relação ao uso dos róticos em coda silábica interna. Iniciamos a análise mostrando os percentuais, em seguida, após fazer os ajustes necessários (retirada dos nocautes, realização de alguns amálgamas e exclusão de alguma rodada para melhorar a significância), apresentamos, em percentual e peso relativo, os grupos selecionados pelo programa Goldvarb X como mais relevantes para aplicação da regra de uso de cada uma das variantes analisadas (retroflexa, glotal e tepe).

Gráfico 17 – Variantes róticas em coda silábica interna nos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados elencados pelo Programa Goldvarb X

Conforme demonstra o Gráfico 17, notamos que as variantes retroflexas e glotais são as mais representativas em contexto de coda silábica interna de verbos e de não verbos. Das 4809 ocorrências, 60,4% pertencem à variante retroflexo, ou seja, 2906 realizações, seguida da variante glotal, com 1700 realizações, equivalente a 35,4%. A variante tepe também está presente em coda silábica interna, mas com um percentual relativamente baixo (2,5%), com apenas 121 ocorrências.

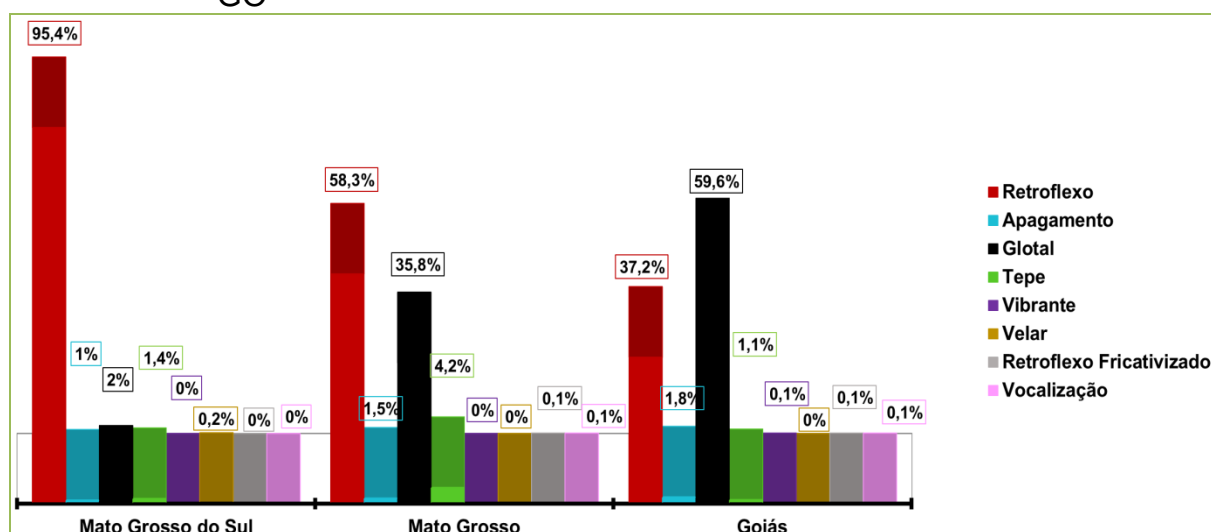
Ainda, segundo o Gráfico 17, é interessante destacar que a variante retroflexo fricativizado apresentou apenas 4 ocorrências em coda silábica interna,

equivalente a apenas 0,1%, número bem menor do que aquele observado em coda silábica externa de verbos, com 11 realizações e semelhante à coda silábica externa de não verbos, com 3 realizações.

Apesar de pouquíssimas ocorrências, hipotetizamos que essa fricativização possa ser o início de uma tendência no Português Brasileiro (PB), destacada por Callou e Leite (1999) sobre o processo diacrônico de mudança linguística, em que as vibrantes estão sendo paulatinamente substituídas pelas fricativas posteriores, ou seja, poderia a fricativização ser o prenúncio da posteriorização. Por fim, também pudemos perceber poucas ocorrências das variantes velar (0,05%), vibrante múltipla (0,05%), com apenas 2 ocorrências cada e 3 realizações de vocalização.

A seguir, apresentamos, no Gráfico 18, as variantes em coda silábica interna, presentes nos três estados em estudo.

Gráfico 18 – Variantes róticas em coda silábica interna nos estados de MT, MS e GO



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados elencados pelo Programa Goldvarb X

Com base nos resultados do Gráfico 18, pudemos verificar um fato bastante interessante: percebemos que a fricativa glotal se sobressai em Goiás (59,6%), seguida da variante retroflexa (37,2%) e do apagamento (1,8%), que é muito reduzido neste contexto. Já a variante tepe se apresentou de forma muito tímida com ocorrência de apenas 1,1% neste estado. Percebemos também a presença, mesmo em pequenas proporções, das variantes retroflexo fricativizado (0,1%), da variante vibrante múltipla (0,1%) e da vocalização (0,1%). Em Mato Grosso do Sul, a variante retroflexa foi quase categórica em contexto de coda silábica interna,

apresentando 95,4% das realizações, dividindo espaço com a variante glotal (2%), com o tepe (1,4%), com o apagamento (1%) e com a variante velar (0,2%).

No estado de Mato Grosso, a variante retroflexa apresentou-se mais produtiva, com 58,3%, entretanto percebemos que a variante glotal vem ganhando espaço (35,8%). Com menor expressividade, observamos a variante tepe (4,2%), o apagamento (1,5%), a variante retroflexo fricativizado (0,1%) e a vocalização (0,1%).

De modo geral, mais uma vez, nossos resultados encontram eco em Callou e Leite (1999), dentre outros, quando estas destacam o processo diacrônico de mudança linguística no qual as vibrantes vêm se tornando fricativizadas pelo aparente “avanço” da glotal e da fricativização da variante retroflexa. É o que parece estar começando a ocorrer no uso dos róticos em coda silábica em algumas localidades da Região Centro-Oeste, principalmente nos estados de Goiás e Mato Grosso.

É *mister* salientarmos que foram necessários ajustes, adequações, por motivos diversos, como a retirada do apagamento, que será abordado em outro momento, e os três casos de vocalização⁴³ que não foram submetidos à rodada binominal, pois esta aceita somente nove grupo de fatores. Sendo assim, o total de dados analisados a seguir será de 4730.

Na sequência, como já mencionamos, relatamos os resultados em percentuais e em pesos relativos das variantes que se apresentaram mais expressivas em coda silábica interna, com seus respectivos grupos de fatores, selecionados pelo programa Goldvarb X como mais relevantes.

6.3.1 Variante Retroflexa *Versus* Outras Variantes em Coda Silábica Interna

O primeiro grupo de fatores a ser selecionado pelo programa como mais relevante para o uso da variante retroflexa em coda silábica interna foi o grupo estado, como podemos visualizar a seguir, na Tabela 16.

43 Dois casos ocorreram em Mato Grosso do Sul, na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, e um caso em Goiás, na cidade de Quirinópolis. Os três aconteceram na fala de informantes da segunda faixa etária, um na fala de um homem e os outros na fala de uma mulher.

Tabela 16 – Atuação da variável estado para implementação da variante retroflexa em coda silábica interna na Região Centro-Oeste

Estados	APL./OCO. 2900/ 4730	% 61.3	P.R
Mato Grosso do Sul	1125/1168	96.3	0.923
Mato Grosso	1183/2000	59.1	0.394
Goiás	592/1562	37.9	0.214

Input: 0.692

Significance = 0.005

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Como é possível notar na Tabela 16, de 4730 ocorrências em coda interna, 2900 pertencem à variante retroflexa, divididas entre os três estados (MT, MS e GO). Desse número, o estado de Mato Grosso do Sul foi responsável por 96,3% das realizações, apresentando peso relativo de 0.923, sendo, assim, quase categórica.

Mato Grosso (59,1%) mostrou-se desfavorável ao uso dessa variante, estando muito próximo à neutralidade, com peso relativo de 0.394. Goiás foi eleito pelo programa como sendo o estado que menos favoreceu o uso da variante retroflexa em coda silábica interna, pois apresentou apenas 37,9% de percentual e apenas 0.214 de peso relativo.

O segundo grupo selecionado pelo programa como relevante para o uso da variante retroflexa foi o grupo ponto de articulação. Como fizemos nas demais rodadas, nesta também retiramos as localidades e deixamos apenas os estados da Região Centro-Oeste, para evitar sobreposição de fatores. Além disso, precisamos fazer três rodadas: uma com ponto e modo de articulação juntos, a segunda somente com o modo de articulação e a terceira somente com o ponto de articulação, para observarmos qual seria a mais significativa. Com isso, verificamos que somente com o ponto de articulação, a significância melhorou.

Tabela 17 – Atuação da variável ponto de articulação para a implementação da variante retroflexa em coda silábica interna na Região Centro-Oeste

Ponto de Articulação	APL./OCO. 2900/ 4730	% 61.3	P.R
Labiodental (como em <i>Árvore</i>)	371/508	73.0	0.683
Velar (como em <i>Margarina</i>)	332/497	66.8	0.545
Linguodental (como em <i>certo</i>)	802/1264	63.4	0.508
Alveolar (como em <i>catorze</i>)	604/1021	59.2	0.475
Bilabial (como em <i>Borboleta</i>)	391/670	58.4	0.459
Alveopalatal (como em <i>Per[dg]ida</i>)	400/770	51.9	0.401

Input: 0.692

Significance = 0.005

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Como pode se notar na Tabela 17, o ponto de articulação que se mostrou mais favorável ao uso da variante retroflexa foi o labiodental, com peso relativo de 0.683, representando 73% das realizações da mencionada variante. Próximos à neutralidade, mas ainda favoráveis ao uso da variante retroflexa, encontram-se o ponto velar (0.545) e o linguodental (0.508), como nos exemplos apresentados na Tabela 17.

O ponto de articulação menos favorável à aplicação da regra foi o alveopalatal, com peso relativo de (0.401), seguido do bilabial (0.459) e do alveolar (0.475). Diante desses pesos relativos, podemos perceber que tais pontos são desfavoráveis ao uso da variante retroflexa, mas não são inibidores dela. Se olharmos o percentual apresentado por cada um deles, percebemos que giram em torno de 51,9% e 59,2%, muito próximos à neutralidade. Sendo assim, supomos que apresentem menores proporções talvez por terem menor quantidade de palavras que as do ponto de articulação labiodental, velar e linguodental. O favorecimento das velares ao uso da variante retroflexa encontra respaldo no estudo de Paes (2014) sobre os róticos em coda silábica no bairro Várzea, em lagoa Santa (MG).

O terceiro e último grupo selecionado pelo programa como favorecedor do /r/ retroflexo em coda silábica interna foi o grupo estilo de produção de fala, exemplificado na Tabela 18 a seguir.

Tabela 18 – Atuação da variável estilo de produção de fala para implementação da variante retroflexa em coda silábica interna na Região Centro-Oeste

Estilo de Fala	APL./OCO. 2900/ 4730	% 61.3	Peso Relativo
Formal	1366/2290	59.7	0.485
Informal	869/1381	62.9	0.481
Leitura	665/1059	62.8	0.557

Input: 0.692

Significance = 0.005

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Percebemos um pequeno enviesamento dos resultados presentes na Tabela 18, ocorrido talvez pela proximidade dos percentuais no estilo informal: o relato (62,9%), leitura (62,8%) e o estilo formal (59,7%), referente à entrevista, giram em torno de 60%. De qualquer forma, podemos observar que, apesar do programa ter selecionado o estilo de produção de fala como o último grupo com relevância para o uso da variante retroflexa, a leitura (0.557), momento mais formal dos três, apresenta um peso relativo um pouco mais alto, mas também próximo à

neutralidade, como ocorre com os outros dois estilos: formal (0.485) e informal (0.481), que desfavorecem também no limiar da neutralidade. Diante dessa proximidade dos pesos relativos, não podemos nos arriscar a hipotetizar que a variante retroflexa tenha mais prestígio por estar mais presente no momento de maior formalidade, o da leitura. Talvez essa questão do prestígio possa ser mais bem esclarecida quando submetermos as outras duas variantes à análise binominal, conforme apresentamos a seguir.

6.3.2 Variante Glotal *Versus* Outras Variantes em Coda Silábica Interna

O primeiro grupo de fatores a ser selecionado pelo programa como mais relevante ao uso da variante glotal em coda silábica interna foi o grupo Localidade, como podemos visualizar a seguir na Tabela 19.

Tabela 19 – Variante glotal em coda silábica interna *versus* localidades

Mato Grosso		
Localidades	APL./OCO. 1698/4730	% 35.9
São Félix do Araguaia	141/175	80.6
Aripuanã	190/262	72.5
Barra da Garça	173/255	67.8
Alto Araguaia	69/185	37.3
Poxoréu	92/252	36.5
Vila Bela da Santíssima Trindade	39/264	14.8
Cuiabá	18/174	10.3
Cáceres	4/178	2.2
Mato Grosso do Sul		
Localidades	APL./OCO. 1698/4730	% 35.9
Corumbá	9/174	5.2
Paranaíba	11/253	4.3
Nioaque	2/193	1.0
Coxim	1/171	0.6
Campo Grande	1/209	0.5
Goiás		
Localidades	APL./OCO. 1698/4730	% 35.9
Formosa	196/223	87.9
São Domingos	130/165	78.8
Jataí	114/165	69.1
Porangatu	103/155	66.5
Catalão	90/140	64.3
Aruanã	101/159	63.5
Goiás	102/212	48.1
Goiânia	68/180	37.8
Quirinópolis	44/163	27.0

Input:0,252

Significance = 0.003

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Na Tabela 19, podemos perceber que as cidades de Diamantino (MT) e Ponta Porã (MS) não estão presentes, pois apresentaram nocautes por não haver ocorrido a variante em questão nessas duas localidades, sendo assim, foram excluídas da análise binominal.

Fato que nos chamou atenção, na Tabela 19, foram os altos percentuais da variante glotal em algumas localidades: Formosa (GO) (87,9%), São Félix do Araguaia (MT) (80,6%), São Domingos (GO) (78,8%), Jataí (GO) (69,1%), Aripuanã (MT) (72,5%), Barra da Garça (MT) (67,8%), Porangatu (GO) (66,5%), Catalão (GO) (64,3%) e Aruanã (GO) (63,5%). Temos também as cidades de Goiás (GO) (48,1%), Goiânia (GO) (37,8%), Alto Araguaia (MT) (37,3%) e Poxoréu (MT) (36,5%) com percentuais relativamente mais baixos, mas ainda próximos de 50%, ou seja, nem favorecendo e nem desfavorecendo o uso da variante glotal. Por outro lado, com percentuais baixíssimos, destacando-se como desfavorável ao uso da variante glotal, podemos observar em Campo Grande (MS) (0,5%), Coxim (MS) (0,6%), Nioaque (MS) (1,0%), Cáceres (MT) (2,2%), Cuiabá (MT) (10,3%), Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (14,8%) e Quirinópolis (GO) (27%).

As cidades que apresentaram índices percentuais baixíssimos foram as mesmas que apresentaram a variante retroflexa como predominante. A seguir, apresentamos o primeiro grupo selecionado pelo programa como condicionador do uso da variante glotal em coda interna como exemplificado na Tabela 20.

Tabela 20 – Atuação da variável estado para a implementação da variante glotal em coda silábica interna na Região Centro-Oeste

Estados	APL./OCO. 1698/4730	% 35.9	P.R
Mato Grosso do Sul	24/1168	2.1	0.056
Mato Grosso	726/2000	36.3	0.618
Goiás	948/1562	60.7	0.817

Input: 0,252

Significance = 0.003

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Conforme a Tabela 20, verificamos que a variável região foi a primeira a ser selecionada como a mais relevante para o uso da variante glotal. Sendo o estado de Goiás (0,817) o mais favorável à implementação da referida variante em coda silábica interna, seguido do estado de Mato Grosso (0,618) e por último Mato Grosso do Sul (0.056), que praticamente inibe o uso da glotal. Se compararmos a Tabela 19 com a Tabela 20, podemos verificar que das 9 localidades de Goiás, 6 apresentam

mais de 60% de uso da variante glotal, Quirinópolis (27%), Goiânia (37,8%) e Goiás (48,1%), comprovando o peso relativo muito favorável ao uso dessa variantel no estado goiano (0.817). Mato Grosso (0.618) apresentou três localidades muito favoráveis ao uso da variante glotal, São Félix do Araguaia (80,6%), Aripuana (72,5%) e Barra da Garça (67,8%), entretanto, nas demais localidades, o percentual está abaixo de 40%, ou seja, acreditamos que a variante glotal está sendo implementada com maior força em Goiás, se espalhando para Mato Grosso e, de forma muito tímida, está chegando em Mato Grosso do Sul (0.056).

O segundo grupo escolhido pelo programa Golbvarb X, como mais relevante à aplicação da regra variável do uso da variante glotal, foi o grupo faixa etária, conforme podemos observar na Tabela 21.

Tabela 21 – Atuação da variável faixa etária para a implementação da variante glotal em coda silábica interna na Região Centro-Oeste.

Faixa Etária	APL./OCO. 1698/4730	% 35.9	P.R
Faixa etária I (18 a 30 anos)	806/2214	36.4	0.530
Faixa etária II (50 a 65)	892/2516	35.5	0.473

Input: 0,252

Significance = 0.003

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

A Tabela 21 demonstra valores com percentuais não muito distantes entre si, as duas faixas etárias estão próximas da neutralidade. A faixa etária I (36,4%) é mais favorável ao uso da glotal, com peso relativo de 0.530, e a faixa etária II com peso relativo de 0.473 é muito pouco desfavorável. Este resultado é semelhante aos observados em coda externa de verbos. Mesmo com esses pesos relativos próximos à neutralidade, podemos conjecturar que, neste processo de variação, aparentemente estável, há uma tendência à ampliação no uso da variante glotal, uma vez que os mais jovens são mais favoráveis (0,530) ao uso da referida variante.

Como afirma Moreno Fernández (1998, p. 40), “La edad de los hablantes [...] es uno de los factores sociales que con mayor fuerza y claridad pueden determinar los usos lingüísticos de una comunidad de habla”⁴⁴.

Abordamos, a seguir, o último grupo selecionado pelo programa como relevante ao uso da variante glotal em coda silábica interna. É necessário salientar

⁴⁴ A idade dos falantes [...] é um dos fatores sociais que com maior força e clareza podem determinar os usos lingüísticos de uma comunidade de fala. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 40, tradução nossa)

que, nas primeiras rodadas, a vogal da sílaba alvo e o modo de articulação foram selecionados, no entanto, por conta da não ortogonalidade gerada por alguns enviesamentos, por exemplo, a vogal [ɤ] (40,4%) apresentou peso relativo de 0,491 e a vogal [o] (33,1%) obteve 0.504; as africadas (47,1%) obtiveram 0.630; as laterais (50%) apresentou peso relativo de 0.497, dentre outros. Nesse sentido, optamos por retirar esses dois grupos da rodada, uma vez que não preenchiam uniformemente a maior parte das células. Com isso, o terceiro grupo passou a ser o estilo de produção de fala, como podemos conferir na Tabela 22 adiante.

Tabela 22 – Atuação da variável estilo de produção de fala para a implementação da variante glotal em coda silábica interna na Região Centro-Oeste

Estilo de produção de fala	APL./OCO. 1698/4730	% 35.9	P.R
Informal	486/1383	35.1	0.527
Formal	852/2294	37.1	0.502
Leitura	361/1059	34.1	0.460

Input: 0,252

Significance = 0.003

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

A Tabela 22 mostra-nos o discurso informal (0.527), ou seja, o relato, como o mais favorável ao uso da variante glotal, a entrevista (0.502) que consideramos o discurso formal, por estar no início da entrevista, se mostrou neutra, quanto ao uso da referida variante. Já a leitura (0.460) se mostrou menos favorável à implementação da variante glotal. Importante salientar que não é possível conjecturar que a variante glotal possa ser uma variante de pouco prestígio por ser usado no discurso menos monitorado e ser evitada no discurso mais monitorado (leitura), uma vez que tanto os pesos relativos favoráveis quanto os desfavoráveis estão muito próximos da neutralidade.

Na sequência, abordamos a terceira variante mais recorrente nos três estados em estudo, ou seja, a variante tepe.

6.3.3 Variante Tepe *Versus* Outras Variantes em Coda Silábica Interna

Como já era previsto, o programa selecionou o grupo de fatores localidade como sendo o mais favorável ao uso da variante tepe, o que observaremos a seguir, na Tabela 23.

Tabela 23 – Atuação da variável localidade para a implementação da variante tepe em coda silábica interna na Região Centro-Oeste

Mato Grosso			
Localidades	APL./OCO. 121/ 3546	% 3.4	P.R
Vila Bela da Santíssima Trindade	26/264	9.8	0.827
Poxoréu	25/252	9.9	0.795
Cuiabá	121/74	6.9	0.748
São Félix do Araguaia	4/175	2.3	0.589
Cáceres	5/181	2.8	0.503
Aripuanã	4/261	1.5	0.480
Alto Araguaia	4/185	2.2	0.444
Barra da Garça	4/255	1.6	0.424
Diamantino	2/251	0.8	0.236
Mato Grosso do Sul			
Localidades	APL./OCO. 121/3546	% 3.4	P.R
Corumbá	10/174	5.7	0.733
Ponta Porã	3/168	1.8	0.458
Nioaque	4/193	2.1	0.439
Goiás			
Localidades	APL./OCO. 121/ 3546	% 3.4	P.R
São Domingos	10/165	6.1	0.720
Aruanã	2/158	1.3	0.350
Quirinópolis	2/162	1.2	0.344
Formosa	2/223	0.9	0.251
Jataí	1/165	0.6	0.235
Catalão	1/140	0.7	0.206

Input: 0.011

Significance = 0.007

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Observamos, na Tabela 23, que novamente houve um pequeno enviesamento em nossos dados, como podem os notar em: Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (9,8% - 0.827) e Poxoréu (MT) (9,9% - 0.795); São Domingos (GO) (6,1% - 0.720) e Corumbá (5,7% - 0.733); Ponta Porã (MS) (1,5 % - 0.480), Aripuanã (MT) (1,5% - 0.458) e Alto Araguaia (MT) (2,2% - 0.444). Supomos que este fato tenha ocorrido por apresentarem “fatores com proporções e pesos relativos próximos” (SILVA G., 2016). Como os resultados não estão tão díspares, optamos por apresentar todos os grupos selecionados nas primeiras rodadas. Dessa forma, para termos uma análise mais confiável, utilizamos os pesos relativos como base de nossa análise.

As localidades de Goiânia, Goiás e Porangatu, todas do estado de Goiás, e Paranaíba, Coxim e Campo Grande, pertencentes ao estado de Mato Grosso do Sul, não estão presentes, na Tabela 23, por não apresentarem ocorrências da variante tepe.

As cidades que apresentam maior índice da variante tepe em coda silábica interna foram: Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (0.827), Poxoréu (MT) (0.795), Cuiabá (MT) (0.748), Corumbá (MS) (0.733) e São Domingos (GO) (0.720). As cidades de Félix do Araguaia (MT) (0.589), Cáceres (MT) (0.503), Aripuanã (MT) (0.480), Ponta Porã (MS) (0.458), Alto Araguaia (MT) (0.444), Nioaque (MS) (0.439) e Barra da Garça (MT) (0.424) apresentaram-se próximas à neutralidade, não condicionando nem uma variante nem outra, mas também não desfavorecendo a variante em questão. Entretanto, as cidades de Catalão (GO) (0.206), Jataí (GO) (0.235), Diamantino (MT) (0.236), Formosa (GO) (0.251), Quirinópolis (GO) (0.344) e Aruanã (GO) (0.350) apresentaram-se muito desfavoráveis ao uso da variante tepe.

O segundo grupo selecionado como relevante para a implementação da variante tepe foi a variável sexo, como vemos na Tabela 24.

Tabela 24 – Atuação da variável sexo para a implementação da variante tepe em coda silábica interna na Região Centro-Oeste

Sexo	APL./OCO. 121/ 3546	% 3.4	P.R
Mulher	86/1908	4.5	0.594
Homem	35/1638	2.1	0.391

Input: 0.011

Significance = 0.007

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Notamos, com base na Tabela 24, que, apesar do baixíssimo *input* (0,011), as mulheres tendem a favorecer o uso da variante tepe, apresentando peso relativo de 0.594, enquanto os homens apresentam pesos relativos 0.391 tendendo ao desfavorecimento. Segundo Silva Corvalán (1989), López Morales (1993) e Moreno Fernández (1998), as mulheres apresentam alto grau de consciência linguística, preocupando-se em escolher as variedades consideradas mais “adequadas” na sociedade, para dessa forma adequar sua fala aos padrões sociais, além de serem responsáveis pela educação de seus filhos, tendendo a um maior cuidado com a fala, fato que demonstra que, nas localidades onde a variante tepe está sendo usada, ela não sofre estigma.

O terceiro grupo escolhido pelo programa como relevante ao uso da variante tepe foi a faixa etária, como podemos observar a seguir na Tabela 25.

Tabela 25 – Atuação da variável faixa etária para a implementação da variante tepe em coda silábica interna na Região Centro-Oeste

Faixa Etária	APL./OCO. 121/ 3546	% 3.4	P.R
Faixa etária I (18 a 30 anos)	12/1732	0.7	0.249
Faixa etária II (50 a 65)	109/1814	6.0	0.741

Input: 0.011

Significance = 0.007

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

A Tabela 25 mostra-nos uma diferença, relativamente alta, em relação à faixa etária, pois verificamos que os informantes da faixa etária II (de 50 a 65 anos) são mais favoráveis ao uso da variante tepe e os informantes mais jovens (de 18 a 30 anos) apresentaram-se muito desfavoráveis ao uso da referida variante (0.249). Podemos conjecturar que a variante tepe, apesar de ter algum prestígio, por ser mais usada pelas mulheres, tende a desaparecer, pois prevalece no falar dos informantes da faixa etária II.

A seguir, abordamos o terceiro grupo selecionado pelo programa goldvarb x como relevante ao uso da variante tepe, ou seja, o grupo ponto de articulação, resultado obtido depois de cruzarmos os dados com o modo e o ponto de articulação. Verificamos, assim como Paes (2014), que o grupo ponto de articulação apresenta melhor significância no cruzamento dos dados.

Tabela 26 – Atuação da variável ponto de articulação para a implementação da variante tepe em coda silábica interna na Região Centro-Oeste

Ponto de Articulação	APL./OCO. 121/3546	% 3.4	P.R
Velar (Perguntar)	23/371	6.2	0.726
Bilabial (dormindo)	25/509	4.9	0.628
Labiodental (perfume)	10/381	5.0	0.625
Alveolar (Par[◆◆]iu)	28/766	3.7	0.555
Dental (Perdão)	20/958	2.1	0.372
Alveopalatal (Tar[⚡]i)	6/561	1.1	0.293

Input: 0.011

Significance = 0.007

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Conforme os resultados observados na Tabela 26, o ponto de articulação velar apresentou-se mais favorecedor ao uso da variante tepe, obtendo peso relativo de 0.726, seguido do bilabial (0.628) e do labiodental (0.625). Os pontos alveopalatal (0.293) e dental (0.372) são os mais desfavoráveis à aplicação da regra de uso da variante tepe. O ponto alveolar (0.555) está próximo à neutralidade, sendo pouco favorável ao uso da mencionada variante. Resultado intrigante, pois esperávamos que os pontos anteriores fossem mais favoráveis por conta da comididade articulatória.

O Programa Goldvarb X selecionou como quarto grupo relevante à implementação da variante tepe em coda silábica interna o grupo estilo de produção de fala, conforme a Tabela 27.

Tabela 27 – Atuação da variável estilo de produção de fala para a implementação da variante tepe em coda silábica interna na Região Centro-Oeste

Estilo de Fala	APL./OCO. 121/ 3546	% 3.4	P.R
Formal	66/1711	3.9	0.528
Informal	26/1041	2.5	0.375
Leitura	29/794	3.7	0.605

Input: 0.011

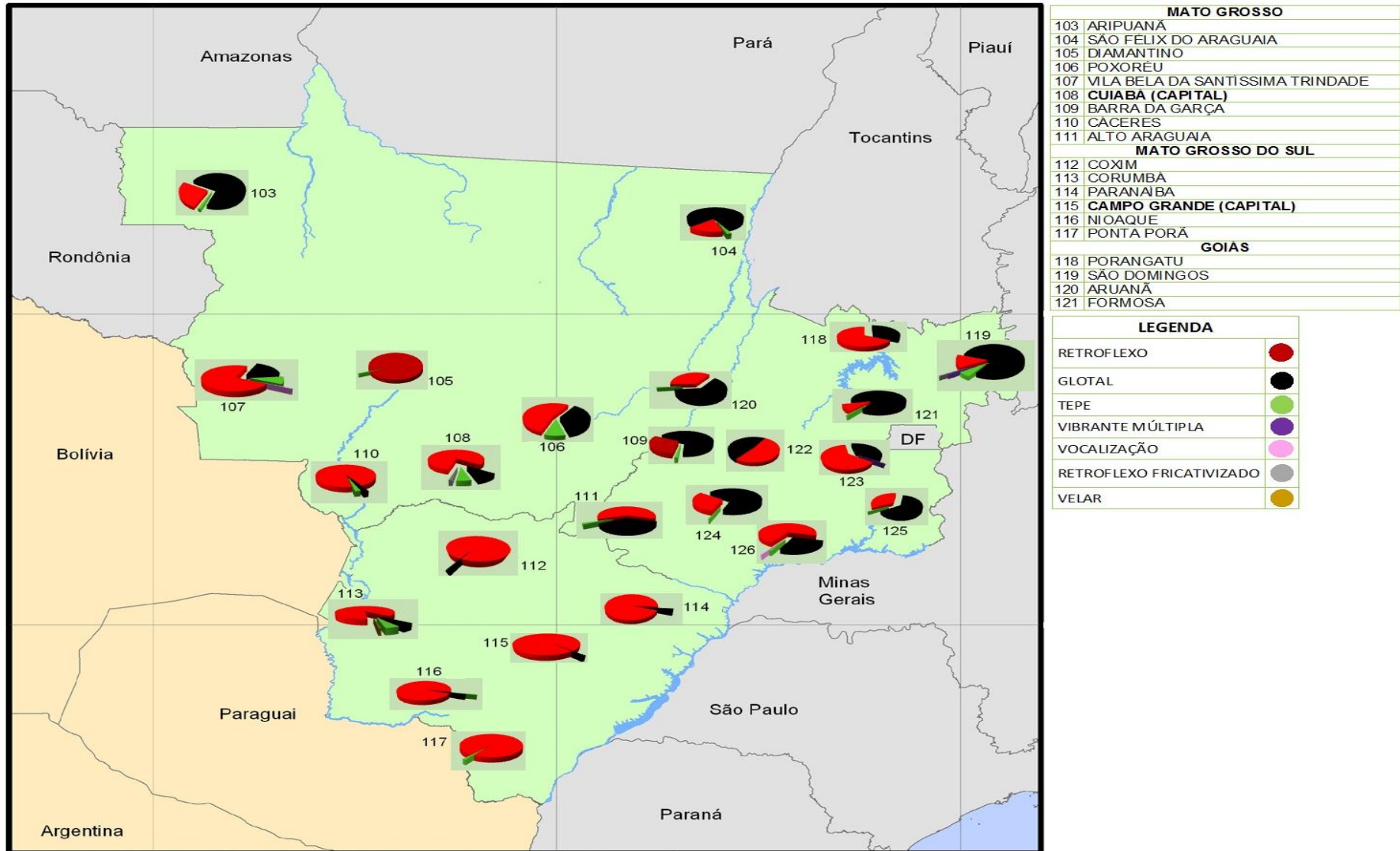
Significance = 0.007

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Partindo dos resultados presentes na Tabela 27, é possível identificar a leitura (0.605) como contexto mais propício à implementação da variante tepe, seguido do discurso formal (0.558), estilos em que os informantes prestam mais atenção à própria fala, o que nos leva a ponderar, com certa cautela, por conta do baixíssimo *input* (0,011), que essa variante possa ter algum prestígio na comunidade. Reforçamos essa ideia também com o fato de as mulheres serem mais favoráveis ao uso da referida variante (LABOV, 2008), conforme apresentamos na Tabela 24, referente ao sexo dos informantes.

Após a apresentação dos resultados em percentual e em peso relativo, em relação ao uso das três variantes mais produtivas em coda silábica interna, mostramos, por meio de um mapa experimental (Figura 17), a produtividade de cada uma delas, bem como das variantes que ocorreram de forma bem menos representativa em todas as localidades da Região Centro-Oeste.

Figura 17 – Distribuição das Concretizações do /r/ em Coda Silábica Interna na Região Centro-Oeste do Brasil



Fonte: Adaptação da carta - Rede de Pontos da Região Centro-Oeste do Projeto Atlas linguístico do Brasil (ALIB).

Em relação às variantes predominantes em coda silábica interna é inquestionável a presença da variante retroflexa em toda a Região Centro-Oeste com predominância nos estados de Mato Grosso do Sul e de Mato Grosso. Entretanto, podemos perceber, na Figura 17, que a variante glotal vem tomando espaço a partir do estado de Goiás em direção a Mato Grosso e com pequena porcentagem em Mato Grosso do Sul.

Essa pouca produtividade da variante glotal, em Mato Grosso do Sul, encontra respaldo no estudo de Castro (2014), que também observou apenas 2 ocorrências na localidade de Água Clara (MS), na fala de um homem de 70 anos, de um total de 749 realizações, em 32 localidades estudadas, presentes na rede de pontos do ALMS, “distribuídas por cinco setores, cujos municípios principais são Três Lagoas, Corumbá, Aquidauana, Campo Grande e Dourados” (OLIVEIRA D., 2007, p. 21).

A variante tepe ocorreu em três cidades de Mato Grosso do Sul (Nioaque, Ponta Porã e Corumbá), está presente em todas as cidades de Mato Grosso e em Goiás só não esteve presente em Porangatu, que apresentou somente as variantes retroflexo e glotal, o que ocorreu também em Goiás e Goiânia, ambas do estado de Goiás. Esta última, além das variantes mencionadas, apresentou também 1 caso da variante vibrante múltipla.

Apesar de observamos que algumas variáveis, como sexo, faixa etária, estilo de produção de fala, modo ou ponto de articulação foram, em alguns contextos, selecionadas como relevantes para o uso de uma ou de outra variante, podemos dizer com muita convicção que a variável diatópica, ou seja, a região (localidade ou estado) é a variável determinante para o predomínio de uma outra variante rótica no Centro-Oeste do Brasil. Sendo assim, mais uma vez, nossos resultados encontram respaldo em Monaretto (2000, 2002) e Aguilera e Kailer (2012), entre outros pesquisadores, que afirmam ser o uso dos róticos, principalmente em coda silábica, uma questão regional.

Para melhor compreendermos o possível processo de posteriorização dos róticos em coda silábica no falar brasileiro, apontado por Callou e Leite (1999), fizemos uma rodada utilizando somente as variantes anteriores *versus* as variantes posteriores em coda silábica interna e obtivemos os seguintes resultados.

6.3.4 Anteriores *Versus* Posteriores⁴⁵

Para esta rodada binominal, consideramos somente o ponto de articulação por apresentar melhor significância. Pelo mesmo motivo, optamos por fazer a rodada com as localidades e não com a região.

A variável localidade foi o primeiro grupo selecionado pelo programa como relevante para a implementação das variantes posteriores⁴⁶ na Região Centro-Oeste.

Tabela 28 - Atuação da variável localidade para a implementação das variantes posteriores em coda silábica interna na Região Centro-Oeste

Mato Grosso			
Localidades	APL./OCO. 1700/4308	% 39.5	P.R
São Felix do Araguaia	141/175	80.6	0.927
Aripuanã	190/262	72.5	0.888
Barra da Garça	173/255	67.8	0.851
Poxoréu	92/252	36.5	0.626
Alto Araguaia	69/185	37.3	0.613
Vila Bela da Santíssima Trindade	39/262	14.9	0.308
Cuiabá	18/174	10.3	0.234
Cáceres	4/182	2.2	0.053
Mato Grosso do Sul			
Localidades	APL./OCO. 1700/4308	% 39.5	P.R
Paranaíba	11/253	4.3	0.103
Corumbá	11/174	6.3	0.156
Nioaque	2/193	1.0	0.026
Coxim	1/171	0.6	0.015
Campo Grande	1/209	0.5	0.013
Goiás			
Localidades	APL./OCO. 1700/4308	% 39.5	P.R
Formosa	196/223	87.9	0.958
São Domingos	130/165	78.8	0.919
Jataí	114/165	69.1	0.869
Porangatu	103/155	66.5	0.861
Aruanã	101/159	63.5	0.836
Catalão	90/140	64.3	0.833
Goiás	102/212	48.1	0.709
Goiânia	68/180	37.8	0.617
Quirinópolis	44/162	27.2	0.502

Input: 0.260

Significance = 0.000

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

⁴⁵ Consideramos como variantes anteriores (retroflexo, retroflexo fricativizado, tepe, tepe fricativizado, vibrante múltipla) e por posteriores (velares e glotais).

⁴⁶ Tivemos majoritariamente variantes glotais e poucos casos da variante velar.

Como é possível verificar, as cidades de Diamantino (MT) e Ponta Porã (MS) não estão presentes na Tabela 28, pois, em Diamantino (251 ocorrências) e em Ponta Porã (168 ocorrências) não se apresentou nenhum caso de variante posterior, ou seja, as duas localidades apresentaram 100% de variantes anteriores, causando com isso nocautes, por este motivo foram excluídas da rodada binominal. Dito isso, podemos notar, na Tabela 28, as localidades que se destacaram como mais produtivas na utilização das variantes posteriores: Formosa (GO) (0.958), São Félix do Araguaia (MT) (0.927), São Domingos (GO) (0.919), Aripuanã (MT) (0.888), Jataí (GO) (0.869), Porangatu (GO) (0.861), Barra da Garça (MT) (0.851), Aruanã (GO) (0.836), Catalão (GO) (0.833), Goiás (GO) (0.709), Poxoréu (MT) (0.626), Goiânia (GO) (0.617) e Alto Araguaia (MT) (0.613).

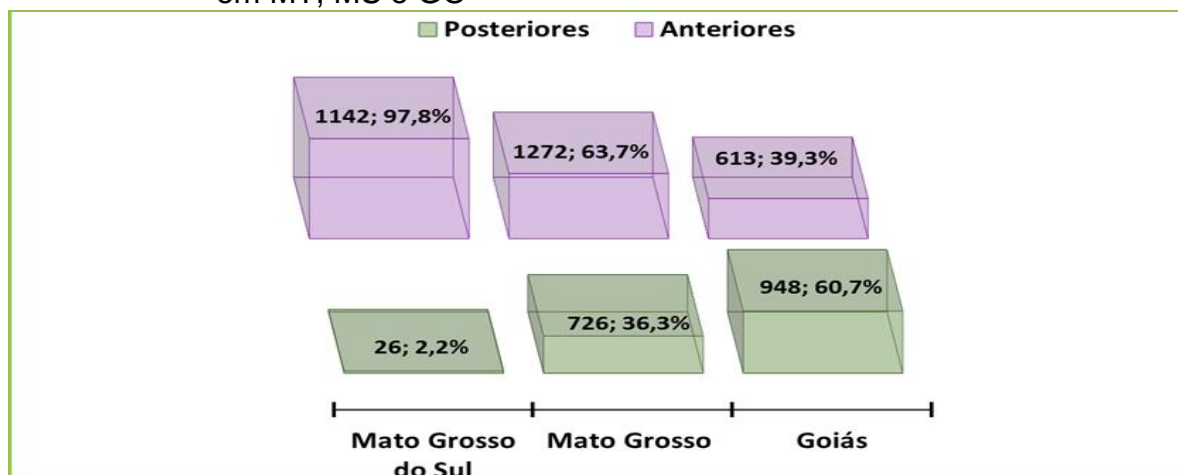
Ainda seguindo os resultados da Tabela 28, observamos que nas cidades onde as variantes anteriores preponderaram, os pesos relativos referentes à implementação das posteriores foram muito baixos, como em: Campo Grande (MS) (0.013), Coxim (MS) (0.015), Nioaque (MS) (0.026), Cáceres (MT) (0.053), Paranaíba (MS) (0.103), Corumbá (MS) (0.156), Cuiabá (MT) (0.234) e Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (0.308). Apenas Quirinópolis (GO) ficou neutra, com peso relativo de 0.502, não se apresentando nem favorável, nem desfavorável a nenhuma das variantes. Cabe lembrar que esse resultado pode ser decorrente do fato de que ocorreram diversas variantes nessas localidades, tais como: retroflexo, glotal, tepe, vibrante múltipla e o retroflexo fricativizado. Somente Campo Grande (MS), Coxim (MS) e Paranaíba (MS) apresentaram apenas as variantes retroflexo e glotal.

Outro fato importante a ser mencionado é em relação às duas ocorrências da variante posterior velar, na cidade de Corumbá (MS), na fala de uma informante da faixa etária II. Este fato chama nossa atenção pelo fato, de nessa localidade, prevalecer a variante retroflexa, seguida do tepe e poucas ocorrências da glotal, 9 apenas. Isso também ocorreu no estudo de Lima (2013, p. 120):

Em Goiânia, o percentual maior é de ocorrência de aproximantes retroflexas com 62,62%, seguido da fricativa velar sonora com um percentual de 20,64% [...] Isso acaba sendo uma exceção, uma vez que a realização da fricativa velar é baixíssima nos outros informantes.

Fato que nos leva a crer que tal variante tende a desaparecer. Para melhor ilustrar esta distribuição, apresentamos, a seguir, o Gráfico 19 com os resultados em percentual.

Gráfico 19 – Variantes posteriores *versus* variantes anteriores em contexto interno em MT, MS e GO



Fonte: Elaborado pela autora com base em dados elencados pelo Programa Goldvarb X

Pode-se notar, no Gráfico 19, que, no estado de Mato Grosso do Sul, as variantes anteriores são predominantes nas seis localidades, com número absoluto de 1142 ocorrências, ou seja, 97,8% das realizações, apresentando-se quase categóricas neste estado contra apenas 26 ocorrências, o que representa somente 2,2% de variantes posteriores.

O estado de Goiás se sobressaiu em relação ao uso das variantes posteriores, visto que, entre as 9 localidades em estudo neste estado, 8 apresentaram predominância das referidas variantes, totalizando 948 de posteriores (60,7%) e somente 613 ocorrências de anteriores (39,3%). Em Mato Grosso, apenas 5 das 9 localidades apresentaram ocorrências de variantes posteriores em contexto de coda interna, tendo assim ocorrido apenas 726 variantes posteriores (36,3%) e 1272 anteriores (63,7%).

Observa-se claramente que a posteriorização vem ganhando espaço, apresentando-se muito forte em Goiás, seguindo em direção ao estado de Mato Grosso e de forma mais discreta vem apresentando uma pequena porcentagem no estado de Mato Grosso do Sul. O que nos leva a hipotetizar novamente, consoante Callou e Leite (1999), que está ocorrendo um processo de posteriorização na região Centro-Oeste também em coda silábica interna. O mesmo foi relatado por Paes

(2014) em seu estudo, no bairro Várzea, em Lagoa Santa (MG), quando este se refere ao fato de os mais jovens não realizarem a variante retroflexa: “os percentuais mostraram que os jovens não realizam a variante retroflexa do (R). Índicio de progressão da variante Fricativa glotal” (PAES, 2014, p. 83).

Assim como Paes (2014), também nesta pesquisa a variável modo de articulação formou o segundo grupo selecionado como relevante para a implementação das variantes posteriores, conforme podemos ver na Tabela 29 a seguir.

Tabela 29 – Atuação da variável modo de articulação para a implementação das variantes posteriores em coda silábica interna na Região Centro-Oeste

Modo de Articulação	APL./OCO. 1700/ 4308	% 39.5	P.R
Lateral (como em Mar[l]ene)	2/4	50.0	0.634
Nasal (como em Car[n]e)	539/1107	48.7	0.630
Africada (como em For[ɖ]i)	363/724	50.1	0.589
Oclusiva (como em Par[t]e)	590/1655	35.6	0.496
Fricativa (como em For[ʁ]a)	206/818	25.2	0.266

Input: 0.260

Significance = 0.000

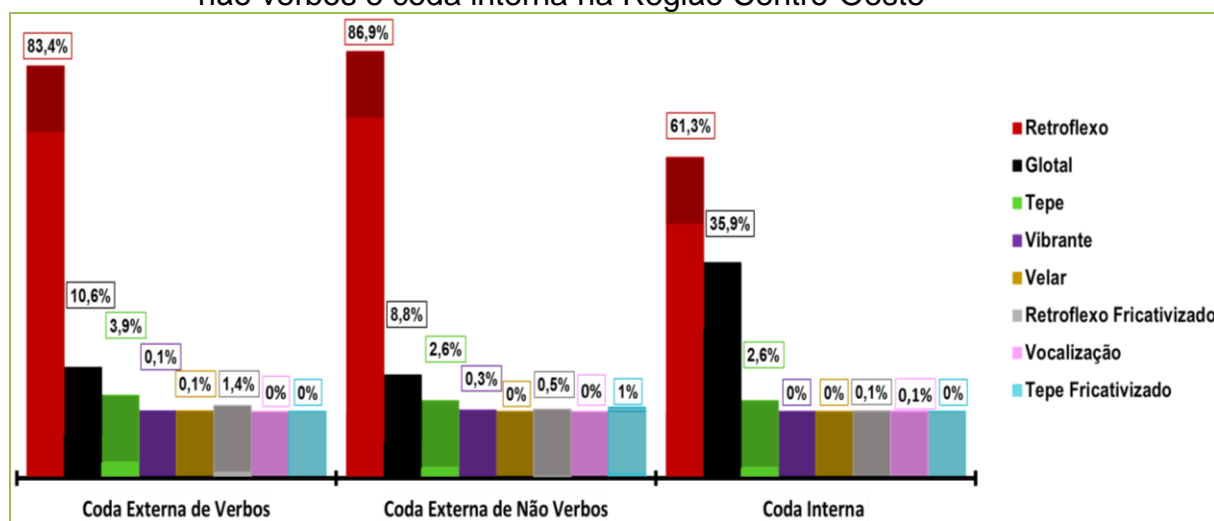
Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

A primeira observação a ser feita a respeito da Tabela 29 surge em relação ao enviesamento apresentado pelos resultados: lateral 50% (0.634), nasal 48,7% (0.630) e africada 50,1% (0.589), que creditamos à não ortogonalidade gerada pelo número de laterais (4) e de oclusivas (1655), por exemplo. Todavia, como os três modos de articulação apresentam pesos relativos muito próximos e favoráveis às variantes posteriores, podemos afirmar que as laterais (0.634), as nasais (0.630) e as africadas (0.589) regulam o uso das variantes posteriores. Por outro lado, as oclusivas (0.496) apresentam-se neutras quanto ao uso das posteriores e as fricativas (0.266) desfavorecem o uso dessas variantes no contexto. Esses resultados encontram respaldo em Carvalho (2009), que destaca as oclusivas e as fricativas como favoráveis ao uso da variante anterior tepe, devido ao menor esforço ao realizá-la.

O favorecimento do tepe nesse item está relacionado tanto às fricativas sonoras quanto às fricativas surdas. E menos relacionado com as oclusivas, pois no *corpus* levantado para o falar piauiense, essa classe de sons teve pouca representatividade. Talvez isso esteja relacionado ao grau de abertura da boca, pois, quando o falante vai pronunciar qualquer palavra que tenha um rótico e o segmento esteja na presença de uma oclusiva, ele acaba fazendo menos esforço em função da passagem de ar por um canal estreito que se forma entre os articuladores. Este fato acaba impulsionando uma articulação menos tensa, resultando numa oclusão que é operacionalizada pelo tepe (CARVALHO, 2009, p. 133-134).

Para finalizarmos esta seção, apresentamos, por meio do Gráfico 20, o percentual das variantes que foram observadas na Região Centro-Oeste, nos três contextos analisados, nesta pesquisa.

Gráfico 20 - Variantes em coda silábica externa de verbos, coda silábica externa de não verbos e coda interna na Região Centro-Oeste



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados elencados pelo Programa Goldvarb X

Ao observarmos o Gráfico 20, podemos constatar que a variante retroflexa é a mais produtiva na Região Centro-Oeste, independentemente do /r/ estar em coda silábica interna ou externa, sendo seguida pela variante glotal, que se mostrou mais produtiva em coda interna, fato que ocorreu provavelmente por ser esta variante a mais suscetível ao apagamento em coda externa. Em terceiro lugar, verificamos a variante tepe, que mostra comportamento semelhante nos três grupos analisados.

Além disso, podemos verificar que, independente de ser em coda interna ou externa, a variante glotal tem apresentado expressivo aumento, principalmente em coda interna, talvez pelo fato de, em coda externa, ser mais suscetível ao apagamento. Fato este que confirma estar a língua portuguesa, segundo Monareto,

Quednau e Hora (2005), Callou e Leite (1999), entre outros, passando por uma mudança no ponto e modo de articulação, com uma tendência à posteriorização e fricativização e *posteriori* apagamento.

6.3.5 Algumas Considerações

Antes de abordarmos o apagamento das variantes róticas em coda silábica, vale ressaltar que, apesar de verificarmos as três principais variantes que ocorrem em coda silábica (retroflexo, glotal e tepe), se somarmos o resultado apresentado no último gráfico ao fato de a variante glotal prevalecer no falar dos mais jovens, podemos dizer que ela está se impondo em muitas localidades da Região Centro-Oeste, em uma (Goiás) de forma mais arrojada e em outras (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) de forma mais delicada.

Além disso, podemos acrescentar os casos, apesar de poucos, de tepe fricativizado em coda silábica externa de não verbos e de retroflexo fricativizado nos três contextos, que fortalecem a hipótese de estar havendo, na região Centro-Oeste, o início de um processo de mudança em progresso quanto à posteriorização das variantes róticas em coda silábica, ou seja, essas variantes (tepe e retroflexo) estão sofrendo um processo de fricativização que, possivelmente, poderá resultar na posteriorização dos róticos em coda silábica.

Todavia, tal certeza teremos apenas com futuros estudos (em tempo real) sobre o mesmo fenômeno na Região, pois, como disse Cervantes, “O tempo amadurece todas as coisas. Nenhum homem nasce sábio”. Esperemos então que o tempo e novos estudos nos mostrem se a mudança ocorreu ou se essas variantes continuarão coexistindo nas mesmas proporções.

Ainda tratando das variantes róticas, é preciso dizer que atribuímos essa diversidade de variantes na Região Centro-Oeste (retroflexa, glotal, tepe, retroflexo fricativizado, tepe fricativizado, velar, vibrante múltipla e vocalização) possivelmente a alguns fatores, por exemplo: a presença de indígenas; a colonização (portugueses e espanhóis); povoamento (bandeirantes paulistas); os migrantes e imigrantes em busca do ouro (“Ciclo do Ouro”); as migrações internas em busca da terra fácil e barata implantadas por políticas econômicas, para aumentar a exportação e a

ocupação (“Marcha para Oeste”); a Construção de Brasília⁴⁷ na Região Centro-Oeste; influências das cidades limítrofes, entre outras.

São fatos que, juntamente com os poucos estudos referentes ao uso dos róticos nessa região, instigaram-nos a querer compreender como se efetiva no local o uso do /r/ em coda silábica. Fatores semelhantes aos que também levaram Castro (2014) a estudar o “r caipira” em algumas localidades do estado de Mato Grosso do Sul.

Há justificativas para se investigar essa área, uma vez que os bandeirantes tiveram função importante no povoamento do território correspondente ao antigo Estado do Mato Grosso, agora dividido em dois Estados (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul). Com a Guerra dos Emboabas em território mineiro, os bandeirantes paulistas, perdedores, são pressionados pela situação a procurarem outras áreas, no caso, Mato Grosso e Goiás, onde as descobertas de minérios se renovam. Nessas incursões, utilizam sobretudo o caminho dos rios, no movimento conhecido como monções. Com esse patente vínculo dos primeiros paulistas com o território de Mato Grosso, é compreensível encontrar nessa região traços do dialeto caipira (CASTRO, 2014, p. 567).

Apesar de acreditarmos que a variante glotal vem ganhando espaço, conforme já mencionamos, atestamos que a variante retroflexa, apesar de possuir “certo” estigma de “r caipira”, apresenta-se muito produtiva na referida região. Assim, como foi observada a sua vitalidade em outras localidades por Aguilera e Silva (2011), Almeida e Kailer (2013b) e Brandão (2007) entre outros. Como já dissemos, necessitaremos de tempo e de novos estudos para podermos realmente saber qual das duas variantes perderá/ganhará espaço ou se as duas serão mantidas em coexistência.

Na próxima seção, abordamos o apagamento *versus* a manutenção das variantes róticas tanto em coda silábica externa de verbos e não verbos quanto do apagamento em coda silábica interna na Região Centro-Oeste. Apesar de termos conhecimento, pelos resultados de outros estudos (AGUILERA; KAILER 2015; ALMEIDA; KAILER 2013b, entre outros), de que, no contexto de coda interna, há pouquíssimos casos de apagamento, pensamos ser interessante verificar a produtividade desse fenômeno nos três contextos para saber se ele apresenta

⁴⁷ Capital do país e a cidade mais populosa da Região Centro-Oeste. Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), sua população era de 2 977 216 habitantes.

comportamento semelhante, na região Centro-Oeste, aos dos estudos ora mencionados.

6.4 APAGAMENTO DOS RÓTICOS EM CODA SILÁBICA INTERNA E EXTERNA DE VERBOS E NÃO VERBOS NA REGIÃO CENTRO-OESTE

Estudiosos como Callou, Leite e Moraes (1996, 1998), Monaretto (2000, 2002), Monaretto e Hora (2003), Oliveira (1983) e Votre (1978) declaram que o fenômeno de apagamento do /r/ ocorre, em grande escala, em posição final de palavra, além disso esses autores destacam que o apagamento dos róticos é mais frequente em verbos do que em não verbos. Devido a essas constatações, separamos o contexto de coda silábica externa em dois grupos, o primeiro em verbos e o segundo em não verbos, para averiguarmos se, nessa região, como apontado pelos referidos autores, há o predomínio do apagamento ou a manutenção do /r/ em coda silábica interna e externa de verbos e não verbos.

Sendo assim, iniciamos nossa discussão sobre o apagamento dos róticos em coda silábica externa de verbos; na sequência, apresentamos o apagamento dos róticos em coda silábica externa de não verbos e, por fim, o apagamento dos róticos em coda silábica interna nos três estados (MT, MS e GO) da Região Centro-Oeste.

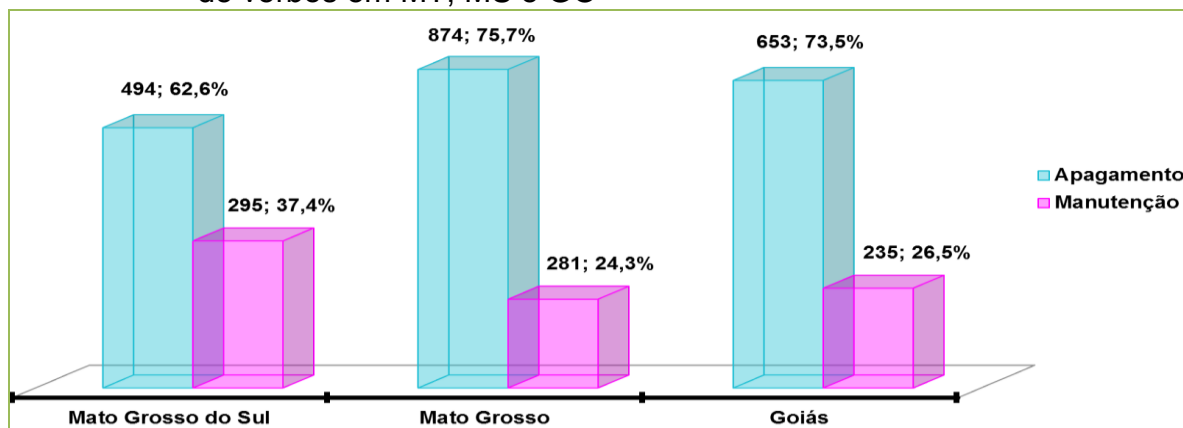
6.4.1 Apagamento dos Róticos em Coda Silábica Externa de Verbos

De acordo com Callou, Leite e Moraes (2003), os róticos apresentam um alto grau de polimorfismo, que caracteriza o dialeto do PB, realizando-se como: vibrante alveolar ou uvular; fricativa velar; aspiração ou zero (CALLOU, 1987; CALLOU; LEITE; MORAES, 1998). Apresentamos, nesta seção, o apagamento *versus* a manutenção do /r/ nos três estados (MT, MS e GO) da Região Centro-Oeste do Brasil.

Para chegarmos aos resultados presentes no Gráfico 21, a seguir, foram necessários alguns ajustes, como a exclusão dos casos de ressilabação (bo.tar. o.vo ~ bo. ta. ro. vo), em que o /r/ passou de coda a ataque silábico, com isso, as demais ocorrências em que o /r/ era seguido por vogal apresentaram apagamento, gerando nocautes. Sendo assim, foi preciso excluir também todas as ocorrências em que havia uma vogal na sílaba seguinte ao /r/ (54 da vogal [ɐ]; 41 da vogal [ʌ]; 41 da

vogal [◆]; 25 da vogal [ℳ]; 78 da vogal [□]), além das ocorrências de laterais que não apresentaram apagamento do /r/.

Gráfico 21 - Apagamento *versus* manutenção dos róticos em coda silábica externa de verbos em MT, MS e GO

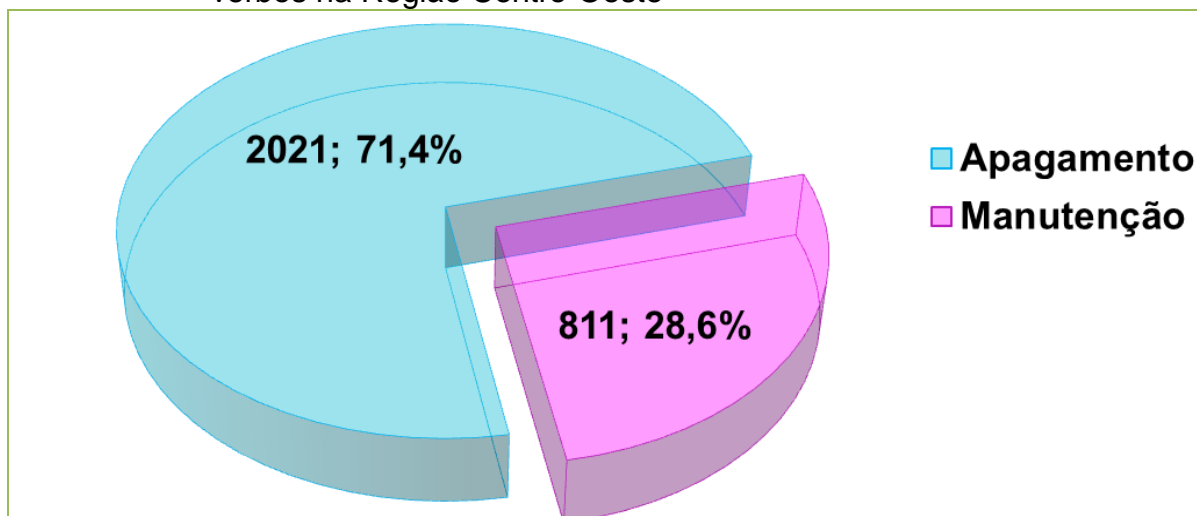


Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados elencados pelo Programa Goldvarb X.

O Gráfico 21 mostra que o apagamento prepondera sobre a manutenção dos róticos em coda silábica externa de verbos, sendo o estado de Mato Grosso o líder com 874 (75,7%) ocorrências de apagamento contra 281 (24,3%) de manutenção; é seguido por Goiás com 653 (73,5%) realizações de apagamento e apenas 235 (26,5%) de manutenção. Por último, aparece Mato Grosso do Sul, que apresentou 494 ocorrências (62,6%) de apagamento e somente 295 (37,4%) de manutenção, evidenciando que o apagamento se sobrepõe à manutenção em toda a região Centro-Oeste em contexto de coda silábica externa de verbos, corroborando estudos anteriores como por exemplo, aqueles elaborados por Aguilera e Kailer (2012); Almeida e Kailer (2013b); Callou (1987, 1996); Gregis (2002); Monaretto (2002); Nascimento (2014); Oliveira (2001), entre outros.

Para uma visualização geral da distribuição do processo de apagamento na Região Centro-Oeste apresentamos, no Gráfico 22, o percentual de cada processo.

Gráfico 22 - Apagamento *versus* manutenção do /r/ em coda silábica externa de verbos na Região Centro-Oeste



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Conforme o Gráfico 22, o processo de apagamento, na região Centro-Oeste, é predominante, apresentando 2021 ocorrências (71,4%) contra apenas 811 (28,6%) de manutenção, ratificando a conclusão de Hora (2009), que constata, ao considerar as posições em que há a possibilidade de ocorrer as variantes róticas, que, “nos verbos, o apagamento no final, é bastante produtivo, o que não acontece nos nomes, principalmente na região Sul do Brasil” (HORA, 2009, p. 40).

A seguir, apresentamos as variáveis que influenciam a implementação do processo de apagamento na Região Centro-Oeste de acordo com a seleção dos grupos apresentada pelo Programa Goldvarb X como os mais relevantes. A primeira variável selecionada pelo Programa Goldvarb X, no contexto mencionado, foi a variável localidade, os resultados podem ser visualizados na Tabela 30.

Tabela 30 – Atuação da variável localidade para implementação da variante apagamento do /r/ em coda silábica externa de verbos na Região Centro-Oeste

Mato Grosso			
Localidades	APL./OCO. 2021 /2832	% 71.4	P.R
São Félix do Araguaia	125/132	94.7	0.875
Vila Bela da Santíssima Trindade	110/135	81.5	0.752
Barra da Garça	112/129	86.7	0.744
Aripuanã	122/136	89.7	0.732
Cuiabá	90/132	68.2	0.451
Diamantino	105/154	68.2	0.288
Poxoréu	73/113	64.6	0.400
Cáceres	79/124	63.7	0.263
Alto Araguaia	58/100	58.0	0.354
Mato Grosso do Sul			
Localidades	APL./OCO. 2021/ 2832	% 71.4	P.R
Campo Grande	127/151	84.1	0.506
Paranaíba	115/182	63.2	0.208
Nioaque	70/117	59.8	0.293
Corumbá	79/132	59.8	0.231
Coxim	54/106	50.9	0.242
Ponta Porã	49/101	48.5	0.192
Goiás			
Localidades	APL./OCO. 2021/ 2832	% 71.4	P.R
Aruanã	71/77	92.2	0.897
Goiás	92/106	86.8	0.838
São Domingos	72/94	76.6	0.689
Jataí	99/122	81.1	0.645
Goiânia	85/118	72.0	0.644
Formosa	87/116	75.0	0.631
Porangatu	58/81	71.6	0.599
Catalão	41/68	60.3	0.376
Quirinópolis	48/106	45.3	0.223

Input: 0.841

Significance = 0.000

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

De acordo com a Tabela 30, as localidades que mais favorecem o apagamento em coda silábica de verbos são: Aruanã (GO) (0.897), São Félix do Araguaia (MT) (0.875), Goiás (GO) (0.838), Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (0.752), Barra da Garça (MT) (0.744), Aripuanã (MT) (0.732), São Domingos (GO)

(0.689), Jataí (GO) (0.645) e Formosa (GO) (0.631), sendo os estados de Goiás e Mato Grosso os mais produtivos.

Ainda, conforme a Tabela 30, notamos que as localidades menos favoráveis ao apagamento, neste contexto, são: Ponta Porã (MS) (0.192), Paranaíba (MS) (0.208), Quirinópolis (GO) (0.223), Corumbá (MS) (0.231), Coxim (MS) (0.242), Cáceres (MT) (0.263), Diamantino (MT) (0.288), Nioaque (MS) (0.293), Alto Araguaia (MT) (0.354), Catalão (GO) (0.376) e Poxoréu (MT) (0.400), evidenciando que Mato Grosso do Sul é o estado menos favorável ao apagamento, sendo Ponta Porã (MS) (0.192) e Paranaíba (MS) (0.208) as localidades mais resistentes ao apagamento do /r/ em coda externa de verbos. Somente três localidades se encontram próximas à neutralidade, Campo Grande (MS) (0.506), Cuiabá (MT) (0.451) e Porangatu (MS) (0.599).

O segundo grupo selecionado como mais relevante para a aplicação da regra de apagamento do /r/ em coda externa de verbos foi a vogal da sílaba alvo.

Tabela 31 – Atuação da variável vogal da sílaba alvo para a implementação do apagamento do /r/ em coda silábica externa de verbos na Região Centro-Oeste

Vogal da Sílaba Alvo	APL./OCO. 2021/2832	% 71.4	P.R
[ɔ] (como em Bota[r])	1321/1764	74.9	0.506
[ɛ] (como em Qu[er] [r])	18/83	21.7	0.163
[ɪ] (como em Morre[r])	485/697	69.6	0.593
[ɨ] (como em Parti[r])	177/254	69.7	0.385
[o] (como em Pô[r])	20/34	58.8	0.178

Input: 0.841

Significance = 0.000

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

De acordo com a Tabela 31, podemos verificar que há alguns enviesamentos, justificados, novamente, pela desproporcionalidade no número de ocorrências de algumas vogais. A vogal [ɔ], por exemplo, é bem mais produtiva (1764), enquanto a vogal [o] ocorre pouquíssimas vezes (34). Portanto, podemos verificar, na Tabela 31, que a vogal média alta anterior não arredondada [ɪ] (0.593) e a vogal baixa central não arredondada [ɔ] (0.506) foram as que se mostraram mais favorecedoras do apagamento, mesmo apresentando pesos percentuais não muito elevados. A vogal média alta anterior não arredondada [ɛ] (0.163), a média alta posterior arredondada [ɨ] (0,178) e a vogal alta anterior não arredondada [ɨ] (0.385) se mostraram muito desfavoráveis ao apagamento neste contexto. Esse

resultado encontra respaldo em Ribeiro (2013, p.78) que, ao analisar o apagamento dos róticos na escrita, também obteve resultados semelhantes aos expostos na Tabela 31. De acordo com Ribeiro (2013), a vogal anterior alta, com peso relativo de 0.69, seguida da vogal central baixa, com peso relativo de 0.62, foram os contextos mais favoráveis ao apagamento e a vogal posterior média, com peso relativo de 0.24, o menos favorável à variação. Isso também foi encontrado no estudo de Callou (1987), que também identifica as vogais com o traço [+ anterior] e [- arredondado] como mais favoráveis ao apagamento do /r/.

A terceira e última variável independente a ser selecionada pelo Goldvarb X como relevante ao apagamento do /r/ em coda silábica externa de verbos foi o estilo de produção de fala.

Tabela 32 – Atuação da variável estilo de produção de fala para a implementação do apagamento do /r/ em coda silábica externa de verbos na Região Centro-Oeste

Estilo de Fala	APL./OCO. 2021/2832	% 71.5	P.R
Formal	869/1067	81.4	0.515
Informal	908/937	96.9	0.910
Leitura	244/828	29.5	0.064

Input: 0.841

Significance = 0.000

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

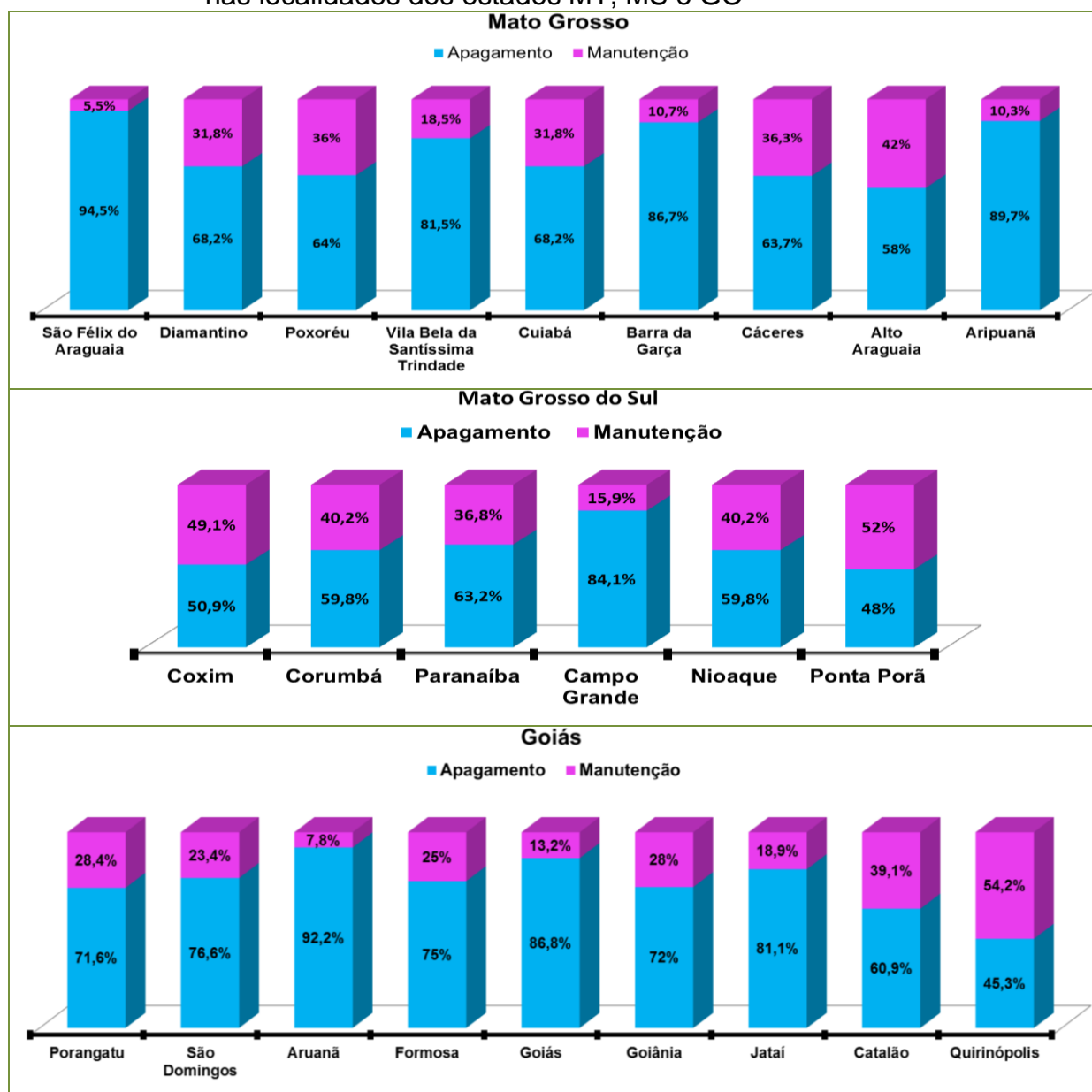
A Tabela 32 mostra que o discurso menos monitorado, ou seja, mais informal, momento que o informante narra um fato, revelou-se muito favorável, quase categórico em relação ao apagamento, com peso relativo de 0.910, confirmando assim a tese de Labov (2008) referente à atuação do estilo de fala e o uso do “vernáculo”. Os resultados presentes na Tabela 32 demonstram que, no estilo informal, ocorrem 96,9% de apagamento do /r/, confirmando que, ao relatar um fato, realmente a fala do informante alcança maior espontaneidade. Por outro lado, o estilo formal (entrevista) mostrou-se neutro quanto ao uso do apagamento, já o estilo mais formal (o de leitura) apresentou valores muito desfavoráveis ao apagamento (0.064).

Resultado semelhante foi observado por Almeida e Kailer (2013b), no falar paranaense, com pesos relativos muito semelhantes aos nossos (leitura: 0,042; relato: 0,873 e QFF: 0,465). Além dessas autoras, encontramos respaldo em Brandão, Cunha e Mota (2003, p. 179) que, estudando o português brasileiro (PB) e

o português europeu (PE) também observam essa tendência ao apagamento dos róticos em coda silábica: “no PB, a tendência é a de eliminar o (R) e assim simplificar a estrutura silábica buscando o padrão (C)VC [...] o PB tende a reforçar seu quadro vocálico”. As variáveis mais relevantes para a implementação do apagamento em coda silábica externa de verbos foram as variáveis localidade, vogal da sílaba alvo e estilo de fala, indo ao encontro do que Labov (1972) verificou em seu estudo na ilha de Martha's Vineyard, que as variantes linguísticas são determinadas por um padrão de normas sociais e estilísticas.

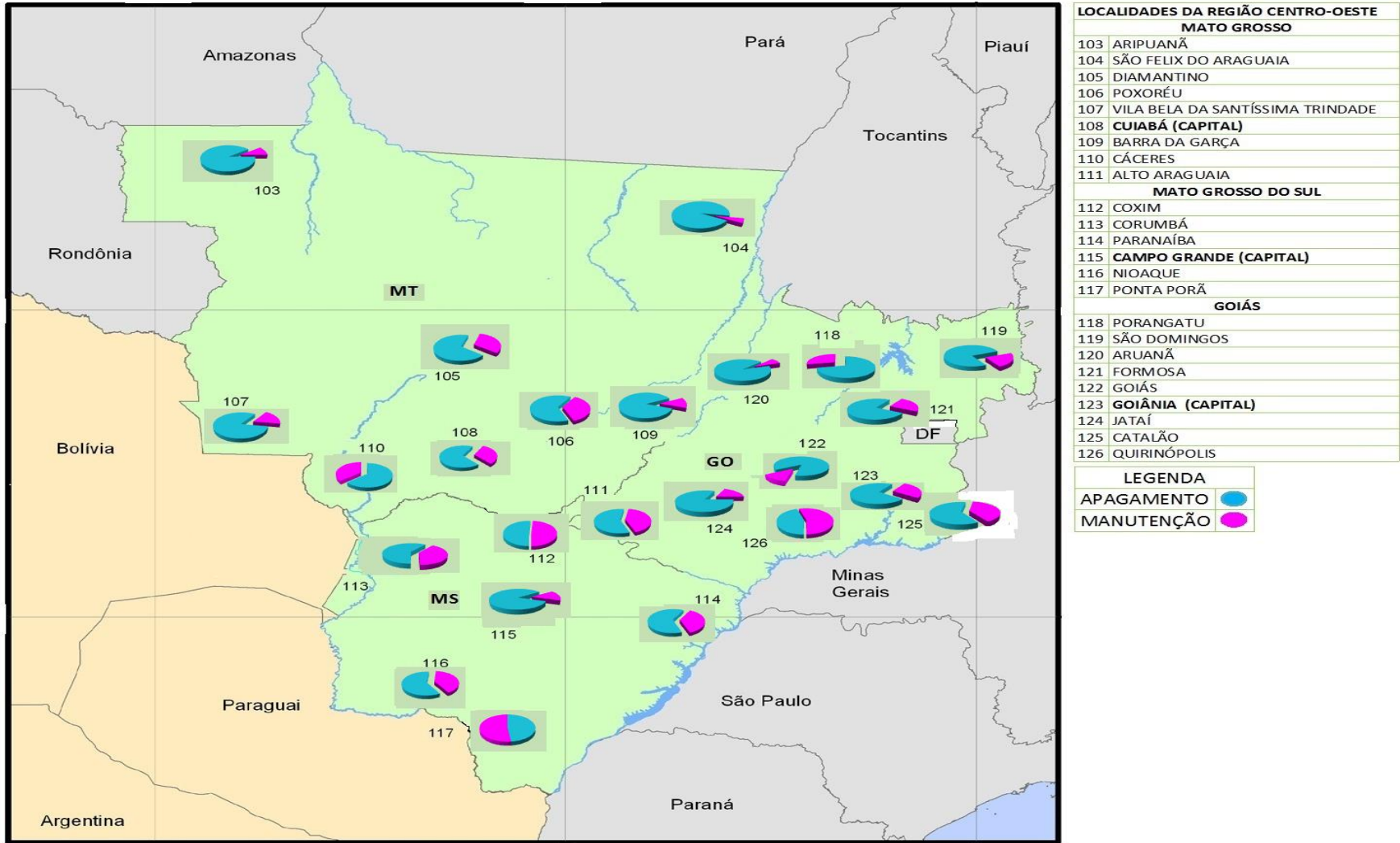
A seguir, apresentamos, no Gráfico 23, três imagens representando os percentuais de apagamento *versus* manutenção do /r/ em coda silábica externa de verbos das 24 localidades estudadas. Para exemplificar, apresentamos, na Figura 18, o mapa experimental com a distribuição diatópica desses resultados.

Gráfico 23 - Apagamento *versus* manutenção em coda silábica externa de verbos nas localidades dos estados MT, MS e GO



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados elencados pelo Programa Goldvarb.

Figura 18 – Distribuição diatópica do apagamento *versus* manutenção do /r/ em coda silábica externa de verbos nas 24 localidades dos três estados (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás) da Região Centro-Oeste



Fonte: Adaptação da carta - Rede de Pontos da Região Centro-Oeste do Projeto Atlas linguístico do Brasil (ALiB)

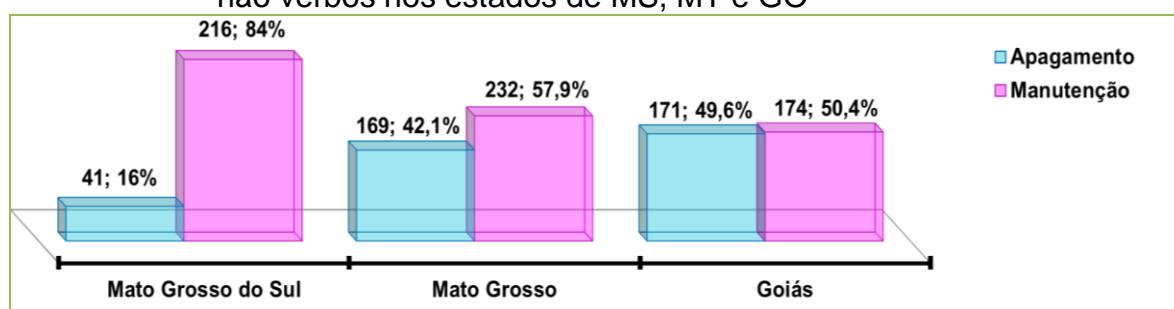
Como podemos verificar, na Figura 18 e no Gráfico 23, o apagamento em coda silábica externa de verbos foi predominante em 22 das 24 localidades analisadas. Destas 3 apresentam considerável índice de manutenção do /r/. Em duas delas a manutenção prevalece: i) Quirinópolis (GO), com 54,7% de manutenção do /r/, tem uma característica interessante, apesar de a variante retroflexa ser predominante em todos os contextos, as ocorrências das variantes posteriores (glotal e um caso de velar) acontecem na fala de mulheres e dos mais jovens. Este fato, nos leva a hipotetizar que, nessa localidade, esteja iniciando-se um processo de posteriorização, dessa forma o apagamento tende, com o tempo, a ganhar mais espaço; ii) Ponta Porã (MS), também de predomínio da retroflexa, apresentou percentual (52%) maior de manutenção em relação ao apagamento (48%). Já em Coxim (MS), outra localidade onde a variante retroflexa é a regra, o apagamento (50,9%) supera, mesmo que discretamente, a manutenção (49,1%).

Como pudemos observar, no Gráfico 23, as cidades de São Félix do Araguaia (MT) (94,5%), Aruanã (GO) (92,2%), Aripuanã (MT) (89,3%), Barra da Garça (MT) (86,7%), Goiás (GO) (86,8%), Campo Grande (MS) (84,1%), Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (81,5%) e Jataí (GO) (81,1%) foram quase categóricas no uso do apagamento. As cidades de Formosa (GO) (75%), São Domingos (GO) (76,6%), Porangatu (GO) (71,6%), Goiânia (72%), Diamantino (MT) (68,2%), Cuiabá (MT) (68,2%), Poxoréu (MT) (64%), Paranaíba (MS) (63,2%), Catalão (GO) (60,9%), Corumbá (MS) (59,8%) e Nioaque (MS) (59,8%), estas quatro últimas também favoreceram o apagamento, mas em menor proporção.

Seguimos, agora, analisando o processo de apagamento dos róticos em coda silábica externa de não verbos.

6.4.2 Apagamento dos Róticos em Coda Silábica Externa de Não Verbos

Gráfico 24 – Apagamento *versus* manutenção do /r/ em coda silábica externa de não verbos nos estados de MS, MT e GO



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X

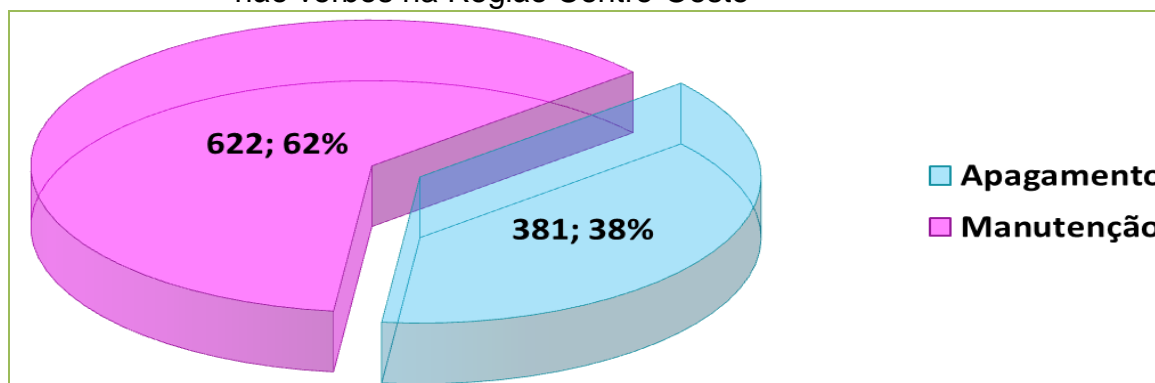
Como podemos observar no Gráfico 24, a manutenção das variantes em coda silábica externa de não verbos ainda se apresenta resistente ao apagamento em Mato Grosso do Sul e em Mato Grosso, entretanto percebemos que, neste último estado, ocorrem 169 (42,1%) casos de apagamento contra 232 (57,9%) de manutenção. Em Goiás, o apagamento representa 49,6%, ou seja, 171 realizações contra 174 (50,4%) de manutenção do /r/. Isso evidencia uma disputa entre os dois processos, indicando que, assim como ocorre em coda silábica externa de verbos, o processo de apagamento, mesmo de forma lenta, está se estendendo aos não verbos em coda silábica externa.

Mato Grosso do Sul, por sua vez, apresentou 216 (84%) casos de manutenção do /r/ em coda silábica de não verbos, contra 41 (16%) ocorrências de apagamento do /r/ nesse contexto. Essa resistência também foi observada, em menor proporção, no contexto de coda externa de verbos, no referido estado. Como já mencionamos, atribuímos esse resultado ao fato de, no referido estado, predominar a variante retroflexa, uma das mais resistentes ao apagamento conforme alguns autores já destacaram (ALMEIDA; KAILER, 2013b; CALLOU; BRANDÃO, 2016, entre outros).

Apesar da resistência ao apagamento na classe gramatical de não verbos, é importante dizer que esse processo está se expandindo para os estados de Goiás e Mato Grosso, onde há mais casos da variante glotal e maior diversidade de variantes (retroflexo fricativizado, vibrante, velar, tepe fricativizado). Essa tendência de a variante glotal ser mais suscetível ao apagamento já foi observada no falar do Nordeste, conforme Callou, Leite e Moraes (1996) e Hora e Monaretto (2003), Região que onde o apagamento dos róticos em coda silábica é muito produtivo.

Para uma melhor visualização dos dados, dispomos, no Gráfico 25, o comportamento do apagamento *versus* a manutenção do /r/ na Região Centro-Oeste.

Gráfico 25 – Apagamento *versus* manutenção do /r/ em coda silábica externa de não verbos na Região Centro-Oeste



Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

O Gráfico 25 mostra de modo geral a predominância da manutenção das variantes em coda externa de não verbos que contam com 62% (622) de realizações do /r/ em relação ao apagamento com apenas 38% (381) de ocorrências do /r/ neste contexto, valores muito diferentes dos apresentados no Gráfico 22 em relação ao apagamento do /r/ em coda silábica externa de verbos, no qual o apagamento ocorreu em 71,4% das ocorrências.

Tal fato mais uma vez ratifica as afirmações de Callou, Leite e Moraes (1996), que apontaram, em estudo com dados da década de 70 e de 90 sobre o falar carioca, uma mudança em curso (variação estável) quanto ao apagamento do /r/ em coda final. De acordo com esses autores, em não verbos, o apagamento do /r/, na década de 90, havia alcançado o mesmo patamar que os verbos na década de 70, ou seja, houve uma progressão de apagamento tanto em verbos quanto em não verbos na década de 90. Nossos resultados confirmam a aplicação da regra de apagamento também na classe gramatical de não verbos, principalmente nas regiões onde há ocorrências das variantes posteriores.

A seguir, apresentamos as variáveis selecionadas como relevantes pelo programa para a implementação do apagamento do /r/ em coda silábica externa de não verbos. A primeira variável selecionada foi novamente a localidade, os resultados são apresentados na Tabela 33 a seguir.

Tabela 33 – Atuação da variável localidade para implementação do variante apagamento do /r/ em coda silábica externa de não verbos na Região Centro-Oeste

Mato Grosso			
Localidades	APL./OCO. 381/1003	% 71.1	P.R
São Felix do Araguaia	22/29	75.9	0.893
Barra da Garça	34/47	72.3	0.841
Poxoréu	32/50	64.0	0.774
Aripuanã	27/43	62.8	0.747
Vila Bela da Santíssima Trindade	23/59	39.0	0.537
Cuiabá	11/46	23.9	0.383
Alto Araguaia	10/39	25.6	0.392
Diamantino	6/48	12.5	0.162
Cáceres	4/40	10.0	0.140
Mato Grosso do Sul			
Localidades	APL./OCO. 381/1003	% 38.1	P.R
Campo Grande	9/36	25.0	0.336
Corumbá	61/13	21.3	0.286
Coxim	4/30	13.3	0.212
Paranaíba	8/50	16.0	0.211
Ponta Porã	4/44	9.1	0.165
Nioaque	3/36	8.3	0.153
Goiás			
Localidades	APL./OCO. 381/1003	% 38.1	P.R
Porangatu	22/30	73.3	0.886
Aruanã	24/32	75.0	0.886
Goiás	41/57	71.9	0.849
São Domingos	23/37	62.2	0.799
Formosa	20/41	48.8	0.697
Jataí	15/33	45.5	0.646
Goiânia	13/44	29.5	0.498
Catalão	9/31	29.0	0.411
Quirinópolis	4/40	10.0	0.159

Input: 0.324

Significance= 0.013

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Antes de apresentarmos os pesos relativos de cada localidade, é importante chamarmos atenção para o *input* 0,325, ou seja, bem menor do que o apresentado em relação ao apagamento em coda externa de verbos (0,841).

Os resultados referentes à variável localidade destacam as cidades de São Félix do Araguaia (MT) (0.893), Porangatu (GO) (0.886), Aruanã (GO) (0.886), Goiás

(GO) (0.849), Barra da Garça (MT) (0.841), São Domingos (GO) (0.799), Poxoréu (MT) (0.774), Aripuanã (MT) (0.747), Formosa (GO) (0.697) e Jataí (GO) (0.646) como muito favoráveis ao apagamento em coda silábica de não verbos e Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (0.537) como favorável, apesar de estar próxima à neutralidade. Resultados que confirmam a divisão presente no Gráfico 25, apresentado anteriormente. Portanto, podemos presumir que as fronteiras dos estados de Mato Grosso e Goiás estejam influenciando também no apagamento em coda silábica de não verbos, visto que as variantes predominantes nessas regiões são as posteriores, as mais suscetíveis ao apagamento, como já mencionamos.

As cidades de Quirinópolis (GO) (0.159), Cáceres (MS) (0.140), Nioaque (MS) (0.153), Diamantino (MT) (0.162), Ponta Porã (MS) (0.165), Paranaíba (MS) (0.211), Coxim (MS) (0.212), Corumbá (MS) (0.286), Campo Grande (MS) (0.336), Alto Araguaia (MT) (0.392) e Cuiabá (MT) (0.383) foram muito desfavoráveis ao apagamento. Acreditamos que este fato, como afirmamos anteriormente, é influência da presença das variantes anteriores nessa Região.

As cidades de Goiânia (GO) (0.498) e Catalão (GO) (0.411) apresentaram resultados desfavoráveis, mas próximos à neutralidade. Sobre Goiânia acreditamos haver influência do estado de Minas Gerais e da grande diversidade cultural do Distrito Federal; Catalão pode ser influenciada também pela proximidade de Minas Gerais, pois Silva (2012), ao estudar seis pontos do Triângulo Mineiro (Campina Verde, Frutal, Uberlândia, Ituiutaba e Prata), observou também a forte influência da variante retroflexa (93%) e a tímida presença da variante glotal (0,4%), que comprovadamente interferem na pronúncia das regiões próximas, evitando assim um maior nível de apagamento em coda silábica externa de não verbos.

A variável sexo foi a segunda a ser selecionada pelo programa como relevante ao processo de apagamento neste contexto.

Tabela 34 – Atuação da variável sexo para implementação da variante apagamento do /r/ em coda silábica externa de não verbos na Região Centro-Oeste

Sexo	APL./OCO. 381/1003	% 38.1	P.R
Homem	498/212	42.6	0.551
Mulher	505/169	33.5	0.450

Input: 0.324

Significance = 0.013

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

A Tabela 34 mostra que os homens estão à frente no processo de apagamento em coda externa de não verbos com peso relativo de 0.551, enquanto as mulheres se mostram um pouco desfavoráveis (0.450). Entretanto, pelos pesos relativos apresentados podemos verificar que tanto homens quanto mulheres apresentam resultados próximos da neutralidade.

Podemos considerar que nossos informantes, todos com até o Ensino Fundamental, ainda apresentam um papel muito tradicional em suas comunidades, confirmando o estudo de Oliveira (2009) sobre o apagamento e manutenção do /r/ em coda final no falar de Itaituba (PA). A autora observou que apesar de seus informantes viverem em uma zona urbana, por estarem distantes de grandes centros, apresentam um comportamento mais tradicional. Mesmo assim, podemos dizer que nossos informantes se mostraram mais sensíveis à aplicação do apagamento em coda externa de não verbos ou que pode ser um indicativo do pouco prestígio dessa variante no contexto, talvez por isso, as mulheres apaguem menos do que os homens.

A variável vogal da sílaba alvo foi a segunda a ser eleita pelo programa como favorecedora do processo de apagamento em coda silábica externa de não verbos, os resultados encontram-se na Tabela 35.

Tabela 35 – Atuação da variável vogal da sílaba alvo para implementação da variante apagamento do /r/ em coda silábica externa de não verbos na Região Centro-Oeste

Vogal da Sílaba Alvo	APL./OCO. 381/1003	% 38.1	P.R
[ɔ̃] (como em Lugar)	36/78	46.2	0.557
[ɐ̃] (como em Mulh[ɐ̃]r)	135/260	51.9	0.645
[ɪ̃] (como em Zíper)	13/49	26.5	0.266
[ẽ] (como em Mai[ẽ]r)	31/181	17.1	0.328
[o] (como em Senhor)	166/435	38.2	0.504

Input: 0.324

Significance = 0.013

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Observando os pesos relativos presentes na Tabela 35 podemos verificar que a vogal anterior média baixa não arredondada [ɐ̃] apresentou-se mais favorável ao processo de apagamento (0.645), seguida da vogal central baixa [ɔ̃] (0.557). A vogal posterior média alta arredondada [ɔ̃] (0.504) encontra-se em um nível neutro, não favorecendo nem desfavorecendo a implementação da regra de apagamento

neste contexto. Mas a vogal posterior média baixa arredondada [ɐ] com peso relativo de 0.328 e principalmente a vogal anterior média alta não arredondada [ɪ] (0,266) apresentaram-se muito desfavoráveis à aplicação da regra do apagamento em coda silábica externa de não verbos. Sendo assim, as vogais anteriores e mais abertas favorecem o apagamento em coda silábica externa em não verbos.

A variável estilo de produção de fala foi o último grupo a ser selecionado pelo programa como relevante à aplicação da regra do apagamento do /r/ em coda silábica externa de não verbos.

Tabela 36 – Atuação da variável estilo de produção de fala para implementação da variante apagamento do /r/ em coda silábica externa de não verbos na Região Centro-Oeste

Estilo de Produção de Fala	APL./OCO. 381/1003	% 38.1	P.R
Formal	222/527	42.1	0.494
Informal	119/254	46.9	0.684
Leitura	40/222	18.0	0.304

Input: 0.324

Significance: 0.013

Fonte: Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos por meio do Programa Goldvarb X.

Ao observarmos os resultados presentes na Tabela 36, como já era previsto, o estilo que mais favoreceu o apagamento do /r/ em coda silábica de não verbos foi o estilo informal (0.684), ou seja, foi durante o relato que os informantes menos monitoraram seu discurso, chegando mais próximo de seu vernáculo, isto é, por estarem muito envolvidos com o que estavam relatando, não se preocuparam com a própria fala (LABOV, 2008).

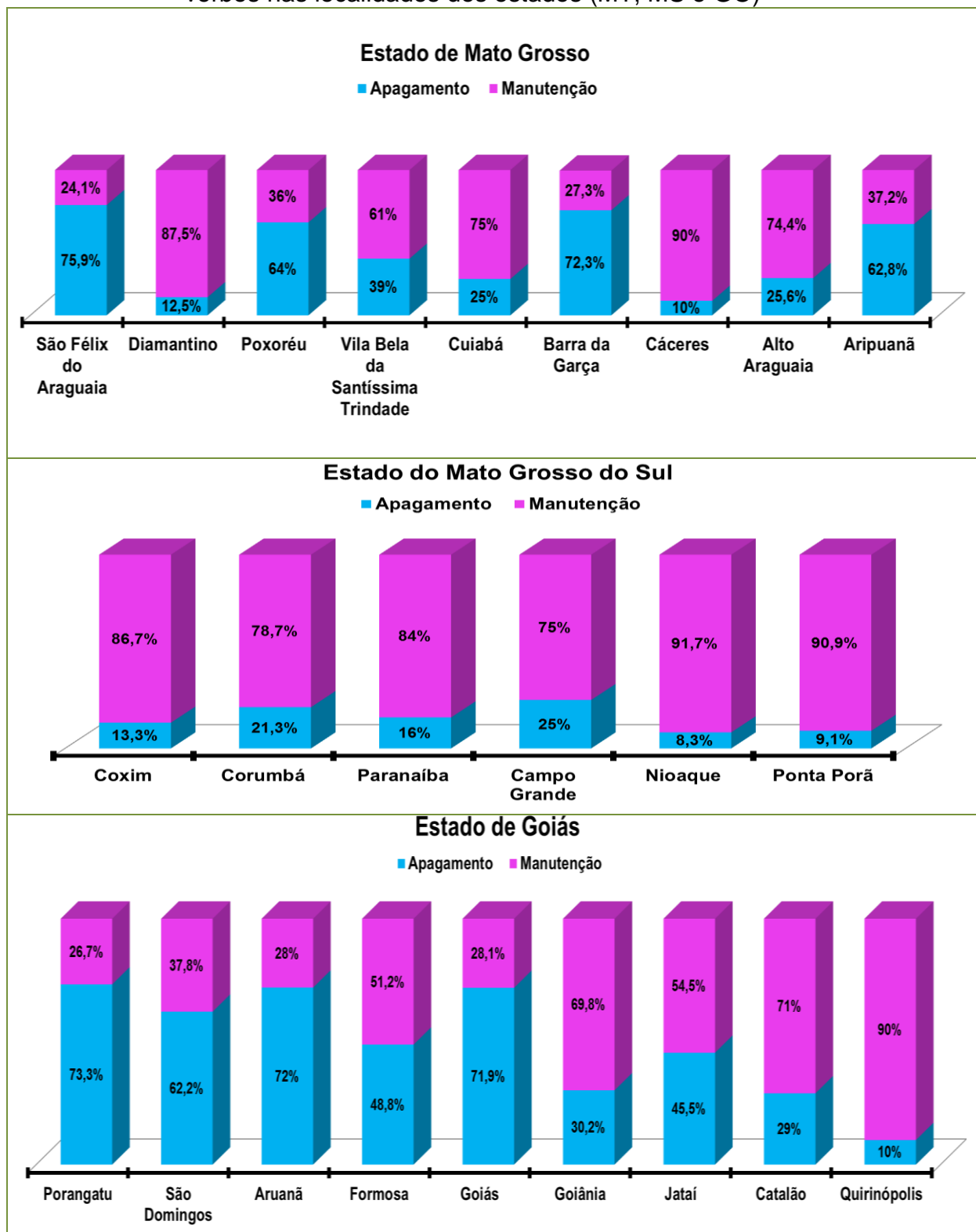
O estilo formal apresentou peso relativo de 0.494, muito próximo à neutralidade, comprovando assim que, no início da entrevista (QFF), talvez pela tensão de começarem a responder às perguntas, mostraram-se um pouco atentos ao modo de pronunciar as palavras, o que justifica o peso relativo pouco desfavorável. Por outro lado, na leitura, o peso relativo de 0.304 comprova que a atenção e o monitoramento são fatores inibidores do apagamento, pois os informantes tendem a ler exatamente o que está escrito no texto.

Se formos comparar os pesos relativos da variável estilo de produção de fala no contexto externo de verbos e de não verbos, percebemos que ambos apresentaram resultados semelhantes quanto ao favorecimento durante o estilo menos monitorado e o desfavorecimento bastante acentuado durante a leitura do

texto. Em verbos, no estilo formal, tivemos peso relativo de 0.515, no estilo informal (0.910) e na leitura (0.064), resultados que demonstram o quanto os verbos no infinitivo ou no futuro do subjuntivo são mais suscetíveis ao apagamento do /r/ em coda externa de verbos do que de não verbos.

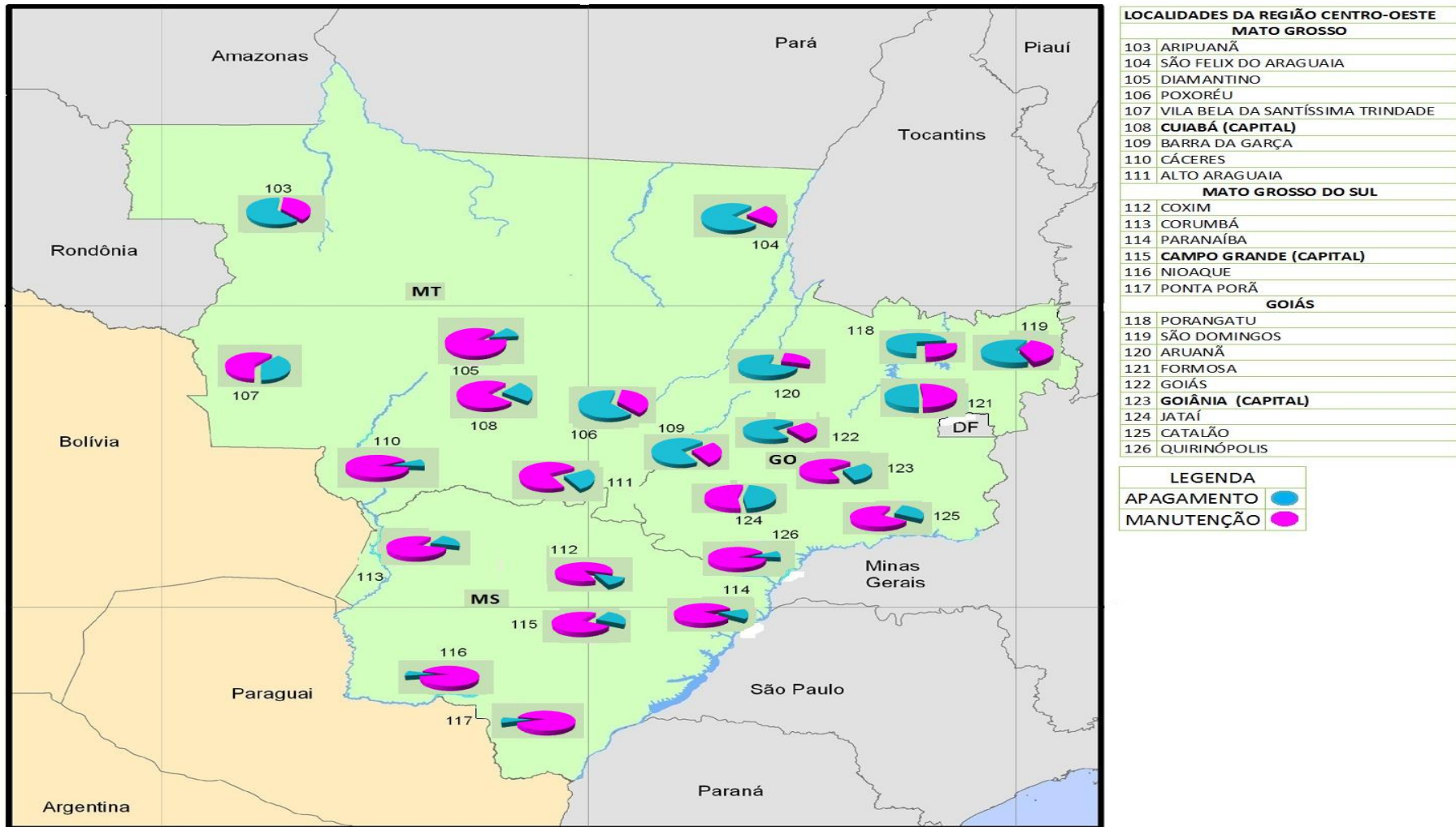
Apresentamos, a seguir, no Gráfico 26, três imagens representando os percentuais de apagamento *versus* manutenção do /r/ em coda silábica externa de não verbos, das 24 localidades estudadas. Além disso, para exemplificar, apresentamos a distribuição diatópica do processo de apagamento em coda silábica externa de não verbos nas localidades da Região Centro-Oeste por meio de um mapa experimental (Figura 19).

Gráfico 26 – Apagamento *versus* manutenção em coda silábica externa de não verbos nas localidades dos estados (MT, MS e GO)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados elencados pelo Programa Goldvarb X.

Figura 19 - Distribuição diatópica do apagamento do /r/ em coda silábica externa de não verbos nas localidades dos três estados (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás) da Região Centro-Oeste



Fonte: Adaptação da carta - Rede de Pontos da Região Centro-Oeste do Projeto Atlas lingüístico do Brasil (ALIB)

Observando o mapa apresentado (Figura 19) e o Gráfico 26, podemos verificar claramente que as localidades de Goiás e de Mato Grosso são as que mais propiciam o apagamento do /r/ em coda externa de não verbos. Elas formam - com exceção de Formosa (GO) (que tem 51,2% de apagamento e 48,8% de manutenção) e Jataí (54,5% de manutenção e 45,5% de apagamento), que apresenta as duas variantes com percentuais semelhantes - um grupo que favorece o apagamento, iniciando em Barra da Garça (MT) indo em direção ao Norte e ao Nordeste.

Mais uma vez, atribuímos esse favorecimento ao apagamento do /r/ em coda silábica externa de não verbos à suscetibilidade das variantes posteriores a serem suprimidas e à influência dos territórios limítrofes, que utilizam mais a variante glotal em seu falar. Atestam esse fenômeno Callou Leite e Moraes (2002), que discutem o alto percentual da fricativa aspirada em Recife, Rio e Salvador. Também Ribeiro (2011) encontrou, em quase todas as nove localidades rurais presentes em seu o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), a predominância da fricativa glotal (aspirada) e, com menor frequência, apagamento, vibrante múltipla e fricativa velar surda e sonora. Silva, G. (2016), também destaca que as variantes fricativa glotal, tepe e o apagamento são as mais recorrentes no falar piauiense em posição de coda medial e final.

Em relação a Mato Grosso do Sul, percebemos que a manutenção do /r/ é superior ao apagamento, cremos que isso se deva à influência das regiões próximas. Estudiosos, como Bisol (2010), Brescancini e Monaretto (2008) afirmam que a distribuição das vibrantes no Sul seria predominantemente de anteriores (vibrantes ou fricativas), tanto em coda silábica como em ataque.

Conforme o gráfico 26, houve a predominância do apagamento em coda silábica externa de não verbos em 8 localidades: Aruanã (GO) (72%), São Félix do Araguaia (MT) (75,9%), Porangatu (GO) (73,3%), Barra da Garça (MT) (72,3%), Goiás (GO) (71,9%), Poxoréu (MT) (64%), Aripuanã (MT) (62,8%), São Domingos (GO) (62,2%). Nas dezesseis localidades elencadas a seguir foi a manutenção do /r/ neste contexto que predominou: Ponta Porã (MS) (90,9%), Quirinópolis (GO) (90%), Cáceres (MT) (90%), Paranaíba (MS) (84%), Nioaque (MS) (91,7%), Coxim (MS) (86,7%), Diamantino (MT) (87,5%), Corumbá (MS) (78,7%), Cuiabá (MT) (75%), Campo Grande (MS) (75%), Alto Araguaia (MT) (74,4%), Catalão (GO) (71%), Goiânia (GO) (69,8%) e Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) (61%). Esses

resultados corroboram o que afirmamos anteriormente, que as variantes posteriores tendem ao apagamento e as anteriores à manutenção, sendo influenciadas pelas Regiões (Sul – manutenção e Norte e Nordeste – apagamento) em coda externa final de verbos e não verbos.

6.4.3 Apagamento dos Róticos em Coda Silábica Interna na Região Centro-Oeste

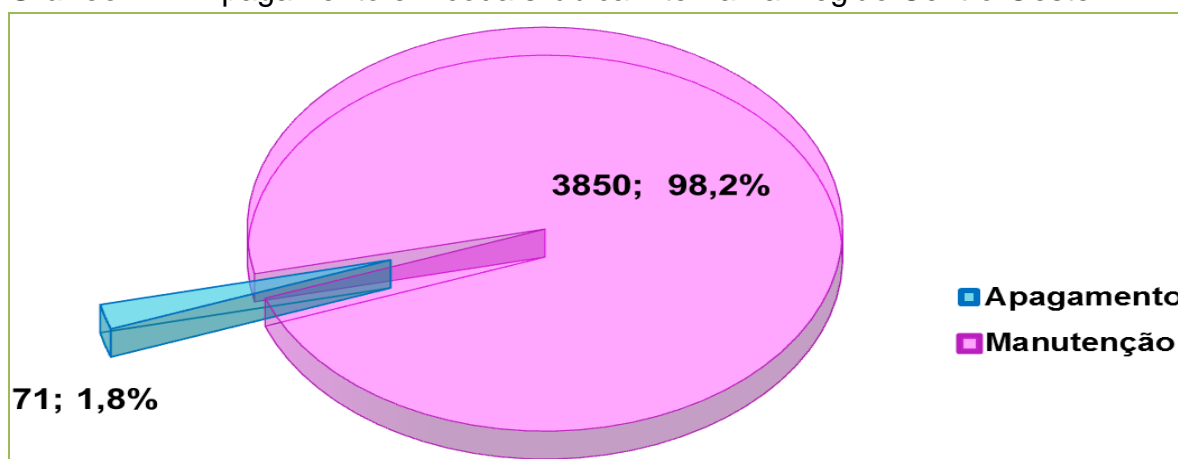
Muitos estudiosos têm discutido a delimitação dos fatores predominantes para o processo de apagamento em coda silábica, tanto na escrita como em língua falada, por exemplo: Callou, Leite e Moraes (1996), em busca dos dialetos das principais capitais do Brasil (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife), observaram o /r/ em posição medial e final e concluíram que o apagamento representou 37% para a posição final de palavras contra 3% em posição interna; Callou, Leite e Moraes (1998), ao estudarem exclusivamente o apagamento do /r/ final, no dialeto carioca, observaram que havia um pequeno progresso em relação ao apagamento em coda medial; Monaretto (2002) também observou, em Porto Alegre, a presença predominante do apagamento em coda externa de verbos e pouca ocorrência em coda medial; Toledo (2009), estudando os róticos em coda silábica em Salvador, também constatou que a coda externa é mais favorável ao apagamento do /r/. Nascimento (2009), ao estudar o apagamento do /r/ na escrita em Petrópolis, Itaperuna e Parati, verificou que o referido fenômeno vem ocorrendo, com um breve aumento em coda medial; Lima (2003), em seu estudo sobre o /r/ posvocálico, na cidade de Cametá (PA), exclusivamente em coda medial, salienta que:

O índice de 17% de frequência de apagamento do /r/ posvocálico em contexto interno registrado em Cametá, o mais alto do Brasil (tomando como base os trabalhos citados aqui), pode ser explicado através da regra de posteriorização e enfraquecimento do /r/ em coda silábica proposta por Callou (1979 e 1996). (LIMA, 2003, p. 76).

O autor ainda acrescenta que o “processo de mudança que ocorre em Cametá reflete uma tendência geral do Português do Brasil, no que diz respeito à mudança da norma de pronúncia do /r/ posvocálico” (LIMA, 2003, p. 77). Fato que tem sido observado por muitos autores já mencionados nesta dissertação.

Tendo como base os mencionados estudos, apresentamos os resultados referentes ao apagamento do /r/ em coda silábica interna nos três Estados (MS, MT e GO) da Região Centro-Oeste, para dessa forma podermos comprovar ou refutar a tendência ao apagamento em coda interna no Centro-Oeste. No Gráfico 27, logo a seguir, podemos visualizar a distribuição do apagamento *versus* a manutenção do /r/ no contexto.

Gráfico 27 – Apagamento em coda silábica interna na Região Centro-Oeste

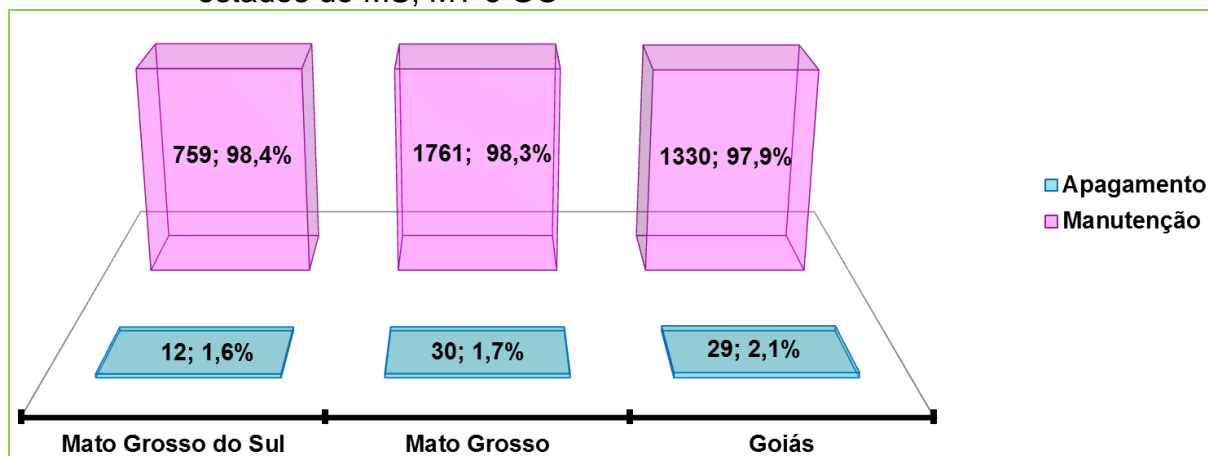


Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados elencados pelo programa Goldvarb X

Percebe-se que, na Região Centro-Oeste, o processo de apagamento em coda silábica interna ainda é muito baixo, isto é, de 3921 realizações somente 71 foram de apagamento, ou seja, apenas 1,8% das ocorrências. A manutenção (3850) (98,2%), neste contexto, sempre foi representada com índices menores em relação à coda silábica externa, visto que estudiosos, como: Callou, Leite e Moraes (1996), Hora e Collischonn (2003), Monaretto (2000, 2002), Oliveira (1983), Votre (1978), entre outros, já haviam salientado que o apagamento é muito maior em coda externa de verbos no infinitivo e no futuro do subjuntivo. Entretanto, como pudemos ver em Lima (2013) e também em nossos dados, há um leve aumento de ocorrências de apagamento também em coda final de não verbos, portanto acreditamos que esse processo logo alcance valores mais expressivos também em contexto de coda interna.

Na sequência (Gráfico 28) podemos visualizar a distribuição do apagamento em coda silábica interna em verbos e não verbos nos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás.

Gráfico 28 - Apagamento *versus* manutenção do /r/ em coda silábica interna nos estados de MS, MT e GO



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados elencados pelo programa Goldvarb X

Notamos, pelos resultados apresentados pelo gráfico 28, que a maior concentração de apagamento do /r/ em coda silábica interna está no estado de Mato Grosso com 30 ocorrências, das quais 1,7% foram de apagamento e 1761 de manutenção (98,3%); em segundo lugar, vem o estado de Goiás (29), representando assim 2,1% do processo de apagamento neste contexto, tendo ocorrido 1330 fenômenos de manutenção (97,9%). O estado de Mato Grosso do Sul foi o que apresentou menor índice de apagamento (1,6%), referente a 12 ocorrências de apagamento contra 759 de manutenção (98,4%).

Sobre o apagamento em coda interna, é importante destacar que Callou, Moraes e Leite (1996) verificaram 3% de apagamento do /r/ em posição interna nas principais capitais do Brasil (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife). Monaretto e Hora (2003) chamam a atenção para o item lexical “catorze ~ cato[Ø]ze” (MONARETTO; HORA, 2003, p. 139), que é bastante favorável ao apagamento, fato que também ocorreu com essa lexia em nossos dados.

Os resultados de Melo e Rodrigues (2004) e Melo, Cunha e Rodrigues (2006) sobre a realização dos róticos em território brasileiro, em 8 atlas linguísticos, também se coadunam com os observados neste estudo, pois elas em ambos os trabalhos, entre outras constatações, observaram um amplo número de apagamento do /r/ em posição externa e apenas 8% em posição interna.

Fizemos as rodadas binominais, todavia como tivemos um *input* de 0,003 e o percentual mais alto de aplicação da regra foi de 1,8%, em Goiás, acreditamos que não teríamos pesos relativos muito confiáveis diante de tão pouca aplicação da

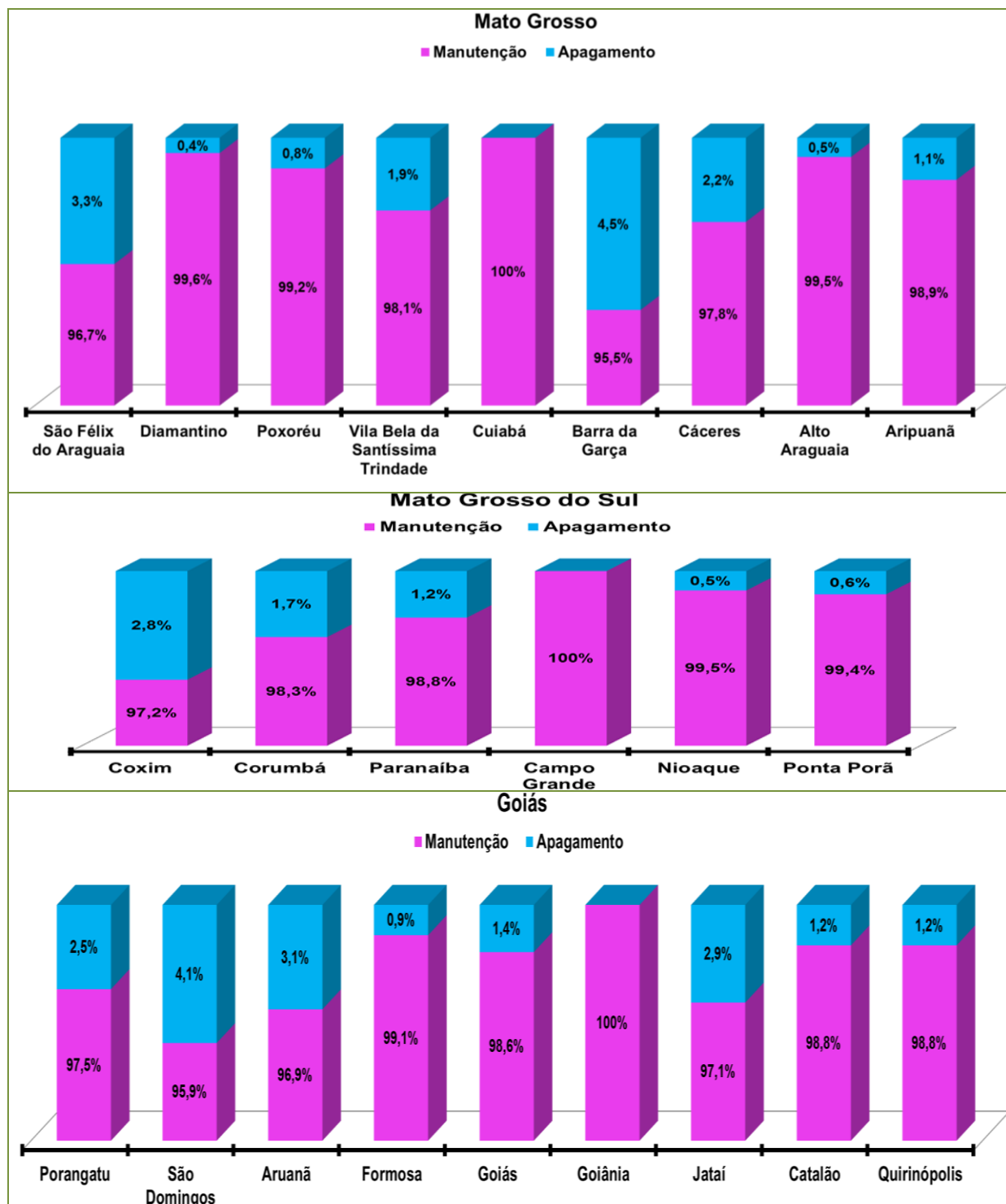
regra de apagamento em coda interna, como foi o caso do primeiro grupo selecionado pelo programa, vogal da sílaba alvo, em que a vogal posterior não arredondada [◆] apresentou predominância (0.858), seguida da vogal central [a] (0.646) e da vogal posterior arredondada [o] (0.578), próxima da neutralidade, valores que percebemos como não coerentes aos observados em percentual por serem poucas ocorrências.

Com isso, optamos por exemplificar as ocorrências em números absolutos.

- A vogal posterior arredondada [o] apresentou em números absolutos 31 realizações: 24 ocorrências na lexia catorze~cato[Ø]ze; 3 em borboleta~bo[β]boleta; 1 em quatorze~quato[Ø]ze; 1 em de porco~po[Ø]co; 1 em de cordão~co[Ø]dã; 1 em florzinha~flo[Ø]zinha e 1 em reforma~refo[Ø]ma);
- Vogal anterior não arredondada [ɪ] apresentou 14 realizações: 9 em energia~ene[Ø]gia; 3 em serviço~se[Ø]viço; 1 em terceiro~te[Ø]cero; 1 em nervosa~ne[Ø]vossa e 1 em perfumi~pe[Ø]fumi);
- Vogal central [ɘ] apresentou 13 realizações: 3 em árvuri~á[Ø]vuri; 1 em árvure~á[Ø]vure; 2 em margarina~ma[Ø]garina; 1 em cartera~ca[Ø]terà; 1 em participá~pa[Ø]ticipá; 1 em guardado~gua[Ø]dado; 1 em ga[Ø]fo e 1 em árve~á[Ø]ve;
- Vogal posterior arredondada [◆] apresentou 10 realizações: 4 em perturbado~pertu[Ø]bado; 3 em surpresa~su[Ø]presa; 2 em dormindu~do[Ø]mindu;
- Vogal anterior não arredondada [ɪ̃] apresentou 3 realizações: 2 em energia~ene[Ø]gi e estiverdes~estive[Ø]des.

Apresentamos, a seguir, o Gráfico 29, que apresenta três imagens representando o percentual de apagamento do /r/ em coda silábica interna das 24 localidades em estudo e, na Figura 22 um mapa experimental com a distribuição diatópica do apagamento e manutenção do /r/ em coda silábica interna na Região Centro-Oeste.

Gráfico 29 - Apagamento *versus* manutenção em coda silábica interna nas 24 localidades dos estados (MT, MS e GO)

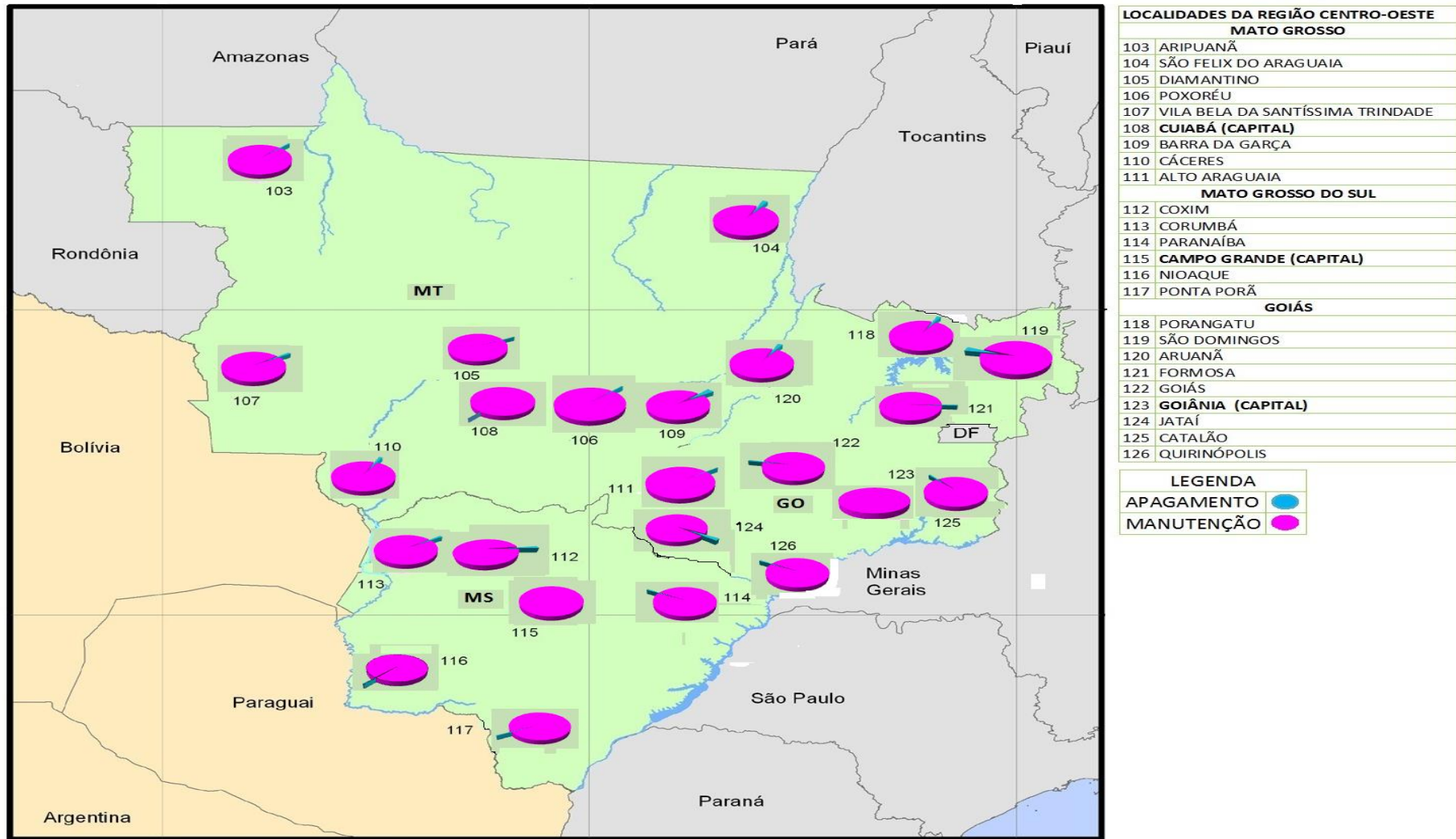


Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados elencados pelo programa Goldvarb X

As cidades de Goiânia (GO), Campo Grande (MS), Cuiabá (MT) e Ponta Porã (MT) não apresentaram apagamento do /r/ em coda silábica interna. A Figura 20,

a seguir, demonstra que, em Mato Grosso do Sul, as localidades que apresentaram maior índice de apagamento foram: Coxim (2,8%), Corumbá (1,7%) e Paranaíba com (1,2%); no Estado do Mato Grosso foram: Barra da Garça (4,5), São Félix do Araguaia (3,3%), Cáceres (2,2%), Vila Bela da Santíssima Trindade (1,9%) e, no Estado de Goiás foram: São Domingos (4,1%), Aruanã (3,1%), Jataí (2,9%), Porangatu (2,5%), Catalão e Goiás ambos com (1,4%) e Quirinópolis (1,2%).

Figura 20 – Distribuição diatópica do processo de apagamento *versus* manutenção em coda silábica interna nos estados (MS, MT e GO) da Região Centro-Oeste



Fonte: Adaptação da carta - Rede de Pontos da Região Centro-Oeste do Projeto Atlas linguístico do Brasil (ALIB)

É possível observar que, em Goiás, houve o maior percentual de ocorrências de apagamento, neste contexto, nas localidades: São Domingos (4,1%), Aruanã (2,5%), Jataí (2,9%), Porangatu (2,5%), Catalão (1,4%), Goiás (1,4%) e Quirinópolis (1,2%). Partindo dos dados representados pelo Gráfico 29 e pelos exemplos apresentados, anteriormente, podemos afirmar que (i) as vogais posteriores são as mais suscetíveis ao apagamento do /r/ em coda silábica interna, (ii) o modo de articulação mais produtivo foi o das fricativas, bilabiais e africadas e (iii) as realizações ocorreram em grande parte durante a entrevista (QFF).

CAPÍTULO 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos, a seguir, uma síntese das observações contidas neste estudo quanto à distribuição diatópica da variante rótica nos três estados da Região Centro-Oeste, dividida da seguinte forma: coda silábica externa de verbos; coda silábica externa de não verbos; coda silábica interna; apagamento em coda silábica externa de verbos; apagamento em coda silábica externa de não verbos e apagamento de coda silábica interna.

▪ CODA SILÁBICA EXTERNA DE VERBOS

Observamos que as três variantes que se apresentaram mais produtivas na Região Centro-Oeste, neste contexto, foram: a variante retroflexa, seguida da variante glotal e de maneira tímida da variante tepe. As cidades de Nioque (MS), Ponta Porã (MS), Alto Araguaia (MT), Poxoréu (MT), Catalão (GO) e Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) foram as mais favoráveis ao uso da variante retroflexa em coda silábica externa de verbos, assim como as mulheres foram mais sensíveis ao uso do /r/ retroflexo. Acreditamos que seja devido à ocupação de nossas informantes que, em sua grande maioria, eram domésticas, do lar, costureiras, trabalhavam na pesca ou nunca trabalharam fora, por este motivo se mostraram mais conservadoras em relação ao falar da localidade. No que se refere ao ponto de articulação, as fricativas e as oclusivas se apresentaram mais favoráveis e as africadas mais desfavoráveis ao uso do /r/ retroflexo.

As localidades que mais favoreceram o uso da variante glotal foram: São Félix do Araguaia (MT), Goiás (GO), Formosa (GO), Porangatu (GO) e Aripuanã (GO). Em relação à faixa etária, foram os mais jovens que se apresentaram sensivelmente mais favoráveis à referida variante, visto que as duas faixas etárias foram muito próximas da neutralidade. as vogais da sílaba alvo mais favoráveis à aplicação da regra do uso da variante glotal foram o [ɰ] e o [o] e as desfavoráveis foram o [ɔ̃] e o [ɨ̃].

A variante tepe apresentou-se pouco produtiva neste contexto, sendo São Domingos (GO), Corumbá (MS) e Formosa (GO) as cidades mais favoráveis ao uso dessa variante. A diferença em relação à faixa etária foi muito expressiva, sendo a

faixa etária II mais favorável ao uso dessa variante, nos levando a supor que essa variante tende a desaparecer, como afirma Labov (2008).

▪ CODA SILÁBICA EXTERNA DE NÃO VERBOS

Assim como em coda silábica externa de verbos, as variantes retroflexa, glotal e tepe também foram as mais produtivas, sendo o estado de Mato Grosso do Sul (79,2%) o responsável pelo maior índice da variante retroflexa, seguido de Mato Grosso (51,3%) e de Goiás (50,1%). As vogais mais favoráveis à implementação do /r/ retroflexo foram [ɐ] e [o] e as desfavoráveis foram as vogais [ɪ] e [e]. A variável estilo de produção de fala também foi muito representativa, sendo o estilo formal e o informal os mais favoráveis ao uso dessa variante.

A variante glotal foi majoritária nas localidades de Formosa (GO), São Félix do Araguaia (MT), Aruanã (GO), São Domingos (GO) e Goiás (GO), sendo também condicionada pelas vogais [e] e [a]. A variante tepe, como vimos anteriormente, ocorreu em menores proporções que as variantes retroflexa e glotal. Sua realização foi mais produtiva em São Domingos (GO), Vila Bela da Santíssima Trindade (MT) e Goiás (GO).

▪ CODA SILÁBICA INTERNA

O estado mais favorável ao uso da variante retroflexa em coda silábica interna foi Mato Grosso do Sul (95,4%), seguido por Mato Grosso (58,3%) e Goiás (37,2%). Os pontos de articulação mais favoráveis ao uso do /r/ retroflexo foram: os labiodentais, velares e linguodentais. Os alveopalatais foram desfavoráveis. O estilo, timidamente, mais favorável ao uso desta variante foi a leitura. Mesmo apresentando valores majoritários, notamos que a retroflexa apresenta uma tênue perda de espaço para a variante glotal.

Houve um aumento representativo do uso da variante glotal, neste contexto, nos Estados de Goiás (59,6%) e de Mato Grosso (35,8%). As localidades que mais apresentaram realizações do /r/ glotal foram: Formosa (GO), São Félix do Araguaia (MT), São Domingos (GO), Jataí (GO) e Barra da Garça (MT). Assim como ocorreu em coda silábica externa de verbos, a faixa etária I também foi mais favorável a essa variante, que, apesar de muito próxima da neutralidade, dá indícios de uma tendência à ampliação nas referidas localidades. A variável estilo de produção apresentou o estilo informal e formal como levemente favoráveis à aplicação da

regra, mas com uma diferença muito pequena entre eles, sendo as três muito próximas da neutralidade.

As localidades mais favoráveis à variante *tepe* foram: Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), Poxoréu (MT), São Félix do Araguaia (MT), Corumbá (MS) e São Domingos (GO). A variável *sexo* foi muito expressiva neste contexto, pois as mulheres se mostraram muito favoráveis ao uso desta variante, fato que nos leva a pensar que ela usufrui de algum prestígio nessas localidades. No entanto, a faixa etária II também foi muito significativa, ou seja, a variante, apesar de ter algum prestígio, tende a desaparecer por prevalecer no falar da faixa etária II. Os pontos articulatorios mais favoráveis foram o velar, o bilabial e o labiodental. O alveopalatal foi desfavorável. Já em relação ao estilo de produção de fala, percebemos que a variante foi favorecida pela leitura e desfavorecida pelo estilo informal.

Ainda em coda silábica interna, fizemos uma rodada binominal de posteriores *versus* anteriores, na tentativa de identificar uma possível tendência à posteriorização. Verificamos que as localidades mais favoráveis ao uso das variantes posteriores foram: Formosa (GO), São Félix do Araguaia (MT), São Domingos (GO), Aripuanã (MT), Jataí (GO), Porangatu (GO), Barra da Garça (MT), Aruanã (GO), Catalão (GO) e Goiás (GO).

▪ APAGAMENTO EM CODA SILÁBICA EXTERNA DE VERBOS

Assim como Aguilera e Kailer (2012), Almeida e Kailer (2013b), Callou (1987, 1996), Gregis (2002), Monaretto (2002), Nascimento (2009), Nascimento (2014) e Oliveira (2001) afirmaram e pudemos confirmar com nossos resultados, há grande expressividade do apagamento em coda silábica externa, havendo maior índice no estado de Mato Grosso (75,7%), seguido de Goiás (73,5%) e de Mato Grosso do Sul (62,6%), representando um percentual de 71,4% de apagamento neste contexto.

As localidades que mais favorecem o apagamento em coda silábica de verbos são: Aruanã (GO), São Félix do Araguaia (MT), Goiás (GO), Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), Aripuanã (MT) e Barra da Garça (MT). As menos favoráveis são: Quirinópolis (GO), devido à grande diversidade de variantes presentes nessa localidade; Ponta Porã (MS) e Coxim (MS), devido à forte presença da variante retroflexa. As vogais mais favoráveis ao apagamento, neste contexto, foram [ɰ] e [ɔ̃] e as menos favoráveis foram [o] e [ɔ̃], confirmando as afirmações

de Callou (1987) e de Ribeiro (2013) de que o traço (+) anterior e (-) arredondado são mais favoráveis à queda do /r/. O estilo que mais favoreceu o apagamento foi o informal (mais espontâneo) e o menos favorável foi a leitura (mais monitorado), confirmando os resultados obtidos também por Brandão, Cunha e Mota (2003) e Almeida e Kailer (2013b).

▪ APAGAMENTO EM CODA SILÁBICA EXTERNA DE NÃO VERBOS

O apagamento do /r/ em coda silábica de não verbos ainda se apresenta pouco produtivo na região, visto que houve apenas 49,6% no estado de Goiás, 42,1% em Mato Grosso e 16% em Mato Grosso do Sul, representando, de modo geral, apenas 38% de apagamento neste contexto.

As localidades que mais apagaram o /r/ em coda silábica externa de não verbos foram: São Félix do Araguaia (MT), Aruanã (GO), Porangatu (GO), Barra da Garça (MT). As que menos apresentaram apagamento foram: Nioaque (MT), Ponta Porã (MS), Quirinópolis (GO), Cáceres (MT), Diamantino (MT), Coxim (MS) e Paranaíba (MS), sendo estas as mesmas que apresentaram maior predominância das variantes posteriores. As que tiveram maior índice de manutenção são as localidades que privilegiaram as variantes anteriores, principalmente a variante retroflexa. Neste contexto, os homens são mais favoráveis ao apagamento, apesar de ambos os sexos estarem próximos da neutralidade. As vogais que favoreceram o apagamento foram [a] [o] [◆]. O estilo de produção de fala mais produtivo foi o estilo informal.

▪ APAGAMENTO EM CODA SILÁBICA INTERNA

Neste contexto, o índice de apagamento na Região Centro-Oeste foi de 1,5%, sendo de 1,0% no estado do Mato Grosso do Sul; de 1,5% em Mato Grosso e de 1,8% em Goiás.

Os resultados nos mostraram que as vogais posteriores são as mais suscetíveis ao apagamento do /r/ em coda silábica interna. As fricativas, bilabiais e africadas foram condicionadoras do apagamento neste contexto, assim como o estilo formal (QFF) também foi mais produtivo. Acreditamos que esses fatos estão interligados à produção das lexias catorze ~ cato[ʁ]ze, borboleta~bo[ʁ]boleta; reforma~refo[Ø]ma, energia~ene[Ø]gi e estiverdes~estive[Ø]des;

Considerando os resultados apresentados nesta dissertação, acreditamos ter respondido todas as nossas hipóteses iniciais:

- ✓ O apagamento dos róticos em coda silábica nas três regiões em estudo são mais frequentes em verbos no infinitivo, em contexto externo, assim como Callou, Leite e Moraes (1996, 1998) afirmaram;
- ✓ O estilo de fala que favoreceu o apagamento em coda silábica externa de verbos (0,910) e de não verbos (0.684) foi o informal e em coda silábica interna foi o formal (0.698).
- ✓ Assim como Brandão e Callou (2016), Callou, Leite e Moraes (1996, 1998, 2002) e Callou, Serra e Cunha (2015), entre outros pesquisadores, já haviam observado, e nós pudemos confirmar, o apagamento ocorre com maior frequência nas localidades onde prevalecem as variantes posteriores;
- ✓ A variante retroflexa está presente em toda a Região Centro-Oeste, disseminada por tropeiros paulistas, assim como afirmam Aguilera (1994), Castro (2006), Brandão (2007) e Silva H. (2016), além de apresentar também influência das localidades mais próximas;
- ✓ Observamos grande gama de variantes nesta Região, como: **em coda silábica externa de verbos:** retroflexo, glotal e tepe em MS; retroflexo, glotal, tepe e retroflexo fricativizado em MT e retroflexo, glotal, tepe, tepe fricativizado, retroflexo fricativizado, velar e vibrante múltipla em GO; **em coda silábica externa de não verbos:** retroflexo, glotal e vocalização em MS; retroflexo, glotal e retroflexo fricativizado em MT e retroflexo, glotal, tepe, vibrante múltipla, retroflexo fricativizado e tepe fricativizado em GO; **em coda silábica interna:** retroflexo, glotal, tepe e velar em MS; retroflexo, glotal, retroflexo fricativizado e vibrante em MT e retroflexo, glotal, tepe, vibrante múltipla, retroflexo fricativizado e vocalização em GO. Supomos que tal variedade rótica nos contextos referidos deva-se ao intenso fluxo migratório nos períodos de colonização, povoamento, descobrimento de minas de ouro e projetos governamentais de povoamento como “Marcha para Oeste”;
- ✓ Em todos os contextos uma ou outra variante foi determinada principalmente pela variável diatópica, sendo selecionadas como principais variáveis a localidade e a região;

- ✓ Podemos perceber que a variante retroflexa e o apagamento não operam como demarcadores sociais, pois, em nossos resultados, as variáveis sexo e faixa etária não foram muito relevantes nem para um, nem para o outro fenômeno.
- ✓ Ao contrário do que previa Amadeu Amaral, em 1920, sobre a vida efêmera do /r/ retroflexo, por ele caracterizado como “r caipira”, verificamos que, depois do apagamento do /r/ em coda final, a variante mais produtiva na Região Centro-Oeste foi o /r/ retroflexo, resultado que pode estar atrelado à nova configuração do caipira, como salientam Aguilera e Silva (2011);
- ✓ Antenor Nascentes (1953), apesar de muitos anos passados desde sua proposta de divisão dialetal do PB, apresentou-se muito atualizado, visto que nossos resultados confirmaram sua divisão, pois as influências das localidades limítrofes ficaram evidenciadas tanto para as variantes anteriores como para as posteriores. Mato Grosso e Goiás apresentaram indícios do enfraquecimento do /r/ em coda silábica externa de verbos e de não verbos, confirmando as afirmações de Callou, Leite e Moraes (1996) de que há um processo de posteriorização do /r/ nesses contextos. Hipotetizamos que seja pela influência das Regiões Norte e Nordeste, além da grande diversidade de migrantes dessas regiões que se instalaram nesses estados devido às políticas de povoamento, como a “Marcha para Oeste”, também pela construção de Brasília, o descobrimento das minas de ouro, entre outros fatores.

Se conseguimos responder nossas hipóteses iniciais, entretanto, no decorrer das análises, surgiram duas novas hipóteses. A primeira diz respeito à predominância da variante retroflexa nos três estados, que pode ainda estar prevalecendo nessas localidades e sendo reforçada pela presença de uma nova configuração: “o forte crescimento de duplas sertanejas e de pessoas famosas detentoras desse rótico”. De acordo com Aguilera e Silva (2015), isso pode ajudar, “gradativamente, na manutenção e quiçá na difusão do /r/ retroflexo” (AGUILERA; SILVA, 2015, p. 175).

A outra hipótese diz respeito à posteriorização, devido aos seguintes fatos: i) a diminuição da variante tepe, a presença do tepe fricativizado e do retroflexo

fricativizado em coda silábica externa de verbos; ii) a presença relevante da variante glotal em Goiás; iii) o índice significativo da glotal, em Mato Grosso, em coda silábica externa de não verbos; iv) o uso da glotal pela faixa etária I também em coda silábica externa de não verbos. Esses fatos nos levam a alimentar a segunda hipótese, de que a posteriorização, vem paulatinamente ganhando espaço em algumas localidades, principalmente no estado de Goiás, seguindo para Mato Grosso e de maneira muito tímida no Mato Grosso do Sul.

Ainda, retomando nossos objetivos iniciais, um deles era verificar a vitalidade da variante retroflexa na referida região. Obtivemos os seguintes resultados: i) a variante retroflexa foi predominante em coda silábica externa de verbos com os seguintes percentuais: Mato Grosso do Sul (96,6%), Mato Grosso (83,3%) e Goiás (60,9%); em coda silábica de não verbos: Mato Grosso do Sul (96,8%), Mato Grosso (92,7%) e Goiás (66,7). Em coda silábica interna, os percentuais foram semelhantes. Em coda silábica externa, a retroflexa apresentou-se com alto índice de predominância somente em Mato Grosso do Sul (96,3%). Em Mato Grosso, o percentual caiu consideravelmente (59,1%), ampliando o uso da variante glotal (36,3%) e, em Goiás, neste contexto, houve um enfraquecimento do /r/ retroflexo (37,9%) e aumento da variante glotal (60,7%).

Com base nesses resultados, podemos presumir que a variante glotal vem tomando espaço na Região Centro-Oeste, nos levando a acreditar que esse avanço se deva, conforme Monaretto, Quednau e Hora (2005), Callou e Leite (1999), entre outros, a um processo que vem passando por uma mudança no ponto e modo de articulação, com uma tendência à posteriorização e fricativização dos róticos. Processo que vem sendo observado em outras regiões do Brasil por estudiosos, como: Brandão e Callou (2016), Callou (1987), Callou (2015), Callou, Leite e Moraes (1996), visto que existe, na maioria das localidades da região Centro-Oeste, uma oscilação entre as duas variantes (retroflexo e glotal) o que nos leva a acreditar que possa obedecer a regra já mencionada pelos referidos autores ($R \rightarrow h \rightarrow \emptyset$), principalmente em se tratando de coda final de verbos. Todavia, como já afirmamos, isso será confirmado com o passar do tempo por meio de outros estudos em tempo real.

Utilizando as palavras de Silva Neto (1957, p. 185), “Todo trabalho de ciência é, não um prédio, mas uma simples pedrinha de construção e auxílio para a obra futura”, podemos também dizer que nosso estudo representa uma pequena

parte das obras a serem realizadas quanto ao falar da região Centro-Oeste, ainda tão pouco explorada. Desejamos que este sirva de auxílio e apoio a novos estudos sobre esse multifacetado fonema [r].

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. A geolingüística no Brasil: estágio atual. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 5, n. 1 e 2, p. 215-238, dez. 2006.
- AGUILERA, V. A. **Aspectos linguísticos da fala londrinense**: esboço de um Atlas Linguístico de Londrina – EALLO. 1987. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1987. 2.v.
- AGUILERA, V. A. **Atlas linguístico do Paraná – ALPR**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, V. A.; KAILER, D. A. Os róticos em coda silábica em quatro localidades mineiras. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T. (Org.). **Documentos 3: vozes do X WORKALIB**. Amostras do português brasileiro. Salvador: Vento Leste, 2013. p. 163-184.
- AGUILERA, V. A.; SILVA, H. C. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras - MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 125-142, 2011.
- AGUILERA, V. A.; SILVA, H. C. Uma nova configuração do caipira: ecos do /r/ retroflexo. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 171-194, jan./jun. 2015.
- AGUILERA, V. A.; KAILER, D. A. /r/ em coda silábica no Sul do Brasil: um estudo preliminar. In: KRAGH, K. A. J.; LINDSCHOUW, J. J. (Ed.). **Les variations diasystematiques et leurs interdependences dans les langues romanes**: actes du Colloque DIA II à Copenhague (19-21 nov.2012). Strasbourg: Editions de linguistique et de philology, 2015.
- ALIB. Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Divisão dialetal**. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/divisao-dialetal>>. Acesso em: 5 maio 2018.
- ALKMIN, T. M. Sociolinguística: parte 1. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, E. F.; KAILER, D. A. Apagamento dos róticos em coda silábica no Sul do Brasil: estudo preliminar. In: SEMINÁRIO DO GEL, 61., 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2013a.
- ALMEIDA, E. F.; KAILER, D. A. Os róticos em coda silábica no interior de Santa Catarina. In: JORNADAS INTERNACIONALES BEATRIZ LAVANDERA, SOCIOLINGÜÍSTICA Y ANÁLISIS DEL DISCURSO, 2., 2013, Buenos Aires. **Libro de Resúmenes...** Buenos Aires: Filo UBA, 2013b. p. 929-945.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1972.
- ANTUNES, L. B.; LOURDES, R. L. A variação do fonema [r] em coda silábica nas cidades de Patos de Minas, Uberlândia e Varginha. **Caletroscópio**, Ouro Preto, v. 4, n. 7, p. 207-230, jul./dez. 2016.

ARAGÃO, M. S. S.; MENEZES, C. P. B. **Atlas lingüístico da Paraíba**. Brasília: UFPB/CNPq, 1984. v. 1, 2.

ATLAS lingüístico do Brasil: rede de pontos centro-oeste. Disponível em: <<https://twiki.ufba.br/twiki/pub/Alib/RedePontos/mapa1-centrooeste.jpg>>. Acesso em: 5 maio 2018.

BAENINGER, R. Novos espaços da migração no Brasil: anos 80 e 90. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2000. p. 1-84.

BARREIRA, C. C. M. A. **Vão do Paranã: a estruturação de uma região**. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Universidade Federal de Goiás, 2002.

BISOL, L. (Org.). Harmonização gradiente. **Diadorim: revista de estudos lingüísticos e literários**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 11-24, 2011.

BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BORBA, A. K. B. Os róticos na ilha de Santa Catarina. In: CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL – CELSUL, 8., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/5dPr2k>>. Acesso: 11 dez. 2017.

BRANDÃO, S. F. **A geografia lingüística do Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRANDÃO, S. F. Aspectos sociolingüísticos de um dialeto rural. In: HORA, D. (Org.). **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 61-69.

BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do –R retroflexo. **Signum: estudos da linguagem**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 265-283, 2007.

BRANDÃO, S. F. O /r/ implosivo no norte do estado do Rio de Janeiro. In: PEREIRA, C. C.; PEREIRA, P. R. D. (Org.). **Miscelânea de estudos lingüísticos e literários in memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 49-58.

BRANDÃO, S. F. Variação em coda silábica na fala popular fluminense. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 177-89, jan./jun. 2008.

BRANDÃO, S. F.; CALLOU, D. M. Caracterização de áreas dialetais no português do Brasil: análise de duas variáveis. In: SÁ JÚNIOR, L. A.; MARTINS, M. A. (Org.). **Rumos da lingüística brasileira no século XXI: historiografia, gramática e ensino**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 97-122.

BRANDÃO, S. F.; CUNHA, C. S.; MOTA, M. A. A vibrante em coda silábica: um estudo contrastivo entre o português brasileiro e o europeu. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2., 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

BRASIL. **Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952**. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento. Câmara dos deputados. Legislação informatizada. Disponível em: <<https://goo.gl/JuWioq>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

BRESCANCINI, C. A análise da regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (Org.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. O. Os róticos do Sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum**: estudos da linguagem, Londrina, v. 11, n. 2, p. 51-66, dez. 2008.

BRIGHT, W. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, M. S.; NEVES, M. (Org.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 41-47.

BUENO, F. S. **Gramática normativa da língua portuguesa**. São Paulo: Livraria Acadêmica, 1944.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. 1981. Tese (Livre-docência em Fonética e Fonologia) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

CALLOU, D. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.

CALLOU, D. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Ed.). **Panorama sociolinguístico do português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 39-64.

CALLOU, D.; BRANDÃO, S. Caracterização de áreas dialetais no português do Brasil: Análise de duas variáveis. In: SÁ JÚNIOR, L. A.; MARTINS, M. A. (Org.). **Rumos da linguística brasileira no século XXI**: historiografia, gramática e ensino. São Paulo: Blucher, 2016. v. 1, p. 97-122.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e tempo real. **Delta**, São Paulo, v. 14, 1998.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. (Org.). **Gramática do português falado VIII**: novos estudos descritivos. Campinas: Unicamp; Fapesp, 2002. p. 537-555.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processos em curso no português do Brasil: a ditongação. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Teoria linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: Universitária, 2003. p. 232-250.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCK, I. (Ed.). **Gramática do português falado VI**. Campinas: Unicamp, 1996. p. 465-494.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. O vocalismo do português do Brasil. **Letras De Hoje**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 27-40, jun. 1996.

CALLOU, D.; SERRA, C. A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 28., 2013, Coimbra. **Anais...** Coimbra: APL, 2013. p. 585-594.

CALLOU, D.; SERRA, C. Variação do rótico e estrutura silábica. **Revista do GELNE**, Fortaleza, v. 14, p. 41-57, 2012.

CALLOU, D.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do r no dialeto nordestino. **Revista da ABRALIN**, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 195-219, jan./jun. 2015.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1978.

CARDOSO, S. A. M. A geolinguística do nordeste brasileiro: ontem e hoje. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GEOLINGÜÍSTICA PLUIRIDIMENSIONAL, 2005, Kiel. **Anais...** Kiel: Universidade de Kiel, 2005.

CARDOSO, S. A. M. A história do Atlas Linguístico do Brasil. In: _____. **Atlas linguístico do Brasil**: introdução. Londrina: EDUEL, 2014. p. 17-29.

CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. (Org.). **Documentos 2**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. (Org.). Projeto atlas linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 855-870, 2012.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. PAIM, M. M. T. **Documentos 3**: projeto atlas linguístico do Brasil: vozes do X WorkALiB. Amostras do português brasileiro. Salvador: Quarteto, 2009. Disponível em: < <https://goo.gl/po4fyi> >. Acesso em: 11 dez. 2017.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. PAIM, M. M. T. (Org.). **Documento 4**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2013.

CARMO, M. C. A influência das variáveis sociais no acentamento das vogais médias pretônicas no interior paulista. In: CARVALHO, G.; ROCHA, D.; VASCONCELLOS, Z. (Org.). **Linguagem: teoria, análise e aplicações**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras, 2013. p. 283-298.

CARVALHO, L. S. **Os róticos em posição de coda: uma análise variacionista e acústica do falar Piauiense**. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

CASTILHO, A. T. Rumos da dialetologia portuguesa. In: SEMINÁRIO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 1971, Marília. **Alfa**, São Paulo, n. 19, p. 115-153, 1973.

CASTRO, V. S. O ‘r-caipira’ no Estado de São Paulo: estudo com base em dados do atlas linguístico do Brasil (ALIB). In: REUNIÃO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 57., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2009.

CASTRO, V. S. O “r caipira” em Mato Grosso do Sul – estudo baseado em dados do ALMS, atlas linguístico do Mato Grosso do Sul. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 566-575, jan./abr. 2014.

CASTRO, V. S. Revisitando Amadeu Amaral. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 35, p. 1937-1944, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/3Svibc>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. et al. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory**. Singapore: Wiley-Blackwell, 2009.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La dialectología**. Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas linguístico do Brasil: questionários**. Londrina: Eduel, 2001.

CORRÊA, L. S. **História e fronteira: o Sul do Mato Grosso 1870-1920**. Campo Grande: UCDB, 1999.

COSERIU, E. A geografia linguística. In: COSERIU, E. **El hombre y su lenguaje**. Tradução de Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 79-117.

COSERIU, E. A geografia linguística. In: COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. Tradução de Carlos Alberto Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1982. p. 79-116.

COSTA, D. S. S. **O léxico indígena nas capitais brasileiras: um estudo geolinguístico**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

CRISTÓFARO-SILVA, T. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guias de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2012.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Lingüístico do Amazonas –ALAM**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERREIRA, C. et al. **Atlas linguístico de Sergipe**. Salvador: UFBA; FUNDESC, 1987.

FERREIRA, M. D. R. **Das Minas Gerais a Mato Grosso: gênese, evolução e consolidação de uma capitania. A ação de Caetano Pinto de Miranda Montenegro**. 1996. 223 f. Dissertação (Mestrado em História Moderna) – Universidade do Porto, Porto, 1996.

FREITAG, R. M. K.; MITTMANN, M. M. GoldVarb 2001: comandos e recursos da ferramenta computacional na análise de regras variáveis. In: SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UFSC, 5., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2005. Cd-Rom.

GOÍAS: história. 2015. Disponível em:
<<http://enquantoissoemgoias.com/goias/historia/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

GREGIS, H. **O apagamento da vibrante pós-vocálica em Porto Alegre**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

GUY, G. A identidade lingüística da CF: paralelismo interdialeto nos padrões de variação lingüística. **Organon**: revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28, p. 17-32, 2000.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HEAD, B. O estudo do r-caipira no contexto social. **Revista de Cultura Vozes**, Florianópolis, v. 67, n. 8, p. 43-49, 1973.

HEAD, B. Subsídios do atlas prévio dos falares baianos para o estudo de uma variante dialetal controversa. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 1, p. 21-34, 1978.

HORA, D. **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997.

HORA, D. **Fonética e fonologia**: fascículo II. João Pessoa: UFPB, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/dJiC1K>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

HORA, D. Variação fonológica: consoantes em coda silábica. In: TRAVAGLIA, L. C. (Org.). **Encontro na linguagem**: estudos linguísticos e literários. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 81-101.

HORA, D.; COLLISCHONN, G. **Teoria linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: UFPB, 2003.

HORA, D.; MONARETTO, V. N. O. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: _____. **Teoria linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: UFPB, 2003. p. 114-143.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**: resultados da amostra. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/primeiros_resultados_amostra/grandes_regioes/pdf/tabela_2_1_1.pdf>. Acesso em: 23 out. 2016.

ISQUERDO, A. N.; ROMANO, V. P. Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **Alfa**, São José Rio Preto, v. 56, n. 3, p. 891-916, 2012.

JUCÁ FILHO, C. **A pronúncia brasileira**. Rio de Janeiro: Gráfica Apollo, 1939.

KAILER, D. A. **Vogais pretônicas /e/ e /o/**: um estudo em tempo aparente. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp, Araraquara, 2008.

KAILER, Dircel Aparecida; ALMEIDA, Édina de Fatima de. O falar paranaense: um estudo sobre os róticos em coda silábica. In: JORNADAS DE FONÉTICA Y FONOLOGÍA, 3., 2013, Mar Del Plata. **Libro de Resúmenes...** Mar Del Plata: Filo UBA, 2013.

KOCK, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCK, W.; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. (Org.). **Atlas linguístico e etnográfico da região sul do Brasil**. Porto Alegre: UFRS, 2002.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITE, C. M. B. **O /r/ em posição de coda silábica no falar campineiro**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2010.

LIMA, A. F. A pronúncia do /r/ pós-vocálico na cidade de Cametá – PA. In: RAZKY, A. (Org.). **Estudos geo-sociolinguísticos no estado do Pará**. Belém: [s. n.], 2003.

LIMA, M. M. O. **As consoantes róticas no português brasileiro com notas sobre as róticas de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolinguística**. Madrid: Gredos, 1993.

LUCCHESI, D. A teoria da variação linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 793-805, maio/ago. 2012.

MAPA de Goiás: mesorregiões. Disponível em: <<http://www.baixarmapas.com.br/mapa-de-goias-mesorregioes/>>. Acesso em: 5 maio 2018a.

MAPA de mesorregiões de Mato Grosso. Disponível em: <<http://www.baixarmapas.com.br/mapa-de-mesorregioes-de-mato-grosso>>. Acesso em: 5 maio 2018b.

MAPA do Mato Grosso do Sul dividido em mesorregiões. Disponível em: <<http://www.baixarmapas.com.br/mapa-do-mato-grosso-do-sul-dividido-em-mesorregioes>>. Acesso em: 5 abr. 2018c.

MARQUARDT, L. L. **A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional**. 1977. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.

MARROQUIM, M. **A língua do nordeste (Alagoas e Pernambuco)**. São Paulo: Nacional, 1934.

MATO GROSSO DO SUL. In: Wikipédia. Disponível em: <https://sk.wikipedia.org/wiki/Mato_Grosso_do_Sul>. Acesso em: 5 mar. 2018.

MATO GROSSO. **Cultura**. Disponível em: <<http://www.mt.gov.br/cultura>>. Acesso em: 5 maio 2018a.

MATO GROSSO. In: Wikipédia. Disponível em: <https://sk.wikipedia.org/wiki/Mato_Grosso>. Acesso em: 5 maio 2018b.

MATO GROSSO. **Perfil de Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <<https://www.hom.ms.gov.br/institucional/>>. Acesso em: 5 maio 2018c.

NELI, H. T.; MELLO, A. **Atlas do Brasil: disparidades e dinâmicas do território**. São Paulo: Editora da USP, 2005.

MELO, T.; CUNHA, C.; RODRIGUES, D. A vibrante em coda silábica nos atlas regionais do Brasil. In: CUNHA, C. (Org.). **Estudos geosociolinguísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MELO, T.; RODRIGUES, D. A realização da vibrante em coda silábica nos atlas regionais do Brasil. In: JORNADA GIULIO MASSARANI DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, ARTÍSTICA E CULTURAL, 26., 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14.

MONARETTO, V. N. O. **A vibrante**: representação e análise sociolinguística. 1992. Dissertação (Mestrado em Letras) - UFRGS, Porto Alegre, 1992.

MONARETTO, V. N. O. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2009. p. 141-151.

MONARETTO, V. N. O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, mar. 2000.

MONARETTO, V. N. O. **Um reestudo da vibrante**: análise variacionista e fonológica. 1997. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

MONARETTO, V. N. O. Vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 253-268.

MONARETTO, V. N. O.; HORA, D. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Teoria linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: Universitária, 2003. v. 1, p. 114-143.

MONARETTO, V. N. O.; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. As consoantes do português. In: BISOL, L. (Ed.) **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 207-242.

MONGUILHOTT, I. O. S. A influência da etnia na vibrante catarinense. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFSC, 8., 1998, Florianópolis. **Cadernos de resumos...** Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998. p. 330.

MONGUILHOTT, I. O. S.; COELHO, I. L. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDRESEN, P. (Org.). **Variação e mudança no português falado na região sul**. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2002. v. 1, p. 189-216.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolinguística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação Casa de Rui Barbosa, 1958. v. 1.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Org. Simões, 1953.

- NASCIMENTO, J. S. **O apagamento do rótico /r/ em coda silábica no dialeto mamanguapense**: um estudo sociológico. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Interface Teórico-Prática para o Ensino de Língua e Linguística) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.
- NASCIMENTO, T. A. M. **Os róticos na fala de três municípios fluminenses**: Petrópolis, Itaperuna e Parati. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- NASCIMENTO, T. A. M.; RODRIGUES, D.; CUNHA, C. S. A vibrante em coda silábica nos atlas regionais do Brasil. In: CUNHA, C. S. (Org.). **Estudos geosociolinguísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris, 1986.
- OLIVEIRA, C. C. **Aquisição das consoantes róticas no português brasileiro e no espanhol**: um estudo comparativo. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- OLIVEIRA, D. P. (Org.). **Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul (ALMS)**. Campo Grande: UFMS, 2007.
- OLIVEIRA, M. A. **Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba**. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.
- OLIVEIRA, M. A. **Phonological variation and change in brasilian Portuguese**: the case of the liquids. 1983. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1983.
- PAES, M. H. S. **A variável (r) em coda silábica medial no bairro Várzea, em Lagoa Santa-MG**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- PARANÁ. Secretaria da Educação. **Geografia do Paraná**. Disponível em: <<http://www.geografia.seed.pr.gov.br/>>. Acesso em: 9 maio 2018.
- PASSOS, M. M. **Colonização agrícola e povoamento na Amazônia mato-grossense**. Maringá: Eduem, 2010.
- PAULSTON, C.B.; TUCKER, G.B.R. History of sociolinguistics: introduction. In: _____. **Sociolinguistics**: the essential readings. Malden: Blackwell Publishing, 2003.
- RAZKY, A. (Org.) **Atlas lingüístico sonoro do Pará**. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004.
- REINECKE, K. **Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes de Blumenau e Lages**. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

RIBEIRO, L. N. S. **O apagamento do -R – em posição de coda silábica: há influência da fala na escrita discente?** Salvador: [s. n.], 2013.

RIBEIRO, C. M. R. O comportamento geolinguístico do /r/ pós-vocálico nos atlas brasileiros publicados. **Letras Escreve**: revista de estudos linguísticos e literários do curso de letras – UNIFAP, Macapá, v. 1, n. 1, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/235/n1celeste.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

RIBEIRO, J. et al. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RODRIGUES, R. E. S. B. **Em busca de uma história para o léxico rural paranaense**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007. 2 v.

ROMANO, V. P. **Atlas geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. 2 v.

ROMANO, V. P. **Falares sulistas a partir dos dados do projeto atlas linguístico do Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2014.

ROSSI, N. A dialectologia. **ALFA**, Marília, n. 11, p. 89-116, 1967.

ROSSI, N. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Ministério da Educação e Cultura, 1963.

SANDES, N. F. (Org.). **Memória e região**. Brasília: Ministério da Integração Nacional; Universidade Federal de Goiás, 2002.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X: um aplicativo de regra variável para Macintosh e Windows**. Toronto: Departamento de Linguística da Universidade de Toronto, 2005.

SANTOS, R. B. **Migrações brasileiras**. São Paulo: Scipione, 1994.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período**. Florianópolis: UFSC, 2011.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS. In: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Secretaria_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_do_Estado_de_Goi%C3%A1s>. Acesso em: 5 maio 2018.

SILVA NETO, S. **Guia para estudos dialectológicos**. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA, G. A. **O /r/ em posição de coda silábica na cidade de Uberlândia**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

SILVA, H. C. **Pelas veredas do /r/ retroflexo**. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem; Doutorado em linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina; Programa de doutoramento em Linguística, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2016.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.

SILVEIRA, G. **O apagamento da vibrante na fala do sul do Brasil sob a ótica da palavra**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SIQUEIRA, E. M. **Revivendo Mato Grosso**. Cuiabá: SEDUC, 1996.

SIQUEIRA, E. M.; COSTA, L. A.; CARVALHO, C. M. C. (Org.) **O processo histórico de Mato Grosso**. Cuiabá: UFMT, 1990.

SKEETE, N. A. O uso variável de vibrante na cidade de João Pessoa. **Graphos**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 77-96, 1996.

STARLUX. **Região centro-oeste**. Disponível em: <<http://www.starlux.com.br/assistencia-centrooeste>>. Acesso em: 5 maio 2018.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 63-92.

TOLEDO, Adilson do Rosário. A realização dos róticos em coda silábica na cidade de Paranaguá: litoral do Paraná. **Signum**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 403-422, jul. 2009.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics: an introduction**. London: Penguin Books, 1981.

VOTRE, S. **Variação fonológica no Rio de Janeiro**. 1978. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1978.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.


WILCOX, C. J. Growth, type and dairy beef. In: LARGE dairy herd management. Champaign: Management Service American Dairy Science Association, 1992. p. 36-41.

ZÁGARI, M. R. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG) (1977). In: AGUILERA, V. A. **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005. p. 45-72.

ANEXOS

Anexo 1

Carta de autorização da Comissão do ALiB para uso dos dados



Projeto Atlas Lingüístico do Brasil

DECLARAÇÃO

Eu, Édina de Fátima de Almeida, ao utilizar como referencial empírico do trabalho de Pós-Graduação, intitulado Os róticos em coda silábica na região Centro-Oeste do Brasil, que desenvolvo sob a orientação da professora Dircel Aparecida Kailer, e sob supervisão da Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera Diretora Científica do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB), dados do *corpus* desse Projeto, **declare:**

1. Estar ciente de que os materiais do Banco de Dados do Projeto ALiB a mim facultados não podem ser repassados, enquanto conjunto de dados, a outro(s) pesquisador(es) e/ou interessado(s) na matéria.
2. Ter pleno conhecimento de que a divulgação parcial ou final do trabalho deve ser sempre acompanhada da indicação da fonte (Banco de Dados do Projeto ALiB) e da citação do nome do orientador.
3. Autorizar que os resultados da análise por mim efetuada sejam utilizados nas publicações do Atlas Lingüístico do Brasil, em quaisquer dos volumes que venham a integrar a coleção, mediante a indicação da fonte e a citação do meu nome.
4. Oferecer a minha contrapartida ao Atlas Lingüístico do Brasil colaborando, se requerido, na transcrição de dados, catalogação e cópia de materiais e em outras atividades que não impliquem a pesquisa de campo.

E por estar de acordo, firmo a presente DECLARAÇÃO que tem, também, o CIENTE do Orientador.

Londrina, 02 de março de 2015
Assinatura: *Édina de Fátima de Almeida*
RG 78344687 CPF03590774983

CIENTE:
REGISTRADO no Projeto ALiB sob nº ~~280~~ 24

Orientador: Profa. Dra. Dircel Aparecida Kailer
Diretor Científico: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

06/03/2015
Suzana Cardoso
Projeto Atlas Lingüístico do Brasil
Suzana Alice Marcelino Cardoso
Diretora-Presidente